

LEVÍTICO

Vivendo em meio às chamas santas



Devocionais,
Anotações
&
Comentários

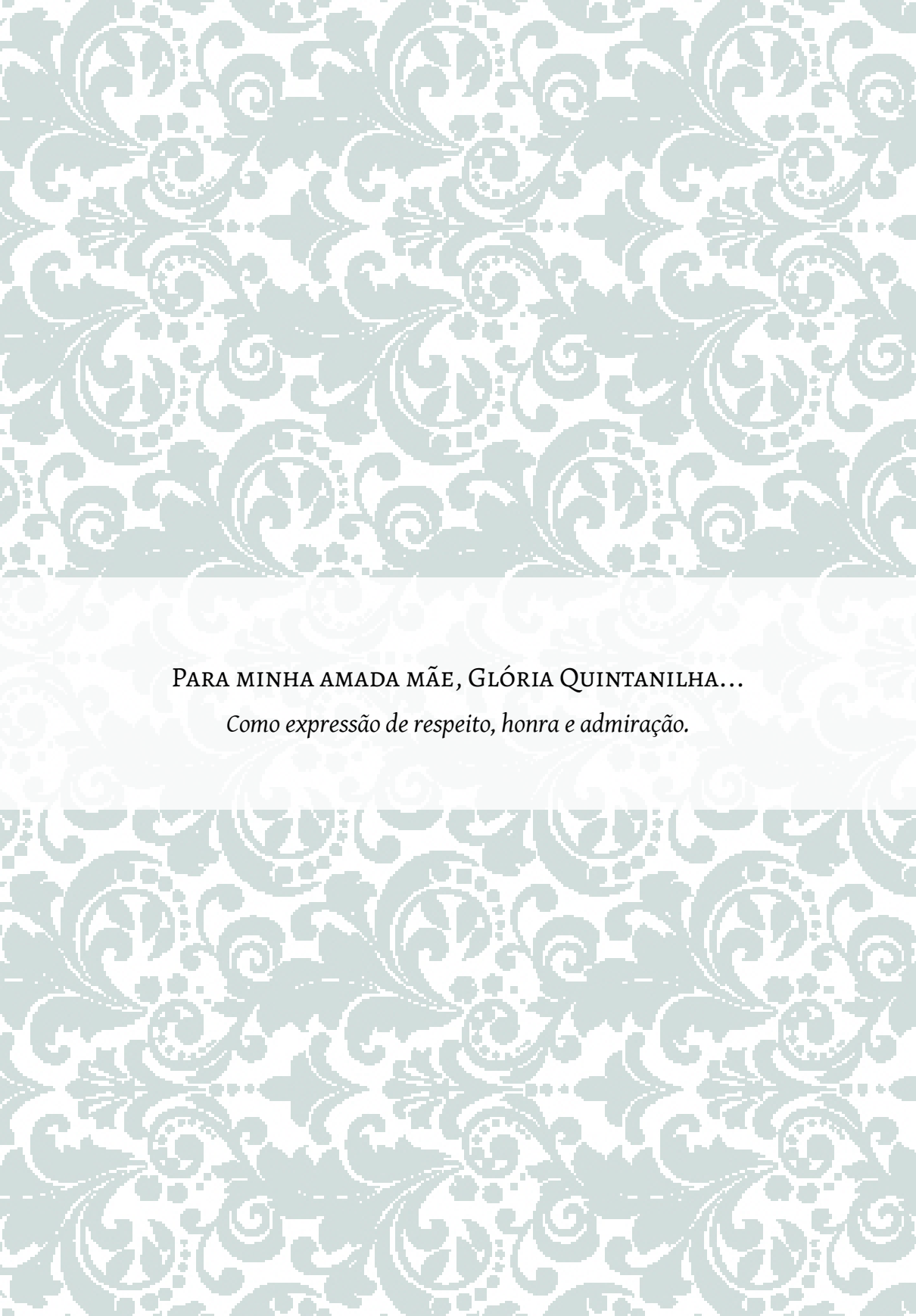
ZECA QUINTANILHA

COLEÇÃO
IMERSÃO
BÍBLICA

LEVÍTICO

Vivendo em meio às chamadas santas

Devocionais,
Anotações
&
Comentários



PARA MINHA AMADA MÃE, GLÓRIA QUINTANILHA...

Como expressão de respeito, honra e admiração.

Sumário

Agradecimentos	11
Prefácio	15
 Holocausto... Aceitos pelo Deus em chamas	
Levítico 1.....	24
Deus aceita qualquer oferta?	
Levítico 2	36
Trazendo uma oferta de paz	
Levítico 3	46
Pecar sem querer é pecado?	
Levítico 4	58
Purificados para carregar azeite e incenso	
Levítico 5:1-13.....	70
A restituição perfeita por nossas ofensas	
Levítico 5:14 - 6:7	78
Com os olhos nas chamas perpétuas	
Lv. 6:8-13.....	88
Nutridos pelo Santo Santo Santo	
Levítico 6:14-30.....	98
O Senhor é a nossa herança	
Levítico 7:1-21.....	110
A Glória de Deus e o Sustento Ministerial	
Levítico 7:22-38	122

O Senhor nos consagrou para Ele	
Levítico 8.....	132
A Glória desceu o Sinai	
Levítico 9.....	144
Cuidado com fogo estranho	
Levítico 10.....	154
Comer ou não comer? Eis a questão!	
Levítico 11.....	164
Mulheres restauradas e honradas	
Levítico 12.....	176
Carregando morte em vida	
Levítico 13.....	186
Sarados para voar livres	
Levítico 14:1-32.....	200
Arrancando as pedras mofadas	
Levítico 14:33-57.....	212
Uma lição para nós homens	
Levítico 15.....	222
Indo além do véu	
Levítico 16.....	234
Posso comer alimentos com sangue?	
Levítico 17.....	248
Uma resposta à bigamia, ao incesto e ao casamento parental	
Levítico 18:1-18.....	260
Uma reflexão sobre Sodoma	
Levítico 18:19-30.....	270
Devemos guardar o sábado?	
Levítico 19:1-3.....	278
Dividindo a colheita diante da Face	
Levítico 19:4-18.....	290

Não misturem as coisas

Levítico 19:19-31302

Quem é o meu próximo?

Levítico 19:32-37.....314

O coração de Deus e a pena de morte

Levítico 20.....322

Uma sombra da imagem real

Levítico 21.....332

Cuidando das coisas santas

Levítico 22.....342

Todos os dias são sábados

Levítico 23:1-3..... 354

Todo dia é Páscoa, Pães Asmos e Pentecostes

Levítico 23:4-22..... 362

Contrição na expiação e Alegria nos Tabernáculos

Levítico 23:23-44.....374

As lâmpadas continuarão acesas

Levítico 24386

O Jubileu em confiança e justiça social

Levítico 25:1-22.....398

O Jubileu e o Nosso Resgatador

Levítico 25:23-55.....410

Bênçãos e maldições

Levítico 26422

Votos em santidade

Levítico 27..... 438

Referências Bibliográficas449

Abreviaturas451

Índice Remissivo de assuntos

Alimentos puros e impuros.....	166, 302, 442
Alimentos com sangue	124, 169, 248, 308
Amor ao próximo	81, 290, 314, 395, 401
Arrependimento	63, 80, 84, 208, 218, 240, 375, 406. 424, 433
Bestialidade	262, 275
Casamento parental	260
Consagração de objetos e pessoas.....	438
Crenças e superstições	308
Dízimos	139, 306, 369, 447
Ecologia	349, 350, 400
Empréstimos a juros	415
Escravidão	416
Expição	30, 124, 234, 375
Festa dos Tabernáculos	379
Fluxos menstruais e seminais	176, 222
Função social da terra	405
Guarda do sábado	278, 354
Holocausto	29
Homossexualidade	272
Honra aos pais	280
Jugo desigual com infiéis	231, 381
Juramentos e votos	438
Lepra e doenças de pele	186

Ofertas aceitas por Deus	31, 39, 55
Ofertas de Cereais	36
Ofertas pacíficas	46
Pães Asmos	366
Páscoa	363
Pecado de blasfêmia	392
Pecado por desconhecimento	63, 237
Pecado por omissão	71, 323
Pena de morte	322
Práticas sexuais ilícitas.....	260, 270
Primícias	305, 368
Profanação	154, 323, 336, 342
Propiciação	254
Proteção aos menos favorecidos	297, 316, 371, 372, 401, 406
Relação empregado e empregador	296, 297, 316
Relações comerciais justas	319
Respeito às pessoas com especificidades	297
Respeito às pessoas mais velhas	314
Reverência ao sagrado	154
Salvação pela graça	38, 48, 53, 63, 80, 90, 133, 154, 225 e 327
Sangue	31, 55, 63, 105 e 202
Santificação	94, 158, 172, 261, 279, 295, 334 e 344
Substituição	30, 38, 85, 145 e 148
Tatuagens	310
Xenofobia	253, 294, 316

Agradecimentos

Um novo passo da Coleção Imersão Bíblica está sendo dado. Por isso, minhas primeiras palavras de gratidão pertencem ao Criador dos céus e da terra, o Deus que era, que é e sempre será, que, além Dele, outro não há. Ele é o único que traz as coisas à existência, e estou consciente de que esse livro é fruto da bondade e misericórdia Dele sobre minha vida. Jesus, obrigado!

Minha esposa, Bia Quintanilha. Obrigado por me amar e estar do meu lado, em cada ministração que gerou esse livro. A cada segunda-feira, cuidando de mim, algumas vezes, perguntando-me se eu gostaria de um café, pois me via debruçado por horas sobre a Bíblia, preparando essas anotações. Jesus te ama profundamente, e Ele tem me ensinado a te amar do mesmo modo. Tenho uma dívida de amor para contigo. Te amo!

Agradeço à minha igreja, Assembleia de Deus Ministério Filadelfia, em Jardim Catarina, e ao meu Pastor Lemuel, por ouvirem os céus e nos confiarem o espaço, para que, em todas as segundas-feiras, estivéssemos ministrando o Imersão Bíblica. Eu honro minha casa espiritual, minha Betel, um lugar de comunhão. Quero agradecer de um modo muito especial ao nosso grupo de estudos, que todas as segundas-feiras estão ali, presentes, orando, ouvindo a Palavra ministrada e gerando conosco todo esse material, tanto esse livro quanto o podcast. Vocês são

parte de todo o processo gestacional desse projeto. Vocês geraram esse milagre na minha vida. Sei que colherão dessas sementes na eternidade.

Aos Pastores Reginaldo e Delma. Carinhosamente, os vejo como “Timóteos” na minha vida e da minha família. Vocês são intercessores, que sempre nos cobrem em oração e nos encorajam a novos passos. Obrigado a um amigo... Pr. Marcelo Pozzi que liberou uma palavra dos céus impulsionadora, para uma nova etapa em nossa jornada. Ele me disse: “Vocês, ao pregarem e ensinarem a Palavra de Deus, edificam a Igreja Brasileira”, pois “Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4:11-12). Nesse volume o Pr. Marcelo Pozzi ainda me presenteou com as palavras prefaciais dessa obra. Obrigado por me honrar meu amigo! Amo sua vida e sua casa! Gratidão! Esse livro é uma entrega do nosso coração a Jesus e ao Corpo de Cristo.

Muito obrigado ao meu amigo e parceiro, diagramador de todos os nossos projetos, Juarez Rodolpho. Mano, que você possa colher tudo que tu tens derramado sobre minha vida. Dizy Ayala, obrigado por dedicar seu tempo e coração na revisão gramatical dessa singela obra!

Minha gratidão a cada pessoa que tem nos ajudado a manter esse projeto financeiramente, com o envio de ofertas, para a produção desse material, distribuição e hospedagem numa plataforma virtual, para que todos possam acessar gratuitamente esse material.

Esses recursos, também, nos ajudam a manter nosso sustento ministerial, a fim de que possamos continuar escrevendo, ministrando e levando a palavra do Nosso Senhor. Obrigado por ouvirem os céus e acreditarem em nós. “O meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades” (Fp 4:19).

Por fim, obrigado a cada pessoa que está lendo essas palavras, que meditará na Palavra de Deus em seus devocionais, também ouvindo o podcast. Obrigado a alguns que usarão essa obra como fonte de consultas, outros para estudos, e que até poderão usar esse livro como inspiração para esboços. Obrigado por compartilhar esse livro com alguém, semeando a Palavra de Deus!

Zeca Quintanilha



Turma Imersão Bíblica 2025

Prefácio

Que alegria receber um livro que aborde com clareza os temas de Levítico! O autor é um profundo conhecedor das Escrituras Sagradas, e dentre os cinco dons ministeriais listados na carta aos Efésios, claramente identificamos seu chamado para “Mestre”. Nós conhecemos Zeca e Bianca Quintanilha à quase dez anos, nessas missões e andanças falando do Reino de Deus e do Senhorio de Cristo, mais precisamente em Petrópolis (RJ). Logo estávamos próximos e com nossos vínculos alicerçados em Cristo Jesus.

Percebemos que ambos foram lançados como flechas para edificar a Igreja de Jesus, esse Corpo Vivo e Santo, pelo Brasil e outras nações. Nossa admiração e amor por Zeca e Bianca é muito grande. Não só pela vida deles, mas pelo exemplo deles em se disporem a trabalhar na seara de Deus.

Zeca é um homem quebrantado e sério com as coisas do Reino dos Céus. Ministra, louva, escreve e adora com inteireza de coração. Desfrutem do que está escrito neste livro, por meio do qual o Espírito Santo está falando através do autor à SUA IGREJA SANTA!!!

Paz no seu Coração.

Pr. Marcelo e Bia Pozzi

Igreja em Três Rios RJ

Junho 2025





Não deixe
de ler isso...

É uma honra saber que essas palavras, de alguma forma, chegarão ao seu coração. Esse livro é um projeto de Deus! Certa vez, ouvi de um pastor e amigo, “obrigado por edificarem a igreja do Senhor”. Ele disse isso após uma ministração, referindo-se ao fato de que os dons que recebemos de Deus têm como objetivo o “aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus” Ef 4:12-13a.

Essa frase ficou ecoando em meu coração e me pus a buscar o que isso deveria significar, em Cristo Jesus. Hoje, temos tido a honra e responsabilidade de ministrar em diferentes lugares do Brasil, levando a Palavra de Deus, que salva, restaura, cura e revela os planos e o conhecimento Deus para nossa geração. Mas o que nós levamos aos mais diferentes lugares é gerado em Cristo em nossa casa espiritual, nossa igreja, Assembleia de Deus Ministério Filadelfia, em Jardim Catarina (RJ).

Em nossa igreja, nós temos um grupo de estudos bíblicos, chamado Imersão Bíblica, que se reúne há alguns anos, e juntos estudamos livros da Bíblia, de forma sistemática, na sua forma completa, ou seja, estudamos do início ao fim, na sequência da leitura, versículo a versículo. Já caminhamos em livros como Filipenses, Malaquias, Obadias, Judas, Apocalipse, Cantares de Salomão, Isaías, Tiago, Oséias e temas como as Viagens Missionárias de Paulo, Aparições teofânicas, todas as parábolas de Jesus, a peregrinação de Israel no deserto, descrita nos livros de Êxodo e Números, e, recentemente, terminamos Colossenses e Filemom.

Para todos esses estudos, sempre produzimos anotações, que mantenho em meus cadernos de anotações, e, com a ajuda do

irmão e amigo Reginaldo, compartilhávamos registros de áudios entre o grupo, via WhatsApp, para todos sempre acompanharem os estudos. Deus usou os meus irmãos e irmãs desse grupo para que eu pudesse entender que as palavras que estavam sendo geradas, nesse grupo de estudo, poderiam abençoar outras pessoas, em outros lugares. Então tudo começou...

Nós começamos a gravar e editar os áudios, para que fossem colocados no formato de podcast para as plataformas digitais. Hoje, as pessoas podem ouvir os estudos gratuitamente no Spotify, Deezer, Google Podcasts e na Amazon. No momento em que estou escrevendo essa apresentação, o Imersão Bíblica já foi acessado em diferentes países como Estados Unidos, Nova Zelândia, Suíça, Portugal, El Salvador, Chile, Austrália, México, Argentina, Noruega e, mais recentemente, até na Índia, além dos acessos em nosso próprio país.

De fato, não sabemos o que Deus fará com cada acesso, pois só lançamos a semente e o Pai, o Agricultor, cuidará de cada uma delas. Mas nos alegramos em ter essa certeza de que o Dono da seara nos confiou o privilégio de servi-Lo. Após isso, Deus gerou o entendimento de um novo passo!

Por que não compartilhar gratuitamente as anotações para que as pessoas pudessem não só ouvir, mas, também, ler o material que gera os episódios do podcast? Para isso foi necessária a transcrição de todas as anotações, uma revisão gramatical, diagramação, hospedagem em um site na internet. Com certeza, esse desafio nos levou a passos de fé, para que esse material pudesse ser semeado. Mas o Deus que chama, garante os recursos e as estratégias. E se você estiver lendo esse material, nossa fé estava alinhada com o que, de fato, está no coração de Deus!

Esse material é fruto de oração, devoção, amor por Jesus, de horas debruçados sobre a Palavra de Deus, de estudos e pesquisas em diferentes comentários, dicionários bíblicos e materiais de línguas antigas, ofertas de alguns irmãos, para nos ajudar com os custos, e o encorajamento do Senhor, através das palavras dos meus irmãos, em minha igreja.

Nosso objetivo é proporcionar um livro que lhe apresente a Palavra do Senhor, e cuidamos para não fugir do que está escrito na sua Bíblia, que, para nós, É A PALAVRA DE DEUS. Esse material que você tem em mãos é o material que usamos para as ministrações, por isso, ele tem esse formato que, em alguns momentos, parecerá um esboço, o que de fato ele é. Mas, ao mesmo tempo, você verá que ele terá um aspecto devocional, que poderá ser usado para meditar na Palavra de Deus, compartilhar com seus amigos e até fazê-lo como uma ponte, para produzir suas próprias anotações e estudos para ministrar.

Em cada capítulo, você verá um QR Code e ao escaneá-lo com o seu celular, você será redirecionado para o Podcast, onde você poderá ouvir a gravação do estudo e ler as anotações ao mesmo tempo! Você está com uma poderosa ferramenta de estudos bíblicos em suas mãos. É fundamental que você leia esse livro, juntamente, com a sua Bíblia. Há muitas referências bíblicas contidas aqui e deixar de lê-las fará com que esse livro seja incompleto. Nosso propósito sempre será te levar a Palavra de Deus e a Vontade do Senhor!

Nós temos sido, poderosamente, transformados, aqui, em nossa Igreja, e você que está lendo esse livro está coberto por essa oração: Que você jamais seja o mesmo após ser tocado pela Palavra do

Senhor! O Livro de Levítico já é o quarto volume de uma série, que, se Deus aprovar, daremos continuidade. Já podemos adiantar que o próximo volume será sobre a Epístola aos Gálatas!

Talvez, você sinta o desejo de nos ajudar a realizar esse projeto que Deus nos confiou. Se você quiser somar conosco, contribuindo financeiramente para cobrir os custos de produção e hospedagem do material, será uma semente nesse ministério e, com certeza, toda semente produz seu fruto. Você pode nos chamar pelos contatos que estão ao final do livro.

Mas também precisamos das orações, dos intercessores, de pessoas que compartilhem o podcast e os livros. Todo material será produzido e distribuído na forma digital gratuitamente, para que o Corpo de Cristo, em diferentes lugares, seja edificado, pela Palavra de Deus, “que de graça recebemos, e de graça compartilhamos”.

Sinto um temor de Deus aos escrever essas palavras... Dependo da graça Dele. Que o Senhor fale ao seu coração. Desfrute, leia, ouça, compartilhe e ore por esse projeto!

Zeca Quintanilha



Holocausto... Aceitos pelo Deus em chamas

Levítico 1



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Holocausto... Aceitos pelo Deus em chamas

Levítico 1

Quem nunca se sentiu cansado ao ler Levítico? Muitos quando começam planos anuais de leitura bíblica sentem-se entediados, exatamente, nesse livro. Alguns até desistem do plano nesse ponto. Talvez, um dos motivos seja porque, após dois livros com muitas narrativas (Gênesis e Êxodo), se deparam com Levítico e sua linguagem tão diferente da cultura ocidental moderna.

Contudo, Levítico está na Bíblia. O Senhor nos deixou esse livro como parte de sua Palavra Sagrada. Veja o que Paulo fala sobre toda a Escritura em **2Tm. 3:16**. Estamos convictos de que encontraremos princípios espirituais em Levítico, elementos fundamentais que são atemporais e essenciais para todos aqueles que se aproximam de Deus.

O Senhor continua o mesmo. Ele é Santo **1Pe. 1:15**. Essa passagem da epístola de Pedro é uma citação direta de Levítico **cf. Lv. 11:45**. Ou ainda, quando lemos o mandamento de Jesus deixado a nós: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” **Mc. 12:31**, esse versículo é uma prescrição de Levítico **Lv. 19:18**. Além disso, o livro de Hebreus possui uma ligação tão visceral com Levítico, que alguns conceitos em Hebreus só serão bem compreendidos se fizermos corretamente os devidos paralelos com Levítico. Veja, por exemplo, **Hb. 9:22** e **Lv. 17:11**.

No judaísmo, tradicionalmente, uma criança inicia seus estudos nas Escrituras pela *Torah*. O primeiro livro a ser estudado

é Levítico. Um comentário rabínico diz: “Visto que as crianças são puras, e os sacrifícios são puros, que os puros venham e se ocupem com aquilo que é puro” (*Leviticus Rabbah* 7.3).

Obviamente que não há nenhum mandamento nas Escrituras para esse tipo de ordem de estudos, nem sequer uma orientação. É uma tradição dos judeus, contudo, isso chama atenção quando comparamos essa postura com a nossa demora para sondarmos esse livro.

Mas aqui estamos nós, para modestamente dar alguns passos em direção a essas palavras sagradas. O primeiro passo é entender Levítico em seu contexto e em relação aos demais livros do Pentateuco.

Levítico faz parte da narrativa da jornada histórica do povo de Israel do Egito para Canaã. Levítico conecta Êxodo e Números. Mas como?

Embora o texto não apresente uma data específica para o livro, há várias evidências internas que informam que os decretos e leis desse livro foram revelados no Sinai: **Lv. 7:37-38**, **Lv. 25:1**, **Lv. 26:46** e **Lv. 27:34**.

Mas quando Israel chegou ao Sinai? Precisamos voltar até **Ex. 13:14**, onde diz: “hoje, mês de Abibe”, ou seja, no primeiro dia desse mês Israel estava deixando o Egito. O mês de Abibe é o primeiro mês do calendário judaico.

No primeiro dia do terceiro mês, após a saída dos filhos de Israel do Egito, eles vieram ao Deserto do Sinai **Ex. 19:1**. Sabemos que o povo acampou ao redor do Sinai **Nm. 33:15**, e foi nessa estação que Deus deu a Moisés a Lei e as instruções para a construção do Tabernáculo **Ex. 24:12**, **Ex. 25:2,8** e **Ex. 34:1-2**.

Em **Ex. 40:2**, no primeiro dia do primeiro mês (*Abibe*), ou seja, no primeiro aniversário da nação, Deus diz “*levantarás o Tabernáculo*” **Ex. 40:17**. Quando a obra foi terminada, a Glória do Senhor encheu o Tabernáculo e Moisés não podia entrar na tenda por causa da Glória de Deus **Ex. 40:34-35**.

Isso nos conecta a Levítico. “*Chamou o Senhor a Moisés e, da tenda da congregação lhe disse*” **Lv. 1:1**. Você consegue perceber que é como que se a história de Êxodo estivesse continuando? Moisés não entra na tenda, mas **DA** tenda, Deus o chama.

Israel só deixou o Sinai no dia vinte do segundo mês do segundo ano **Nm. 10:11-12**, ou seja, aproximadamente um mês após a conclusão do tabernáculo. O tempo desse acampamento durou, aproximadamente, nove a dez meses. Um tempo suficiente para a escrita e compilação do livro.

O Livro de Levítico é tão importante e necessário para o relacionamento de Israel com Deus, que em **Lv. 1:1** Deus chama Moisés **DA** tenda, mas em **Nm. 1:1**, o Senhor falou com Moisés **NA** tenda da congregação. Havia um modo correto para que, não só Moisés, mas Arão e seus filhos, bem como todo o povo se aproximassem de Deus. Levítico cumpriu seu papel! Moisés estava dentro da tenda na narrativa de Números!

Levítico é o nome dado ao livro por causa da tradução grega do AT, a Septuaginta (LXX). No texto grego, o livro foi chamado de *Λευιτικόν* – *Leuitikon*, que significa “*coisas concernentes aos levitas*”. Contudo, embora o livro aborde as questões sacerdotais, Levítico nunca foi um livro de práticas secretas restritas a um grupo específico. Por muitas vezes, Deus diz: “*fala aos filhos de Israel*” **Lv. 1:2**.

O propósito da aliança é um reino de sacerdotes, uma nação santa **Ex. 19:16**. Sabemos que Israel se perdeu desse princí-

pio, mas Deus nunca terá seus planos frustrados. Em Cristo, nós vemos esse reino trazido à existência, incluindo não só os judeus, mas todos aqueles que crêem em Jesus como filho de Deus **1Pe. 2:9** e **Ap. 5:9-10**.

O Senhor decidiu habitar no meio do seu povo. Isso é um privilégio de graça transbordante. Mas como um povo poderia servir e viver tão próximo do Deus Santo? A santidade de Deus aponta para a perfeição moral e única do Senhor que O distingue de tudo e todos. Ao mesmo tempo em que a Presença do Senhor é Santa e Gloriosa, ela também é consumidora **Is. 6:3,5**.

O Senhor não queria que seu povo fosse consumido. Então, Ele lhes deu a Lei para que o povo pudesse compartilhar do mesmo ambiente com o Senhor. A Lei seria uma forma de “*cercar e proteger*” o povo preservando-o e levando-o a desfrutar das bênçãos de sua Presença.

Assim, Levítico cuida, não somente do momento do culto, mas, de todo cotidiano do povo. Os relacionamentos familiares, sociais, trabalhistas, comerciais, enfim, cada aspecto da vida deve ser norteados pela Presença de Deus. Esse é o mesmo princípio que encontramos no NT em **Rm. 12:1-2**. Nós fomos chamados para viver nessa mesma esfera, na qual, tudo que somos e temos pertencem ao Deus Santo.

v. 01 Por isso Deus chamou Moisés. O assunto era muito importante. O livro de Levítico, na Bíblia Hebraica chama-se *Wayyiqra*, que significa “e Ele chamou”.

O verbo “chamar” no hebraico é *qārā’*, que muitas vezes é usado quando um filho está recebendo um nome **cf. Gn. 16:15**. Sabemos que nome no AT aponta para caráter, posição e destino.

Dar um nome ou mudá-lo aponta para a soberania de quem nomeia. Veja com Abraão **Gn. 17:3-5**, com Belteessazar **Dn. 1:6-7**, com Meu-Povo **Os. 1:9-2:1** e a Igreja **Ap. 2:17**.

Esse verbo (*qārā*) também é utilizado quando alguém está recebendo uma tarefa específica. O chamado de Moisés está intrincado com o chamado de Israel. Deus está no meio do povo, e por essa causa, os sacrifícios estavam sendo prescritos para a adoração. O Senhor não quer apenas preservar o Seu povo, ele deseja continuar junto dele. É assim que Deus quer estar conosco! Ele nos quer juntamente Dele para sempre. Deus Emanuel – Deus Conosco!

“*Da tenda da Congregação*” ou “*Tenda do Encontro*”, falou com Moisés e o povo. Entenda que o lugar do encontro com Deus é um ambiente de governo e decretos celestiais. Assim é o lugar onde nos encontramos com Deus. Hoje, não estamos mais presos a prédios ou estruturas **Jo. 4:21,23**, mas a essência continua a mesma. Diante de Deus, estamos numa esfera de liberações dos céus sobre nós.

v.02 “*Fala aos filhos de Israel*”. Veja como os assuntos da adoração são dirigidos ao povo! Alguns temas do livro surgirão de modo específico para os sacerdotes, mas já na abertura de Levítico vemos o que está no coração de Deus para sempre: Um reino de sacerdotes! Deus está nos chamando como um povo que governe com recursos sobrenaturais a partir de um lugar de relacionamento e adoração ao Senhor.

“*Quando trouxerem uma oferta*”, no hebraico, *qorbān*, que vem da raiz *qārāb*, que significa “*chegar perto*”, “*aproximar*”, “*entrar*”.

Nenhuma oferta fará sentido se ela não estiver fundamentada no desejo de estar perto do Senhor. A Presença deve ser o foco do ofertante, e jamais, o sentimento de troca ou barganha. Desse ponto de vista, vemos que até na antiguidade, o culto ao Senhor tinha princípios completamente distintos dos cultos pagãos.

A oferta podia ser “*do rebanho de gado ou ovelhas*” (NVI). A expressão hebraica aqui se refere a animais domésticos em contraste com os animais selvagens ou de caça. Animais de caça podiam ser consumidos, caso fossem abatidos corretamente **Dt. 14:4-5**. Mas porque eles não podiam ser oferecidos ao Senhor?

O ponto essencial é que o sacrifício precisa custar algo **cf. 2Sm. 24:24**. Talvez tenhamos um pouco de dificuldade para sentir o impacto disso, pois temos o costume de comer diariamente carne bovina, suína e de aves. Mas no AT, principalmente no deserto, carne seria uma entrega extravagante. Carne era um artigo de luxo no deserto.

v. 03 Esse valor provocava um grande impacto no significado do holocausto, uma oferta completamente consumida pelo fogo. Existiam ofertas, as quais os sacerdotes poderiam comer partes delas. Outras, até o próprio ofertante e sua família podiam comer. Mas o holocausto, NÃO. O holocausto pertencia unicamente ao Senhor.

Compare os **v.03a, 10 e 14**. Eles falam do mesmo sacrifício, um holocausto, contudo, diferentes animais eram aceitos, caso fossem sem defeito. Adicionar pombas e rolinhas mostra que Deus não procura pessoas baseado em seus poderes aquisitivos. Deus conhece os nossos corações. Alguém pobre, no deserto,

talvez nunca pudesse levar um novilho ao tabernáculo. Mas Deus sempre está nos trazendo para perto. Todos, até a pessoa mais humilde, têm um lugar diante da Presença do Senhor. Ele não faz acepção de pessoas!

Mas aqui surge um ponto inegociável: Precisa ser sem defeitos. Não podia ser uma sobra do rebanho. A nossa oferta e o modo como adoramos aponta para a dignidade do Senhor. Veja que não estamos falando de valores, mas realidades internas e essenciais. Contraste a oferta da viúva pobre **Lc. 21:1-4** com a de Ananias e Safira **At. 5:1-2**. Não é o montante, mas o valor do coração que se entrega junto com a oferta.

Cada um deveria vir pessoalmente para que pudesse ser “*aceito perante o Senhor*”. O holocausto era uma oferta que abria uma porta de aceitação diante de Deus, pois o animal era aceito como o preço de resgate pelo culpado. Existe uma nota da graça nesse ponto. Deus nos aceitou na Presença Dele mediante um sacrifício perfeito. Agora, nesse momento, você pode desfrutar da aceitação de Deus! Louve a Cristo por isso!

v. 04 Mas note esse detalhe: O adorador “*colocava a mão sobre a cabeça do holocausto*”. O animal era um substituto vicário do próprio ofertante. Há uma conexão entre o sacrifício que promove a expiação e o homem que precisa da expiação para ser aceito diante de Deus. Existe uma conexão entre o Cristo como Cordeiro de Deus e nós que carecíamos da aceitação do Senhor.

Levar um sacrifício ao tabernáculo significava reconhecer-se culpado e confessar sua fé no Senhor, além da gratidão pela misericórdia e sua determinação de viver todos os dias na Presença do Senhor.

v.05, 11 e 15 A expiação estava conectada ao sangue que era aspergido nos lados do altar. Note, não sobre o altar. O sangue era o agente purificador e continua sendo **Lv. 17:11** e **Hb. 9:22**.

Então, se o sangue trazia a purificação, qual seria a função da oferta ser queimada? Aqui vemos a combinação poderosa do aroma agradável do pagamento de um resgate com o sangue vertido. Hoje, nossa vida pode ser uma oferta de aroma agradável ao Senhor porque o sangue de Jesus já foi vertido no Calvário por nossos pecados.

v.06 O ofertante estava consciente da importância da entrega. Ele mesmo precisava imolar o animal **v.05**, o esfolava e o cortava em pedaços.

Em **2Sm. 21:1-2,6**, encontramos o mesmo verbo hebraico, *kapar*, com o sentido de expiação no ato de pagar um resgate. Um crime de Saul estava trazendo grande fome sobre Israel. Isso foi a consequência de um pecado não expiado de Saul. A morte de alguns parentes foi o preço que salvou o restante da família e toda a nação.

O objetivo do holocausto era trazer paz com Deus. Em **Gn. 8:21**, por causa do holocausto, em vez de outro dilúvio, há uma promessa de colheitas e que toda a humanidade não seria mais varrida pelas águas como nos dias de Noé. A oferta queimada tornava possível a comunhão entre o homem e Deus, e aplacava a ira do Senhor contra o pecado.

v.07-08 Então, após o sacrifício ter sido feito e o animal partido, os sacerdotes eram responsáveis pelo fogo, por arrumar a

lenha, os pedaços, a cabeça e a gordura. Tudo deveria ser entregue ao Senhor.

O ponto a destacar aqui é que o sacerdote tinha funções específicas e cuidados que não podiam ser negligenciados. O fogo não podia se apagar. Além de uma atenção com a ordem no altar e o descarte das cinzas. Mas veremos isso em **Lv. 6**.

v. 09, 13 e 16 Por enquanto, note que nada impuro podia ser oferecido ao Senhor. Era uma responsabilidade do sacerdote estar atento a isso. As vísceras e as pernas dos animais, que geralmente estavam sujas, e podiam ter pisado em lugares inapropriados, deviam ser lavadas antes de serem queimadas ao Senhor. No caso das aves, as penas e o papo eram retirados e colocados nas cinzas.

Um detalhe para que nada impuro tocasse no que estava sendo dedicado ao Senhor está no **v. 11**. O animal era imolado no lado norte do altar, à parte das cinzas que estavam em outro lado, o oriental (leste) **v.16**.

O objetivo de tudo isso era para que o holocausto fosse “*uma oferta queimada de aroma agradável ao Senhor*” **v.09, 13, 17**. No NT, Jesus mesmo assume esse lugar de resgate por muitos **Mc. 10:45**.

Paulo, usando a mesma linguagem de Levítico, diz que Jesus se entregou como oferta substitutiva por nós, como sacrifício de aroma suave **Ef. 5:2**.

Hb. 7:27 nos diz que no AT havia a necessidade de sacrifícios diários. Mas Jesus fez um sacrifício definitivo entregando-se a Si mesmo. Mas porque o sacrifício de Jesus é definitivo?

Primeiro, porque no AT os sacrifícios expiavam o pecado, mas eles não transformavam o pecador. O sacrifício de Jesus nos purifica dos nossos pecados, mas também nos faz nova criatura, onde a morte e o pecado não operam mais em nós. O pecado foi vencido na Cruz, e em Cristo, podemos mortificar a velha natureza todos os dias!

Segundo, o sacrifício de um animal no AT era uma alternativa para substituir o pecador, que por misericórdia, permanecia vivo. Contudo, o pecado entrou no mundo por um homem. O sacrifício de um animal jamais poderia resolver esse dilema. Somente o sacrifício de outro homem seria o preço justo.

Mas não havia um justo sequer... Então, Ele se tornou um de nós, para realizar o que nenhum de nós poderia fazer **Rm. 5:19-21**.

A oferta queimada, o holocausto, era o primeiro sacrifício oferecido pela manhã no Tabernáculo. Com o sacrifício perfeito de Jesus, o dia da salvação já raiou sobre nós **2Co. 6:2**, no raiar do Grande Dia. E por causa do sacrifício do Cordeiro Perfeito, nós temos paz com Deus **Rm. 5:1**.

Olhando para a cruz, sou constrangido pelo seu Amor e reconheço o Senhorio de Jesus sobre nossas vidas. Ele é o Cordeiro de Deus que gentilmente me atraiu a Ele.

Por causa Dele nós fomos aceitos! Nós fomos reconciliados... Você foi aceito na família como um filho de Deus! Glórias ao Cordeiro de Deus.



Deus aceita qualquer oferta?

Levítico 2



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Deus aceita qualquer oferta?

Levítico 2

Nosso foco e desafio nessa série de estudos em Levítico é captar os princípios que estavam por trás de cada prescrição, e com isso, trazer para a superfície o significado dessas ofertas para o Senhor e seu povo.

Se entendermos o que fazia dessas ofertas algo importante para o Senhor, poderemos nos conectar com o que é importante para Ele. E o que importa para o Nosso Deus deve ser importante para nós.

Aqui, entramos num ponto chave desse capítulo. Nós vimos no capítulo anterior que comer carne no AT era algo muito caro, e por isso, marcava ocasiões especiais, ou seja, não cotidianas. Mas se comer carne não era uma experiência cotidiana para muitos, comer pão fazia parte da experiência diária do povo. O pão é uma imagem do sustento básico do dia a dia.

Então, quando o povo trouxesse grãos ou uma porção de pães e bolos, eles estariam trazendo a Deus uma oferta que fazia parte de sua vida cotidiana.

Você poderá ver nos **v.01, 02, 05 e 14** que farinha, azeite e grãos eram os principais elementos das ofertas de cereais ou oferta de manjares. Esses ingredientes poderiam ser oferecidos de maneiras bem diferentes:

v.01 Crua.

v.04 Assada no forno como um bolo.

v.05 Cozida na assadeira.

v.07 Na frigideira com azeite, semelhante a uma fritura.

v.14 E tostadas no fogo.

Perceba que a diversidade de preparos reflete o cotidiano de uma pessoa do povo de Israel. Alguém que tivesse um forno em sua casa poderia trazer um bolo, mas uma pessoa mais simples, que talvez só pudesse trazer a farinha amassada com azeite também teria a oportunidade de adorar ao Senhor com seu melhor.

Todos nós temos algo para trazer ao Senhor de acordo com as condições que o Senhor mesmo nos confiou. Aqui, uma oferta de cinquenta centavos tem o mesmo significado e importância que uma oferta de cinco mil reais, se ambas refletirem parte do cotidiano do ofertante.

Em **Lc. 21:1-4** temos luz sobre esse assunto. Os ricos traziam grandes valores **cf. Mc. 12:41**. Contudo, eram quantias que sobravam. Mas uma viúva humilde trouxe duas moedas que era todo seu sustento. Aquela oferta representava não somente parte do seu dia a dia, mas todo seu sustento para aquele dia.

Precisamos ter nossos olhos espirituais abertos para compreender a importância desse tipo de oferta para o Senhor. Por vezes, fazemos do que possuímos uma balança para medir a oferta dos outros. Ficamos impactados quando alguém pode dar aquilo que não temos condições de ofertar e indiferentes quando uma pessoa traz muito menos do que nós costumamos dar. O ponto decisivo não está em nossos padrões, mas no padrão que Deus espera de nós.

A oferta é como um vidro de perfume. Existem frascos diferentes, feitos de materiais distintos que variam do plástico até cristais preciosos. Mas quando são levados até o Senhor, os nossos corações precisam estar dentro deles. Homens olham os frascos, mas Deus sente o aroma que está dentro **cf. 1Sm. 16:7**.

Havia algo muito importante na oferta de cereais que precisa ser dito aqui. Essas ofertas não eram trazidas para que o homem fosse aceito na Presença de Deus. Elas eram trazidas por que eles JÁ HAVIAM SIDO aceitos pelo Senhor. Nossa posição diante de Deus não é comprada por uma oferta, mas a recebemos graciosamente! A posição desse capítulo dentro do Livro de Levítico é decisiva para fundamentar o que estamos dizendo.

A oferta de cereais era diferente do holocausto em seu propósito. Em **Lv. 1:3**, nós vimos que o holocausto tinha o propósito de aceitação do homem na Presença de Deus. Jesus, ao vir até nós entregando-se na Cruz, revela o próprio Deus que veio até a nossa condição miserável para nos dar a oportunidade de caminharmos com Ele para sempre. Mas como?

Ele é o Cordeiro de Deus, e seu sangue nos purifica de todo pecado. O primeiro passo foi do Senhor, revelando a graça de um Deus disposto a nos aceitar.

Fomos feitos povo do Senhor **Dt. 7:6-8** e **Rm. 9:24-25**, e aceitos diante Dele graciosamente. No AT, essa aceitação era viabilizada pelo sacrifício de um animal **Lv. 1:3**. Isso é um fio de luz da graça, pois um animal era posto como um substituto no lugar de um homem pecador. Mas no NT, por meio de Jesus Cristo, recebemos o evangelho da paz **Hb. 10:19-21**, onde, contemplamos um oceano da Graça, pois, vemos o próprio Deus entregando seu

Filho por nós. É por meio dessa graça que tudo que somos deve ser dedicado a Ele.

Há um detalhe muito importante contido no modo de preparação dessas ofertas de cereais. Nos **v.01, 02, 15 e 16**, vemos que essas ofertas eram preparadas com AZEITE e INCENSO.

Azeite – No AT, há uma associação do uso do azeite com o Espírito Santo e a unção **1Sm. 16:13**. As ofertas de cereais deveriam ser uma oferta do cotidiano. A unção do Espírito Santo deve ser um elemento presente em cada parte da nossa vida diária.

Aqueles que vivem no Espírito manifestarão o fruto do Espírito **Gl. 5:22-23**. Nossas ofertas estão tão conectadas com a vida do Espírito, a ponto de, caso algum irmão tenha algo contra outro, a reconciliação e perdão devem preceder a oferta **cf. Mt. 5:23-24**. Que o Espírito Santo nos lidere até esse lugar tão excelente.

Incenso – Tanto no AT, como no NT, o incenso está conectado às orações que sobem ao Senhor. Veja **Sl. 141:2** e **Ap. 5:8**.

v.02, 09 Por misturarem o incenso na porção de cereais que seria queimada, no momento da queima, um aroma era produzido e por isso, era como uma *“oferta queimada de aroma agradável ao Senhor”*.

A oferta de cereais preparada com azeite e incenso aponta para a adoração que deve ser oferecida a partir de um lugar de relacionamento com Deus. Note que nas ofertas pelo pecado não usavam azeite e incenso **Lv. 5:11**. Os símbolos do Espírito Santo e de louvor a Deus não eram colocados sobre um sacrifício por

uma transgressão. Deus não se alegrava, e ainda não se alegra, com as transgressões de sua Palavra.

Existiam ofertas pela culpa e pelos pecados, mas a diferenciação entre os sacrifícios expiatórios e os demais sacrifícios em Levítico no ensina muito sobre o perdão que recebemos graciosamente por meio de Jesus. Nessa base de graça, encontramos a vida de sacrifício de louvor que nós precisamos render ao Senhor. É nossa responsabilidade cultivar uma vida de oração e de busca pelo fruto do Espírito.

v.11 Ainda vemos dois elementos que, diferentemente do azeite e do incenso que eram colocados nas ofertas de cereais, estes, não deviam ser usados nesse tipo de oferta: o FERMENTO e o MEL.

Fermento – Embora o texto em Levítico não nos dê uma explicação direta, sabemos que o fermento tem uma ligação com o Egito. Ao celebrarem a primeira Páscoa, a libertação da opressão egípcia, os israelitas não deveriam comer pães com fermento **Ex. 12:8**.

A fermentação, de alguma forma, sugeria a deterioração ou corrupção. Paulo, em **1Co. 5:7-8**, fala do abandono do fermento velho (maldade e malícia) e a apropriação da realidade dos pães asmos (sinceridade e verdade). Esses aspectos fazem todo sentido quando nossa vida inteira é uma oferta agradável ao Senhor.

Mel – Já para o mel, precisamos de mais cuidado com as conexões. Mas sabemos que o mel também produz fermentação, o que o coloca na mesma categoria do fermento. “Algumas

tradições judaicas diziam que a corrupção da natureza é doce para o homem, e o mel poderia servir de símbolo dessa corrupção” (*Champlin*).

No AT, a antiga realidade de escravidão de Israel era representada pelo Egito. Tudo que fizesse uma conexão com o Egito seria um símbolo da corrupção de um povo que havia sido restaurado. Note que o mel e o fermento não eram alimentos proibidos em Israel, mas essas ofertas de cereais tinham um significado que representavam uma vida aceita diante de Deus. Em uma vida de adoração, precisamos nos lembrar do milagre de termos nascido de novo! Por isso em Levítico diz, não voltem ao Egito! As ofertas deviam ser sem fermento e sem mel.

v.12-13 O fato dessas ofertas serem mencionadas como primícias é uma referência à qualidade dos grãos ofertados. Em **Lv. 1**, o animal deveria ser sem defeitos. Aqui, após o homem ser aceito na Presença de Deus, ele deveria trazer o seu melhor como um presente a Deus. Sempre deveria haver o entendimento de que esses grãos, antes de tudo, eram as mãos abençoadoras de Deus sobre a vida do adorador.

“Temperado com sal”. Talvez haja aqui um contraste do sal que preserva com o fermento que deteriora. Contudo, há mais um detalhe no texto. Não era qualquer sal. Era o *“sal da aliança do Teu Deus”*.

No Oriente Antigo, existia o costume de comerem sal juntos após uma aliança ser firmada. Em duas passagens no AT, vemos o sal sendo relacionado com uma aliança. Os dois textos referem-se a uma ALIANÇA PERPÉTUA **Nm. 18:19** e **2Cr. 13:5**.

O fato de temperarem uma oferta com sal em Levítico, significava que o adorador ofertante estava num relacionamento de aliança eterna com o Senhor. Nessa aliança, temos a certeza de que Deus nunca abandonará o seu povo, mas também cabe a nós, como adoradores, compreender que nossas vidas por inteiro pertencem ao Senhor **Mc. 9:49-50**.

O fogo e o sal são símbolos de aspectos da vida cristã. Essa é uma imagem de uma vida entregue no altar. O fogo, hoje, tem um aspecto gracioso de purificação. Ser provado pelo fogo, por vezes, é uma experiência de pressões e dificuldades, mas que ao sermos aprovados pelo fogo, haverá uma revelação do peso de glória. Isso resultará numa oferta de si mesmo para a Glória de Deus. Se o sal perder o seu sabor, ele será inútil e sem propósito.

A expressão “*oferta de manjares*” em hebraico é *minchah*. É um termo técnico para as ofertas de cereais em Levítico. Mas no AT, essa palavra tem um sentido muito amplo. A primeira vez que essa palavra aparece na Bíblia é no episódio de Caim e Abel.

Em **Gn. 4:3-5**, tanto Caim como Abel trouxeram uma *minchah* ao Senhor. Contudo, uma oferta agradou ao Senhor e outra não. A palavra agradecer é uma chave no texto.

Existem ofertas que Deus aceita, mas há outras que Ele rejeita. Por vezes vemos pessoas pregando que Deus aceitaria a oferta de alguém e o ofertante seria abençoado, porque isso seria simplesmente um princípio do Reino. Entenda que ofertar ao Senhor sem entender que Deus está procurando nossos corações, nunca será uma semente de vida.

Mas aqui surge uma pergunta. Então porque pessoas que não tem uma aliança com Deus, e NEM DESEJAM ter, trazem ofertas para a igreja e parecem prosperar financeiramente?

Primeiro, quem disse que Deus só abençoa o justo? **Mt. 5:44** e **At. 17:24-25**.

Talvez você pergunte: “*Mas até os homens maus?*”. Os salmistas já cantaram sobre isso **Sl. 73:1-5, 12-13, 23-25**.

O ponto é que alguns estão vendo o aparente lucro financeiro e a estabilidade econômica, apenas, com os olhos naturais **Pv. 15:8**.

Então, se simplesmente sou membro de uma igreja, isso me garante que Deus aceitará minha oferta? Leia **Ml. 1:8-9**. A resposta é NÃO! Deus não está fazendo acepção de pessoas. Ele está propondo uma aliança, e o modo como vivemos e nos aproximamos Dele importam.

Voltemos a Caim e Abel para tentarmos dar uma resposta a esse dilema. Note que a oferta de Caim não agradou ao Senhor, mas porque o PROCEDER de Caim não o fazia ser aceito **Gn. 4:7**. Mas se Caim mudasse o seu proceder, não seria certo que ele seria aceito? Após a aceitação, certamente sua oferta seria agradável ao Senhor.

Existem muitas narrativas sobre porque Deus aceitou a oferta de Abel e rejeitou a de Caim. Mas talvez a resposta não esteja no por que Deus aceitou. Mas o texto diz que Deus SE AGRADOU da oferta de Abel, porque primeiro Abel, antes da sua oferta foi aceito diante de Deus. Guarde isso: Deus aceita primeiro o adorador, depois a sua oferta.

Então qual foi o fator decisivo entre Caim e Abel? **Hb. 11:4** nos diz. Foi pela fé que Abel ofereceu mais excelente sacrifício. Aqui está o cerne do Evangelho. “O justo viverá pela fé” **Rm. 1:17**.

Pela fé em Cristo, nós somos aceitos diante de Deus, e então, nossas ofertas se tornam agradáveis ao Senhor.

Somente pela fé em Cristo uma oferta é agradável ao Senhor. Então não se confunda quando vir alguns homens que não possuem aliança com Deus prosperarem mesmo que estejam trazendo ofertas para a Igreja. Somente em Cristo estão todas as sortes de bênçãos espirituais.

Lv. 2:2, 3, 9 e 10 nos mostra que, diferentemente dos holocaustos que deveriam ser completamente queimados, nas ofertas de cereais, apenas uma parte era queimada e o restante era considerado como “*coisa santíssima*”. Esse restante seria destinado para o sustento dos sacerdotes. Falaremos mais sobre isso nos próximos capítulos.

Talvez, o ponto decisivo que conclui esse capítulo seja a expressão “*porção memorial*”. Essa porção era um punhado do cereal oferecido que era lançado no fogo do altar.

Um memorial é um lembrete. Mas não para Deus. Ele nunca se esquece de coisa alguma. Mas um lembrete para nós.

Um lembrete de que Deus nos aceitou para sempre e ouve nossas orações. Um lembrete de que Ele se agradou do nosso coração. Um lembrete para nós de que Ele é o Nosso Deus e nós somos o Seu povo.

Trazendo uma oferta de paz

Levítico 3



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Trazendo uma oferta de paz

Levítico 3

Precisamos ter o cuidado de não perder o fio condutor que o livro de Levítico nos oferece. Essa perspectiva contextual nos ajudará a perceber contornos que diferenciavam profundamente cada sacrifício e suas respectivas prescrições.

Em **Lv. 1**, nos holocaustos, vimos um princípio que revela o Senhor predisposto a aceitar o homem em sua Presença Santa **Lv. 1:3**. O sacrifício expiatório das ofertas queimadas proporcionava condições para uma esfera de aceitação. Uma vez aceito na Presença de Deus, o povo trazia suas ofertas de manjares que apontavam para o cotidiano, pois eram ofertas de alimentos consumidos no dia a dia **Lv. 2**.

Agora surgem as ofertas pacíficas, um terceiro tipo de oferta queimada, também considerada como uma “*oferta de aroma agradável ao Senhor*” **Lv. 3:5,16**. Talvez, esse conceito passe despercebido numa leitura rápida, mas precisamos estar conscientes de que nem todas as ofertas e sacrifícios eram chamados de “*ofertas com aroma agradável*”. Por exemplo, em **Lv. 5:19** vemos a oferta pela culpa. Em **Lv. 6:25,30** temos uma oferta pelo pecado que, sequer, deveria ser aproveitada como parte de uma refeição.

A oferta de aroma agradável é algo que oferecemos ao Senhor a partir de um lugar de aliança com Ele. É quando reconhecemos que Deus nos aceitou diante Dele. Isso precisa estar vivo em nossos corações. A nossa vida inteira pertence ao Senhor e

vivemos em paz com Deus. Portanto, esses três aspectos podem ser vistos no holocausto, nas ofertas de manjares, e agora, nas ofertas pacíficas: aceitação, entrega total e reconciliação.

No NT, esses aspectos são levados ao máximo em Cristo, pois Jesus se entregou completamente em aroma agradável **Ef. 5:2**. E por causa do sacrifício Dele, nós podemos oferecer nossas vidas como sacrifícios agradáveis **Rm. 12:11**. Por fim, por meio de Cristo, temos paz com Deus **Rm. 5:1**. Então alegre-se, pois fomos reconciliados com Deus.

v. 01, 06 ,07 e 12 No NT, Deus proveu o Cordeiro para o sacrifício definitivo. Mas no AT, ainda como um vislumbre ou sombra do que estava por vir, todo adorador precisava trazer um animal puro para o sacrifício. Os sacrifícios podiam ser gado, ovelhas e até cabras, bem como, ser macho ou fêmea, contudo, sempre sem defeitos.

Note que não há um motivo específico, claro o suficiente, para explicar porque animais fêmeos também eram aceitos nas ofertas pacíficas. Mas certamente essa abertura proporcionaria uma oportunidade mais ampla para que todos pudessem participar.

Alguém que trouxesse um pombinho para o holocausto, e um punhado de flor de farinha e azeite como oferta de manjares, talvez não tivesse condições financeiras para trazer um novilho. Uma cabra seria mais acessível. E quem não tivesse condições de trazer um animal, ainda poderia participar como convidado de outra família.

Nas ofertas pacíficas, o adorador ao oferecer a oferta, podia se assentar com a família, amigos e sacerdotes para uma refeição com a carne da oferta. Aqui, vemos como o Nosso Deus está atento a todos independente de condições financeiras.

Nas festas previstas no AT, embora as mesas fossem diferentes (algumas poderiam ter novilhos, outras cordeiros ou até cabras), todos estavam conscientes de que o Senhor é o *Jeová Jirêh* sobre seu povo. Ele é o provedor de cada um! Por isso, contentamento e gratidão precisam marcar os nossos corações sempre. Hoje, de igual modo, reconhecemos que as “mesas” até podem ser diferentes quanto à comida de um rico ou de um pobre, mas independente do tipo de “mesa”, só existe um *Jeová Jirêh* que sustenta a todos. Por isso, somos contentes e gratos. Ele é o Nosso Deus Fiel e Bondoso Pastor que cuida de nós.

v.02 De modo semelhante ao holocausto, o adorador trazia o animal e antes de imolá-lo, o ofertante colocava a mão sobre a cabeça do animal ofertado. Mas havia um aspecto que diferenciava essa oferta pacífica do holocausto:

Nos holocaustos, a oferta era trazida para que fosse aceita em favor do ofertante para sua expiação, ou seja, para que o ofertante fosse aceito perante o Senhor **cf. Lv. 1:3-4**.

Mas as ofertas pacíficas não tinham um caráter expiatório. O adorador não trazia sua oferta para ser aceito diante de Deus, pelo contrário, ele trazia porque já havia sido aceito diante do Senhor. Não trazemos nossas ofertas hoje, para que Deus nos aceite, mas trazemos porque Ele já nos aceitou mediante o sacrifício do Seu Filho. Isso posiciona corretamente nosso coração a

respeito do modo como adoramos ao Senhor com nossas finanças. Infelizmente, por vezes, esse princípio é distorcido por alguns, fazendo do momento de oferta um falso ambiente de trocas.

Em **Lv. 7:12,16** vemos três motivos, pelos quais, uma oferta pacífica era oferecida ao Senhor: “ações de graças” (ARA), “voto” ou “oferta voluntária”. Provavelmente, no momento da imposição de mãos sobre o animal ofertado, o adorador declararia o motivo de sua adoração.

Ação de Graças – A oferta pacífica em ações de graças é vista no AT quando alguém buscava direcionamentos ou livramentos contra inimigos. Veja o modo como as ofertas pacíficas estavam juntas com o holocausto em **Jz. 20:26, Jz. 21:4 e 2Sm. 24:25**.

A confissão na ação de graças tem um foco específico. Ela se concentra na misericórdia de Deus e não na própria pecaminosidade do homem. É interessante notar que em **Lv. 7:12**, a palavra hebraica para ação de graças é *tôdah* que significa “sacrifício de louvor”. A raiz hebraica dessa palavra é *yadah*, que pode ter duas traduções diferentes: “louvor”, como em **Gn. 29:35**, ou confissão como em **Lv. 5:5**.

Talvez você esteja se perguntando: “Mas como a mesma palavra pode se referir ao “louvor a Deus” em um contexto, e em outro, “confissão de pecados”? Parecem ser coisas tão diferentes!

A resposta está no sentido básico de *yadah* que significa “reconhecer”. Quando olhamos para Deus e RECONHECEMOS sua Majestade, Misericórdia e Justiça, então, nós responderemos louvando e exaltando quem Ele é. Isso é louvor, ações de graças, pois não há maior dádiva do que conhecer a Deus! Isso é um reflexo da graça que nos alcançou.

Mas ao mesmo tempo, quando olhamos para nós mesmos, há um contraste em relação à Glória de Deus. Somos tão pequenos! Sem Cristo, apenas nos restava miséria e vergonha. Diante desse choque, RECONHECEMOS quem somos diante Dele, e então, confessamos nossa miséria alcançando a misericórdia

Ao olhar para Jesus, *yadah*, nós O louvamos em ações de graças! Ao olhar para nós mesmos, *yadah*, nós confessamos quem somos porque a graça nos alcançou!

A oferta pacífica por votos – Parece que, normalmente, os votos são feitos em períodos de tensões ou alguma necessidade. No AT, vemos homens e mulheres pedindo a ajuda do Senhor em causas específicas, e se o Senhor trouxesse a ajuda necessária, então em resposta, essas pessoas fariam algo para Deus em adoração e gratidão.

Veja que eles não trariam os votos para que o Senhor fizesse algo, é o contrário! Caso o Senhor fizesse, pois só Ele é Deus, então reconhecendo que o Senhor ouvira suas orações, estariam comprometidos em algum gesto de adoração e entrega. Um voto nunca deve ter o teor de troca ou barganha, mas de confiança e dependência.

Em **Gn. 28:20-22**, enquanto Jacó fugia de Esaú, ele fez um voto ao Senhor de que se voltasse para casa em segurança, “o Senhor seria o seu Deus” e “a pedra erigida por coluna seria a Casa de Deus”. Agora veja em **Gn. 35:1,14-15**, Jacó cumprindo o seu voto! Nesse contexto de cumprimento do voto, Jacó já havia entendido que pertencer ao Senhor era render-se completamente à vontade de Deus. Essa foi uma lição aprendida por ele no Vau de Jaboque **Gn. 32:22-32**. Se você pertence ao Senhor, viva rendido

a vontade Dele e confie, pois Ele é Bom e sua Misericórdia dura para sempre!

O **Sl. 56:11-12** foi escrito por Davi num contexto de livramento que o Senhor lhe proporcionara (veja a epígrafe desse salmo em sua Bíblia). Ali, Davi revela que havia feito um voto ao Senhor, e que seria fiel em tudo que votara. E como ele cumpriria seu voto? Com ofertas pacíficas, pois a palavra “render-te-ei” (ARA) é *shalam*, que vem de *shalom*, que significa “paz”. E também com “ações de graças”, *tôdah*, reconhecendo a misericórdia do Senhor!

Mas algo precisa ser dito com muita responsabilidade. Ao fazer um voto com o Senhor, seja fiel e não demores a cumpri-lo, pois as Escrituras são muito claras sobre isso **Ec. 5:4-5**.

A oferta pacífica como uma oferta voluntária – A terceira forma de apresentar uma oferta pacífica era como um ato espontâneo de generosidade e gratidão motivado pela bondade de Deus.

Note como é interessante que nos outros dois tipos de ofertas pacíficas (confissão e reconhecimento ou votos), o animal precisava ser SEM DEFEITO. Mas segundo **Lv. 22:23**, na oferta voluntária, animais COM PEQUENOS DEFEITOS podiam ser trazidos: “novilhos ou cordeiros desproporcionados” (ARA), “um boi ou um carneiro ou um cabrito deformados ou atrofiados (NVI).

Mas por quê? Animais com alguns defeitos? Vamos responder essas perguntas mais a frente nesse capítulo. Precisaremos entender os princípios que estavam por trás das ofertas pacíficas.

v.03, 04, 09, 10, 14 e 15 Esses versículos que, aparentemente, são repetições, na verdade, são reforços de um aspecto decisivo para entendermos porque alguns animais com defeitos poderiam ser trazidos nas ofertas voluntárias.

Quais partes deveriam ser queimadas ao Senhor? A gordura, os rins e as vísceras (redenho). Você sabe por quê?

A gordura era vista como a melhor parte do animal. No hebraico, a palavra é *‘heleb*, a qual aparece em outros contextos, apontando para a melhor parte. Em **Gn. 45:18** “*fartura da terra*”; **Nm. 18:12** “*o melhor azeite*” e **Sl. 81:16** “*o trigo mais fino*”. Ao separar a gordura, “o adorador demonstrava que estava ofertando a Deus a melhor parte de sua vida” (G. Wenham).

Hoje, ao dedicarmos algo com excelência para o Senhor é como se estivéssemos separando a gordura do sacrifício. Dedicar nossas forças ao Senhor, enquanto ainda a temos, é dar a Ele o melhor de nossos dias. Mesmo que você vá devagar para a Casa do Senhor porque está enfermo, pense na qualidade desse gesto em relação ao coração de Deus! Você produzirá alegria no coração do Senhor! E a alegria do Senhor é a nossa força.

Separar os rins e as entranhas em Levítico, talvez estivesse ligado ao simbolismo contido nesse gesto. No AT, as entranhas estavam ligadas simbolicamente ao centro das emoções mais profundas. A palavra hebraica para “*entranhas*” é *qereb*. Em **Gn. 18:12**, essa palavra é usada para dizer que Sara “*riu em seu íntimo*”. Não podemos dizer que Sara tivesse “*rido em seus rins*”.

Aqui está o simbolismo poderoso: As entranhas de um sacrifício eram a dedicação das melhores e mais profundas emoções de um adorador! É o momento em que entregamos nosso íntimo

ao Senhor! Nossos desejos e anseios entregues a Ele. É um gesto extravagante de adoração que podemos oferecer ao Senhor! Você pode fazer isso agora!

Mas note uma coisa: Se somente a gordura, os rins e as entranhas eram queimadas, o que se fazia com o restante do animal? A oferta pacífica tinha como ápice ou objetivo final uma refeição de comunhão. O peito e a coxa direita eram porções retiradas para os sacerdotes **Lv. 7:31-33**, e o restante era uma porção para o adorador! Isso mesmo! Todos podiam participar dessa comunhão! Aleluia!

Essa refeição de comunhão não era uma refeição para Deus **Sl. 50:12-13**, mas era uma refeição, na qual, a Presença de Deus era RECONHECIDA. A expressão “oferta pacífica” vem da palavra hebraica *shalam*, que significa “estar em paz! Hoje, nós também temos paz com Deus! Glórias ao Senhor! Assim, a oferta pacífica é um gesto de adoração num ambiente onde temos paz com Deus, e por isso, comunhão com os nossos irmãos.

Aquilo que o adorador trazia para Deus, em parte, terminava sendo devolvido ao ofertante, e assim, o adorador entendia que o Senhor era a fonte dessa graça. Em **Lc. 7:37-38**, uma mulher quebrou um vaso de alabastro com unguento caríssimo, ungiu a Jesus, e em lágrimas, ela enxugava-lhe os pés com seus cabelos. Você notou que, embora todos tenham sentido o perfume dentro daquela casa, apenas Jesus e aquela mulher saíram dali carregando o perfume em si? Ela voltou para casa com o perfume que entregara ao Mestre em adoração.

Aqui, talvez, tenhamos parte da resposta a respeito da flexibilidade sobre o animal ter algum defeito nas ofertas volun-

tárias. No holocausto, se a oferta tivesse um defeito seria uma ofensa contra Deus, pois o animal precisava ser completamente queimado ao Senhor como uma oferta perfeita. Se fosse uma oferta pelo pecado, deveria ser um animal perfeito em substituição pelo adorador. Mas na oferta pacífica, a gordura (a melhor parte) e as entranhas (todo o íntimo) já haviam sido dedicadas ao Senhor e o objetivo final era COMUNHÃO.

Então, talvez, o animal tivesse uma parte deformada, mas quem comeria essa parte seria o próprio adorador. Pense na seguinte situação:

Se alguém fosse à sua casa, e lhe fizesse uma visita totalmente inesperada. E você, em alegria, se dispusesse a oferecer uma refeição ao seu visitante. Seria algo improvisado? Talvez sim! Mas se houvesse comunhão e alegria nessa visita, mesmo que a mesa fosse simples, vocês não se sentiriam gratos e contentes por estarem juntos?

Obviamente, que se estivéssemos falando de um almoço marcado com antecedência, você iria se organizar. Mas o objetivo da oferta pacífica era a gratidão pela paz com Deus e comunhão uns com os outros.

No dia em que ministramos esse texto com o nosso grupo de estudos, senti o desejo de avisá-los com meia hora de antecedência de saírem de casa para a Igreja, para que todos trouxessem algo a fim de comermos juntos. De fato não fiz esse pedido, mas ao compartilhar isso com os irmãos, todos ficaram muito empolgados com a ideia. Mas todos também reconheceram que seria um lanche completamente improvisado.

Entretanto, mesmo se a situação fosse improvisada, qual seria a essência? Não importava se fosse uma mesa simples, todos

nós estaríamos transbordando de gratidão por termos paz com Deus e comunhão uns com os outros.

Em **At. 21:23-26**, Paulo ofereceu uma oferta pacífica por si e quatro homens com voto. Tendo em vista essas prescrições, podemos dizer que era uma oferta pacífica, onde eles desfrutavam da comunhão com Deus e uns com os outros. Foi um momento de alegria!

Mas o NT diz que a oferta pacífica agradável ao Senhor também deve envolver nossa rendição à vontade de Deus e o testemunho das misericórdias de Deus que nos alcançaram **cf. Rm. 12:1** e **Mt. 9:13**. É uma entrega dos nossos corpos como ofertas vivas, santas e agradáveis ao Senhor.

Hoje, é por meio de Jesus que oferecemos sacrifícios de louvor a Deus **Hb. 13:15-16**. Se você ler o contexto desse texto de Hebreus, também perceberá que há um chamado à prática do bem e cooperação mútua. Isso também é um sacrifício agradável ao Senhor. A comunhão tem um perfume de adoração!

Se você desfrutar da vida aos moldes de Cristo, saiba que sua jornada, sempre, será sacrificial de ponta a ponta: Nossa vida se fundamenta em Cristo que se entregou por nós na cruz do Calvário, mas a sua jornada prossegue na oferta de louvor a Ele com nossos bens, serviço e cotidiano. Uma vida que recebemos, mas que também a devolvemos a Cristo. Essa é a nossa oferta pacífica agradável ao Senhor.

Em **1Co. 11:25**, na última ceia, Jesus, ao falar do cálice, fala da Nova Aliança firmada com seu sangue, nos mostrando por alusão o contraste com a antiga aliança, na qual, o sangue do animal era aspergido nas laterais do altar.

A Ceia do Senhor tem o caráter de uma oferta pacífica. A morte de Jesus na cruz do Calvário foi o sacrifício expiatório, pelo qual, nós somos aceitos e purificados por Ele. Mas é na Ceia, onde acontece o partilhar de seu corpo e sangue. Isso nos mostra como Jesus via seus discípulos e como Ele está nos vendo agora. E ainda, como nós deveríamos nos ver Nele.

Os seus discípulos estavam purificados para desfrutar do partilhar do pão? A resposta é sim **cf. Jo. 15:3**. Alguém poderia dizer, “mas Judas Iscariotes também participou da ceia”! Entretanto, leia **1Co. 11:27-29** e perceba que ele participou para sua própria condenação.

Não podemos deixar de considerar o perigo de participar das ofertas pacíficas indevidamente. Aqui temos a aplicação plena de **Lv. 7:20**. Paulo alerta a Igreja de Corinto em **1Co. 11:30,34**. Na igreja primitiva, a ceia, na prática, era uma refeição de comunhão. Mas jamais deveriam sentar-se à mesa por causa da gula, fome ou necessidade.

Era uma mesa, na qual, primeiro Deus aceitou estar conosco! E isso é graça! Mas também é uma mesa, na qual, Ele nos permitiu assentar junto com nossos irmãos, desfrutar da comunhão com Ele e uns com os outros.

Em suma: “*Onde abundou o pecado, superabundou a graça de Deus*”. Nós temos paz com Deus!

Pecar sem querer é pecado?

Levítico 4



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Pecar sem querer é pecado?

Levítico 4

O livro de Levítico traz contornos específicos para cada tipo de sacrifício e nos dá uma ideia de suas aplicações. É comum olharmos para Levítico, e sem a devida atenção, pensar que todos os sacrifícios eram iguais, como se fossem uma massa de sacrifícios por causa de pecados. Não era bem assim.

De fato, a situação pecaminosa da humanidade não podia ser colocada diante de Deus sem o devido tratamento. O Senhor sabia disso quando escolheu Israel e decidiu habitar no meio do povo. Por isso, Deus cuidou para que Israel também soubesse que Ele é Santo. Nós também precisamos estar conscientes dessa escolha graciosa que nos alcançou.

Diante do dilema, a humanidade caída e um Deus Santo, Levítico provia condições para que Israel estivesse consciente de sua condição, em comparação à santidade de Deus. Assim, em arrependimento, nós podemos nos aproximar de Deus, reconhecendo a bondade e misericórdia que o Senhor nos oferece nesse relacionamento com Ele.

Fazendo um apanhado dos capítulos anteriores, vimos os holocaustos que tinham um caráter de expiação, mas principalmente, de aceitação. Uma vez que Deus aceitava o homem, o adorador podia trazer ofertas do seu cotidiano ao tabernáculo. Essas ofertas eram expressas nas ofertas de manjares ou cereais, com as quais, o adorador trazia algo que era parte da sua alimentação

diária como oferta a Deus. Nós vimos também que havia sacrifícios com objetivo de expressar a comunhão com Deus e uns com os outros. As ofertas pacíficas terminavam em refeições, onde o ofertante, sua família, sacerdotes e convidados podiam sentar e comer juntos **Lv. 3** e **Lv. 7:15**.

Até esse ponto, tudo parecia perfeito! Deus estava no meio do seu povo. Os mandamentos do Senhor haviam sido dados, o tabernáculo estava construído e o modelo de adoração estabelecido. Mas aqui surge uma pergunta: E se alguém pecasse? E se alguém fizesse algo que o Senhor disse que não deveriam fazer? Você pode sentir o peso dessa pergunta? Esse é o assunto de **Lv. 4-5**.

O pecado continua sendo pecado seja ele, inadvertido, isto é, mesmo quando pecamos por ignorância, ou por desconhecimento, quando fazemos algo que sem perceber ou querer. Aqui vemos o poder do sangue de Jesus! Lidamos com arrependimento até sobre a nossa falta de capacidade de perceber as nossas falhas em sua totalidade. A graça nunca falha! Ele é fiel e justo para nos perdoar e purificar de **TODOS OS PECADOS**.

v.01 “Disse mais o Senhor”. O Senhor está trazendo novas informações em um novo bloco de prescrições. A natureza dos sacrifícios aqui é diferente da que vimos em **Lv. 1-3**. Lá, todas as ofertas eram chamadas de “*agradáveis ao Senhor*”, aqui, vemos como o pecado é incompatível com a vontade de Deus. Por isso Deus nos chama todos os dias a uma vida com frutos de arrependimento.

v.02 As orientações dadas aqui abrangiam todos os filhos de Israel, ou seja, todo o povo. Desde o sumo sacerdote **v.03**, passando pela congregação (que provavelmente eram as lideranças das tribos e anciãos) **v. 13**, passando pelos príncipes das tribos **v. 22**, chegando até uma pessoa comum do povo **v.27**. Vemos que nem mesmo o sumo sacerdote, por si só, podia prover as condições necessárias para se manter na Presença Santa de Deus. Não havia um justo sequer...

A linha mestra nesse capítulo é a possibilidade de que alguém podia pecar “por ignorância” (ARA), “sem intenção” (NVI) ou “sem querer” (NTLH). A palavra hebraica aqui é *sh'gagah*, e aponta para pecados que acabavam sendo cometidos por alguém que conhecia a lei, mas os cometiam sem a intenção de fazê-los. O homicídio acidental, que hoje chamamos de homicídio culposo¹. Outra aplicação do “pecar sem querer” era quando alguém agia de algum modo sem saber que aquela ação era errada².

v.03 O final do versículo 3 traz a identificação desse sacrifício, e não deixa dúvidas: uma oferta pelo pecado **cf. v.14, 24 e 29**. Assim, mesmo sendo sem intenção, a oferta descrita aqui traz a necessidade de purificação.

Não podemos brincar com o pecado, pois ele é um elemento que se interpõe no relacionamento entre Deus e o homem. A nossa vida espiritual e o nosso comprometimento com Deus afetam

1. O homicídio culposo acontece quando alguém tira a vida de outra pessoa sem a intenção de fazê-lo, mas que acontece devido a um comportamento imprudente, negligente ou imperito, denotando, assim, responsabilidades.

2. Verbete do Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (DITAT).

todos os demais relacionamentos e áreas da nossa jornada. Você pode perceber a importância e necessidade da Cruz do Calvário?

O sacrifício de Jesus na cruz nos posicionou como aceitos diante de Deus, justificados, mas também nos purificou de todos os nossos pecados. E ainda mais, Ele operou de modo que nossa condição fosse transformada. Veja como Pedro nos define: “aqueles que são escolhidos [...] para a aspersão do seu sangue (de Cristo) **1Pe. 1:2**.”

Ele nos purificou de todos os pecados – os pecados que conhecemos e até os que desconhecemos. Sei que isso é desafiador, mas pense no seu dia. Como foi ou está sendo o seu dia? Será que sem perceber, houve algum tropeço? Isso não é iniquidade, mas para isso, precisamos reconhecer constantemente a necessidade do sangue de Cristo sobre nossas vidas.

A purificação em Levítico não tinha um caráter acusatório. Ela tinha o propósito de restaurar o homem, de modo que este pudesse, novamente, desfrutar das bênçãos da aliança com o Senhor, da misericórdia e salvação. Jesus nos purificou sem a intenção “de jogar em nossa cara” o que Ele fez. O Senhor tem um propósito em nos restaurar: Fazer-nos participantes de sua benção e bondade. Ele nos amou!

“O sacerdote ungido” é uma expressão rara no texto bíblico e só ocorre aqui em Levítico. Embora, além de Arão, seus filhos também fossem ungidos sacerdotes, a expressão parece apontar apenas para Arão na figura do sumo sacerdote.

O pecado de um sumo sacerdote seria um pecado “*para escândalo do povo*” (ARA), “*trazendo culpa para o povo*” (NVI) ou “*tornando o povo assim culpado*” (NTLH). Vemos aqui a responsabilidade

que pesava sobre a liderança do sumo sacerdote. Aplicando essa verdade às nossas vidas, até nos dias de hoje, o comportamento de líderes influenciará aqueles que estão sob sua liderança. Isso não quer dizer que se o meu líder pecar, eu estarei inevitavelmente em pecado. Mas o testemunho e o zelo com as sagradas escrituras de um líder, certamente, apontarão caminhos de vida aos seus liderados.

No caso de Arão, o conceito é tipológico e tem implicações salvíficas. O ponto, aqui, é de “*representatividade*”. O sumo sacerdote seria alguém que qualquer um que olhasse veria, tanto nas vestes quanto na conduta, a santidade e a glória de Deus **Ex. 28:36-38**.

Assim, o sumo sacerdote seria o representante da nação em seu ideal de santidade. Se o sumo sacerdote fosse puro e irrepreensível, a nação cumpriria suas obrigações por meio de seu representante. Mas se o sumo sacerdote pecasse, ele não só se tornaria indigno, mas também, todo o povo se tornaria culpado diante de Deus.

v.04, 05, 14 e 15 Perceba como o aspecto representativo de uma coletividade implicava diretamente no valor da oferta. Nesse caso, as ofertas precisavam ser animais valiosos: “*novilhos*”. Observe o contraste com o **v.23** onde poderiam trazer bodes, ou no **v.28**, cabras.

O sumo sacerdote impunha a mão sobre o animal e o imolava de modo semelhante ao holocausto. Com esse gesto, ele reconhecia sua transgressão. Deus, um dia, havia o aceitado, e agora, o sumo sacerdote quebrara a aliança pecando, quer fosse sem

intenção ou por desconhecimento. Só há uma maneira de lidar com as nossas falhas: arrependimento.

Aqui entendemos um pouco do impacto da obra de Jesus sobre nós e da imagem do Sumo Sacerdote Perfeito em Cristo. A expressão “Cristo” significa “ungido”. Jesus é o Ungido do Senhor **Lc. 4:18-19**. Como Sumo Sacerdote Ungido, Ele representa todo um povo! Nós somos esse povo! Enquanto no AT, os sumo sacerdotes precisavam oferecer ofertas de purificação pelos seus pecados, Jesus como Sumo Sacerdote Perfeito, embora tentado em todas as coisas, enfrentou cada uma delas sem pecar. Ele fez isso com um objetivo. Qual?

Veja **Hb. 4:14-16**. Para que nós recebêssemos misericórdia e graça para socorro em ocasião oportuna. Se o nosso Sumo Sacerdote é sem pecado, que povo Ele representa? E ainda mais, se o nosso Sumo Sacerdote é Criador, que povo Ele está trazendo à existência? Nós podemos confiar na Obra Dele! Nós fomos purificados no seu sangue vertido na Cruz **Rm. 8:31-33**.

v.06, 17 Esses versículos trazem um aspecto particular relacionado ao caráter da representatividade do coletivo. No sacrifício, uma parte do sangue do animal era coletada com uma bacia, e o sumo sacerdote, molhando o dedo no sangue, aspergia dele sete vezes “*diante do véu*” (ARA). O véu era a “*divisória*” entre o Santo Lugar e o Santíssimo Lugar, também chamado de Santo dos Santos.

Esse era o limite na antiga aliança. O sangue de um animal aspergido diante do véu que dava acesso ao santo dos santos. Para ir além desse véu, o sumo sacerdote precisava esperar um

dia específico do ano³. Mas agora, veja **Hb. 10:19-21**. O véu foi rasgado e não falamos do sangue de um animal por um pecado, mas do sangue de Jesus que nos purificou e habilitou a fim de entrarmos na presença do Eterno todos os dias para sempre.

v.07, 18, 25, 30 e 34 Novamente, há detalhes que revelam princípios que estavam por trás dessa prescrição. O sangue levado até o véu também era usado para que, com o dedo, fosse aspergido sobre “os chifres” (ARA) do altar de incenso. Eram “as pontas do altar” (NVI), pois o altar tinha quatro pontas que pareciam chifres. O ponto é que o altar precisava ser purificado.

Sabemos que o sangue era o instrumento de purificação. Isso é importante aqui, pois, se alguém pecasse, não somente o indivíduo se tornaria impuro, mas a terra também passava a ser contaminada, bem como, até o santuário seria assim profanado **cf. Lv. 18:24-25,28 e Lv. 20:3**. Para se ter uma ideia, **Dt. 21:1-9** fala que se um homicídio ocorresse num lugar, aquele local carregaria essa culpa. O poder do sangue de Jesus é incomparável, pois ele afetou todas as áreas da nossa vida: família, trabalho, planos, prioridades e relacionamentos.

Lv. 4 ensina-nos que o pecado não só contaminava o homem, mas também o santuário, tornando-o impróprio e indigno para que Deus habitasse. Na antiga aliança, o homem e o santuário eram duas realidades distintas, contudo, hoje sabemos que o Senhor não habita em templos feitos por mãos humanas, mas Deus nos fez sua casa **1Co. 3:16**. Cuidar do nosso relacionamento com o Senhor é dedicar essa casa espiritual de modo apropriado

3. Veja Levítico 16 para entender sobre o Dia da Expição.

a Ele. Por isso, peça ao Pai e ao Espírito para te liderarem nesse processo **Gl. 5:22-25** e **Ef. 5:18**.

Veja como os detalhes em Levítico eram extremamente organizados e coerentes:

v.08-10, 19, 26, 31 e 35 Após o pecador ser purificado, bem como o lugar de adoração restaurado pela aspersão do sangue, então a gordura, os rins e as entranhas poderiam ser queimadas sobre o altar do holocausto.

O que esse detalhe nos lembra? Veja **Lv. 3:3-5**. As ofertas pacíficas! Essas eram as partes oferecidas ao Senhor como aroma agradável. Tanto a gordura, considerada a melhor parte, bem como as entranhas, uma metáfora do cerne das emoções mais profundas, ambas poderiam ser oferecidas ao Senhor novamente. Veja o **v.31** “*Aroma Agradável ao Senhor*”.

O sacrifício de purificação diz: “*Você tem mais uma oportunidade para recomeçar*”. Esse é exatamente o ponto da graça que nos alcançou. Na Cruz de Cristo encontramos o nosso Sumo Sacerdote dizendo “*Vá e não peques mais*”. “*Recomece*” **cf. Jo. 8:10-11**.

Levítico 4 é extremamente profundo porque toca em nossas fragilidades. Até quando pecamos sem querer ou perceber isso ainda é um pecado que nos colocaria em risco de juízo, se não fosse o sangue de Cristo, e nossa fé reconhecendo quem somos e quem Jesus é.

O pecado afeta nosso relacionamento com o Senhor. Isso precisa produzir contrição e tristeza em nós **2Co. 7:10**. Veja também **Mt. 26:75**, no contexto em que Pedro negou Jesus. Quan-

do essa contrição avança para o arrependimento, a salvação nos alcança!

Essa tristeza pode ser vista numa sombra aqui em Levítico:

v.11-12, 21 Em contraste com as ofertas pacíficas que podiam ser consumidas numa refeição de comunhão, se as ofertas fossem pelos pecados do sumo sacerdote, ou da congregação, o restante do animal deveria ser levado para fora do arraial a fim de ser queimado. Eles arrumavam a lenha sobre as cinzas, e deixavam todo o restante da oferta lá, sobre as cinzas, queimando.

Se a oferta fosse pelo pecado de um príncipe (ARA) ou líder (NVI), o sacerdote poderia comer dessa carne, mas o ofertante, jamais! Os objetivos das ofertas pacíficas em **Lv. 3** eram comunhão e alegria. Aqui, os objetivos são purificação, contrição e arrependimento.

Assim, vemos como olhar para a Cruz revela um oceano de graça. Nós éramos os enfermos, os transgressores por natureza, os iníquos, os desgarrados e desviados **Is. 53:4-6**. Contudo, Jesus, em sua obra, em seu penoso trabalho, Ele justificaria a muitos. Jesus se tornou o Intercessor de transgressores **Is. 53:11-12**.

v.20, 26, 30-31 Jesus também fala a nós, do mesmo modo como esses versículos terminam,: *“Tem bom ânimo, filho, estão perdoados os teus pecados”* **Mt. 9:2**.

Esse é o ponto decisivo para alguém que deseja receber a dádiva de travar um relacionamento com Deus em Cristo. Por vezes, tropeçaremos nessa jornada. Talvez, sem intenção ou sem

saber que erramos. Mas há uma oportunidade de aprender e amadurecer sendo restaurados Nele.

Por isso podemos, e devemos, declarar em confissão e confiança **1Jo. 1:8-9**.

“Ele é fiel para nos perdoar os pecados e purificar de toda injustiça”.



Purificados para carregar azeite e incenso

Levítico 5:1-13



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Purificados para carregar azeite e incenso

Levítico 5:1-13

Entrar em relacionamento com pessoas é desafiador. Vamos descobrir que, na maioria das vezes, as pessoas pensam diferente de nós. Por vezes, elas reagem às situações de um modo que não esperamos. Alguns se entristecem ou até se ofendem com algo que dizemos ou fazemos. O ponto é que para nós, pensamos estar agindo de um modo normal, porém, no pensamento de outra pessoa, nossa atitude ou fala pode ser ofensiva.

Levítico 5 vai nessa direção. Deus providenciou um ambiente para que seu povo fosse aceito diante Dele **Lv. 1:3**. As realidades cotidianas haviam sido afetadas por esse relacionamento de santidade **Lv. 2**. O povo podia desfrutar de alegria e paz com Deus, como era expresso nas ofertas pacíficas **Lv. 3**. Nesse ponto, caso alguém pecasse sem intenção, ou por falta de conhecimento, vimos o Senhor se revelando em graça e misericórdia perdoadando o pecador **Lv. 4:35**. O Senhor é o Deus que perdoa pecados.

Agora, em **Lv. 5**, perceberemos que o relacionamento com Deus também modela nossos relacionamentos uns com os outros. E ainda, se por vezes, em nossos relacionamentos humanos ofendemos o outro com nossas palavras e atitudes, também deveríamos nos perguntar a respeito do nosso relacionamento com o Senhor: Que tipos de coisas ofendem a Deus? Será que há comportamentos que são incompatíveis com a santidade do Senhor?

Essa porção de Levítico nos dará alguns exemplos (não todos) para que possamos entender o princípio e, à luz dele, abordar as demais circunstâncias que surgirão em nossas vidas.

v.01 O contexto é de um julgamento ou de decisões comunitárias, “*tendo ouvido a voz da impreciação*” (ARA), isto é, alguém vai sofrer um dano ou consequência, e uma testemunha está sendo perguntada do fato. Não falar o que você sabe pode afetar a decisão final, fazendo dela uma decisão injusta. Essa omissão ofenderia a Justiça de Deus.

Esse julgamento poderia ser visto como Deus fazendo justiça ou retribuindo algo, mas na verdade, a pena que essa pessoa sofreria injustamente foi fruto de uma omissão. Note que a situação está no contexto de testemunhas de um fato sendo perguntadas sobre o que viram.

O **Sl. 89:14** é um versículo de um salmo com a promessa do reino messiânico de Cristo, onde justiça e direito são fundamentos. Mas a graça e a VERDADE são os elementos que abrem esse caminho.

Gl. 2:11-14 nos dá um exemplo em que Pedro precisou ser confrontado por Paulo por causa da omissão de Pedro quanto a um debate judaizante entre os gálatas, mas especificamente sobre sentar-se com gentios para comer. A graça e a verdade devem preceder nossas falas, a fim de que nos esforcemos para comunicar a vontade de Deus em nossas palavras e ações.

v.02-03 Aqui, dois conceitos surgem: “*impureza*” e “*oculto*” (ARA), “*sem ter consciência*”(NVI).

É importante manter em nossas mentes a distinção entre o santo e o comum. Tudo que não for santo em Levítico é comum. As coisas comuns podem ser puras ou impuras. A pureza é o estado ou condição espiritual das coisas que podem ser trazidas diante de Deus, e assim, serem santificadas.

Aquilo que é impuro precisa, primeiro, ser purificado, para então ser trazido diante de Deus como algo santo. Por exemplo, no AT, se alguém tocasse num cadáver de um animal ou humano, essa pessoa estaria contaminada. Veremos o porquê nos próximos capítulos. Mas aqui, Levítico 5 está nos apontando a existência de um caminho para a purificação.

A ideia de “*ser oculto*”, no contexto, traz o sentido de esquecimento. Veja no **v.04** sobre o juramento. Não é possível fazer um juramento e este ser oculto a nós. Então aqui, “*oculto*” teria o sentido de “*oculto da memória*”, fazer algo sem a consciência ou por esquecimento.

No NT, vemos algo que nos remete a essa situação. Jesus nos purificou ao entregar-se de modo sacrificial pela sua Noiva, a Igreja **Ef. 5:25b-27**. Uma vez posicionados como “*santificados*”, nós somos chamados a uma conduta compatível com nossa nova identidade **2Co. 6:18 - 7:1** e **Tg. 4:8**. Não podemos perder a consciência de nossa posição Nele, se não, fracassaremos.

v.04 Outra postura incompatível com a santidade de Deus são os juramentos ou promessas precipitadas. A palavra hebraica aqui está no tronco *piel*, e por isso traz o sentido de “*falar imprudentemente*”. Esse é o tipo de fala que tende ao esquecimento e devemos cuidar para que isso não faça parte da nossa forma de falar.

Concordamos que os **v.02-03** tocam em temas cerimoniais. Mas eles estão no contexto dos **v.01** e **04**, onde os temas enfatizam problemas morais e éticos: omissão e promessas precipitadas. Então, o que une esses versículos?

v.05 Nós somos responsáveis pelas nossas escolhas. Reconhecer isso em Cristo torna esse reconhecimento em confissão e arrependimento, brotando desse lugar perdão e remissão. Que nunca saia de nossos corações a lembrança de que Jesus carregou os nossos pecados sobre Si. Foi por mim e por você!

Essa realidade exalta a graça de Deus **Ef. 1:4-7**.

v.06-07, 11 Deus está cuidando para que não haja aceção de pessoas por motivos sociais ou econômicos. A variedade de ofertas pela culpa vai de novilhos, passando por cordeiros, cabritas, e caso não houvesse condições financeiras, poderiam ser rolas, pombinhos, e por fim, até flor de farinha.

A Presença do Senhor é um lugar onde todos com corações quebrantados e sinceros podem se aproximar. Com esse coração, sabemos que a oferta que nos purificou foi oferecida na Cruz do Calvário pela graça.

v.08-09, 10 Esses versículos descrevem o sacrifício, caso fossem aves. Note que deveriam ser duas rolas ou dois pombinhos. Uma ave para a oferta pelo pecado e outra para um holocausto.

A ordem desses sacrifícios é extremamente importante. O holocausto apontava para um sacrifício, no qual, o homem era aceito diante de Deus **Lv. 1:3**. Porém, nesse relacionamento com Deus, caso o homem pecasse, antes, era necessário primeiro trazer uma oferta pelo pecado, ou seja, uma oferta de purificação.

Após essa confissão e purificação, o homem estaria apto novamente a oferecer um holocausto, sendo assim aceito diante de Deus.

v.12-13 O mesmo aspecto pode ser visto quando a oferta de purificação era trazida em flor de farinha. A porção memorial era queimada como oferta pelo pecado SEM AZEITE E INCENSO. Agora, vá em **Lv. 2:2** onde uma porção memorial era queimada como aroma agradável ao Senhor com azeite e incenso. Ali não era uma oferta pelo pecado, por isso havia azeite e incenso!

Mas veja que depois que a oferta pelo pecado era oferecida, e o pecado perdoado, o restante era tratado como uma oferta de manjares (ARA) ou de cereais (NVI). Isso indica que o cotidiano daquele homem era novamente parte de algo agradável ao Senhor.

A necessidade de purificação dos pecados não é porque Deus seria colocado em risco pela contaminação dos nossos pecados, até porque Ele veio a nós quando ainda estávamos mortos em nossos próprios pecados. Mas éramos nós, que corríamos o perigo de nos encontrar com Ele no Grande Dia. Nós estávamos sem Deus nesse mundo! Éramos filhos da ira vindoura **Ef. 2:3**.

Sl. 24:1 nos diz que do Senhor é a terra. **Ef. 1:10** fala que todas as coisas dos céus e da terra estão convergindo em Cristo. Tudo está em rota de colisão com as chamas santas.

Is. 34:2 nos mostra que Deus destinou todas as nações para a “destruição”. A palavra hebraica ali é *‘haram*, e em seu sentido básico significa “impedir o uso ou abuso de um objeto por parte do homem, e entregá-lo IRREVOGAVELMENTE a Deus. Veja **Lv. 27:28** na expressão “*consagrada*”. Seria proibir o uso de algo especial no uso comum.

As chamas santas possuem facetas de misericórdias, pois hoje, essas mesmas chamas nos purificam. Mas tudo que não for purificado produz a ira divina e será consumido no Grande Dia. Assim, Levítico nos mostra que a santidade de Deus pode se expressar em ira quando o pecado não é expiado e a culpa não é removida.

O grande chamado de Israel, bem como o nosso, era ser o povo santo de Deus com quem Ele habitaria. Aqui, nos deparamos com a importância da purificação dos pecados no AT por meio dessas ofertas. Hoje, na Nova Aliança podemos glorificar a Deus, pois, por meio do sangue de Jesus essa purificação alcançou nossas vidas.

Ap. 7:9,14 nos diz que no Grande Dia haverá uma multidão incontável de todas as nações, todos com vestiduras lavadas no sangue do Cordeiro. Assim, uma vez que fomos alcançados pelo sacrifício de Jesus, que o Amor Dele também afete nossa maneira de viver. **Ef. 4:28-30** “*Não entristeçais o Espírito*”.

Essa Presença alegre e vívida do Espírito resplandecerá em nosso rosto. Observe que o fato da oferta pelo pecado no **v.11** não conter azeite e incenso é extremamente significativa.

Nós vimos em **Lv. 2** que o azeite é um símbolo da Presença do Espírito, a unção de Deus. O incenso é uma metáfora das orações que sobem até a Presença de Deus.

Omissão, promessas precipitadas e compromissos não cumpridos são pecados diante de Deus como uma prática pecaminosa deliberada. Alguém até pode pensar que não são “pecados tão escandalosos”, mas ainda assim, precisamos nos arrepender. Entretanto, há boas notícias: O sangue de Jesus nos purifica de toda injustiça. Contudo, isso só será verdade sobre nós quando nos despirmos de nosso senso de justiça própria.

Reconhecemos que nossa situação era irreversível por nossos próprios esforços. A Cruz nos desfaz completamente em nossa vergonha e incapacidades, mas ao mesmo tempo, ela nos refaz em dupla honra e capacitação do Espírito para vivermos uma vida de santidade em Deus todos os dias.

Ele nos purificou para carregarmos o azeite, da sua unção! Mas também para queimarmos incenso, pois Deus ouve nossas orações. Ele nos purificou para desfrutarmos desse relacionamento gracioso Nele! Então desfrute disso hoje!

A restituição perfeita por nossas ofensas

Levítico 5:14-6:7



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



A restituição perfeita por nossas ofensas

Levítico 5:14 - 6:7

Chegamos ao encerramento de um bloco de prescrições direcionadas a todos os filhos de Israel que se iniciou em **Lv. 1:2**. Assim, vale à pena costurar as prescrições vistas até aqui.

Os holocaustos eram ofertas, por meio das quais, havia um lembrete de que Deus aceitara graciosamente o adorador diante Dele **Lv. 1:3**. Nesse lugar de relacionamento com Deus, ofertas de cereais, que expressavam parte do cotidiano do povo, eram trazidas **Lv. 2**, bem como, as ofertas pacíficas **Lv.3**, expressando paz, comunhão com Deus e uns com os outros. Caso houvesse algum tropeço e o homem pecasse, fosse por desconhecimento, sem intenção **Lv. 4**, ou até por esquecimento (oculto da memória) **Lv. 5**, esse pecador seria perdoado mediante um sacrifício de purificação.

Aqui, nessa porção, encontramos o último item da lista de sacrifícios.

v.14-15 O Senhor continua falando a Moisés. O assunto ainda é sobre “*ofensa e pecar por ignorância*” (ARA) ou “*cometer um erro, pecando sem intenção*” (NVI). Como vemos no **v.15**, o tema ainda é a culpa, mas um novo elemento fará que essa oferta seja distinta das demais ofertas vistas até agora: a restituição.

O primeiro passo é tentar entender o que significava “*cometer um erro sem intenção*” (NVI) “*nas coisas sagradas do Senhor*”

(ARA). Em **Lv. 27:2,9** (e outros versículos desse capítulo), vemos que tudo que era dedicado ao Senhor passava a ser considerado santo. Veja como o princípio “pureza > consagração > santo” se aplica aqui.

Para que fique mais claro, veja o exemplo de **Lv. 2:3**. Ali, sabemos que após ser tirada a porção memorial da oferta de cereais, o restante pertenceria ao sacerdócio. Uma pessoa comum do povo não poderia comer dessa porção. Caso alguém comesse dela, estaria enquadrado nesse caso **cf. Lv. 22:14**.

Assim, essa violação exigiria uma “restituição” prevista juntamente com uma oferta pela culpa. Aqui há um ponto que distingue as ofertas de restituição: Nessas ofertas, o único animal aceito seria um carneiro. Os carneiros até podiam ser ofertados em outros contextos, como nos holocaustos **Lv. 1:10** ou nas ofertas pacíficas **Nm. 6:17**.

Contudo, outros animais também podiam ser oferecidos nos demais sacrifícios. Mas aqui, nas ofertas de restituição, não! Isso era uma marca específica quando a oferta pela culpa era oferecida em contextos de restituições.

v.16 A restituição era prevista do seguinte modo:

Devolver o que ele havia tirado das coisas sagradas.

E acrescentar 1/5, ou seja, 20%, no momento da devolução.

O conceito aqui é de reparação.

Veja que o carneiro era oferecido pela culpa. A devolução da parte tirada era um fruto de arrependimento. Por fim, os 20% funcionavam como uma reparação pela ofensa cometida.

Havia um pacto, uma aliança. A violação dessa aliança seria uma quebra de confiança. Mas ainda assim, vemos o Senhor cheio de graça para perdoar a ofensa, caso houvesse confissão. A palavra ofensa, no hebraico, é *ma'al* que significa “transgressão”. Essa palavra aparece novamente em Levítico em **Lv. 26:40**, exatamente no contexto de confissão de infidelidade, ou seja, uma quebra de aliança.

O mandamento em si era para vida. A lei era boa, mas por causa do pecado, houve transgressão, ofensa e morte **cf. Rm. 7:10-13**.

A questão crucial era que o homem não poderia prover o sacrifício que solucionasse o problema definitivamente. Só Jesus trouxe a resposta suficiente para esse dilema. Pela ofensa de um, (Adão), muitos morreram, mas pela graça de um só homem (Jesus), essa graça foi concedida para a justificação de muitos **Rm. 5:15-16**.

v.17 “*Se [...] pecar e fizer contra algum de todos os mandamentos*”. A lei não era legalista, escolhendo o que cumprir ou não. Até no NT vemos esse princípio em **Tg. 2:10-11**. Jesus censurou os fariseus justamente por seu legalismo seletivo **Mt. 23:23-24**.

Levítico chama o povo a uma entrega completa. Caso pecassem contra um dos mandamentos, mesmo que por desconhecimento, eles levariam sobre si as suas iniquidades. Por isso, se alguém tivesse a suspeita de ter cometido algum pecado, melhor

seria levar um sacrifício. Embora não seja no contexto da lei, vemos Jó se movendo com esse entendimento em **Jó 1:5**.

v.18-19 A oferta deveria ser, novamente, um carneiro sem defeito, ou “*a tua avaliação*” (ARA). Essa avaliação era feita em siclos de prata. O tabernáculo mesmo tinha seus pesos e sistemas de pesagens próprios.

A imagem de um valor aponta para a ideia de que o pecado produz uma dívida que o homem contrai com Deus. Veja **Cl. 2:13-14**. Colossenses fala de um escrito de dívida que, na cultura da época, seria um documento preenchido pelo devedor reconhecendo sua dívida. É como se víssemos a humanidade em Adão como alguém que devesse obediência a Deus.

Mas Adão pecou, e pela ofensa de um, todos também pecaram. O julgamento do pecado de um resultou numa multidão de ofensas. Ninguém poderia fazer o caminho de volta. Assim, vemos o verdadeiro evangelho: O Cordeiro de Deus encravando nossa dívida na Cruz, reparando a ofensa contra Deus, e assim, satisfazendo a Justiça Divina.

Lv. 6:1-3 Outro aspecto surge na sequência do texto: “*Um pecado contra o próximo é uma ofensa contra o Senhor*”. E os pecados aqui listados não são mais chamados de “*pecados por ignorância*”, “*sem intenção*” ou “*sem querer*” (NTLH). Essa é uma realidade neotestamentária **1Jo. 4:20-21**.

Em **Sl. 51:4**, vemos como Davi reconheceu isso após ter possuído Bateseba. Ele não pecou apenas contra o seu próximo, mas também pecou contra Deus.

A falta de fidelidade na guarda de objetos – Caso alguém deixasse alguma coisa em depósito com outro, e no momento em que lhe fosse pedido, negasse dizendo que não havia sido deixado nada com ele em momento algum.

Negar que algo fosse deixado como penhor. Provavelmente fala de desonestidade em garantias que uns davam aos outros.

Usar de extorsão para com o próximo. No hebraico *‘ashaq* – “oprimir”, “violar os direitos ou a propriedade”, “defraudar”, “obter fraudulentamente” **cf. Lv. 19:18 e Zc. 7:10.**

E para que não pensemos que só os ricos oprimem os pobres, veja **Pv. 28:3.**

“Roubar”. A palavra hebraica aqui é rara no AT. Mas a expressão *gazel* tem uma raiz que significa “apoderar-se, arrancar, puxar para fora, tirar à força” (DITAT).

Mq. 3:2 usa essa palavra de modo figurativo com a expressão “arrancar a pele”.

Em **Sl. 62:10**, surge no texto na expressão “rapina”, que é o roubo com violência.

v.03 As possibilidades se expandem:

Fala da possibilidade de alguém que achasse algo que pertence a outro, mas quando perguntado sobre isso, negasse. Por vezes nos surpreendemos quando ouvimos relatos de pessoas que encontraram grandes valores e procuraram meios para a devolução. No entanto, essa deveria ser nossa postura sempre, uma vez que o amor ao próximo queima em nós.

“Ou se jurar falsamente a respeito de qualquer coisa” (NVI). Para o homem natural esse comportamento não lhe afeta a consciência. No AT, abusar de um juramento não era permitido em hipótese alguma. Os fariseus, com suas tradições, postularam níveis de juramentos para que pudessem manipular as Escrituras de acordo com interesses próprios **Mt. 23:18-22** e **Tg. 5:12**.

v.04-05 Essas prescrições falam de ofertas de restituição. Um ponto precisa ser enfatizado aqui, e faremos isso com os olhos no NT, pois tais princípios continuam vivos.

A ofensa contra o próximo também é uma ofensa contra o Senhor. E mais, toda ofensa gera uma dívida de reparação. Veja que no **v.06** falará sobre a oferta que deveria ser entregue ao sacerdote, mas antes de ser levada a oferta ao altar **Mt. 5:23-24**.

O nosso culto ao Senhor não é mecânico, como se estivéssemos seguindo um roteiro ou cronograma, sem que o Espírito Santo não estivesse abrindo os nossos olhos. O objetivo do Espírito é que nossa entrega seja agradável ao Senhor.

Do mesmo modo que temos um coração disposto a ir até o próximo e pedir perdão, também temos que ter o coração disposto a perdoar quando alguém vier até nós **Mt. 6:12,14-15**. Veja como o entendimento em Levítico traz clareza sobre o assunto.

Jesus está ensinando suas palavras para aqueles que são seus discípulos, “sal da terra” e “luz do mundo” **Mt. 5:13-14**. Todos que são sal e luz foram aceitos diante do Mestre. Ao ouvir seus ensinamentos, são chamados a modelar seus cotidianos com o que estão ouvindo, sendo sustentados pelo Pai. “O pão nosso de cada dia

dá-nos hoje” **Mt. 6:11**. Eles estão ouvindo Jesus, Aquele que perdoa pecados e purifica pecadores. Ali eles desfrutam de paz com Deus e comunhão uns com os outros.

Nesse ponto, percebemos que o perdão que liberamos é o perdão que recebemos. Mas se negarmos o perdão ao próximo, negamos que tínhamos uma dívida com ele **Rm. 13:8**. E se não perdoamos, uma vez que já fomos perdoados pelo Pai Celestial, pecamos porque a Palavra nos diz que isso é devido ao nosso próximo.

Ao reter o perdão que deveríamos liberar estamos pecando. E se nos mantivermos com essa postura, não há frutos de arrependimento em nós. E sem arrependimento, como o Pai Celestial nos perdoará as nossas ofensas? Não me refiro às antigas que carregávamos antes de aceitarmos o senhorio de Cristo. Mas exatamente a ofensa da retenção do perdão que devemos ao próximo hoje.

Veja que não é perdoar para ser perdoado, mas perdoamos porque fomos infinitamente perdoados. Veja a Parábola do Credor Incompassivo **Mt. 18:23-25**.

O verdadeiro arrependimento produzirá sobrenaturalmente o desejo de reparação. Veja **Lc. 19:1-10** sobre Zaqueu. Esse publicano entendeu que havia defraudado pessoas e isso exigia uma restituição.

v.06-07 Após a restituição, agora podemos voltar ao altar. O carneiro poderia ser trazido, o sacerdote fazer a expiação pela culpa e seria então perdoado de qualquer coisa que houvesse feito.

Lv. 5:17 diz que o pecador “*levaria sua iniquidade*”. O peso da culpa...

O significado mais profundo da oferta de restituição está nas palavras proféticas de Isaías quando ele apontou para o Servo do Senhor em **Is. 53:5-6**.

Ele sofreu em nosso lugar! Carregou os nossos pecados! Um sacrifício substitutivo.

A substituição foi tão perfeita que Ele é visto por Isaías como o aflito, e como se fossem os seus próprios pecados, mas eram os nossos pecados! Não conseguiam perceber que aquela cruz pertencia à humanidade. E aqui está o porquê da perfeição da substituição: Ele queria que fosse verdadeiramente Dele por amor a nós.

Essa imagem de restituição ganha ainda mais clareza em **Is. 53:10**. Note que em **Lv. 5:15**, a palavra hebraica é *'asham*. Essa é a mesma palavra usada em **Is. 53:10** quando ele diz que “o Senhor agradeu moê-lo [...] quando der a sua alma como oferta [*pelo'asham*] pelo pecado”.

Veja que o sacrifício de Jesus não foi apenas o holocausto perfeito que nos fez aceitos diante de Deus. O sacrifício de Jesus não cumpriu apenas as ofertas pacíficas que culminavam na mesa da comunhão. Ou somente um sacrifício de purificação, o qual nos purifica de toda injustiça...

Na Cruz, Jesus também cumpre, perfeitamente e eternamente, o sacrifício da restituição e compensação das nossas ofensas contra Deus provocadas pelos nossos pecados. Ele é o sacrifício da satisfação de toda Justiça exigida por Deus.

Nós fomos perdoados pelo Deus Justo. No final de todas as coisas, ouviremos a canção de **Ap. 15:3-4**.

Aceitação! Expição! Comunhão! Purificação e Satisfação de toda Justiça... Jesus é MARAVILHOSO!

Com os olhos nas chamas perpétuas

Lv. 6:8-13



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Com os olhos nas chamas perpétuas

Lv. 6:8-13

O termo que dá nome ao livro de Levítico em nossas versões em português é de origem grega, *Λευιτικόν* – Leuitikon, que significa “*coisas concernentes aos levitas*”. O nome é, de fato, muito apropriado, mas não deve ser levado ao extremo do seu sentido, como se estivéssemos lendo algo restrito aos levitas ou secreto ao restante do povo. Levítico não é um conhecimento especial e oculto, reservado para apenas alguns escolhidos.

O projeto de Deus para o seu povo é claro, e Moisés sabia disso. Veja **Ex. 19:6**, “*um reino de sacerdotes*”. Certamente, Israel é uma semente desse projeto, mas somente em Cristo ganhamos clareza sobre o alcance e impacto do que Deus estava falando a Moisés. Em **1Pe. 2:9-10**, vemos que todos nós, como cristãos, também fomos contemplados por essa benção.

Essa verdade está sendo declarada na eternidade e o mundo espiritual a reconhece **Ap. 5:9-10**. Nós também precisamos nos apropriar dessa declaração e nos conduzir em Cristo. O projeto sempre foi um reino de sacerdotes.

Não é por menos que **Lv. 1-5:7** fornece instruções sobre como o povo deveria trazer as ofertas para os sacrifícios diários. Por vezes, alguns pensam que a realização de um sacrifício no AT era exclusivamente lidar com um problema gerado pelo pecado que precisava ser expiado. Já vimos que não é bem assim. Existiam sacrifícios agradáveis oferecidos no ambiente de comunhão e santidade.

As instruções até aqui foram destinadas a todo o povo: “*Fala aos israelitas*” **Lv. 1:2**. A nação não podia esquecer que o Senhor, o Deus Único Santo, tinha uma habitação no meio do arraial. A lei condicionava o povo, de modo que não fossem consumidos pela Presença Santa. Era uma porção de graça e misericórdia. Agora você também tem o privilégio da Presença! O Senhor te escolheu para habitar dentro de você como Povo do Senhor!

Na Aliança dada no Sinai⁴, ou Aliança Mosaica (dada a Moisés), estavam previstas bênçãos e maldições, bem como promessas e responsabilidades. Com isso em mente, nos voltamos para **Lv. 6:8-13**, onde alguns detalhes a respeito da conduta de adoração são acrescentados. Entretanto, o enfoque é diferente, pois a ordem é dada a Arão e seus filhos.

v.08-09 “*Dá ordem a Arão e a seus filhos*”. Se você fosse um sacerdote nos dias de Moisés, certamente você estaria interessado no culto e em cada detalhe, para que tudo fosse realizado como o Senhor desejava. Isso fazia parte da responsabilidade do sacerdote.

Aqui, vemos como que esses princípios permanecem vivos no NT. Hoje, nós também deveríamos nos perguntar sobre a qualidade do culto que estamos oferecendo ao Senhor. Se nossas vidas são trazidas por inteiro com sinceridade, contrição e rendição. Como adoradores de um reino de sacerdotes, esse princípio precisa nortear nossa vida de adoração.

4. Também chamada de Aliança Sinaítica.

Nós vimos algumas prescrições sobre o holocausto, também chamado de “*ofertas queimadas*” em **Lv. 1**. Existiam outras ofertas oferecidas ao Senhor no fogo santo, mas essa expressão era um termo técnico para o holocausto.

Agora, algo novo é acrescentado: “*Que o fogo no altar das ofertas queimadas nunca se apague*”. Isso era um dever do sacerdote. Eis a responsabilidade: Deus me dá o fogo, eu o mantenho aceso. Deus está agindo, e nós entramos em parceria com Ele. Devemos nos sentir privilegiados por cooperar com a obra Dele.

O holocausto era uma oferta que precisava ser queimada por completo. Em outras ofertas, por exemplo, as de cereais ou as pacíficas, os sacerdotes e até o ofertante podiam desfrutar delas como sustento e refeições. Mas o holocausto, não!

Era uma oferta de aroma agradável ao Senhor, não ao homem. Elas pertenciam ao Senhor por completo. Note que nas ofertas de cereais, apenas as porções memoriais eram queimadas. Nas ofertas pacíficas apenas a gordura e as entranhas eram queimadas. O restante era direcionado ao homem. Já o holocausto devia ser completamente consumido “*sobre a lareira do altar*”.

O fato do homem não participar de nenhuma parte do holocausto apontava para a aceitação de Deus em favor do homem. Era um favor que vinha de Deus de modo unilateral, era graça. A predisposição do Senhor em nos aceitar é graça! Nenhuma obra, nenhum movimento humano, nenhum mérito: Favor Imerecido. Por isso o holocausto pertencia somente ao Senhor.

É lindo perceber que esse gesto de aceitação acontece “*sobre a lareira do altar*”. Em **Is. 29:1**, embora o profeta use palavras hebraicas diferentes, Isaías diz que Israel, o povo do Senhor, se

tornará “Ariel de Deus”, uma “Lareira de Deus”. E quem poderá habitar no meio do fogo devorador? **Is. 33:14**. Há um temor que nos invade diante dessa verdade.

Davi sentiu esse temor e também fez essa pergunta. Por revelação divina ele recebeu a resposta que foi deixada a nós **Sl. 24:3-4**. O Senhor está nos trazendo à existência como um povo purificado e dedicado a Ele.

“Toda a noite até pela manhã”. Aqui, nos concentramos numa das partes mais difíceis da tarefa: manter o fogo aceso a noite toda.

Muitas ofertas eram trazidas ao tabernáculo durante o dia. No início da manhã, um holocausto era colocado sobre o altar. Assim iniciava-se o turno de sacrifícios diários. No fim do dia, outro holocausto era oferecido encerrando as ofertas diárias. Após esse último holocausto, não haveria nada até a manhã do dia seguinte.

Aqui está o ponto: Sem o devido cuidado, o fogo se apagaria. O fogo no altar não poderia se extinguir entre um culto e outro. E como nós vivemos quando não “há nada” entre um culto e outro? Como nos conduzimos quando a noite cai?

No momento em que os olhos dos homens não estão sobre nós. Esse é o lugar onde só o Senhor pode nos sondar. Há um Deus que nos vê **Sl. 139:1-5**.

Quando as trevas caem, a escuridão tenta dominar os nossos corações e pensamentos em meio às adversidades. Mas o Senhor é Aquele que ilumina os olhos dos nossos corações **Ef. 1:17-19**.

À noite, muitas vezes, é cercada de lágrimas. Mas existe um tempo de refrigério e descanso **Sl. 30:5**.

E como Igreja, nós somos um povo escatológico. E sabemos que existe uma noite escatológica, o mundo está em trevas. Mas vem o raiar do Grande Dia **Rm. 13:11-12** e **Sl. 110:3**.

Assim, no Tabernáculo, enquanto o dia não raiasse, lá estavam os sacerdotes focados em uma só coisa: A chama não se apagará. Enquanto aguardamos o Grande Dia, nós não deixaremos a chama se apagar em nossos corações! Maranata, vem Senhor Jesus!

v.10 Mas pense numa coisa: O altar precisava ser limpo todos os dias. A cada manhã era necessário retirar as cinzas do altar. Sem essa manutenção, os sacrifícios produziram um acúmulo de cinzas e carcaças fumegantes.

A manutenção do altar era responsabilidade do sacerdote. Deus nos purificou, mas, guardar o que recebemos é nossa responsabilidade **Ap. 3:11**. Aqui, vemos que a adoração que oferecemos ontem era para o dia de ontem. Hoje, há algo novo em meu coração para entregar ao Senhor. O sacrifício de ontem, hoje, é apenas cinzas. Precisamos limpar o altar e entregar nossa vida todos os dias como é dito em **Rm. 12:1-2**.

Para essa manutenção do altar, o texto destaca o ato de despir-se e vestir-se em duas direções.

O sacerdote deveria vestir sua túnica de linho e os calções de linho para se aproximar do altar. Mesmo que fosse somente retirar as cinzas, ele deveria estar vestido com as vestes sacerdotais. Não há tarefa simples no Reino de Deus que possamos fazer sem estarmos vestidos em santidade.

“Sobre a pele nua”, ou seja, não se tratava de uma capa de santidade sobre uma roupa comum. Nós precisamos nos despir de nossa justiça própria. Em **Is. 64:6**, nossa justiça própria é vista

como “*trapos de imundícias*”, eram trapos usados na antiguidade para conter o fluxo de sangue nos ciclos naturais das mulheres. Segundo a lei, qualquer um que tocasse nesses trapos seria considerado impuro.

Despimo-nos de nossa justiça própria para recebermos a justiça que vem de Deus. Uma vida de santidade não revela quem nós somos. Revela quem Deus é! Ele é Santo!

As vestes sagradas eram vestimentas que distinguiam Arão e seus filhos como sacerdotes separados e consagrados. **Ex. 28:2,40** nos diz que essas vestes eram para “*glória e resplendor*”. Não eram trajes apenas funcionais, como uniformes de trabalho, adaptados para cumprir uma atividade. O objetivo era refletir a beleza do Senhor. Hoje, estamos vestidos de santidade para refletir a beleza e majestade de Cristo! Isso está sobre você.

Os materiais dessas vestes eram os mesmos materiais usados no véu do tabernáculo – o lugar da habitação de Deus **cf. Ex. 26:31,36** e **Ex. 28:6**. Olhar para um sacerdote seria vê-lo, e ser lembrado do lugar onde Deus habita. O que, ou de Quem, lembram quando olham para nós?

v.11 Nesse versículo surge o segundo movimento de despir-se e vestir-se.

Após remover as cinzas do altar, estas deveriam ser levadas para fora do arraial. Mas para isso, o sacerdote tirava as vestes sagradas e colocava roupas comuns. Por quê?

O sacerdote precisava ter o cuidado de deixar claro que “*o santo e o comum não podiam ser confundidos*” **Lv. 10:10**. Isso seria um perigo! E hoje, ainda é.

A santidade do Senhor não se resume a uma vida politicamente correta. Não se resume em ser um bom cidadão, pagar seus impostos em dia e ser um exemplar chefe de família. Certamente essas coisas devem ser praticadas, mas, aqui aplicamos **Mt. 23:23**.

Primeiro, a santidade do Senhor é um chamado da graça feito a nós **Ef. 1:4**.

A santidade é intrínseca ao caráter de Deus **1Pe. 1:16** e **Lv. 11:45**. Nas vestes do sumo sacerdote havia uma lâmina com a inscrição “*santidade ao Senhor*”. Ao carregar essa lâmina sobre sua testa, ele levava a iniquidade das coisas santas que foram oferecidas ao Senhor **Ex. 28:36-38**. Deus é Santo, e como esse mundo está corrompido, tudo ofertado ao Senhor devia ser puro ou purificado.

Hoje nós temos o Sumo Sacerdote Perfeito e Eterno: Jesus Cristo **Hb. 7:26-28**. Ele levou sobre Si as nossas iniquidades! Glórias ao Cordeiro de Deus!

A segunda coisa a ser dita é que essa posição de santificação, a qual recebemos graciosamente, precisa ser expressa numa conduta santa. Buscamos a santificação porque o Senhor é Santo!

Nessa busca pela santificação, o Senhor nos levará a sermos bons cidadãos, chefes de famílias, bons pais, mães, filhos...

v.12 “*O fogo pois, sempre arderá sobre o altar*”. Precisamos estar decididos a cuidar para que o fogo esteja sempre aceso sobre o altar dos nossos corações.

Mas porque o fogo perpétuo? Assim como a Presença do Senhor estaria continuamente no meio do povo, os sacerdotes precisavam lembrar que essa chama era um símbolo da Presença.

Calvino observou que as primeiras ofertas no Tabernáculo, como no Templo de Salomão, foram acesas com fogo do céu **cf. Lv. 9:24 e 2Cr. 7:1**. Aqui está o ponto: O Senhor provê o fogo, nós somos aqueles que carregam essa chama acesa.

Então, acenda a lenha! Mas como? Com a Palavra e a Intercessão. Sem as Escrituras e oração nenhum avivamento se sustenta.

Em seguida, *“ponha o sacrifício”*. É uma decisão pessoal. Jesus foi o sacrifício expiatório que nos purificou de todos os pecados. Por causa Dele, hoje podemos oferecer nossas vidas como sacrifícios vivos, não por pecados, porque na Cruz a obra foi completa, mas, em gratidão e intimidade com o Senhor! Nós viveremos para a Glória Dele!

Note a ordem dos sacrifícios: Após o holocausto, após o Cristo, nós fomos aceitos. Agora sobre o holocausto, são queimadas as gorduras das ofertas pacíficas. O que vem aí? Comunhão e mesa! Uma refeição de comunhão, onde, em Cristo temos comunhão com Deus e uns com os outros.

v.13 Essa benção está reservada para o lugar onde o fogo nunca apaga. O lugar onde a chama arde continuamente em santidade ao Senhor.

Há paz com Deus! Você está reconciliado! Vigie essa chama e não a deixe apagar. Nós sairemos do culto, mas o que faremos até o próximo culto?

Vigiaremos as chamas e o fogo não se apagará!



Nutridos pelo Santo Santo Santo

Levítico 6:14-30



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Nutridos pelo Santo Santo Santo

Levítico 6:14-30

Qualquer um que leia Levítico sentirá a estranheza gerada pela repetição de algumas leis. Mas precisamos lembrar que o livro de Levítico foi dado a Moisés em diferentes encontros com o Senhor. Em **Lv. 1-5**, vemos que Deus chamou Moisés da Tenda da Congregação **Lv. 1:1**. A partir de **Lv. 6:8**, o foco das prescrições é Arão e os sacerdotes. **Lv. 7:37-38** nos diz que todo esse bloco foi dado a Moisés no Monte Sinai.

Mas porque Deus fez duas apresentações de suas instruções? Elas seriam meras repetições?

Duas coisas podem ser ditas sobre isso:

A primeira é que Deus está falando a públicos diferentes. Em **Lv. 1-5**, a todo o povo. A partir de **Lv. 6:8**, o alvo é o sacerdócio. Porque isso é importante? Deus é específico no modo de falar com os seus. Quando Ele precisar tratar no particular contigo, Ele também fará.

A segunda coisa consiste em reconhecer a sabedoria de Deus nos detalhes. Considerar esse texto como uma mera repetição é uma pedra de tropeço. Isso pode nos fazer ler o texto sem a devida atenção, como que se já soubéssemos tudo dele. Na melhor das possibilidades, alguns até pulariam a porção deixando de encontrar os tesouros que estão escondidos aqui.

Se observarmos os detalhes que diferenciam os textos repetidos, perceberemos nesses detalhes a importância dessa porção.

v.14-15 Esses versículos lembram as ofertas de cereais descritas em **Lv. 2**. Já sabemos que elas refletiam a vida cotidiana do povo, pois alimentos que faziam parte da mesa diária do povo eram trazidos como ofertas. É um lembrete de que nossa vida cotidiana não está desconectada da nossa identidade espiritual.

A expressão “*porção memorial*” reforça a importância do lembrete. Deus não precisa de memoriais para lembrar-se de alguma coisa. Ele jamais se esquece de algo. Mas nós, sim! Precisamos nos lembrar todos os dias das obras de Deus!

A oferta de cereais era tratada como uma oferta de “*aroma agradável ao Senhor*” porque era oferecida no contexto de comunhão com Deus e gratidão a Ele. No holocausto, o homem era aceito diante de Deus, a partir disso, ele poderia desfrutar das bênçãos da comunhão com o Eterno.

v.16 Aqui, surgem detalhes novos. Já vimos que, após a porção memorial ser queimada, o restante pertencia a Arão e seus filhos **Lv. 2:3**. Contudo, essa porção sacerdotal devia ser consumida apenas dentro dos limites do tabernáculo. Esse mesmo detalhe é visto no **v.26**.

A mente moderna pode sentir dificuldades para entender essa restrição. O que está sendo destacado aqui são os perigos relacionados à Santidade de Deus. Aquilo que era impuro não podia entrar em contato com o santo. As chamas santas purificam, mas essa purificação implica na remoção do refúgio e na destruição das impurezas. Uma imagem dessa purificação pode ser vista em **2Pe. 3:10-14**, quando a terra e o céu que conhecemos serão purificados.

Esse princípio está aplicado às nossas vidas. O Senhor nos fez NOVAS CRIATURAS. Não fazemos mais parte desse mundo! O modo como administramos a provisão que recebemos de Deus

deve ser norteador pelo Espírito Santo. Podemos gerar vida ou morte com o que temos. Tudo que possuímos são sementes, e aquilo que o homem semear, isso colherá.

v.17 As ofertas de manjares eram oferecidas sem fermento. O fermento era uma imagem do Egito. Na saída do Egito, a Páscoa teve, como uma de suas marcas, a celebração de uma refeição com pães asmos, ou seja, sem fermento **Ex. 12:8**.

Os sacerdotes deveriam preparar suas refeições, também, sem fermento. Em **1Co. 5:8**, talvez, veremos melhor a aplicação espiritual do que esse fermento representa para nós.

Note que quando Paulo fala de impuros, em Coríntios, não são propriamente os “impuros desse mundo”. Mas Paulo está denunciando aqueles que se dizem ser puros, mas, na verdade, não são. Ou seja, Paulo está falando para os de dentro da igreja em Corinto. Não havia sinceridade e verdade neles por não reconhecerem que estavam vivendo em pecado **1Co. 5:10-11**. Um “coração asmo” é um coração verdadeiro e sincero diante de Deus.

O Senhor nos deu de Sua Porção. Ele é a nossa porção! Em seu relacionamento com Deus, cultive todos os dias uma vida em verdade e sinceridade! Ele é o Nosso Pai.

A porção memorial era queimada ao Senhor, mas o restante era chamado de “porção santíssima”. No hebraico, “santíssima” é *kadosh kadashim*. Os textos hebraicos antigos eram originalmente consonantais, ou seja, não havia vocalização na grafia do texto. Seria como que se fôssemos escrever nossas palavras sem as vogais *kdš* ou *kdsh*.⁵

⁵ Assim, *kadosh kadashim* seria escrito com três letras קדש (*qoph, daleth, e shin*) – *kdš* ou *kdsh*.

Quando queremos dizer que algo é muito belo, falamos “*belíssimo*”. Quando queremos dizer que algo é muito santo, dizemos que é “*santíssimo*”. Só que no hebraico, não temos o superlativo como em nossa língua portuguesa. O hebraico não possui essa estrutura em sua ortografia. Quando eles querem dizer que algo é santíssimo, eles repetem a palavra, por isso *kadosh kadashim*. A terminação “*im*” é uma marca do plural, como temos em nossa língua o “*s*” (casa no singular – casas no plural)⁶.

Aqui está um ponto que devemos aplicar às nossas vidas. O Nosso Deus é Santo e tudo que Ele possui também é! Assim, o que pertence ao Senhor precisa apontar para quem Ele é. Note que por mais que a porção fosse para o consumo do sacerdote, a fonte da provisão está explícita no texto: “*dei-lhes das minhas [do Senhor] ofertas queimadas*”.

Ele é o provedor do Seu povo. Deus está nos dando o nosso sustento daquilo que pertence a Ele, e essas porções são santíssimas. O pão que está sobre a nossa mesa é uma dádiva! Sinta-se cuidado por Deus!

No NT, esses aspectos externos vistos em Levítico são interiorizados em nós pelo Espírito Santo. Em **Gl. 5:14**, nós vemos como a lei é cumprida na Nova Aliança. Entenda que isso não quer dizer que estamos debaixo do jugo da lei **Gl. 5:18**, mas que o

6 Talvez você se pergunte: Então porque não temos coisas santíssimas no plural em nossa tradução? A língua hebraica tem outro uso para o plural, além do uso para número ou quantidades. O hebraico possui o plural majestático. Quando uma palavra no plural é usada para se referir a alguém ou algo que está no singular, ela está apontando para o aspecto majestoso daquela pessoa ou coisa. Nosso exemplo mais famoso de plural majestático é *Elohim*, o Único Deus. Ao chamarmos o Nosso Deus dessa forma, embora seja uma referência ao Deus Trino, o plural também aponta para a Majestade e Glória do Todo Poderoso.

Espírito Santo produz seu fruto em nós, fruto esse, contra o qual não há lei **Gl. 5:22-25**.

Aquele que ama o Senhor guarda os seus mandamentos **Jo. 14:21**. Nós estamos aprendendo amar o nosso próximo, só que isso também é uma obra do Espírito dentro de nós: Amor **Gl. 5:22**. Se vivermos no Espírito, isso cumprirá a lei! Só que a força motriz não será nossa tentativa de cumprir regras, mas será uma vida rendida ao Espírito de Deus! Renda-se a Ele!

v.25 As ofertas pelo pecado e pela culpa também eram tratadas como “*santíssimas*”, porque elas só poderiam ser consumidas pelos sacerdotes e jamais utilizadas em refeições comuns. Eles precisavam cuidar para jamais tratar algo santo como se fosse uma coisa comum. Como vemos cada aspecto de nossas vidas? Santos ou comuns?

v.18 O povo deveria guardar essa prescrição como um estatuto perpétuo. Hoje essa lei está cumprida em Cristo. Se algum judeu decidisse praticar essa regra hoje, em Cristo, essa prática seria, na melhor das hipóteses, apenas cultural. Essas práticas não possuem nenhuma implicação espiritual para nossa salvação.

Até porque, hoje, não precisamos de um sumo sacerdote descendente de Arão, um sumo sacerdote natural. Jesus Cristo é o Nosso Sumo Sacerdote eterno **Hb. 4:14**. Assim, de fato, entendemos que a prática desses ritos para a salvação hoje seria um desconhecimento da graça **Gl. 5:4**.

v.18,27 Mas note que, embora as práticas estejam descontinuidas, os princípios permanecem vivos: “*Tudo que tocar nelas será santo*”.

Apenas um toque **Mt. 9:21**. O que acontece quando tocamos pela fé em Jesus? Ele transforma nosso estado e jamais somos os mesmos.

v.19-20 Deus continua falando Moisés, e agora, sobre um tema novo: A oferta de cereais do sumo sacerdote. O sumo sacerdote também tinha a responsabilidade de ofertar ao Senhor.

Esse texto faz um paralelo com **Lv. 8** onde veremos a consagração de Arão como o primeiro sumo sacerdote levítico, escolhido por Deus em **Ex. 28-29**. Essa porção de cereais diária era dividida em duas partes, uma oferecida pela manhã e outra à tarde, provavelmente, próximo ao fim do dia.

v.21 Essa oferta também é chamada de “*oferta de aroma agradável*” e a presença do azeite é um elemento significativo.

A Presença do Espírito e sua unção precisam ser o clamor de todo cristão que deseja se parecer com Cristo, o Ungido de Deus **Is. 61:1**. Com essa capacitação espiritual, nós podemos viver para a Alegria do Senhor. Uma vida agradável a Deus!

v.22 A ordenança como estatuto perpétuo nos lembra que Arão passaria, e outro sumo sacerdote deveria assumir essa posição. Ao fim da vida de Arão, nós vemos Eleazar, filho de Arão, assumindo o sumo sacerdócio **Nm. 20:27-29**. Assim, todos os demais sumos sacerdotes precisariam guardar esse estatuto.

Isso reafirma o fato de como essa provisão da lei era provisória. Muitos sumos sacerdotes precisaram ser ungidos porque todos foram impedidos de prosseguir por uma coisa: pela morte **cf. Hb. 7:23**.

Mas Jesus venceu a morte! Por isso não precisamos de outro sumo sacerdote. O Sacerdócio de Cristo é eterno, imutável e perfeito **Hb. 7:24,28**.

v.23 Visto que os sumos sacerdotes precisavam oferecer ofertas por si mesmos todos os dias, essas ofertas não podiam ser consumidas por eles, mas completamente queimadas.

Isso nos mostra que não deveria haver presunção por ser um sumo sacerdote. Infelizmente, vemos que isso aconteceu na história de Israel **1Sm. 2:12,16-17,22**. A posição que temos não deve nos cegar a ponto de produzir alguma sombra de falsa superioridade em relação aos outros.

Sempre será um privilégio da graça servir ao Sumo Sacerdote Único e Perfeito que nos comprou com seu sangue. Precisamos viver conscientes disso, servindo a Ele, incendiados no Espírito **Rm. 12:13**.

v.24-27a Nesses versículos, Deus fala com Moisés sobre a oferta pelo pecado, mas focando no modo como o sacerdote deveria lidar com essas ofertas. Já fizemos vários paralelos com esses versículos no que dissemos acima,

v.27b-28 Entretanto, dois elementos surgem aqui: um sobre purificação e outro de restrição.

O sangue é o agente de purificação tanto do altar, como de outros objetos. Se ocorresse do sangue respingar nas vestes do sacerdote, ela precisava ser lavada para ser purificada. Lembre que o sangue era oferecido pelo pecado.

De modo semelhante, os utensílios. Um vaso de bronze poderia ser lavado, e por ficar perfeitamente limpo, também seria purificado. Mas o vaso de barro precisava ser quebrado. As ranhuras e a própria característica de absorção do barro tornava impossível lavar sem deixar vestígios do sangue. Assim, a purificação se dava com a destruição do vaso. Veja **2Pe. 3:10** sobre a purificação da terra.

v.29 Nas ofertas pelo pecado, após removerem a gordura, os rins e as vísceras, e estas serem devidamente queimadas **Lv. 4:31**, o restante podia ser consumido pelo sacerdote **v.26**.

v.30 Mas se fosse uma oferta pelo pecado, cujo sangue fosse trazido para dentro da tenda da congregação, essa oferta não deveria ser consumida como uma refeição. Mas por quê?

Pense: Quais ofertas tinham o sangue trazido para dentro do tabernáculo? A maioria dos sacrifícios era feita com a aspersão do sangue no altar das ofertas queimadas, chamado de altar de bronze, que ficava no átrio, ou seja, no pátio do tabernáculo.

Apenas três sacrifícios exigiam que o sangue fosse trazido para dentro do tabernáculo.

Os sacrifícios pelos pecados do sumo sacerdote **Lv. 4:5-6**.

Pelos pecados da congregação, que eram os anciãos do povo **Lv. 4:16-17**.

Estes dois, o sangue era aspergido por sete vezes no véu que separava o Santo Lugar do Santo dos Santos. E o terceiro sacrifício?

Era no Dia da Expição. Nesse dia, o sangue era levado além do véu, ao Santíssimo Lugar ou Santo dos santos **Lv. 16:14,27**.

A explicação desse versículo está em **Hb. 13:10-11**, na realidade da Nova Aliança. Existe um contraste visível, pois em Levítico, os sacerdotes não podiam comer desses sacrifícios, cujo sangue era trazido para dentro do tabernáculo, porque eram por eles mesmos.

Mas nós temos um altar. O autor de Hebreus está falando que ter um altar é ter um sacrifício sobre Ele. Os judeus que rejeitaram Cristo ainda persistiram no tabernáculo de Moisés e não conseguiam discernir que Jesus é o Cordeiro de Deus. Mas agora, podemos dizer que o Cordeiro entrou no Santo dos santos de uma vez por todas. Ele também é Aquele que nutre e sustenta o seu povo.

Ser nutrido por Cristo é desfrutar da plenitude das coisas santas. Você consegue imaginar algo mais santíssimo do que o próprio Cordeiro de Deus? Ele é a expressão exata do Ser do Pai **Hb. 1:3**.

Jesus é Aquele que Isaías viu em sua Glória **Jo. 12:40-41** e essa referência é uma citação de **Is. 6:10**. No contexto está **Is. 6:3**: Ele é *Kadosh Kadosh Kadosh!* Santo, Santo, Santo! Ele não é só Santíssimo (*Kadosh Kadosh* – repetida duas vezes). É uma tripla repetição que não é usada em nenhuma outra passagem da Bíblia!

A santidade do Senhor não pode ser descrita em palavras! Não há linguagem suficiente para descrevê-la! Apenas renda-se em adoração! Não há palavras...

Esse é o Cordeiro de Deus que se entregou por nós! Mas também, esse é o Cordeiro que nos nutre e sustenta todos os dias! Deixe Cristo ser a tua força... Ele é o teu sustento!



O Senhor é a nossa herança

Levítico 7:1-21



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



O Senhor é a nossa herança

Levítico 7:1-21

Essa porção de Levítico traz algumas instruções sobre as ofertas pela culpa e ofertas pacíficas. Entretanto, precisamos manter o mesmo cuidado e método do último capítulo.

Não devemos ler o texto como meras repetições.

E precisamos estar atentos à importância dos detalhes que diferenciam essa porção, dos capítulos 3 e 5 de Levítico, que também tratam desse assunto.

O foco dessas prescrições continua sendo o sacerdócio, tendo em vista que essa porção está conectada com o bloco iniciado em **Lv. 6:8-9**.

v.01 A importância dessa porção pode ser percebida no contraste provocado por dois conceitos que estão colocados no mesmo versículo: “*oferta pela culpa*” e “*coisa santíssima*”.

Nós vimos em **Lv. 5** que existem comportamentos que são incompatíveis com a santidade de Deus, e estes, como pecado, ofendem o coração de Deus. Diante da possibilidade de uma ofensa contra Deus, não encontramos o Senhor decidido a destruir o pecador, mas um Deus misericordioso que provê um recurso, mesmo que temporário, para que o pecador tivesse sua ofensa perdoada.

Isso é tão importante para o Senhor que Ele chama essa provisão de *kadosh kadashim*, “*coisa santíssima é*”. Essa oferta era um

vislumbre de um aspecto da obra de Cristo na cruz. O Senhor perdoou nossas ofensas mediante um sacrifício perfeito, seu próprio Filho, e assim removendo nossa culpa. Quando comparamos o sacrifício de Jesus com o sacrifício levítico, Cristo não foi apenas a oferta santíssima. Ele é o próprio *Kadosh Kadosh Kadosh* entregando-se por amor a nós. Não há palavras para descrevê-Lo. Ele é o Santo, Santo, Santo!

v.02 “*No lugar onde imolam o holocausto*”. É refrescante para nossa alma saber que o lugar onde nossas ofensas são perdoadas e culpa removida é identificado primariamente pelo holocausto. Nesse ambiente, somos encontrados pelo Senhor e aceitos diante Dele. Tudo começou Nele.

O sangue aspergido no altar apontava para o elemento que purificava o pecador. É o elemento que nos remete ao sangue de Jesus vertido na Cruz que nos purifica de todo o pecado **1Jo. 1:7-9**.

v.03-04 A gordura, os rins e o fígado, estes dois últimos também chamados de entranhas, são elementos já mencionados nos capítulos anteriores.

A gordura era considerada a melhor parte do animal. A palavra hebraica *cheleb* traz esse sentido. Veja em **Gn. 45:18** “*fartura da terra*”, em **Nm. 18:12** “*o melhor azeite*” e **Sl. 81:16** “*o trigo mais fino*”.

Também já vimos que as entranhas pareciam ser um símbolo das emoções mais profundas e íntimas. A palavra hebraica é

qereb, em **Gn. 18:12** diz que Sara riu em seu “*qereb*”, ou seja, em seu íntimo.

A pergunta a ser feita aqui é, porque Deus está repetindo essas instruções, uma vez que já fora dito em capítulos anteriores? Talvez, parte da resposta seja o público alvo, para quem essas palavras estão sendo repetidas de modo específico: o sacerdócio! Como sacerdotes, eles precisavam saber que existiam coisas que pertencem UNICAMENTE ao Senhor.

Essa informação é de vital importância para nós, hoje. A luz do Senhor nos alcançou, mas a glória pertence somente a Ele **Is. 42:6-8**. Paulo, ao sondar o plano redentor do Senhor, rendeu-se em adoração diante da maravilhosa sabedoria de Deus **Rm.11:33-36**.

v.05 “O sacerdote o queimarão”. É nossa responsabilidade e privilégio dar a Deus o que pertence a Ele. O pecado de tocar indevidamente na glória de Deus, hoje, pode ser a atitude de alguém que está numa plataforma, tomando para si mesmo algum crédito em benefício próprio. Infelizmente, isso tem derrubado muitos em nossos dias. Mas há outras possibilidades mais veladas e perigosas de se tocar na glória de Deus.

Quando atribuímos o nosso sustento à força do nosso próprio braço. Deus é Aquele que põe o pão sobre nossas mesas. Para nós, como filhos, essa verdade precisa estar clara em nossos corações, como o sol ao meio dia, para que venhamos dar ao Senhor a glória que é devida somente a Ele.

Outra forma de embaraço com esse perigo é quando nos movemos nos dons do Espírito, e pensamos que o mover do Espírito

é um produto de nossas capacidades ou “*méritos com Deus*”. Esse tipo de comportamento evidencia a manifestação dos dons sem o necessário fruto do Espírito. Esse fruto só é produzido em nós quando nos rendemos à glória de Deus **Gl. 5:22-23**. Em Levítico, vemos que um sacerdote jamais poderia se esquecer do que pertencia exclusivamente ao Senhor e a mais ninguém!

v.06 O que deve chamar nossa atenção nesse versículo é a generosidade do Senhor e como Deus zela pelas coisas santas.

Os sacerdotes cuidavam do que pertencia ao Senhor, e o próprio Deus proveria o sustento dos sacerdotes. Todas as tribos de Israel receberam uma porção da terra como herança, com exceção, a tribo de Levi. O Senhor seria a sua herança **Dt. 18:2**. Se **nós somos um reino de sacerdotes** como descrito em **Ap. 1:6**, precisamos reconhecer que o Senhor é a nossa herança! Ele cuida dos seus!

O Senhor, em seu zelo pelas coisas santas, deixa claro: Não levem as coisas santíssimas para fora dos limites do tabernáculo. Não confundam o comum com o que é santo. Ele é o Deus Santo e Único! Não há outro deus além do Nosso Deus **Is. 45:18**.

v.07 Agora, uma única lei a respeito de um aspecto específico das ofertas pelo pecado e pela culpa. O sacerdote que atuasse no serviço do sacrifício, este receberia o direito da porção sacerdotal.

Após a retirada da gordura e das entranhas, e estas serem devidamente queimadas, o restante pertenceria ao sacerdote que serviu na entrega do sacrifício. Essa informação vem sendo construída em textos anteriores **Lv. 4:35** e **Lv. 5:13**. Mas aqui, ela

é instituída claramente no que se referia às ofertas pelo pecado e culpa.

v.08 Ainda temos mais um acréscimo sobre os holocaustos **Lv. 1**. No holocausto, o animal era queimado por inteiro, mas o sacerdote que oferecesse o holocausto receberia o couro do animal para si.

v.09 As ofertas de manjares vistas em **Lv. 2** também são observadas aqui. Nós vimos que essas ofertas podiam ser oferecidas cruas ou preparadas ao fogo. Mas somente aqui descobrimos que as ofertas preparadas em fogo pertenceriam ao sacerdote que atuasse na entrega da oferta.

Essas prescrições apontam para o princípio exposto claramente por Paulo em **1Tm. 5:17-18**, “*o trabalhador é digno do seu salário*”. Em Levítico, notamos que essa instrução também guardava o sacerdócio de qualquer exploração indevida, pois eles jamais deveriam tomar para si algo que Deus havia determinado pertencer ao próximo.

v.10 Mas as ofertas cruas e amassadas com azeite deveriam ser compartilhadas com todos os sacerdotes, ou seja, os filhos de Arão. É difícil saber o motivo exato dessa divisão das ofertas cruas e preparadas.

Alguns apontam para a ideia de que as quantidades cruas eram bem maiores do que as preparadas, embora reconheçamos que não seja possível afirmar isso categoricamente. Mas um pon-

to é claro: o fato de ser compartilhado apenas entre o sacerdócio impedia que uma porção santíssima fosse consumida em contextos comuns.

Se considerarmos que Israel viveu num contexto cultural como o do Egito e Oriente Antigo, era necessário ter clareza para que não confundissem as coisas santas com as coisas comuns. A separação entre o santo e o comum, para nós, hoje, não representa excluir pessoas ou deixar de ter amigos não cristãos, mas significa que a nossa conduta precisa ser diferente da conduta desse mundo. Isso é inegociável!

v.11 As ofertas pacíficas eram as únicas ofertas que podiam ser compartilhadas com qualquer pessoa comum do povo. Embora já tenhamos visto as ofertas pacíficas em **Lv. 3**, novos detalhes são dados aqui. Era uma responsabilidade do sacerdote saber quem poderia comer o quê, onde comer e até quando comer.

v.12a Precisamos nos lembrar sempre que ser aceitos por Deus é uma dádiva que deve nos encher de gratidão. É ser alcançado por uma graça única sem comparação! Uma resposta adequada a essa aceitação que recebemos é “*ação de graças, louvor*”!

A palavra hebraica aqui é *todâh*. Essa expressão, em sua raiz, possui o sentido básico de “*reconhecer*”. O sacrifício de louvor não foca na pecaminosidade em si, mas na misericórdia concedida gerando uma entrega por gratidão em adoração.

v.12b-13 Vale lembrar que as ofertas pacíficas eram feitas a partir do sacrifício de um animal que, por fim seria preparado

numa refeição de comunhão. Mas aqui, quatro tipos de pães ou bolos precisavam ser trazidos juntamente com as ofertas pacíficas:

ARA “Bolos amassados com azeite, obreias asmas untadas com azeite e bolos de flor de farinha bem amassados com azeite, com os bolos trará [...] **pão levedado**”.

NVI “Bolos sem fermento e amassados com óleo, pães finos sem fermento e untados com óleo e bolos da melhor farinha bem amassados e misturados com óleo [...] incluía **bolos com fermento**”.

NTLH “Pães feitos de farinha misturada com azeite, mas sem fermento; ou pães achatados feitos sem fermento, passando-se um pouco de azeite por cima; ou pães grandes feitos de farinha bem misturada com azeite. Além disso [...] oferecerá **pão com fermento**”.

LTT “Bolos ázimos amassados com azeite; e bolos em delgada-lâmina, amassados com azeite e os bolos amassados com azeite, fritos, de flor de farinha. Com os bolos, ele oferecerá [...] **pão levedado**”.

Nós fizemos a comparação de versões para que você pudesse perceber a diferença entre os tipos de pães que eram levados juntamente com as ofertas pacíficas. Mas um ponto chama muito à nossa atenção: Um dos pães era fermentado! Mas como assim?

Note que os pães com fermento jamais poderiam ser oferecidos no altar do Senhor, como previsto em **Lv. 2:11**. Entretanto, esses pães com fermento poderiam fazer parte da refeição nas ofertas pacíficas. Por quê?

Segundo Dr. Shedd⁷, essa refeição de comunhão era uma expressão espontânea da dedicação de vidas que nunca eram

7. Nota da Bíblia de Estudo Shedd.

totalmente perfeitas. Talvez seja uma nota de reconhecimento de que sempre será uma dádiva imerecida. Quem de nós pode adentrar na Presença do Eterno e sentir-se digno de estar ali por seus próprios méritos? Até os serafins cobrem seus rostos **Is. 6:2**.

v.14-15 A expressão “contribuição” (NVI) ou “oferta alçada” (LTT) surge no texto. Embora não haja exemplos bíblicos do que seriam essas ofertas, o sentido dessa palavra no hebraico é “erguer”. Talvez, no momento da entrega da oferta dos pães, eles fossem erguidos para o alto num movimento vertical. Jesus, na multiplicação dos pães e peixes em **Mt. 14:19**, levantou os olhos aos céus após ter tomado o pão em suas mãos, e ali orou em ação de graças.

Outro detalhe surge no texto: A carne da oferta pacífica deveria ser consumida por inteiro no mesmo dia, e nada restar até pela manhã. Se sobrasse, deveria ser queimada **cf. v.17**.

v.16-17 Se fosse uma oferta por voto ou oferta voluntária, estas poderiam ser consumidas até o segundo dia, mas no terceiro dia, deveria ser queimada. É difícil saber exatamente o porquê uma precisava ser consumida no mesmo dia, e outra, até o dia seguinte.

Talvez, seja sensato concordar com Calvino quando diz: *“É certo, de fato, que Deus tinha uma razão [...] mas investigar, no tempo presente, coisas desconhecidas e que não conduzem de maneira alguma à piedade, não é certo nem útil”*.

Assim, com cuidado para não forçar o texto, dois pontos lógicos podem ser colocados aqui:

Era uma refeição de comunhão, assim, isso seria um encorajamento para o adorador compartilhar a refeição, não só com a família, mas também com amigos e pessoas necessitadas **cf. Pv. 19:17**.

Além disso, comer e não guardar seria uma forma de exercitar a confiança em Deus, como era na provisão do maná **Ex. 16:4**. A obediência é uma oportunidade de manifestar a fé que carregamos.

v.18 Onde houver obediência, haverá recompensas. No Jardim do Éden, a oportunidade de obediência foi posta em não comer um fruto específico **Gn. 2:16-17**. O mesmo princípio é posto aqui em Levítico. Caso desobedecessem, nem o adorador ou a oferta seriam aceitos **1Sm. 15:22** e **1Pe. 1:2**.

A consequência da transgressão dessa prescrição seria “*levar a sua iniquidade*”. Isso apontaria para o castigo do pecado, o salário do pecado que é a morte. Mas graças ao Cordeiro de Deus, nós fomos resgatados dessa maldição e chamados para a obediência Nele **Is. 53:5** e **Rm. 6:23**.

v.19-20 Então, aqui passamos a ver como a separação das coisas santas é importante para o Senhor.

Se a carne tocasse em algo impuro, ela não deveria mais ser consumida.

Somente aqueles que estavam adequadamente purificados podiam comer das ofertas pacíficas.

Veja que a preocupação era a condição de impureza. No AT, a impureza era caracterizada em aspectos externos. Hoje, a impureza continua sendo uma questão crucial. Mas no NT, vemos que a impureza é tratada por uma via contrária. Não é mais o que entra, mas “o que sai, isto contamina” **Mt. 15:10-11,18-20.**

v.20-21 Se alguém em estado de impureza ousasse comer a carne das ofertas pacíficas, este se colocaria num lugar de juízo e seria eliminado do povo (ARA). Estamos falando de algo que vai além de uma pena de morte. Ser eliminado do povo significava não descansar com o povo de Deus após a morte.

Pertencer a Deus não é um aspecto apenas para esta vida! Nós entregamos nossas vidas nas mãos de Deus para sempre! Ele é a nossa herança! Isso deve te trazer paz em dias difíceis!

Ele é o teu descanso hoje e para sempre! Ele é a nossa recompensa!



A Glória de Deus e o Sustento Ministerial

Levítico 7:22-38



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



A Glória de Deus e o Sustento Ministerial

Levítico 7:22-38

Chegamos ao fechamento do bloco de prescrições dadas a Arão e aos seus filhos, ou seja, ao sacerdócio. Essa seção se iniciou em **Lv. 6:8**, e agora em seu encerramento, abordaremos três assuntos finais:

A proibição de comer gordura.

A proibição de comer sangue.

A porção dos sacerdotes.

v.22-23 Sobre o primeiro assunto, o significado da gordura, nós vimos nos capítulos anteriores que ela deveria ser retirada e queimada ao Senhor, tanto nas ofertas pacíficas **Lv. 3:3-4**, bem como nas ofertas pelo pecado **Lv. 4:8-10**, **Lv. 4:19**, **Lv. 4:26** e **Lv. 4:31**.

Apenas lembrando o que já foi dito anteriormente, a palavra hebraica para “gordura” é *cheleb*, e tem o sentido de ser uma parte excelente em relação ao todo⁸.

Há uma canção que diz “*a Ele o melhor dos dias meus*”. As lágrimas me vêm aqui, pois temos consumido nossos dias na Presença de Deus. Muitas vezes, viajamos horas e até dias inteiros para ir de um lugar para outro a fim de pregar o evangelho e ensinar a Palavra de Deus. Nessas viagens, há dias que vejo minha esposa

8. Veja Gn. 45:18 “*fartura da terra*”, Nm. 18:12 “*o melhor azeite*” e Sl. 81:16 para “*o trigo mais fino*”. Em todas essas passagens, a palavra hebraica é *cheleb*.

sentindo dores por causa do tempo sentada na mesma posição e o cansaço por causa dos deslocamentos. Mas sabemos que esses dias são o nosso *cheleb* – o melhor dos nossos dias. Enquanto houver forças em nós, ao Senhor, o melhor dos nossos dias!

Partindo do nosso pressuposto de que nenhum texto na Bíblia deve ser uma mera repetição, devemos nos perguntar: quais são os detalhes que diferenciam esse texto da porção anterior?

Antes, fora dito apenas que a gordura do boi, carneiro ou cabra deveria ser separada e queimada. Mas aqui uma proibição é feita de modo explícito: A gordura não deveria ser consumida **v.23.**

v.24 O texto também nos diz que a gordura de um animal morto por causas naturais, ou por algum ataque de predador, até poderia ser usada para outros fins como iluminação ou polimentos, mas jamais ser consumida!

Essa prescrição protegia o povo de não criarem para si um modo de saciar o desejo de ter aquilo que pertencia somente ao Senhor.

Pense: Qual seria a diferença entre a gordura de um boi sacrificado e a de um boi atacado por um animal selvagem? Tecnicamente, NENHUMA! Talvez alguém se sentisse tentado em, após oferecer um holocausto ou oferta pacífica, buscar por outros meios, obter aquilo que foi oferecido ao Senhor.

Os homens cegos pelo deus deste século e por seus próprios desejos buscam saciar seus corações por seus próprios meios e recursos. Os homens buscam glória para si, mas só Deus a possui eternamente!

v.25 Assim, de modo nenhum a gordura, que era a melhor parte, pertenceria a outro que não fosse o Senhor. A consequência que sobreviria sobre aqueles que ousassem tocar na gordura que pertencia unicamente ao Senhor seria “*serem eliminados do povo*”.

Essa expressão representa algo diferente de apenas ser executado numa pena capital. Quando alguém era condenado à morte, Levítico deixava a pena explícita **cf. Lv. 20:15**. Assim, “*ser eliminado do povo*” significava não descansar com seu povo nessa vida e nem após a morte.

Jesus, na Parábola do rico e Lázaro, fala sobre o “*seio de Abraão*” **Lc. 16:22**. Esse aspecto deve nos posicionar corretamente diante de uma verdade: Só existe um Deus e a Ele, a honra, glória e louvor para sempre.

v.26-27 O segundo assunto que surge no encerramento dessa seção é a proibição de comer sangue. Esse tema será abordado com mais objetividade em **Lv.17**. Mas algumas coisas já podem ser ditas aqui.

Podemos esclarecer que “*comer sangue*” era “*comer carne sem drenar o sangue*”, como vemos em **1Sm. 14:32-33**. Esse assunto é extenso e precisaremos de mais reflexão. Contudo, como resposta inicial, nós podemos dizer que no AT o sangue estava relacionado à vida **Gn. 9:3-4**.

Por isso, a aspersão do sangue fazia a expiação do pecado. Lembremos que o salário de todo pecado é a morte **Rm. 6:23a**. Assim, é como que se o sangue fosse um espelho da vida.

No NT, essa orientação sobre o sangue também aparece na conclusão da resolução do Concílio de Jerusalém **At. 15:20-21**. Mas ali, há o apontamento de uma preocupação em relação às sinagogas onde a lei de Moisés era ensinada. Essa orientação pode ter sido feita para evitar escândalos que dificultassem a boa convivência, bem como, a evangelização dos judeus **1Co. 8:8-12**.

Mas até a revelação de Cristo, o sangue também era um símbolo da Aliança Mosaica **Ex. 24:8**. Por causa de toda essa simbologia, de modo nenhum, Israel deveria consumir sangue, tendo como consequência a “*eliminação do povo*” **v.27**. Mais sobre esse tema será abordado em **Lv. 17**.

v.28-29 Nesse ponto, o texto entra no último assunto da seção: A porção dos sacerdotes.

Se alguém fosse oferecer uma oferta pacífica, o adorador mesmo deveria trazê-la. “*Quem oferecer [...] trará*”. Esse ponto ressalta o papel intransferível na adoração. Ninguém pode oferecer a Deus adoração no seu lugar. O Seu louvor é sua responsabilidade e privilégio. São realidades intransferíveis.

v.30 “*A gordura do peito com o peito trará para movê-lo por oferta movida*” (ARA); “*Trará a gordura juntamente com o peito, e o moverá perante o Senhor*” (NVI).

A palavra hebraica aqui é *t'rûpah*, que tem o sentido básico de “*ato de balançar*”. Assim, provavelmente, o peito era separado da gordura, e este pedaço era movido em direção ao altar e depois trazido de volta em direção oposta, como se fosse um

“*ir e voltar*”. Isso significaria que aquela parte foi dedicada ao Senhor, mas movida em direção contrária, para que pudesse ser dada como alimento aos sacerdotes que servissem no sacrifício.

v.31 Essa ideia fica mais clara nos versículos que se seguem. O peito movido pertenceria a Arão e seus filhos.

v.32-33 Contudo, a coxa direita teria um direcionamento mais específico: O sacerdote que oferecesse o sangue e a gordura do sacrifício pacífico, a este seria dada a “*coxa direita*”.

A coxa, aqui, é chamada de “*coxa alçada*” (LTT), como uma oferta levantada. Talvez, no sentido de erguer em gratidão, para então ser consumida como um alimento. A mesma palavra apareceu em **Lv. 7:24** para falar sobre o bolo como uma oferta alçada. Lá, esse bolo seria dado ao sacerdote que derramasse o sangue da oferta pacífica. Em resumo, esse bolo e a coxa direita eram porções que serviam de sustento para esse sacerdote que estava oficiando.

v.34 Essa ordem seria um “*estatuto perpétuo*” (LTT), um “*decreto perpétuo*” (NVI). O peito movido e coxa da oferta (ARA) deveriam ser dados como porções sacerdotais, de modo perpétuo, a fim de que fosse cumprido **Dt. 18:2**, “*das ofertas queimadas e do que lhes é devido comerão*”. Essa prescrição é uma expressão da fidelidade sem fim do Senhor: Os sacerdotes não comiam da mão do adorador, comiam do que o Senhor lhes provia.

v.35 “Esta é a porção”. A palavra hebraica, aqui, é *mishhah*. Somente aqui nesse versículo essa palavra é traduzida com o sentido de “porção”. Em todo o restante do AT, ela significará “unção”. Veja em **Lv. 8:2** o “Óleo da *Mishhah*” como o “Óleo da Unção”.

v.36 Estes homens eram separados e ungidos, essa porção era um “direito ungido” do sacerdote (G.J. Wenham).

v.37 Assim, um bloco de prescrições é dado ao sacerdócio tocando nos temas sobre a lei do holocausto, ofertas de manjares, pela culpa, pelo pecado, da consagração e das ofertas pacíficas.

v.38 Por fim, a localização dada no texto informa-nos que essas palavras foram dadas a Moisés enquanto o povo ainda estava acampado ao redor do Sinai.

O modo como essa seção termina deve chamar nossa atenção. Essas ofertas forneciam aos sacerdotes sua principal forma de sustento. O povo de Israel precisava saber disso. As ofertas garantiam a provisão apropriada aos ministros daquele tempo, como também hoje **cf. 1Co. 9:13-14**.

Paulo, em Coríntios, pergunta: “Vocês não sabem que...?” Ao fazer essa pergunta, o apóstolo considerava que a igreja em Corinto soubesse do que ele estava falando. Mas o quê Paulo estava dizendo?

Que tanto em templos judaicos, como até nos pagãos, os sacerdotes que atuavam nos sacrifícios, dali também recebiam parte para a própria alimentação. “Vocês sabem disso...”.

Paulo parece aludir aos ensinamentos de Jesus dados por ocasião do envio dos Doze em **Mt. 10:10**, ou no envio dos Setenta em **Lc. 10:7-8**. Note que Jesus não está ordenando seus discípulos cobrarem, mas esperarem com confiança Nele, pois “o trabalhador é digno do seu salário ou do seu alimento”. “Que comessem o que lhes fosse oferecido”.

Em **1Co. 9:4-6**, Paulo faz algumas perguntas aos Coríntios. Ele não teria o direito de receber deles, dos Coríntios, provisão para suas necessidades diárias, uma vez que ele não só fundou aquela igreja, mas vivia para edificá-los em Cristo? Paulo não teria direito, como outros apóstolos, de ter uma família? Ele não teria o direito de se dedicar integralmente ao ministério e não precisar de um trabalho em outra área?

Paulo encorajou Timóteo a estar atento àqueles que se dedicam ao ministério e se afadigam no ensino **1Tm. 5:17-18**. Ele chega a falar de “*duplos honorários*” (ARA) ou “*dupla honra*” (NVI). A honra e o respeito estão em vistas, mas lendo o texto em seu contexto, o direcionamento a nós como igreja é que os ministros devem ser cuidados pela igreja local.

Infelizmente, muitos ministros se perdem nas preocupações e se esquecem da confiança no Senhor. Essa confiança foi um fundamento no envio dos Doze e dos Setenta. Com isso, aqueles que se perdem nas preocupações e ansiedades passam a tratar o chamado com um certo tipo de “*profissionalismo*”, tornando-se um “*profissional do altar*”.

Em nossos dias, um espírito consumista tem dominado, não só o coração de muitos cristãos, mas também de muitos ministros. Tornaram-se “*vendedores de seus dons e talentos*”. Equilibrar essa questão é urgente!

O ponto decisivo sobre a questão das nossas necessidades como ministros e o ministério em si, deve ser o mesmo que foi para Paulo **cf. 1Co. 9:12**. Absolutamente nada pode ser um “*obstáculo ao evangelho*”. O Apóstolo preferiu abrir mão do seu direito, para que nada impedisse, por sua parte, o fluir do evangelho entre os Coríntios.

Se por causa de valores ou exigências de um ministro, o evangelho não for pregado ou o Senhor deixar de ser adorado, certamente a preocupação destes ministros não está sendo o evangelho, mas sim salários e benefícios particulares.

Cabe a nós, como Igreja, pedir que o Espírito Santo nos ensine a amar uns aos outros, como Cristo nos amou. Nós fracassaremos em nosso propósito como igreja, se por causa dos “*lobos vestidos de ovelhas*”, deixarmos de reconhecer que existem homens e mulheres de Deus que amam a Jesus sinceramente e que têm entregado suas vidas ao chamado do Senhor.

Para todo cristão, isso inclui cada ministro local, itinerante ou missionário, o dom de cada um tem como propósito a glória de Deus e a edificação do Corpo de Cristo. Isso deve estar acima de qualquer interesse particular ou benefício próprio.

No final de tudo, cada um será recompensado por suas obras...

Que nada seja um obstáculo para o evangelho!



O Senhor nos consagrou para Ele

Levítico 8



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



O Senhor nos consagrou para Ele

Levítico 8

O leitor de Levítico que lê o livro em sua sequência de capítulos perceberá, até com certa surpresa, que por vezes, as prescrições parecem ser interrompidas por grandes narrativas. Contudo, o que parece ser uma surpresa, na verdade corrige nossa perspectiva a respeito de Levítico.

Levítico não é um livro que contém apenas uma lista de leis. Ele nos conta a história de como a lei foi dada a Israel. Levítico, juntamente com os outros livros do Pentateuco⁹, conta como Deus está trazendo um povo santo à existência, nos dá detalhes sobre a Aliança do Senhor com seu povo e narra como a adoração fluiria através da nação.

O Senhor é o Deus que salva seu povo. Assim, os atos redentores do Senhor são tão significativos quanto o que Ele diz em sua Palavra. Levítico é uma evidência que Deus está governando todo o curso da história. Aquela estação, bem como cada estação das nossas vidas são gestos do Senhor. No fim, O Senhor será reconhecido como o único Deus que salva.

A consagração de Arão e de seus filhos precisa ser vista por essa lente. Deus está trazendo um povo à existência, povo este salvo pelo próprio Senhor. Eles deveriam honrar ao Senhor por meio de uma vida de adoração. Para isso, o plano de Deus pre-

9. O Pentateuco consiste nos cinco primeiros livros da Bíblia escritos por Moisés: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio

via o pecado e a expiação dele. Deus nunca é pego de surpresa! A revelação dessa graça, em Levítico, é manifesta numa pequena sombra dos bens vindouros. Mesmo como sumo sacerdote, Arão foi um homem que falhou e precisou da misericórdia divina.

Desde o início, Arão e o sacerdócio são vistos como necessitados da graça. Como todos nós também somos! Eles foram um vislumbre profético da revelação perfeita que só seria conhecida em Jesus Cristo. Entretanto, mesmo como sombra ou vislumbre, eles serviram de modo apropriado em seu propósito.

v.01-02 Moisés desempenha uma função central nesse capítulo. Note que:

A. Um sumo sacerdote só poderia ser levantado à função, se fosse antes designado por Deus. *“Toma Arão e seus filhos”*, disse o Senhor.

B. Após designado, ainda assim, o sumo sacerdote deveria ser ordenado. Um sumo sacerdote jamais poderia tomar posse da sua posição por si mesmo.

Nós podemos ver em Cristo a revelação desse sumo sacerdote humilde e perfeito. Em **Sl. 110:4**, um salmo messiânico, vemos que o Pai designou o Filho a essa função.

O fato de Cristo ser um sumo sacerdote da ordem de Melquisedeque, e não da ordem de Arão, é explicado em **Hb. 7:13-19**, onde o autor de Hebreus cita o **Sl. 110**. Mas veja que Jesus Cristo, também aguardou humildemente seu desígnio como sumo sacerdote **Fp. 2:5-7**.

Todos os elementos desses versículos (as vestes, o óleo, o novilho, os dois carneiros e o cesto de pães) serão detalhados nesse capítulo.

v.03-04 “*Ajunta toda a congregação*”. A congregação, aqui, é o corpo de anciãos e líderes de todo o povo. Em **Lv. 4:13** e **Lv. 4:27** vemos a diferença entre a congregação ou líderes e “*qualquer pessoa do povo*”. As ofertas pelo pecado dos anciãos não poderiam ser consumidas **Lv. 4:21**, mas a oferta pelo pecado de uma pessoa comum poderia ser consumida pelo sacerdócio **Lv. 6:26**.

O ajuntamento de toda liderança à porta da tenda serviria de testemunho para todo o povo. À medida que o Senhor nos reúne para revelar Sua Vontade e realizar os seus feitos, nos tornamos testemunhas que anunciarão aos outros o que temos visto e ouvido **At. 4:20** e **1Jo. 1:3-4**.

v.05-06 A ordem do Senhor deve ter sido dada a Moisés quando ele ainda estava no Monte Sinai. Veja **Ex. 28**, e especialmente **Ex. 29:1** “*Isto é o que lhe farás*”. Considerando os aspectos narrativos do Pentateuco, dois pontos precisam ser destacados aqui:

A. O Tabernáculo de Moisés já havia sido erguido e dedicado ao Senhor. Entretanto, tudo fora feito sem a intervenção sacerdotal de Arão. Isso nos mostra que até no AT, o tabernáculo da Presença é estabelecido somente por Deus. Hoje, nós, como habitação do Espírito Santo, também somos sua casa porque Jesus, SOZINHO, nos fez seu templo vivo! Você é Casa de Deus!

B. O segundo ponto exalta a graça! Sabemos que entre **Ex. 28-29** e **Lv. 8**, Arão tropeçou no incidente do bezerro de ouro **Ex. 32**. Será que Deus desistiria dos seus planos para Arão? O tabernáculo estava de pé e Arão havia ficado a parte de tudo. Mas até o momento em que Deus fala com Moisés e diz: “*Chama Arão*”. Eu não perdi o controle! Eu não desisti dele!

Moisés “*os lavou com água*”. Os sacerdotes precisavam sempre se lavar quando fossem officiar no tabernáculo. Esse gesto deveria apontar para uma realidade interior de cada sacerdote. Ter as mãos limpas só seria uma realidade plena em seus efeitos quando acompanhada de um coração puro **Sl. 24:4**.

O que é maravilhoso nesse texto é que a primeira lavagem não foi realizada por eles mesmos, os sacerdotes. Mas é Moisés quem os lava, como um mediador. Compare isso com **Ef. 5:25-27**. Nós buscamos uma vida de santidade e pureza porque Jesus nos lavou primeiro!

v.07-09 Após lavados, Moisés vestiu Arão. “*As vestes apontam para o ofício ou posição e não necessariamente para a personalidade do indivíduo*” (Wenham). Um uniforme ou farda enfatizam uma função.

Pense nisso quando somos parados numa revista policial. Não dizemos: “*fui parado por Francisco ou Maria*”, mas “*fui parado pela polícia*”.

Mas ao mesmo tempo, as vestes apontam para a autoridade. Outro exemplo prático. Pense num guarda de trânsito apitando no meio da rua, mas sem a sua farda! Qualquer um que olhasse

para Arão veria nele a santidade do Senhor e autoridade dada por Deus.

v.08 Aqui também fala do “*Urim e Tumim*”. Segundo Dr. Shedd, estas palavras hebraicas no plural significam literalmente e respectivamente “*luzes e perfeições*”. Alguns deduzem que eram objetos, com os quais se lançavam sortes para determinarem as respostas de Deus **cf. Nm. 27:21**.

Hoje, nós temos o Espírito do Nosso Sumo Sacerdote Perfeito habitando em nós. Ele mesmo nos ensinará tudo que precisarmos **Jo. 14:25-26**. Por isso, não precisamos mais lançar sortes, mas apenas nos submeter ao Espírito Daquela que mudou a nossa sorte.

v.09 A lâmina de ouro posta na cabeça do sumo sacerdote tinha a inscrição “*Santidade ao Senhor*” **Ex. 28:36**. A beleza das vestes chamava atenção para a dignidade e santidade do sumo sacerdote.

Em apocalipse, vemos o nosso Jesus Glorificado vestido com seu manto e com um cinto (uma faixa) em volta do seu peito. Ele é o Único Mediador entre Deus e o homem **Ap. 1:13**.

v.10-12 Então Moisés tomou o óleo da unção. Tanto o tabernáculo, como os utensílios e o sumo sacerdote são ungidos.

O derramar do óleo sobre alguém ou sobre um objeto apontava a dedicação deste para uma missão ou serviço ao Senhor. Aquele que fosse ungido seria, assim, consagrado ao Senhor.

Em **1Sm. 16:13**, vemos Davi recebendo uma unção para reinar sobre Israel. Jesus é o Rei Ungido, o Rei dos reis e Senhor dos senhores **cf. Sl. 2:1-2, 6-7**. O profeta Isaías viu o Conquistador Ungido do Senhor e sua missão **Is. 61:1-3** e **Lc. 4:18-19**.

Se o nosso Sumo Sacerdote é consagrado e ungido, o tabernáculo onde habita a Presença também é. Nossas vidas são completamente do Senhor. Aplicando a metáfora dos utensílios, nós somos instrumentos separados pelas mãos de Deus para sermos usados para Sua Glória. Diga ao Senhor: “*Eis-me aqui*”.

v.13 Então, os filhos de Arão também foram designados ao sacerdócio. Eles receberam vestes sacerdotais que, também, eram vestes de santidade.

Assim como a nação de Israel foi chamada para ser um reino de sacerdotes **Ex. 19:6**, nós também somos chamados por Deus como “*sacerdócio real*” **1Pe. 2:5** e **Ap. 1:6**.

Contudo, há algo que deve chamar nossa atenção. É o Espírito, em sua unção, que traz a benção e a vida **Sl. 133:3**. Mas também é o Espírito que traz Unidade. A unção que está sobre a cabeça de Arão desce até suas vestes **Sl. 133:2**.

A unção de Arão representava a unção de todo corpo sacerdotal. A Unção de Cristo também desce para seu corpo. Está descendo sobre nós **1Jo. 2:27**. Há uma unção de Deus que nos ensina e capacita a respeito de todas as coisas. A unção de Cristo, Nosso Sumo Sacerdote, está sobre seu reino de sacerdotes que é a sua Igreja.

v.14-17 Então, em Levítico, três ofertas foram trazidas ao Senhor. A primeira delas foi uma oferta de purificação pelos pecados de Arão e seus filhos. Note que são eles mesmos que impuseram as mãos sobre o novilho. Esse gesto significava que o ofertante precisava ter seus pecados perdoados. Assim se daria o gesto de confissão **cf. Lv. 4:3-4,24,29**.

v.15 Esse versículo diz literalmente “*E o cortou no pescoço em sacrifício*” (LTT). O texto não diz que Moisés imolou. Alguns tradutores dizem isso por dedução. Mas de acordo com **Lv. 1**, era o ofertante que imolaria o animal, ou seja, Arão.

Mas embora Arão tenha imolado o animal, ainda assim, note a centralidade de Moisés nesse capítulo. Moisés é o responsável pela realização do rito. Depois desse dia da consagração de Arão, o sumo sacerdote ofereceria sacrifícios por si mesmo. Mas aqui, Deus deixa claro, que se trata de uma escolha e ação de Deus em favor de Arão e seus filhos. Se Deus não liberar, ninguém pode acessar!

O altar foi purificado com o sangue do sacrifício. Moisés esfrega o sangue nas pontas (chifres) do altar com a ponta dos seus dedos. O derramar do sangue na base do altar faria a expiação dos pecados. Perceba que eles estão no altar de bronze, ou seja, no Átrio do Tabernáculo, no pátio. Por isso, aqui o véu não é mencionado como em **Lv. 4:6-7**.

v.16-17 O rito segue como foi descrito em **Lv. 4**. Moisés separou a gordura e as entranhas e as queimou. O restante do animal seria queimado fora do arraial.

v.18-21 Surge o segundo sacrifício nesse episódio. Um holocausto foi oferecido ao Senhor. Um dos carneiros é trazido e sacrificado nos mesmos moldes de **Lv. 1**, mas o elemento diferencial continua sendo Moisés. Moisés está assumindo o papel sacerdotal sobre Arão e seus filhos.

Arão e seus filhos puseram a mão sobre o carneiro. O significado disso era:

Eles seriam aceitos diante de Deus como sacerdotes.

A partir dali, eles teriam suas vidas dedicadas ao serviço a Deus.

Como se tratava de um holocausto, o animal seria completamente queimado. Nesse sentido, o sacerdote entenderia que sua vida, a partir de então, pertenceria ao Senhor.

v.22-30 Por fim, uma oferta de consagração foi trazida ao Senhor. Novamente, Arão e seus filhos põem as mãos sobre o segundo carneiro e o imolam.

v.23 Porém, ao invés de esfregar o sangue na ponta do altar, Moisés esfrega o sangue na ponta da orelha direita, no polegar da mão direita e no polegar do pé direito. O restante do sangue é derramado ao redor do altar. Mas porque só o lado direito e dessas partes específicas?

O lado direito era considerado o lado mais favorecido **cf. Mt. 25:34**. Assim, esse gesto representaria a dedicação da melhor parte apontando para a entrega do todo. Quando entregamos os nossos dízimos, devolvendo a décima parte ao Senhor, a mensagem desse gesto é: *“Tudo que tenho pertence ao Senhor”*.

Ouvidos consagrados para sempre ouvirmos a santa voz do Senhor.

Mãos consagradas para sempre realizar a boa obra do Senhor.

Pés consagrados para sempre trilharem os caminhos santos de Deus.

v.25-28 O rito de consagração como um todo aponta para Deus como Aquele que escolhe, purifica e unge o sumo sacerdote.

v.25 A gordura e as entranhas eram normalmente queimadas ao Senhor. A coxa direita pertenceria ao sacerdote que realizasse o sacrifício **cf. Lv. 7:32**.

v.26-28 Mas aqui algo diferente acontece. A coxa direita e alguns pães que estavam diante do Senhor são postos nas mãos de Arão e seus filhos, e são tratados como uma oferta movida, ou seja, movida em direção ao altar e depois em sua própria direção. Só que essa oferta não ficou para Arão! Tudo foi queimado como uma oferta de consagração e aroma agradável ao Senhor. Deus é o agente da consagração. Nada é mérito de Arão!

Nós consagramos nossas vidas ao Senhor, mas só pela graça fomos aceitos e capacitados a nos oferecer como ofertas de aroma agradável diante de Deus. A obra Dele sobre nós é única! Não há deus além do Nosso Deus.

v.29-32 Então Moisés move o peito do animal como oferta movida. Essa parte era uma parte que pertenceria ao sacerdócio **Lv. 7:31**.

v.30 Então Moisés aspergiu óleo e sangue sobre Arão e seus filhos.

Sangue – Simbolizando que estavam purificados.

Óleo – Eles foram consagrados e separados para Deus.

v.31-32 E como a oferta do peito movido pertenceria ao sacerdócio, uma refeição foi ordenada a eles. Mas tudo que restasse não poderia ser deixado para outro dia nem ser compartilhado num contexto comum. O restante deveria ser queimado. A mensagem é: *“Não confundam o santo com o comum”*. O esquecimento dessa lição custou caro para a casa de Arão.

v.33-35 Esse princípio de separação pode ser visto na continuidade do texto. Por sete dias, eles não deveriam sair dos limites do tabernáculo. Eles passariam por um rito de purificação por seis dias. O foco aqui está na obediência.

“Deveriam observar as prescrições para que não morressem”. Embora seja uma frase forte, ela nos remete a **Gn. 2:16-17** e **Hb. 12:27-29**. Onde houver obediência haverá recompensas.

v.36 *“Coisas que ordenara por meio de Moisés”*. Esse capítulo destaca a centralidade de Moisés na mediação da consagração do

sacerdócio. Moisés é o sacerdote que ordena Arão ao ministério sacerdotal. Ao mesmo tempo, “Moisés é a voz profética que declara a vontade de Deus a Arão” (Wenham). Em **Dt. 18:15**, Moisés se identifica como uma voz profética.

Então, no modelo profético, o Senhor diz sobre um profeta semelhante a Moisés quealaria aquilo que o Senhor haveria de ordenar. Quem não O ouvisse seria pedido contas **Dt. 18:18-19**. Em Isaías, vemos o Servo Sofredor como Aquele que é ensinado, e aprende as palavras que deveria proclamar **Is. 50:4-6**. Isaías está vendo o Messias que seria ferido.

O Senhor Jesus só falou aquilo que ouviu do Pai Celestial **Jo. 8:28**. Pedro, em seu discurso no templo, reconheceu que este, de quem Moisés falara, era Jesus **At. 3:22-23**.

Moisés, como mediador, estabeleceu um sacerdócio temporário. Mas agora, há Um que é Sumo Sacerdote para sempre. Ele escolheu um povo de sacerdotes para servi-Lo.

Jesus chamou os discípulos para anunciarem o evangelho **Mt. 28:18-20**. Do mesmo modo como Ele foi enviado, Jesus está nos enviando **Jo. 20:21**. Ele nos capacitou porque Ele começou essa obra em nós, e fielmente a completará **Fp. 1:6**.

A Glória desceu o Sinai

Levítico 9



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



A Glória desceu o Sinai

Levítico 9

Chegamos até o momento em que Arão, como o primeiro sumo sacerdote segundo a lei de Moisés, entra em cena. O dia em que Arão, na função sacerdotal, ofereceria os primeiros sacrifícios ao Senhor.

Aqui, veremos o propósito de todas as cerimônias e da riqueza de variedades nos detalhes em Levítico: A aparição da Glória de Deus! O propósito era que o povo contemplasse a Glória de Deus, e que essa visão os conduzisse à adoração. Ao olhar para o NT, percebemos que o propósito de Deus continua o mesmo: “Pai [...] *que eles vejam a minha glória*” **Jo. 17:24**.

Em **Jo. 17**, nós temos a conhecida “*Oração Sumo Sacerdotal do Senhor*”¹⁰, e será muito apropriado ter em mente esse capítulo do evangelho de João, a fim de que possamos fazer as correlações corretas entre a Antiga aliança e a Nova Aliança. Arão foi um vislumbre, mas Jesus é a expressão exata! Arão foi um tipo, Cristo, o antítipo. Arão foi uma sombra, mas Jesus é a realidade!

v.01 Nós vimos no capítulo anterior que Moisés fizera todos os sacrifícios ordenados por Deus para a consagração de Arão e seus filhos. Embora Arão estivesse pronto para iniciar seu ministério, ainda assim, ele estava sujeito a Moisés. Ele precisou ser chamado: “*Ao oitavo dia, chamou Moisés a Arão*”.

10. Embora haja divergências entre os estudiosos se essa oração deveria ser assim chamada ou não.

As imagens proféticas costumam misturar-se e sobrepor-se para que o quadro completo seja montado. Essa mistura acontece aqui! Moisés é o mediador profético entre Deus e Israel. E mesmo que Arão já tivesse sido consagrado sumo sacerdote, esse versículo deixa claro: Ele era apenas um homem que também precisava da misericórdia como nós. Ele dependia de um mediador! Nós também! Por isso Deus nos deu o que necessitávamos: Jesus, o Mediador Perfeito **1Tm. 2:3-5**.

Agora, contemple a sobreposição de imagens proféticas: Vemos a imagem de um mediador em Moisés, mas também olhamos para Arão e vemos um sumo sacerdote que não auto designa-se, mas aguarda humildemente o seu desígnio da parte de Deus. Assim Jesus também foi para conosco **Sl. 110:4** e **Hb. 7:14-17**.

Essa complexidade revela a majestade de Cristo. Nenhum homem no AT pode fornecer uma sombra completa de quem Jesus é. Foi necessária toda história do AT para termos um vislumbre mínimo e suficiente, a fim de que fôssemos conduzidos até a revelação do Cristo na plenitude do tempo. Ninguém é como o Nosso Deus!

v.02 Arão ofereceu um bezerro e um carneiro. Mas observe:

Arão ofereceu um bezerro por oferta pelo pecado. Os comentaristas destacam que, curiosamente, esse foi exatamente o pecado com o “bezerro de ouro” em **Ex. 32:3-4**. Talvez esse fosse o pecado de Arão que precisava ser expiado.

Ao mesmo tempo, vemos um carneiro que remonta a oferta de Abraão, a qual foi o próprio Deus que proveu o sacrifício em substituição a Isaque **Gn. 22:13**.

Assim é Jesus sobre nossas vidas: Aquele que perdoou nossos pecados mais terríveis e que a Si mesmo entregou-se em nosso lugar. Veja como as imagens continuam se sobrepondo: Um bezerro pelo pecado e um carneiro em holocausto!

Algo mais precisa ser dito aqui: Arão tinha acabado de sair de um rito de purificação de sete dias! Mas ao sair, a primeira coisa que ele precisa fazer é uma oferta pelos seus pecados! Como assim? Isso enfatiza a necessidade da graça sobre a vida de uma pessoa. Não precisamos de outro sacrifício para ser salvos, mas devemos nos lembrar todos os dias de que se não fosse o sacrifício de Jesus estaríamos mortos para sempre!

Em paralelo com **Jo. 17:1-5**, vemos que Jesus não orou, ou ofereceu oferta por pecados. Ele não pecou em nada, mas em sua oração por Si mesmo, Ele pede ao Pai que O glorifique como o Filho que já era antes que houvesse mundo. Jesus é o Verbo Eterno de Deus **Jo. 1:1**.

Logo em seguida, Jesus intercederia pelos seus discípulos que estavam ali **Jo. 17:7-9** e por aqueles que ainda viriam a crer Nele **Jo. 17:20**.

v.03-04 Em Levítico, o povo deveria trazer um bode por oferta pelo pecado e um bezerro e um cordeiro em holocausto. Além disso, um boi e um carneiro como oferta pacífica e ainda uma oferta de manjares (cereais). Talvez você se pergunte: Porque tudo isso? Porque tantos detalhes?

A resposta está no texto: *“Porque hoje o Senhor vos aparecerá!”* O que fazer quando Ele vem? Será que precisamos ajustar nossas

condutas em algum detalhe ou aspecto? Será que são necessários alguns ajustes em nossa disposição de mente, alma e corações?

v.05 “*Então trouxeram...*” Amo esses detalhes nas Escrituras! Houve PRONTIDÃO naquilo que foi exigido. De igual modo, nós precisamos estar predispostos a ouvir e se mover em direção àquilo que Deus apontou.

A procrastinação é um perigo para a vida espiritual. Não devemos transferir para outro dia aquilo que Deus nos chama para fazer hoje. Delongar-se ou postergar um chamado de Deus será um empecilho para que sejamos plenos em Deus. Confie na voz do Senhor e mova-se com Ele.

v.06 Onde houver obediência, haverá recompensas! “*Esta coisa que o Senhor fará [...] e a Glória do Senhor vos aparecerá*”!

Sinto-me constrangido com esse versículo. Essa Glória é a Presença visível de Deus que veio sobre o Sinai em **Ex. 24:16-18**. Contudo, em Êxodo, o povo não teve coragem de subir o monte **Ex. 20:18-21**. É como que se Moisés estivesse dizendo: “*A Glória do Senhor vai descer o Sinai e virá até nós*”! Esse é o Nosso Deus! Ele veio a nós **Jo. 1:14**! Jesus quer que contemplemos a Sua Glória!

v.07-08 Aqui, vemos a infinita superioridade de Cristo em relação a Arão. Arão precisou de um bezerro **v.01** para fazer a oferta de expiação por si mesmo antes de realizar a expiação pelo povo, mesmo já sendo o sumo sacerdote. Mas Jesus é o Sumo Sacerdote sem defeito!

v.09-11 O altar foi purificado com o sangue do sacrifício. A gordura e as entranhas foram queimadas ao Senhor e o restante do animal, queimado fora do arraial. A oferta pelo pecado do sumo sacerdote jamais poderia ser consumida. Lembre que o pecado não era um motivo alegre, não seria uma refeição de comunhão. Por isso, conforme **Lv. 4:12**, o restante do animal seria levado para onde lançavam as cinzas, e lá, queimado.

v.12-14 Após Arão oferecer sacrifício por si, ele imolou um holocausto pelos sacerdotes, ou seja, naquele momento, por seus filhos. Foi o carneiro mencionado no **v. 02**.

Isso fica claro pelo procedimento descrito no **v.13** quando comparado com a lei do holocausto em **Lv. 1:10,13**. Como o carneiro substituto foi oferecido por Isaque em **Gn. 22**, o sumo sacerdote oferece o holocausto pelo sacerdócio.

Quando olhamos para Cristo, vemos que as imagens novamente estão se sobrepondo. Ele é o Sumo Sacerdote Perfeito, mas também é o sacrifício perfeito que nos tornou aceitos diante de Deus.

Em paralelo com **Jo. 17**, Jesus orou por aqueles que foram aceitos e pertenciam a Ele. Aqueles que foram dados ao Filho **cf. Jo. 17:6-9**. Aqui temos cuidado e temor em lidar com os mistérios de Deus, pois o Senhor conhece os seus antes mesmo da fundação do mundo **Ef. 1:14**. Ao mesmo tempo, a responsabilidade moral em responder ao chamado de Deus foi confiada a nós **Lc. 5:11**.

Jo. 17:17 diz “*santifica-os na verdade*”. O verbo grego é ἁγιάζω [*hagiazō*] que significa “*separar das coisas profanas e*

dedicar a Deus”. Arão e os seus filhos foram santificados, ou seja, reservados para o ofício sagrado. Agora, Jesus fala sobre seus discípulos, pois a Palavra que os discípulos ouviram os limpou **Jo. 15:3**, e foi a verdade que os santificou.

Em **Jo. 17:19** vemos Jesus, o Sumo Sacerdote Perfeito dizendo: *“A favor deles eu me santifico”*. O Senhor está determinado em entregar-se pela vontade do Pai. Ele se dedica ao sacrifício da Cruz. As imagens proféticas estão se sobrepondo: Jesus é o Sumo Sacerdote Consagrado e Sacrifício reservado para a morte. Precisamos nos lembrar todos os dias: *“Foi em nosso favor”*.

Lv.9:15-16 Por fim, após Arão oferecer um sacrifício pelo sacerdócio, ele ofereceu um bode por oferta pelo pecado de todo o povo. Além disso, um bezerro e um cordeiro por holocausto também são trazidos conforme solicitado no **v.03**.

Então, em **Jo. 17:20** temos a percepção de Jesus que atravessa toda história e nos alcança! O Sumo Sacerdote Perfeito viu um povo santo que creria Nele. A mesma palavra que santifica é a Palavra que produz fé e vida em nós.

v.17 Só então, após Arão oferecer o sacrifício pelo povo, fez chegar a oferta de cereais! Somente em Cristo, nosso cotidiano ganha propósito e sentido. O pão sobre a mesa tem sua fonte devidamente reconhecida: O Senhor é o Nosso Pão do Céu! O Verdadeiro Sustentador! Um punhado memorial era queimado simbolizando que isso precisava estar vivo na mente de todo adorador.

v.18 Se em **Lv. 1** vimos a lei acerca do holocausto, e em **Lv. 2** a lei da oferta de cereais, aqui, seguindo o texto, vemos que a lógica é consistente. Em **Lv. 3** vimos sobre as ofertas pacíficas. O mesmo padrão segue aqui.

O povo, liderado pelo sumo sacerdote Arão, está num relacionamento de paz com Deus. Esse é um vislumbre profético que aponta para nossa reconciliação com Deus por meio de Jesus. Não somos mais inimigos de Deus. Ele nos chama de amigos!

v.19-21 Esses versículos nos mostram a obediência com os detalhes que foram prescritos anteriormente. A gordura e as entranhas foram queimadas ao Senhor, conforme previsto em **Lv. 3:4-5**. O peito e a coxa direita retiradas como ofertas movidas para a porção dos sacerdotes, o que também foi previsto em **Lv. 7:31-32**.

O Espírito Santo também tem direcionado nossas vidas guiando-nos em Sua Palavra. O ponto é: Temos observado atentamente o que Ele está nos ensinando? Ao receber a Palavra de Deus num culto, voltaremos para casa com uma porção, mas que em algum momento, deveremos meditar sobre ela em nossa alma para mantermos as chamas santas alimentadas em oração e Palavra.

O que Deus tem falado ao seu coração por intermédio de Sua Palavra?

v.22 Arão levantou as mãos e abençoou o povo. Provavelmente, aqui, ele liberou as conhecidas palavras da benção de **Nm. 6:23**:

A benção é do Senhor, e não de Arão. Só o Senhor é o Abençoador!

“E que o Senhor te guarde”. Ele é o nosso lugar seguro.

“Faça resplandecer o rosto [Dele] sobre ti”. Deus não esconderá de nós a Sua Face, pelo contrário, como o sol ilumina cada manhã, assim será nossa vida inteira.

“Tenha misericórdia”. Sempre será um favor gracioso. Podemos viver cada dia sendo perseguidos por essa misericórdia! Que companhia gloriosa nós temos em Deus para a jornada.

“E te dê a paz”. A paz como uma guardiã em nossas mentes **Fp. 4:7**.

v.23 O livro de Levítico se iniciou com Deus chamando Moisés até a porta da Tenda da Congregação **Lv. 1:1**. Parece que somente aqui, Moisés e Arão entraram juntos no Tabernáculo, mas também saíram juntos. Isso é muito importante! Por quê? Porque significa que tudo deu certo! Arão não foi consumido na Presença de Deus. O Senhor aceitou o seu povo em Sua Presença na figura do sumo sacerdote.

Todos os detalhes minuciosos tinham um objetivo: A aparição da Glória de Deus! Esse também é o desejo de Jesus como nosso Sumo Sacerdote. E não duvide, pois Ele orou sobre isso em **Jo. 17:24**. Ele quer que vejamos a Sua Glória!

v.24 *“Eis que saindo fogo diante do Senhor”*. Deus respondeu ao seu povo enviando fogo santo para consumir o holocausto e a gordura das ofertas pacíficas. Em dois outros momentos, Deus demonstrou sua aceitação de uma oferta com fogo:

Em **1Rs. 18:38**, quando Elias desafiou os profetas de Baal e Aserá no monte Carmelo.

E em **2Cr. 7:1**, na dedicação do Templo de Salomão.

O que foi comum nessas duas outras ocasiões? O povo foi levado à adoração e se prostraram ao chão. A revelação de quem Deus é nos conduzirá ao propósito da nossa existência: “*somos para louvor da sua glória*”. Esse objetivo está longe de ser exclusivo ao AT. Veja **Ef. 1:6,12,14** e depois leia o contexto. Essa é a esperança do nosso chamado **Ef. 1:7**.

Aqui, devemos pedir ao Senhor, alinhados com **Jo. 17:24**, usando as mesmas palavras de Moisés em **Ex. 33:18**: “*Mostra-me a Tua Glória*. Ilumine os olhos do meu coração para ver o que ainda não vi, mas Tu já liberastes”.

E que isso nos faça caminhar com o resplandecer do rosto do Senhor todos os dias, porque a Glória de Deus desceu o Sinai e veio até nós! Que vivamos para louvor da Sua Glória!

Cuidado com fogo estranho

Levítico 10



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Cuidado com fogo estranho

Levítico 10

Como deve ser a conduta de pessoas que foram feitas habitação do Deus Vivo? Essa pergunta deve ser respondida com gratidão pela graça, mas também, com profunda reverência provocada pelo Temor Santo.

É comum, e dizemos isso com pesar, ver alguns ensinando sobre a graça de Deus sem aplicá-la a uma vida com frutos de arrependimento. Ou ainda, dizendo que a graça não está enraizada no Temor do Senhor. Na verdade, deveríamos pregar o oposto disso! A mesma graça que nos salvou também nos habilita temer o Senhor em sua Santidade.

Antes de detalharmos alguns aspectos de **Lv. 10**, será importante ajustarmos nossas lentes de acordo com **Hb. 10:28-31**. Note que no contexto da Nova Aliança, somos avisados “O Senhor julgará o seu povo”. Nós conhecemos Aquele que diz: “A Mim pertence a vingança”.

v.01 Quem eram Nadabe e Abiú? Filhos de Arão com Eliseba **Ex. 6:23**. Pela ordem de filhos no versículo, eles eram os filhos mais velhos da família. Eles estavam entre aqueles que subiram o Sinai e haviam visto os pés do Senhor **Ex. 24:9-11**. Aqui em Levítico, eles já haviam sido consagrados ao Senhor como sacerdotes **Lv. 8:30**.

Estamos falando de homens que conheceram o livramento do Senhor no Egito. Eles tiveram uma experiência com a Glória

de Deus no Sinai. Eram homens escolhidos e consagrados para servirem ao Senhor.

Note que o **v.01** parece perfeito, exceto por um aspecto: um fogo estranho. Eles tomaram seus incensários como sacerdotes ungidos, ou seja, estavam com as mãos naquilo que Deus os chamou para fazer. Eles eram responsáveis pelo fogo e pelo incenso.

Mas a sequência da narrativa é dramática. Em **Lv. 9:24**, vemos um cenário de aceitação, adoração, louvor e temor santo. Mas toda alegria parece desaparecer quando trouxeram *“fogo estranho perante a face do Senhor, o que lhes não ordenara”*.

Esse versículo precisa ser contraposto com **Lv. 9:6**. Nós sentimo-nos extasiados quando pensamos na ideia de que *“a Glória do Senhor nos aparecerá”*. Mas o que isso implicará em nosso comportamento, motivações e prioridades?

Existe um princípio na teologia do juízo de Deus que diz que *“nós seremos julgados segundo a luz que recebemos”*. É por isso que **Lc. 12:48** nos alerta sobre a responsabilidade dos que recebem mais de Deus.

Mas o que fazia desse fogo *“estranho”* de fato? É difícil dar uma resposta definitiva a essa pergunta, mas o incensário deveria ser aceso com brasas produzidas pela lenha acesa com o fogo santo de Deus.

Em **Lv. 6:12**, vimos que o sacerdote arrumaria a lenha, mas em **Lv. 9:24**, somos informados de que o Senhor foi quem enviou o fogo. E era dever do sacerdote cuidar dessa chama para que nunca se apagasse **Lv. 6:13**. Agora, siga a lógica: Lenha + Fogo = brasas. A lenha, antes de se tornar cinzas é embrasada.

Essas brasas eram usadas no incensário para se queimar incenso **cf. Lv. 16:12** e **Ap. 8:3-6**. Talvez essas brasas que foram usadas por Nadabe e Abiú tivessem outra fonte que não fosse o altar do Senhor. O ponto decisivo é que trouxeram algo que o Senhor não lhes ordenara. Isso continua em contraste com **Lv. 9:6**: “*Esta coisa que o Senhor ordenou*”.

A obediência é um princípio do Reino **Jo. 14:15** e **Jo. 15:10**.

Aqui, vemos como Nadabe e Abiú, esquecendo-se do que Deus ordenara, fizeram aquilo que estava em seus próprios corações. Esse incidente é um vislumbre do perigo de seguir os seus próprios caminhos.

v.02 Se contrapusermos esse versículo com **Lv. 9:24**, sentiremos ainda mais o impacto da narrativa. Nos dois textos vemos a expressão “*saiu fogo de diante do Senhor*”. Mas lá, o fogo consumiu o holocausto e revelou a aceitação de Deus. Aqui, o mesmo fogo consumiu Nadabe e Abiú revelando a santidade de Deus no juízo. O mesmo fogo que purifica é o fogo que consome.

Tenho ensinado consistentemente ao longo dos anos esse princípio: Não há dois tipos de fogo do Senhor. Um que purifica e refina, e outro que consome no juízo. As chamas divinas do juízo final serão justas e de acordo com a santidade de Deus. Aqui em Levítico, nós vemos um vislumbre dessa verdade.

Nadabe e Abiú foram consumidos perante o Senhor e morreram. Em **Lv. 9:23**, Moisés e Arão entraram e saíram da Tenda. Eles não foram consumidos porque seguiram a voz de Deus. Lá, deu tudo certo, mas aqui, vemos o que significaria dizer que “algo

deu errado”. Só existe um caminho a seguir: Jesus é o caminho. Se seguirmos a sua Voz, creia que alcançaremos misericórdia e o alvo da nossa soberana vocação.

v.03 Diante dessa tragédia, Moisés diz a Arão que o Senhor mostraria sua santidade naqueles que se chegassem a Ele. Você pode sentir a força dessa declaração?

Ao sermos purificados e constituídos reis e sacerdotes **Ap. 1:5-6**, nós podemos contemplar a santidade do Senhor e passamos a manifestá-la. A consequência disso é a mesma em Levítico: Só o Senhor será glorificado.

Mas aqui, vemos que os juízos de Deus também glorificam a santidade do Senhor. Ao ler **Ap. 19:1-4**, vemos que no final dos tempos, a Noiva do Cordeiro entenderá os juízos de Deus perfeitamente e cantará: “Aleluia”.

Os juízos de Deus não são baseados em nossas revoltas particulares contra esse mundo mal. Eles são baseados na Salvação, na Glória e no Poder que pertencem unicamente ao Senhor. Só a santidade de Deus pode ajustar nosso senso de justiça corrompido.

Levítico fala da santidade do Senhor. A nação foi chamada para ser santa e os sacerdotes seriam os responsáveis por ensinar o povo. Isso significa que eles estariam numa posição de proximidade com Deus. Quando a santidade do Senhor é declarada, a Glória enche a terra **Is. 6:3**.

Em **Lv. 9:24**, o povo jubilou diante da Glória do Senhor, mas aqui, “Arão se calou” (ARA). Algumas lições são ensinadas a nós por caminhos que nos custam muito caro. O sacerdócio preci-

sava entender que quanto mais perto da Glória estavam, mais atenção precisava ser dada à santidade de Deus.

Os juízos de Deus são perfeitos! Deus julgará cada um segundo a luz que recebeu. Em **Am. 1:3-4, 6-7, 9-12**, o profeta nos mostra que as nações seriam julgadas pelos seus pecados. Mas veja **Am. 2:4-5**: Judá seria julgada porque não guardaram a Palavra do Senhor. Eles tinham mais luz do que as nações, e por isso seriam julgados com muito mais rigor.

Veja esse princípio no NT, nos ensinamentos de Jesus em **Mt. 11:20-24**. Haverá mais rigor para Cafarnaum do que para Sodoma! Por quê? Por causa da luz que cada um recebeu.

Assim, a humanidade que não recebeu a revelação especial de Deus, alguns que nunca sequer ouviram sobre Jesus, até eles receberam luz em alguma medida **Rm. 1:20-21**. E será exatamente por essa medida de revelação que eles serão julgados **Rm. 1:28,32**.

Então percebemos que só existe um meio, pelo qual nos achegamos a Deus: Jesus Cristo **Rm. 3:23-26**. Somente Nele, somos santificados. Apenas Nele, vivemos em santificação e veremos a Deus: Jesus é o caminho.

A santidade de Deus faz nossa justiça própria se tornar pó! Isso nos mostra que só a misericórdia e a Graça Dele pode nos modelar. Nadabe e Abiú não perceberam o peso da Glória de Deus.

v.04-05 Deus chama dois primos de Arão: Misael e Elsafã. E então vemos que a obediência é o caminho para que as coisas

sejam arrumadas. Eles deveriam levar os cadáveres de Nadabe e Abiú com suas vestes sacerdotais, para fora do arraial. Misael e Elsafã obedecem.

v.06-07 Outro gesto de obediência é exigido. Agora, Arão e seus filhos que restaram não deveriam fazer luto rasgando a costura das vestes e bagunçando os cabelos. Se fizessem, eles morreriam também, e ainda, a Ira do Senhor viria sobre o povo.

O lamento de Arão poderia sugerir que o juízo do Senhor tivesse sido injusto e, que em alguma medida, Nadabe e Abiú tivessem sido inocentes.

Obedecer a Deus quando ouvimos um “sim” do Senhor parece ser mais fácil do que quando descobrimos que a Vontade Dele é diferente de nossas orações. Aqui, só Jesus pode nos ensinar essa lição perfeitamente **Mt. 26:39**.

v.08 Então, Deus chama Arão para falar com ele. O momento é sensível. Mas em nenhum outro texto de Levítico Deus fala a sós com Arão. Moisés sempre estava junto, contudo, aqui é uma conversa entre Deus e o seu sumo sacerdote. Vejo um momento muito íntimo e isso deve ter dado o tom da conversa. É a conversa de Alguém que sabe a dor de um pai que perdeu seu Filho. Jesus já era o Cordeiro que havia sido morto antes que houvesse mundo.

v.09 “*Não bebam vinho nem bebida forte ao entrar na Tenda*”, ou seja na minha Presença.

Alguns conjecturam que esse tivesse sido a causa do erro de Nadabe e Abiú, contudo, o texto não dá nenhuma evidência, por isso, talvez seja melhor não afirmar isso. Mas certamente, o AT nos mostra o perigo do álcool: “o vinho é escarnecedor” **Pv. 20:1**, sugerindo que alimenta os próprios desejos.

No NT, esse ensino continua ecoando. Em **Ef. 5:17-18**, Paulo chama os efésios à Vida do Espírito e diz: “*não vos torneis insensatos*”, e ainda, diz que no vinho há dissolução. No grego, “*dissolução*” é ἀσωτία [asōtia], que significa “*uma vida descontrolada*”. Essa expressão é uma palavra composta da partícula de negação “α” com a palavra σώζω [sōzō], que significa “*salvar, manter num lugar seguro do perigo*”. Assim, asotia seria estar num lugar de perigo.

O chamado de Arão e dos seus filhos era de servir diante do fogo consumidor. O vinho poderia significar para eles um risco de tomar uma decisão insensata. É como que se Deus colocasse as mãos nos ombros de Arão e dissesse: “*Eu não quero que este seja o seu fim*”.

v.10 “*Arão, você precisa entender que existem coisas santas e coisas comuns*”. Que realidade nos define? Sou uma pessoa com a vida comum ou com uma vida santa dedicada ao Senhor? O oposto de santo é comum. Veja a mesma palavra hebraica em **1Sm. 21:4** “*comum*”.

Arão precisaria entender que algo impuro jamais poderia ser trazido à Presença de Deus sem que antes fosse devidamente purificado. Assim, nós fomos trazidos à Presença de Deus: o Sangue de Jesus nos purificou de todas as nossas injustiças.

V.11 Aqui está o desdobramento do propósito: Vocês ensinarão aos filhos de Israel. Uma vez que fomos chamados por Jesus, e constituídos por Ele, agora nós também levaremos a Presença Santa, a Mensagem do Evangelho, e comunicaremos ao mundo que não há outro Deus além do nosso Santo Deus!

v.12-15 Esses versículos remontam outro diálogo. Agora, Moisés volta a falar com Arão e seus dois filhos, Eleazar e Itamar. Se o sangue de um sacrifício não fosse levado para dentro da Tenda da congregação, os sacerdotes poderiam comer daquele sacrifício **cf. v.18 e Lv. 4:5,12**.

Assim, a oferta de manjares **v.12**, o peito da oferta movida, a coxa direita da oferta movida e os sacrifícios pacíficos do povo **v.14** seriam porções que deveriam servir de alimento para os sacerdotes **v.15**.

v.16 Só que Moisés, ao procurar o bode da oferta pelo pecado do povo **Lv. 9:3**, percebe que já havia sido queimado. E Moisés fica indignado com Eleazar e Itamar.

v.17 *“Porque vocês não comeram o que o Senhor disse que era devido aos sacerdotes?”*.

v.18-20 Arão é quem dará a resposta: Hoje oferecemos ofertas pelo pecado e holocausto ao Senhor. *“Moisés, você viu o que me aconteceu?”*. Arão entendeu o que Deus havia lhe dito no **v.10**. *“Se tivéssemos comido, seria isso, porventura aceito pelo Senhor?”*.

Arão preferiu não fazer enquanto não tivesse clareza se seria algo aceito por Deus, ou se ele, mesmo sem saber, profanaria o que era consagrado ao Senhor. O Temor do Senhor é o princípio da sabedoria. Arão foi cheio do Temor do Senhor e Moisés precisou concordar.

Antes de tomar qualquer decisão, de falar algo ou agir, sonde suas motivações através das lentes do temor santo. Nossas vidas são consagradas a Ele. Não permita que nada que não vem de Deus toque seu coração.

Por vezes, nos perguntamos, porque esses juízos instantâneos não são mais tão notados? Mas se observarmos com um pouco mais de atenção o AT, veremos que em outras ocasiões sacerdotes também profanaram o culto ao Senhor e não houve juízos instantâneos **cf. Ml. 1:6-8**.

Assim, o que aprendemos aqui não é só sobre a rapidez que os juízos sobrevêm, mas a certeza de que no final das contas, tudo que o homem semear, isso colherá **Gl. 6:7**.

Prove suas motivações e prioridades no fogo do Senhor. Sempre existirão outros pretendentes. O fogo estranho não poderá te refinar. É um engano que te conduz à condenação.

O Temor do Senhor te habilitará a viver para sempre na Presença de Deus. Ele nos confiou as suas chamas santas. Que elas sejam tudo em nós!

Comer ou não comer? Eis a questão!

Levítico 11



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Comer ou não comer? Eis a questão!

Levítico 11

Após toda narrativa da consagração de Arão, entramos numa nova seção na estrutura do livro de Levítico, na qual, , são tratados assuntos a respeito da impureza, bem como, sobre os ritos de purificação. Veja como esse tema está conectado com a sequência do livro, pois em **Lv. 10:10**, Arão recebeu instruções específicas sobre a necessidade de distinguir o “*santo do comum e o impuro daquilo que é puro*”. Arão havia perdido Nadabe e Abiú por causa da falta de discernimento de seus dois filhos.

Esse tema de Levítico desafia a nossa mente moderna. Porque alguns alimentos foram considerados impuros e outros não? E ainda, se eram considerados impuros para os judeus naquela época, porque esses alimentos, para nós que estamos em Cristo, não devem ser mais considerados assim? Você já deve ter ouvido muitas tentativas para responder essas perguntas. Mas de forma resumida, apresentaremos quatro abordagens que tentam responder essas questões¹¹:

Distinções Arbitrárias – Alguns reconhecem que existe uma explicação lógica, mas que só é conhecida por Deus. Assim, caberia a Israel confiar no que o Senhor estava dizendo e obedecer. Seria um teste de obediência! Os pensamentos de Deus

11. Esse resumo é extraído do Comentário Exegético de Levítico de Gordon J. Wenham.

sempre são mais altos do que os nossos. Embora haja verdades nessa abordagem, pois Deus certamente sabe mais do qualquer homem, podemos observar outros princípios além do teste de obediência.

Distinções Culturais – No Oriente antigo, havia muitas práticas de cultos pagãos. Para alguns comentaristas, animais impuros seriam aqueles associados a essas práticas. De fato, a Aliança do Senhor para com Israel tinha o objetivo de separá-los dos outros povos para que fossem uma nação santa **Ex. 19:5-6**. Mas os cananeus, por exemplo, também sacrificavam bois e ovelhas, e estes não foram considerados impuros em **Lv. 11**. E ainda mais, esses animais eram dedicados ao Senhor em sacrifícios.

Abordagem Higiênica e Sanitária. Essa abordagem tem obtido muita força. A atração por essa perspectiva se dê, talvez, pela nossa concepção moderna de saúde e a dificuldade de pensar com a mente de alguém que viveu na antiguidade. Certamente, precisamos reconhecer a providência divina cuidando da saúde do povo em condições tão insalubres. Mas essa seria toda explicação? Se fosse assim, então porque certos alimentos considerados impuros no AT foram declarados puros por Jesus no NT? As normas de higiene na Palestina do séc. I ainda não tinham avançado tanto assim. Certamente, no deserto as questões higiênicas seriam críticas, mas após a entrada na terra prometida e após construírem cidades, todas essas restrições permaneceram. Então deve existir algo mais do que apenas as questões sanitárias.

Abordagem Simbólica – Por essa lógica, tenta-se conectar o comportamento desses animais aos hábitos de Israel. Por exemplo, um boi que ruma o alimento apontaria para o homem que

medita naquilo que ouviu da Palavra do Senhor. Um exemplo negativo, o porco que vive na lama apontaria para o homem que vive em sua imundícia. Mas esse tipo de abordagem deixa perguntas: Porque a águia era considerada impura se o seu comportamento, por vezes é tão inspirador? **Is. 40:31.**

Então nos resta a pergunta: Como interpretar **Lv. 11**? E ainda, quais aplicações desse texto podem ser feitas à nossa realidade? Assim, um olhar mais amplo, talvez nos faça ver que cada abordagem tem pontos fortes que se comunicam, mas reconhecendo que esses pontos estão apoiados em alguns princípios. São estes princípios que tentaremos escavar aqui nesse capítulo.

O primeiro é o *Princípio de Escolha e Separação*. Em **Lv. 20:23-26**, Deus diz que escolheu e separou Israel. “*Portanto*” **Lv. 20:25** (NVI) mostrem isso aos outros povos. Mas como? Eu separei vocês, “*portanto façam separação entre os animais puros e impuros*”. Com isso Israel mostraria que existe um Deus que havia os separado das demais nações para pertencer a Ele.

v.01 O Senhor fala a Moisés e Arão juntos. É a primeira vez que isso acontece em Levítico! Deus sempre falava a Moisés, e este falava a Arão. Mas agora, Arão assume a responsabilidade, como sumo sacerdote, de ensinar ao povo os estatutos do Senhor **Lv. 10:11.**

v.02 “*São estes os animais que comereis de todos os que há sobre a terra*”. Isso é um ato da providência de Deus: “*Não se preocupem, vocês terão o que comer*”. Em **Gn. 2:16** vemos um gesto semelhante.

v.03 Em **Gn. 2**, foi dado a Adão e Eva de toda árvore do Jardim como mantimento. Aqui, é dado como alimento puro “*todo animal com o casco fendido em duas partes e que ruminam*”. A ruminação é o retorno do bolo alimentar para uma nova mastigação. Esses animais foram considerados puros e poderiam ser usados na alimentação.

v.04-06 Mas note que nessa primeira distinção alimentar outro princípio espiritual pode ser destacado. Eles não poderiam comer o camelo, o arganaz (ARA) [o coelho NVI] e a lebre. Aqui percebemos o *Princípio da Exceção por Obediência*.

Do mesmo modo que em Gênesis, Adão e Eva podiam comer de todas as árvores do Jardim, EXCETO uma: A árvore do conhecimento do bem e do mal, um ponto limite também é posto a Israel. Enquanto Israel estivesse atento a Voz de Deus, o povo estaria em condições de pureza para ter o Senhor habitando no meio do arraial. A obediência é uma semente que nos conduzirá a colheitas garantidas.

v.07 Outro princípio que surge é o *Princípio de Integralidade*. Note que os camelos, coelhos e lebres ruminam, mas não possuem o casco fendido em dois. Já os porcos são o oposto, possuem o casco fendido, mas não ruminam. Assim como o Senhor exigia do seu povo um compromisso integral, os animais usados na alimentação também pareciam precisar ter todas as características ordenadas.

O povo escolhido por Deus não foi chamado para selecionar este ou aquele aspecto da santidade do Senhor. Nós fomos

chamados a uma entrega integral de cada área de nossas vidas. Aqueles que estão comprometidos plenamente com o Senhor não se rendem às negociações com esse mundo.

v.08 A impureza seria transmitida no ato de comer ou mesmo se tocassem num desses animais quando mortos.

v.09-12 Do mesmo modo como os animais terrestres deveriam ter uma dupla característica para serem considerados puros (ser ruminante com o casco fendido), os peixes também deveriam ter duas características: escamas e barbatanas.

Champlin observou algumas explicações para essas restrições. As escamas que protegem os peixes de doenças e imperfeições. As barbatanas são meios de propulsão e movimento entre os peixes.

Mas além dos aspectos de saúde e movimento, percebemos que os *princípios de escolha e separação e de integralidade* estão presentes. Os peixes considerados puros precisavam ter uma dupla caracterização. A dieta de Israel devia comunicar às outras nações que o povo do Senhor foi chamado a um comprometimento integral.

v.13-19 Agora, alguns animais do terceiro reino da criação, aqueles que voam, também são postos na restrição alimentar. É bem difícil reconhecer com exatidão cada espécie citada no texto, mas todos os estudiosos concordam que a lista das aves de rapina é composta por aves que incluem em sua alimentação

animais mortos. O morcego, embora não seja uma ave, é listado aqui por ser um animal que voa.

Uma vez que o povo de Israel não poderia comer carne sem drenar o sangue, também não deveria comer esses animais, pois eles consumiam sangue ou carne com sangue.

v.20-23 Por fim, a lista alcança os insetos. O verbo “*voa*” (ARA) é a palavra hebraica *sherets*, que significa “*coisas que fervilham ou enxameiam*”. Essa observação é importante! Esses animais não possuem clareza no movimento ao se moverem como enxames. Eles vão de um lado para outro, quase que de modo desordenado e caótico para quem os observa. Esses insetos eram considerados impuros.

Mas veja que curioso. Se o inseto tivesse pernas traseiras mais compridas para saltar, ele seria considerado puro. Por isso vemos João Batista, em **Mc. 1:6**, alimentando-se de gafanhotos e mel silvestre.

Uma vez posta a distinção entre os animais puros e impuros, Levítico traz mais informações sobre a transmissão da impureza, por quanto tempo ela duraria e, por fim, como tratar a situação.

v.24,27,31 e 39 Qualquer um que tocasse num animal morto entraria num estado de impureza. Isso porque a morte é o oposto da vida que é inerente ao Trono de Deus e sua santidade.

Note, quer fossem animais considerados impuros, ou animais de infestação (ratos ou doninhas), e até mesmo, os animais lícitos para a alimentação, se estivessem mortos e alguém tocas-

se neles, essa pessoa estaria impura. A implicação disso é que essa pessoa não poderia entrar na Presença de Deus chegando-se ao tabernáculo.

Como o salário do pecado é a morte, tocar num cadáver seria tocar no desfecho final do pecado.

v. 25,28 e 40 Mas aqui vemos uma nota de esperança. Se alguém tocasse num animal morto, seu estado de impureza nunca seria definitivo.

A água era um símbolo importante nos rituais de purificação no AT. No NT, esse significado continua ecoando, pois nós também fomos purificados por meio de lavagem de água **Ef. 5:26-27** e **Tt 3:4-7**. Nós nascemos da água e do Espírito **Jo. 3:5**.

A impureza não era uma condição terminal, mas duraria até o final da tarde do dia em que o incidente de contaminação ocorresse. Esse aspecto também está sobre nós. Se tropeçarmos, mas confessarmos e deixarmos o pecado, Ele é Fiel e Justo para nos perdoar e purificar de toda injustiça. No lugar de arrependimento sempre haverá graça!

v.29-31 Então, mais detalhes são dados sobre a contaminação da impureza, mas agora com os animais que enxameiam ou infestam. No **v.29** a ARA traz a tradução “geco” e “crocodilo da terra”. A BKJ 1611 traz a tradução “ouriço” e “camaleão”.

O ponto é que uma infestação se move como um caos, que é o oposto da obra criacional em Gênesis. Quando a terra era sem forma e vazia, no hebraico, essa expressão significa “caos, sem

propósito, sem sentido”. Nesse contexto caótico, Deus trouxe ordem e propósito. Se essa ideia estiver correta, a infestação desses animais remeteria a um retorno ao caos.

v.32-33 E se um rato morresse dentro de um vaso de madeira, ou enrolado em alguma veste, pele ou pano de saco? Esses utensílios poderiam ser lavados e o estado de impureza duraria só até a tarde.

v.33-35 Mas caso o rato morresse dentro de um vaso de barro, forno ou fogareiro de barro (ARA), estes objetos deveriam ser quebrados para evitar a reutilização. De modo semelhante, se achassem um animal morto numa panela de comida ou vasilha de água. É indiscutível que aqui vemos cuidados com a saúde do próprio povo.

v.36 Algo diferente acontecia com as fontes e cisternas. Se um animal caísse morto, ou morresse dentro de uma fonte, ela continuaria limpa! A fonte é de onde nasce a água que purifica. É o lugar onde a sede é saciada! Regiões inteiras dependiam de fontes para sobreviver.

Aqui vemos um significado simbólico muito precioso. A fonte que produz águas que purificam não se contamina. Jesus é a nossa fonte, e também é Aquele que nos transforma em fontes a jorrar **Jo. 4:14**.

v.37 O mesmo podemos dizer sobre a semente para semear. Nós temos a certeza de que a semente do Reino é boa! Em **Mt. 13:37-38**, Jesus fala por parábolas sobre a Sua Obra.

Nós fomos alcançados por Ele, a Sua Boa Palavra nos alcançou e essa é a semente que lançaremos onde estivermos.

Esta semente, mesmo quando tocada por algo impuro, ela permanece pura! Assim, somos como Jesus, pois Deus nos levará até lugares arruinados para trazer restauração. Nisso surge a única exigência: Estar em Cristo permanecendo no Amor Dele.

v.38 Algo importante a ser destacado é que apenas a semente que está para ser semeada permanece pura. Ou seja, a semente retida pode ser contaminada. Se ela estivesse umidificada, provavelmente, em algum processo de cozimento para ser consumida, essa semente tornar-se-ia impura. A pureza da semente é guardada em seu propósito! Não cozinhe e coma sua semente, seja um semeador da boa palavra! Esse mesmo princípio pode e deve ser aplicado no modo como administramos nossos bens!

v.41-43 Na conclusão dessa porção, encontramos o princípio que fundamenta todo capítulo: Alguns animais eram considerados “abominação” (ARA), “eram proibidos” (NVI). Comer a carne desses animais seria desejar a natureza deles, e a consequência seria “tornar-se aquilo que eles desejavam”. O **v.43** diz: “*não vos façais abomináveis*”, ou seja, não sejam como aquilo que eu disse para vocês não comerem. Não tornem-se impuros por causa dos seus próprios desejos.

v.44 Mas por quê? “*Porque eu sou o Senhor, vosso Deus*”. Então dediquem suas vidas a mim! Sejam Santos! Busquem a santificação.

v.45 Aqui está um dos versículos mais conhecidos de Levítico. Eu tirei vocês do Egito para que Eu seja o vosso Deus! Vós sereis santos... É um chamado de Deus, mas ao mesmo tempo, um decreto. Aplique isso ao contexto da Igreja, e veja como os apóstolos interpretaram essas realidades espirituais em Cristo **Cl. 1:13** e **1Pe. 1:14-16**.

v.47-48 Em resumo: Essa é a lei da dieta alimentar que Israel, segundo a lei, deveria guardar. Contudo aqui precisamos responder uma pergunta crucial: Se essas prescrições estão na lei de Moisés, o que cabe a nós hoje, uma vez que estamos na Nova Aliança? Comer ou não comer? Eis a questão!

Nós temos subsídios suficientes no NT para responder essa questão. Em **Mc. 7:11-19**, Jesus denunciou a hipocrisia dos fariseus e da tradição judaica. Os rabinos encontraram um meio de burlar a lei de Moisés com uma falsa justiça. Mas Jesus desmascarou o cerne do problema dos fariseus: o coração **Mc. 7:18-23**.

O que deve chamar nossa atenção é uma observação feita por Marcos: *“E assim, considerou Ele puros todos os alimentos”* **v.19b**. O evangelista captou um aspecto decisivo e inspirado pelo Espírito Santo, e assim o registrou.

Mas reconhecemos que no mundo gentílico do séc.I, a dieta judaica ainda era um fator que distinguia um judeu temente ao Senhor dos gentios. Naquele contexto, seria uma lição muito difícil de aprender. Só o Espírito Santo poderia ensiná-los. E foi o que aconteceu!

Em **At. 10:9-16**, Pedro teve uma visão e recebeu ordens de uma voz que dizia *“mata e come”*. Mas nessa visão só havia ani-

mais impuros. Pedro resistiu à ordem do Senhor, mas veja o que diz o **v.15**: “*Não consideres impuro o que Deus purificou*”. Pedro só entendeu a visão quando chegou à casa do centurião Cornélio, um gentio **At. 10:28-34**. Deus estava salvando os gentios! Não havia mais sentido manter uma dieta para distinguir judeus e gentios! Os muros caíram!

O que nos guia na Nova Aliança não é a lei de Moisés, mas a Lei do Espírito, que cumpre toda a lei de Moisés. O próprio Deus escreveu sua lei em nossos corações. Por isso, podemos comer ou deixar de comer, contanto que, com isso, JAMAIS faça seu irmão perecer **Rm. 14:14-15**.

E **Lv.11** nos serve para quê? O princípio que levava o povo não comer alguns alimentos no AT é o mesmo que nos põe em liberdade de comer ou não no NT. O Nosso Deus é santo! Quando pecamos contra um irmão que foi santificado por Cristo, é contra o Senhor que pecamos. O temor santo continua nos dirigindo hoje.

Somos Dele por completo! Fomos separados para Ele e comunicaremos essa graça a todos que ainda não O conhecem. Que nossas vestes sejam alvas! E lembre-se: “*Bem aventurados os puros de coração porque verão a Deus*” **Mt. 5:8**.

Deus continua amando a pureza! E também os seus...

Mulheres restauradas e honradas

Levítico 12



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Mulheres restauradas e honradas

Levítico 12

Estamos diante de um texto que desafia nossa mente moderna. É comum nos sentirmos desconfortáveis quando nos debruçamos sobre porções das Escrituras como essa. Mas deveríamos nos perguntar: O que na Bíblia nos deixa em nossa zona de conforto?

Talvez, nosso maior incômodo sobre esse texto seja porque o parto de uma gestante ou os ciclos naturais de uma mulher seriam aspectos que colocavam as mulheres num estado temporário de impureza ritual?

v.01 Acredito esse versículo seja um bom ponto de partida para encontrar o significado dessa prescrição e extrair os princípios que estão por trás da cultura daquela ocasião. Deus é quem está falando a Moisés.

É vital que mantenhamos uma posição de fé diante das Santas Escrituras. Deus sempre fala em sua sabedoria e conhecimento inescrutáveis. Seríamos ingênuos se acreditássemos que somos capazes de dissecar a mente do Eterno **Rm. 11:33-34**.

Com esse pressuposto, temos um ponto de partida seguro, pois confiamos naquilo que Deus diz, mesmo que não entendamos no primeiro momento. Além disso, teremos os nossos corações protegidos contra algumas interpretações humanistas, as quais consideram que Deus pudesse ter sido injusto em algum de seus desígnios, em algum momento da história. Ele nunca foi

e jamais será! Portanto, Deus está falando nesse capítulo. Confie Nele e deixe o Espírito Santo te liderar.

v.02 Moisés está escrevendo numa ocasião histórica. Tempo e espaço são elementos que influenciaram o que está sendo dito aqui. Deus tem o objetivo de conduzir o povo até sua vontade. Mas note que, embora os princípios por trás das prescrições sejam atemporais, as prescrições em si, não são. Os costumes podem se moldar de acordo com o tempo, desde que os valores morais estejam sendo preservados.

Uma questão surge aqui: Como relacionar os conceitos de parto e ciclos naturais femininos ao estado de impureza ritual? O texto nos diz que se uma mulher desse a luz a um menino, essa mãe estaria “*impura*” por sete dias. A mesma condição se daria nos ciclos naturais de cada mulher.

O ponto é que se estivermos desatentos, a expressão “*impura*” pode transmitir uma falsa impressão a respeito do parto ou sobre os ciclos menstruais. Em **Gn. 1:28**, Deus mesmo abençoou Adão e Eva, de modo que fossem fecundos e se multiplicassem. E ainda, aqui em **Lv. 26:9**, uma família com muitos filhos é vista como uma benção de Deus.

Então, não podemos ser descuidados e atribuir ao parto ou ao bebê, o motivo causador da impureza. Um caminho para a resposta pode ser encontrado naquilo que há em comum entre o parto e os ciclos menstruais: a perda de sangue.

John Goldingay diz que “*um dos aspectos mais perturbadores do parto é que esse processo entrelaça opostos, morte e vida*”. Eu acrescentaria os ciclos naturais das mulheres a essa mesma condição.

Um óvulo feminino tem por propósito essencial “*gerar vida*”. Contudo, quando este não é fecundado, então é absorvido pelo próprio organismo e um novo ciclo se inicia com a descamação do endométrio, que é uma camada interna do útero. Essa descamação é liberada em forma de sangramento.

O parto também tem por razão “*trazer vida*”. Mas no processo há perdas de sangue, e essa perda continua por um tempo após o parto, diminuindo gradualmente. O sangue é um símbolo de vida, mas também de morte. Em Levítico, o sangue era o elemento que promovia a expiação dos pecados de um ofertante, mas ao mesmo tempo, era um lembrete de que, em substituição de uma vida, outra vida havia sido tragada pela morte: um animal por um homem.

V03 O Nosso Deus é vivo! Tudo que está conectado ao seu Trono é cheio de vida. Veja os Seres Videntes **Ez. 1:5** e o rio da água da vida e a árvore da vida em **Ap. 22:1-2**. Israel tinha uma aliança com o Deus Vivo. O sinal dessa aliança firmada com Abraão era a circuncisão.

A circuncisão era a retirada do prepúcio de todo bebê do sexo masculino no oitavo dia de vida **Gn. 17:9-12**.

Num assunto como esse que estamos estudando, no qual vida e morte se entrelaçam nos processos de parto e ciclos naturais femininos, a menção da circuncisão aqui é relevante. Por quê?

Numa questão de vida ou morte, o justo viverá pela sua fé **Hc. 2:4**. Estamos citando esse versículo do AT para que entendamos que a justificação pela fé não é um tema exclusivo do NT.

Em **Gl. 3:6-11**, Paulo faz um paralelo dessa porção de Habacuque com a experiência de Abraão e o modo como a justiça lhe foi imputada pela fé nas promessas de Deus.

Antes que houvesse lei, Abraão creu nas promessas do Senhor. Abraão não passou a crer porque foi circuncidado ou só após a circuncisão. Ele creu, e como selo da justiça pela fé que teve antes da circuncisão, foi então circuncidado **cf. Rm. 4:10-11**.

Onde está a relevância disso em **Lv. 12:3**? A lei se lembra de que uma aliança de justiça pela fé é anterior a própria lei. O assunto em questão é de vida ou morte, mas o justo viverá pela fé.

v.04-05 Deus não deu essa lei para que uma mulher fosse abandonada num estado de impureza ritual definitivo. Mas por outro lado, estudiosos de textos dos povos do Antigo Oriente encontraram diversas passagens, nas quais, as mulheres nessas condições sofriam severas restrições, eram impedidas de sair de suas casas ou até de olharem no rosto de alguém. Casos extremos chegavam a banir a mulher da comunidade.

No entanto, aqui em **Lv. 12:4-5** vemos que o tratamento prescrito é gracioso e restaurador. É Deus dizendo que as mulheres lidavam com um grande fardo de vida e morte, e que a morte era incompatível com a Santa Presença do Senhor.

Note que um período de purificação está previsto no contexto. Assim sendo, a percepção correta não é de uma mulher que está sendo abandonada por causa de um parto, mas de uma mulher que deveria ser restaurada para novamente entrar na Presença de Deus.

É importante reconhecer que a tradição judaica reinterpretou a lei de Moisés criando fardos terríveis para essas mulheres, mas também que isso nunca foi do agrado de Deus.

Algumas propostas foram feitas a fim de tentar explicar porque o período de purificação da mãe, ao dar a luz a uma menina, era o dobro do tempo, caso tivesse sido um menino¹². Estudiosos pensam que uma menina, quando crescesse no seu devido tempo, também estaria envolvida na mesma experiência de vida e morte (Goldingay).

Outros acreditam que havia uma convicção na antiguidade de que os fluxos pós-partos de meninas duravam até duas vezes mais do que se fosse um menino. Precisamos reconhecer que essas explicações são insuficientes.

Certamente a questão do gênero está em vista, mas preferimos outro caminho à resposta. No caso de um menino, era realizada a circuncisão que remetia a aliança de Deus com Abraão justificado pela fé. No caso de meninas não havia ritos de circuncisão, condicionando a mãe a mais dias de purificação. Ainda assim, é apenas uma conjectura. Mas pelo menos está apoiada no contexto do capítulo.

v.06-07 Aqui, vemos que o objetivo do tempo de purificação não era de modo algum abandono, mas honra. Cumprindo-se o devido tempo, a mulher se apresentaria à presença do sacerdote

12. No caso do nascimento de meninos a mãe ficava impura por sete dias, e o tempo de purificação era de trinta e três dias, totalizando quarenta dias. Já se fosse uma menina, a mãe ficava impura por quatorze dias e o tempo de purificação seria de sessenta e seis dias, totalizando oitenta dias.

com duas ofertas. Um cordeiro para o holocausto e um pombinho ou rola por oferta pelo pecado.

Pela sequência que parece ser esperada, primeiro seria oferecida uma oferta pelo pecado, e em seguida o holocausto **cf. Lv. 9:8,12,15-16.**

Mas aqui surge outra pergunta difícil: Mas em quê essa mulher pecou?

Talvez só consigamos entender o nível de pecado que estamos falando se estivermos atentos a dois textos bíblicos, um do AT e outro do NT.

O primeiro é **Gn. 2:16-17**. Antes da queda não havia morte. Deus deixa Adão ciente de que se desobedecessem à ordem divina sobre a árvore do conhecimento do bem e do mal, certamente morreriam.

O segundo texto é **Rm. 5:12**, onde Paulo estabelece um contraste entre Adão e Cristo. Por um só homem, Adão, o pecado entrou no mundo, e pelo pecado, a morte. Então o que é a morte? A Bíblia nos diz em **Rm. 6:23a**: “O salário do pecado é a morte”.

Biblicamente, a morte é um salário da desobediência de Adão, mas também de toda humanidade que veio dele. Alguém poderia dizer: “Então a culpa que carregamos é de Adão, e não nossa”. Mas isso também não estaria certo, porque **Rm. 1:18-20** diz que Deus se revelou à humanidade. Contudo, a humanidade em sua rebelião resiste a Deus. Por isso todos são indesculpáveis e com pesar confessamos **Rm. 3:23**. Mas constrangidos pelo Amor de Deus, também nos rendemos declarando o que está escrito em **Rm. 5:20a**.

Mas agora, volte a Levítico. Veja aquela mulher que, após ser purificada, está novamente diante da Presença do Senhor! Uma oferta pelo pecado era necessária, porque de fato toda morte é uma imagem do salário do pecado. Deus habitava no meio do povo de Israel, e por isso, qualquer vestígio da morte seria uma ofensa contra a santidade de Deus.

Aqui, vemos que Deus não abandona ninguém do seu povo. Cada filha é chamada! Agora, eis um holocausto. Sabemos que isso representa aceitação **cf. Lv. 1:3**. Era o Senhor dizendo: *“Filha, eu lhe aceito em minha Presença!” “Eu nunca te esqueci!”*

v.09 Por fim, vemos que nenhuma mulher seria impedida de desfrutar da restauração do Senhor por questões sociais ou econômicas. Se alguém não tivesse condições de trazer um cordeiro para o holocausto, poderia oferecer um pombinho. Foi exatamente o caso de Maria, mãe de Jesus, na apresentação do menino Jesus em Jerusalém **Lc. 2:21-24**.

A mente do homem natural é atraída para a impureza e o tempo que a mulher permanecia nesse estado. Mas um ajuste em nossas lentes nos mostra que qualquer sombra de morte é completamente incompatível com a Vida de Deus.

Agora, podemos perceber que o processo de purificação nunca teve o objetivo de abandono, mas sempre foi um gesto restaurador. Não fomos chamados para a vergonha, mas, em Cristo, há dupla honra.

As mulheres em Israel receberam uma grande missão. Em seu corpo, em sua própria vida, estarem entrelaçadas com os

opostos de vida e morte. A morte que não era sobre um pecado delas, mas um lembrete a todos nós, homens, que toda humanidade pecou e estávamos destituídos da Glória de Deus.

Essas mulheres não são chamadas de pecadoras por entrarem em seus ciclos ou por causa do parto. Procure na Bíblia um versículo sequer dizendo isso. Não existe tal passagem. Mas essas mulheres receberam uma grande responsabilidade de carregar em si mesmas um poderoso princípio espiritual. E elas carregaram com excelência e beleza.

Por serem amadas por Deus, honradas e restauradas, cabe a nós, homens, reconhecer esse grande valor de cada mulher. O abandono que algumas mulheres sofreram (ou sofrem) provocado por homens é pecado. Infelizmente, a tradição judaica se perdeu em seus preconceitos. Mas aqui vemos o que verdadeiramente Deus tem para cada mulher: honra e restauração, pois são filhas do Senhor!



Carregando morte em vida

Levítico 13



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.

Carregando morte em vida

Levítico 13

Estamos no contexto de orientações do Senhor dadas a Moisés e Arão a respeito da pureza e impureza. Arão precisava ter clareza e estar atento a essa questão **Lv. 10:10**. O Senhor continua falando em sua sabedoria.

O ponto observado nesse capítulo será sobre doenças de pele. A palavra hebraica que, comumente, traduzimos em português como lepra, aqui, é *tsara'ath*. Mas essa mesma palavra também é usada para se referir a tecidos manchados por fungos ou mofo em **Lv. 13:47**. Qual seria a relação entre as doenças de pele e o mofo? Além disso, alguns sintomas descritos nesse capítulo apontam para diferentes tipos de doenças de pele, e não somente para a lepra que conhecemos atualmente como hanseníase.

Assim sendo, qual era a necessidade de terem feito essas classificações? Porque algumas enfermidades de pele colocavam a pessoa num estado de impureza? E por fim, quais lições que podemos aprender com essas prescrições?

Talvez possamos utilizar a observação que John Goldingay faz a respeito de **Nm. 12:9-12**. Ali, Miriã, após opor-se à liderança de Moisés, é acometida de lepra. Sua pele se tornou escamosa, “*branca como a neve*”, e assim, condenada à morte.

Mas veja o que Arão diz a respeito da condição de sua irmã: “*Não seja ela como um aborto, que, saindo do ventre de sua mãe, tenha metade de sua carne já consumida*”. Arão associou a aparência de

sua irmã a de um bebê natimorto que teve sua carne consumida pela morte. Era como se Arão estivesse dizendo: “*Miriã está viva, mas parece que está morta*”.

Essa é a distinção feita em **Lv. 13**: “*Morte em vida*”. Qualquer enfermidade que possa nos acometer, desde uma simples dor de cabeça a um câncer em estado de metástase, sempre será uma declaração sobre a queda de Adão e Eva no Éden. Ali, a morte entrou no mundo **Rm. 5:12**. No caso de uma doença de pele, mesmo que a pessoa estivesse viva, a deterioração da carne era o lembrete de que ela carregava um aspecto de morte em si mesma.

Nessas condições, uma pessoa acometida por uma doença de pele seria considerada impura, conseqüentemente, não poderia ir até o Tabernáculo e entrar na Presença de Deus. No AT não existia solução para a morte, e Israel só pode lidar com esse problema com paliativos temporários. Mas quando Cristo foi até a cruz, Ele venceu a morte, e agora, Nele, nós temos a vida eterna. A morte não pode nos separar Dele porque ela já foi golpeada fatalmente na Cruz!

Mas para nós, as implicações de vida e morte ainda são importantes. Em **Gl. 5:1**, Paulo alertou aos Gálatas a não retornarem para debaixo de um jugo de escravidão. Já em **Ef. 5:11**, o chamado é para viverem de acordo com o seu status em Cristo: “*Vivam como filhos da luz*”. Se nós temos a vida de Cristo, não deixe a morte governar sua vida!

v.02 Alguém que tivesse uma doença de pele deveria se apresentar a Arão ou a um dos sacerdotes. O sacerdócio tinha a responsabilidade de identificar a gravidade da enfermidade e declarar a pureza ou impureza do indivíduo.

Inchaços, erupções ou manchas brilhosas podiam ser sinais de uma doença grave na pele.

v.03 O teste de gravidade era baseado na profundidade das lesões e na presença de pelos branqueados. Um ponto interessante a ser notado é que as doenças de pele não costumam alterar a cor dos pelos do corpo. Segundo alguns comentaristas, provavelmente, essa coloração branca nos pelos era provocada pela escamação severa da pele que cobria os pelos do corpo com uma espécie de pó.

Aqui, talvez encontremos a base que explica a aparência de Geazi quando acometido pela lepra de Naamã em **2Rs. 5:27**: “*Branco como a neve*”. Se esses sintomas fossem identificados (profundidade nas lesões e pelos brancos), a pessoa estaria impura.

v.04-05 Mas se fossem lesões leves e não houvessem pelos brancos (os sinais de escamação), o sacerdote colocava o indivíduo em isolamento por sete dias. Após esse período haveria outro exame, se a enfermidade não se espalhasse, outra semana de isolamento era ordenada. Essa segunda semana, talvez, já como um processo de purificação.

v.06 Por fim, se a enfermidade passasse a apresentar uma descoloração ou se tornasse escura e não mais se espalhasse, então o sacerdote declararia aquela pessoa pura (NVI), limpa (ARA).

v.07-08 Contudo, se após a purificação, a erupção voltasse a se espalhar e o sacerdote verificasse o avanço da doença novamente, aquele indivíduo era declarado “*impuro por lepra*”.

Veja que as doenças de pele não se resumiam a hanseníase, doença a qual conhecemos como lepra nos conceitos modernos. A expressão “lepra” vem da tradução da LXX, λήπρα [*lēpra*], que segundo o Dicionário Strongs, também se refere a moléstias cutâneas diversas¹³. Portanto, **Lv. 13** não está falando somente da hanseníase, mas de todas as doenças de pele.

v.09-10 Aqui outros sintomas são mencionados, o que reforça a ideia de que são diversos tipos de doenças: Inchaço branco, pelos brancos (escamação da pele) e carne viva, o que talvez produzisse sangramentos.

v.11-12 Note que poderia haver um ponto de gravidade nesse diagnóstico: “*Lepra inveterada*” (ARA), “*crônica*”. Nesses casos não haveria a necessidade de um isolamento, mas ainda assim, a pessoa seria considerada impura.

A melhor maneira de entender esse versículo é conectar o **v.11c** ao **v.12** e **v.13a**. O sentido ficará mais claro: “*Porque é imundo, se a lepra se espalhar de todo na pele e cobrir a pele do que tem lepra, desde a cabeça até os pés, quanto podem ver os olhos do sacerdote, então este o examinará*” **Lv. 13:11c-13a**.

Essa organização frasal comunica melhor a ideia. Caso a enfermidade crônica se espalhasse de modo que nem a roupa pudesse esconder, nessas condições, o indivíduo seria considerado impuro.

13. Além disso, existem documentos antigos que se referem à verdadeira lepra com o termo *elephantiasis*.

v.13-14 Contudo, se a enfermidade se tornasse uma mancha branca, isso significava que pele nova estava se formando e a pessoa estava pura novamente. Pelo fato de ser algo crônico, no dia em que surgisse “*carne viva*” (ARA), ou seja, a enfermidade voltasse, a pessoa entraria novamente num estado de impureza. Essa verificação era responsabilidade do sacerdote **v.15**.

v.16-17 Após a cicatrização, o sacerdote declararia a pureza ritual daquela pessoa novamente. O sacerdote deveria fazer essa declaração quantas vezes fossem necessárias, uma vez que se tratava de uma enfermidade crônica. O objetivo dessa prescrição era proteger alguém que poderia ser privado de seu lugar de restauração. Uma pessoa preconceituosa ou legalista poderia agir de maneira injusta com aqueles que estivessem com alguma doença de pele. Daí a importância do Senhor permitir que somente o sacerdócio fizesse o diagnóstico.

v.18 Percebam que surge aqui outro tipo de diagnóstico: os riscos no processo de cicatrização de úlceras. A palavra hebraica aqui é *sh^echiyn*, que pode ser traduzida como “*furúnculo*”, “*inflamação*” ou “*erupção*”. Por isso a NVI traz a tradução “*feridas purulentas*”.

v.19-20 Se na cicatrização aparecesse uma inchação branca ou manchas avermelhadas (NVI), o sacerdote deveria verificar se havia lesões na pele ou pelos brancos (escamação). Caso houvesse, seria constatada lepra, ou seja, uma enfermidade na pele que brotara da úlcera ou de um furúnculo. Se assim fosse, a pessoa estaria impura **v.22**.

v.21,23 Mas se na inchação branca, o sacerdote verificasse que não havia lesões nem pelos brancos e a pele estava apenas “baça” (ARA) ou decorada, o sacerdote colocaria essa pessoa em isolamento por sete dias.

Após esse período, se as manchas não se espalhassem pelo corpo, era entendido que se tratava apenas da cicatrização da úlcera, e então, aquela pessoa seria declarada pura.

v.24-28 O mesmo tratamento era dado às cicatrizações de queimaduras.

Se houvessem lesões mais profundas que a pele, pelos brancos provocados pela escamação da pele ou manchas espalhando-se pelo corpo a partir das cicatrizações de queimaduras, seria considerada como lepra, e assim sendo, a pessoa estaria impura. Mas senão houvesse tais sintomas, a pessoa estaria pura e apenas seria uma cicatriz da queimadura.

v.29 A medida que esmiuçamos esse capítulo, parece ficar cada vez mais claro que o termo “lepra” não se restringe apenas a hanseníase. Aqui, o texto fala de doenças de pele que atacam o couro cabeludo (cabeça ou barba).

v.30-31 Esse seria o diagnóstico: Se houvessem lesões profundas além da pele e fosse verificado pelos finos e amarelados, o sacerdote declararia a pessoa impura.

O diagnóstico era de “tinha” (ARA) ou “sarna” (NVI). Caso o sacerdote verificasse que não havia lesões, nem pelos amarelos,

mas não houvesse “*pelos pretos*”, seria necessário um isolamento por sete dias. Mas porque a ausência de “*pelos pretos*” exigiria o isolamento da pessoa enferma?

A resposta está no **v.37**. Se no lugar onde havia sarna, nascesse pelos pretos significaria que a sarna estava sarada e por isso, não havia necessidades de isolamento. Mas enquanto não houvesse pelos pretos, se mantinha a suspeita da doença se espalhar.

v.32-34 Após esse isolamento, se a sarna não houvesse se espalhado e se verificasse a ausência de lesões e pelos amarelos, então raspariam os cabelos dessa pessoa, mas não na área com a sarna, e ela seria colocada em isolamento por sete dias.

Ao fim desse período, se a sarna não se espalhasse, então a pessoa seria declarada pura. Ela deveria lavar suas vestes e estaria pura novamente.

v.35-36 Ainda assim, após a purificação, caso a enfermidade voltasse a se espalhar sobre a pele, o sacerdote não usaria mais o recurso de verificação de pelos amarelos. A pessoa seria declarada impura novamente. Somente se crescessem pelos saudáveis (pelos pretos) é que a pessoa seria considerada sarada de fato **v.37**.

v.38-39 Algumas doenças de pele eram verificadas pela ausência de lesões ou escamações da pele. Nesses casos, essas pessoas não deviam ser consideradas impuras, pelo contrário, após

o exame do sacerdote ele poderia perceber que se tratava de algum tipo de “*impigem branca*” (ARA) ou “*eczema*” (NVI). Se assim fosse, mesmo sendo um tipo de doença de pele, o sacerdote deveria declarar essa pessoa pura.

O objetivo dessas leis não era a segregação, mas a restauração. Essas prescrições protegiam a pessoa enferma de qualquer tipo de preconceito. Infelizmente, até hoje, em nossa sociedade moderna, percebemos como a falta de informação sobre alguns tipos de doenças leva muitas pessoas a comportamentos preconceituosos e de segregação.

Um exemplo claro é o modo como alguns portadores do vírus HIV sofrem discriminação. A falta de informação pode nos fazer pecar contra o próximo.

v.40 No último diagnóstico dessa seção vemos que, de fato, o capítulo não está tratando sobre a hanseníase moderna, mas sobre anomalias na pele. Aqui, a calvície é considerada um tipo de anomalia. Obviamente que provocada pelo envelhecimento, principalmente, dos homens.

Mas se tratando de um aspecto natural do envelhecimento, o homem continua sendo considerado limpo. Seja ela uma calvície total ou parcial **v.41**.

v.42-43 Mas se houvesse algum tipo de “*ferida avermelhada*” (NVI) ou “*praga*”, o sacerdote deveria verificar e, se confirmando a enfermidade como uma lepra que surgiu na pele, aquele homem era considerado leproso, ou seja, doente em sua pele, e por isso, ficaria ritualmente impuro **v.44**.

v.45-46 Após essa longa seção de diagnósticos, o texto traz como deveriam tratar as pessoas que fossem consideradas leprosas.

Vestes rasgadas;

Deveriam andar descabelados;

E cobrir os bigodes.

Na cultura judaica, ver alguém andando com essas características significava uma estação de luto **Lv. 21:10** e **Ez. 24:17**. Cobrir o bigode também era visto como um sinal de vergonha **cf. Mq. 3:7**.

Além disso, a pessoa leprosa deveria clamar “*imundo, imundo*” se visse alguém vindo em sua direção. Enquanto a enfermidade estivesse sobre aquela pessoa, sua identidade seria definida pela enfermidade. A única esperança para essas pessoas seria a cura.

Enquanto estivesse enferma, a pessoa deveria viver fora do arraial. O fato de viver de modo solitário e isolado de sua comunidade seria uma imagem de tristeza e desesperança. Em **Lm. 1:1**, Jeremias usou essa imagem para se referir a desolação de Jerusalém após a destruição provocada pelos babilônios.

Israel deveria viver consciente de que existe um Deus e que Ele tem um povo amado. Mas ao mesmo tempo, ser um leproso seria viver desconectado desse povo recebendo em si mesmo um sinal de que não desfrutaria da plenitude das bênçãos da aliança. Note que esse é o perigo da impureza que profana o lugar da comunhão. Em Levítico, isso era comunicado pela imagem dessas enfermidades, mas hoje, a lepra serve para nós como uma metáfora.

Nossa conduta precisa ser refinada pelo fogo, purificada pela água do Espírito e cheia da unção do Espírito Santo. O modo como você vive importa para Deus.

Por isso que alguém que fosse diagnosticado com uma doença de pele, precisava passar por um processo de luto. Essa pessoa experimentaria uma morte em vida. Ela estaria separada das bênçãos de Deus. É assim que nos sentimos quando o pecado tenta minar nossa conduta, ou quando fracassamos em alguma área da nossa vida. O inimigo busca nos acusar! Mas que bom que Jesus mudou nossa natureza: Antes, estávamos mortos, mas agora, temos vida e vida com abundância!

Em **Gn. 2:17**, o homem foi avisado sobre o perigo da desobediência: a morte provocada pelo pecado. Quando Adão e Eva pecaram, a consequência foi morte em vida. O desdobramento não foi a morte imediata, mas a expulsão do Jardim e a perda da bênção de estar diante de Deus como outrora **Gn. 3:24**.

Certamente é uma imagem vívida do que a impureza provocava em nossos corações e natureza, quando ainda não conhecíamos Cristo: Morte em vida. O mais terrível é que antes de Cristo nem sabíamos que essa era a nossa condição sem a graça de Deus. Mas hoje estamos vivos, e vivos para sempre! Ele nos lavou!

v.47 Reforçando a amplitude do significado do termo “lepra” no AT, vemos que a expressão também podia ser usada para mofos e bolores.

Note que a relação se baseia na aparência natural que é alterada por algum tipo de anomalia: Sobre a pele, as enfermidades. Mas sobre tecidos e roupas, os mofos ou bolores.

V.48 Independente do material, quer fosse lã, linho ou até couro (NVI), e peles (ARA), referindo-se a peles de animais. E também, independente dos tipos de fios: “*nas urdiduras e tramas*” (ARA), “*peças tecidas ou entrelaçadas*” (NVI).

Urdidura – Fios de mesmo comprimento reunidos paralelamente no tear.

Trama – Fios transversais em tecidos entrelaçados.

Essas expressões também podiam se referir a fios de materiais diferentes, um para ser usado na urdidura e outro na trama. Seriam fios paralelos e outros transversais. Uma vez que poderiam ser fios de materiais diferentes, um ou outro poderia ser acometido de mofo, ou até os dois.

v.49-50 O teste era realizado de modo muito prático. Caso um tecido apresentasse manchas esverdeadas ou avermelhadas em qualquer um de seus fios (na urdidura ou na trama, ou seja, nos paralelos ou transversais), após a avaliação do sacerdote, esse tecido ou roupa seria isolado por sete dias.

v.51-52 Após esse isolamento, caso a mancha continuasse se espalhando pelo tecido, o sacerdote declararia o objeto impuro, pois se trataria de uma “*lepra maligna*” (ARA), um “*mofo corrosivo*” (NVI). Sendo assim, a roupa deveria ser queimada.

v.53-54 Mas se o mofo não tivesse se espalhado, se iniciaria uma segunda etapa do teste. A peça deveria ser lavada e guardada por mais sete dias.

v.55 Caso o mofo não mudasse de cor após a lavagem e isolamento, então o sacerdote o identificaria como “*lepra roedora*” (ARA) ou “*mofo corrosivo*” (NVI). E se assim fosse, a peça de roupa precisaria ser queimada também.

v.56-57 Mas se a mancha de mofo mudasse de cor após a lavagem e isolamento, ainda precisava passar por uma terceira etapa de testes. A parte afetada do tecido era cortada, mas se em algum outro momento a “*lepra*” (ARA) ou “*mofo*” (NVI) voltasse a se espalhar no tecido, ele seria considerado impuro e precisava ser queimado.

Mas se a mancha do mofo não voltasse mais, a peça de roupa deveria ser lavada novamente, e assim, ser declarada como pura pelo sacerdote. A partir desses testes, a peça poderia ser usada normalmente.

Assim, as vestes que fossem atacadas por algum tipo de mofo ou bolor eram examinadas e consideradas puras ou impuras.

O ponto dessa porção em Levítico não era distinguir doenças a partir de uma perspectiva científica, mas por em destaque a existência de duas naturezas distintas: pureza e impureza. O que importava não era se a doença podia ser contagiosa ou não, ou se era mortal ou não. Se fosse assim, isso estaria explícito no texto.

O ponto é que Deus está trazendo um povo santo à existência, e qualquer sinal de incompatibilidade com a Presença Santa precisa ser observado com seriedade.

Hoje, a pureza continua sendo algo exigido para se permanecer na Presença de Deus. Recebemos a purificação pelo sangue

de Jesus, mas ao mesmo tempo, essa graça nos habilita a conservar o que recebemos, e assim, cultivar uma vida de pureza para a Glória de Deus.

Na Nova aliança, a pureza não é uma questão evidenciada nos níveis da pele, mas no coração. Quando alguém não guarda essa inteireza em seu coração pode estar correndo o risco de estar entristecendo o Espírito Santo.

Mas há uma promessa para os puros de coração: *“Bem aventurados sois, pois verão a Deus”*.

Sarados para voar livres

Levítico 14:1-32



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Sarados para voar livres

Levítico 14:1-32

Nós vimos em **Lv. 13** que algumas enfermidades de pele colocavam indivíduos em estados de impureza ritual, ou seja, condições inapropriadas para se apresentarem na Presença de Deus no Tabernáculo. E como Israel foi chamado para ser um povo santo, enquanto essa pessoa estivesse impura, ela deveria ficar à parte, fora do arraial, separada do restante da nação.

Uma investigação cuidadosa do texto nos mostrou que o termo “*lepra*” não necessariamente se restringe a doença que hoje chamamos de hanseníase, mas englobava diferentes tipos de enfermidades e anomalias de pele. As pessoas que fossem acometidas de doenças de pele eram encerradas num estado de impureza enquanto estivessem doentes. Alguns ficavam doentes e consequentemente impuros por sete dias, outros por quatorze dias, mas havia aqueles que ficavam assim por tempo indeterminado. Muitos, infelizmente, morriam nessas condições.

Mas aqueles que tinham sua saúde restabelecida por terem alcançado a cura não carregariam mais o fardo da “*morte em vida*”. Da mesma maneira que o sacerdote tinha a responsabilidade de inspecionar e declarar a impureza, somente o sacerdote poderia declarar o homem puro novamente. Após essa declaração, o homem purificado teria acesso à Presença de Deus. Isso faz desse capítulo uma porção muito especial. Hoje, somente Jesus, nosso Sumo Sacerdote Imutável pode nos declarar limpos para a Glória de Deus.

v.01-02 “A lei do leproso no dia da sua purificação”. Pense na expectativa dessa pessoa que esteve debaixo de uma sombra de separação de Deus. Imagine cada manhã, ao acordar e ver que a enfermidade em si continuava comprometendo sua vida. Era uma tristeza que se misturava com um clamor por cura.

Mas num dia como qualquer outro, não havia mais a enfermidade! Ele havia alcançado a cura! Surge um raio de esperança! O que será que o sacerdote declarará sobre mim? Como que uma palavra liberada do céu pode nos definir e mudar nossa história!

Então esse indivíduo é levado até o sacerdote, mas esse encontro não ocorria no Tabernáculo, nos átrios, nem sequer dentro dos limites do arraial. Essa sequência é emocionante.

v.03 É o sacerdote que sai do arraial. Você pode imaginar o coração daquela pessoa sarada de sua lepra vendo o sacerdote vindo em sua direção? Quanto tempo de incerteza e medos. Dias? Semanas? Talvez meses ou até anos?

Que imagem poderosa da Obra de Jesus sobre nós. O Sumo Sacerdote Eterno que deixa a Sala do Trono e vem até um mundo caído em nossa direção. Ao olhar para a cruz, descubro que a lepra espiritual seria o meu fim. Eu nunca poderia entrar na Presença Dele por mim mesmo.

Então em Levítico, o sacerdote “o examinaria”. Aqui vemos um aspecto da superioridade do sacerdócio de Cristo quando comparado com o sacerdócio levítico. O sacerdote no AT não podia fazer nada para curar o enfermo. O enfermo precisava do favor de Deus. O sacerdote só podia fazer a inspeção.

Mas quando olhamos para Jesus, encontramos Aquele que nos curou. Jesus é o Deus que cura e salva. No AT, os homens buscavam o Deus que cura, mas no NT, o Deus que cura veio e habitou entre nós, cheio de graça e verdade **Jo. 1:14**. “A praga da lepra está curada”. Ele nos tocou e jamais seremos os mesmos.

v.04 Enquanto doentes, carregávamos morte em vida. Mas agora, há uma transição da morte para vida **Cl. 1:13**. Note que o ritual de purificação não ocorria no tabernáculo, mas fora do arraial: “*Tragam duas aves vivas e limpas, um pedaço de madeira de cedro, estofos carmesim e hissopo*”. Antes de entrarmos na Sala do Trono, Jesus purificou-nos vindo até nós e realizando Sua Obra de Amor!

v.05 Então, uma das aves precisava ser imolada num vaso de barro. Nesse vaso havia águas frescas, águas correntes (ARA), onde se misturava sangue a essas águas frescas.

O sacrifício era necessário porque o leproso havia carregado sobre si um aspecto de morte em vida **Nm. 12:9-12**. Seria necessária uma vida por outra vida. Nesse ponto dramático vislumbramos o que Paulo disse em **Rm. 6:23a**: Todo pecado é consumado em morte: seja na morte do pecador, no AT, na morte de um animal por sacrifício, ou no NT na morte do Filho de Deus em nosso lugar. O salário do pecado foi, e continua sendo, a morte. Isso é uma mensagem urgente.

v.06 Eles molhavam a segunda ave, o pau de cedro, o estofos carmesim e o hissopo com a mistura do sangue do sacrifício com as águas correntes.

A mistura de sangue e águas correntes é significativa. Ao passo que o sangue, como uma sombra dos bens vindouros, aponta para o sacrifício substitutivo, a água remete à pureza do novo nascimento **Jo. 3:5, Jo. 7:37-39 e Jo. 19:34**.

Para entendermos o tema “sangue e água”, talvez devamos ler também **1Jo. 5:6-8**. João Batista batizava apenas com água **Jo. 1:33**, e este era um batismo de arrependimento **Mt. 3:11**. Mas o próprio João Batista testemunhava que Jesus batizaria com o Espírito Santo.

Foi isso que o Mestre disse a Nicodemos em **Jo. 3:5**: “*Um nascimento da água e do Espírito*”. Mas o Espírito Santo só viria e fluiriam rios de águas vivas dentro dos nascidos de Deus quando Jesus fosse glorificado **Jo. 7:37-39**.

E quando Jesus foi glorificado? Ele precisou voltar ao Pai! Enquanto Jesus não voltasse, o Espírito não seria enviado **Jo. 16:7**. Mas como Jesus voltou ao Pai? Somente depois que seu sangue foi derramado na Cruz.

Em **Jo. 19:34**, ao ferirem Jesus com uma lança para verificarem se de fato ele estava morto, uma declaração no mundo espiritual é feita. “*Sangue e Água*”, uma declaração de vida, onde Jesus seria uma fonte para todos os que crêem Nele (Brown p.). Leia novamente **1Jo. 5:6**: “*Não só por água, mas água e sangue*”.

v.07 Então, com o galho de hissopo e o bastão de cedro com o estofa carmesim se aspergia a mistura de água e sangue por sete vezes sobre aquele que está sendo purificado da impureza provocada pela lepra.

Após isso, a segunda ave era solta em campo aberto. Esse pássaro vivo e solto simbolizava o recomeço de uma nova vida! Uma oportunidade havia sido renovada no ato da purificação. Foi uma oportunidade como essa que recebemos de Jesus na Cruz do Calvário. Nova vida e vida com abundância.

Note que em Levítico a ave não era solta até que fosse molhada por sangue e água. Não há recomeço para nós enquanto não formos alcançados pelo Sangue de Cristo e pelas Águas do Espírito!

v.08-09 Agora quatro pontos podem ser observados por analogia:

“*Lavar suas vestes*” **cf. Ap. 22:14**. Nós precisamos nos submeter ao sacrifício de Cristo lavando nossas vestes Nele. Nessa posição, permanecemos aguardando Sua Vinda. Nessa esperança, mantemos a conduta daqueles que tem as vestes lavadas **Cl. 3:10,12**. Revestimo-nos da nova criatura, ou seja, Ele nos chama a uma vida de santidade.

“*Raspar os pelos do corpo, cabelo, barba e sobrancelhas*”. Essa imagem sugere o desembaraço com as coisas antigas. Tudo será novo! Uma nova vida para a liberdade do Espírito.

“*Aqueles que usaram as vestes lavadas também precisavam se lavar*”. Quando Cristo se entregou por nós, Ele assim procedeu para que nós fôssemos purificados pela lavagem de água pela Palavra, e logo, nos santificando! Jesus nos santificou para Ele **Ef. 5:25b-26**.

“*Sete dias dentro do arraial, mas sem entrar em sua tenda*”. O leproso precisava aguardar até o oitavo dia. Mas por quê? Talvez Calvino esteja certo em perceber a relação com a circuncisão no oitavo dia. Um menino, ao nascer, precisava aguardar sete dias para ser circuncidado no oitavo dia **Lv. 12:3**. Aqueles que recebiam a cura da lepra eram considerados como pessoas que nasceram de novo. Um recomeço verdadeiro!

Eles tinham carregado morte em vida, mas agora estavam sarados e poderiam desfrutar das bênçãos da aliança novamente. Após o sétimo dia, o leproso sarado era declarado limpo. Somente após ser purificado, então, ele traria quatro tipos de sacrifícios ao Tabernáculo.

A sequência aqui é importante: Lembre que alguém impuro jamais poderia entrar na Presença de Deus. Somente após a purificação, o indivíduo traria suas ofertas ao Senhor. Antes de adentrarmos a Sala do Trono em adoração aceitável a Deus, Jesus nos aceitou e nos purificou de nossos pecados.

v.10 O homem purificado traria ao Senhor dois cordeiros sem defeito, uma cordeira sem defeito, todos de um ano. Além disso, porções da melhor farinha e azeite.

v.11 Aquele homem vinha até à porta da Tenda da Congregação. Pense quanto tempo havia que ele estava impedido de vir até a Presença de Deus... A lepra havia tornado aquele homem indigno. Mas agora, ele estava experimentando a cura e o favor de Deus!

v.12-14 Um dos cordeiros era oferecido pela culpa. Uma oferta que, certamente, era observada nos moldes vistos em **Lv. 4-5**. Note que os **v.23-32** seguem o mesmo direcionamento.

O adorador colocava a mão sobre a cabeça do animal **Lv. 4:29**, em seguida, o imolava. Esse gesto apontava para a substituição do pecador pelo animal.

E de modo semelhante à consagração sacerdotal, o sangue recolhido era usado não somente no altar, mas também molhava a ponta da orelha direita, polegar da mão direita e polegar do pé direito **cf. Lv. 8:23-24**.

O lado direito era a imagem de um lado favorecido **Mt. 25:34**. Ao dedicar a melhor parte de algo ao Senhor, a mensagem que surge é: *“Tudo pertence ao Senhor”*.

Aqueles que são sarados por Deus e purificados de seus pecados possuem um chamado e um propósito de vida: Fomos dedicados por completo ao Senhor. Ouvidos dedicados para ouvirmos a Voz do Senhor. Mãos dedicadas para fazermos a Obra do Senhor. Pés dedicados aos Caminhos Eternos do Senhor. É uma imagem de que todo o nosso ser pertence unicamente ao Senhor.

v.15-18 Por fim, um último símbolo da purificação: O azeite.

É importante notar que não estamos falando do óleo para unção dos sacerdotes e das coisas santas, ou seja, os utensílios do tabernáculo. O óleo sagrado tinha uma composição especial **Ex. 30:22-31**. Se o óleo sagrado fosse usado para outra finalidade, ou mesmo, alguém sabendo a composição, fizesse dele para si, este seria eliminado do povo **Ex. 30:32-33**.

Mas ainda assim, esse azeite tinha uma função especial, pois a simbolizava a dedicação de uma vida renovada a Deus. Primeiro o sangue que nos redime, depois, o azeite que unge.

A unção não é derramada antes do arrependimento e confissão. Após aspergir sete vezes perante o altar, novamente, a ponta da orelha direita, polegar da mão direita e polegar do pé direito são ungidos.

v.19 Uma vez purificados, um holocausto era oferecido com o segundo cordeiro. O holocausto era uma oferta trazida, através da qual, o adorador era aceito na Presença do Senhor.

Esse é o mesmo caminho na Nova Aliança. Jesus foi o sacrifício pelos nossos pecados, mas também, o Cordeiro, por meio do qual somos aceitos diante de Deus.

Voltaremos ao **v.20**, mas talvez seja importante ler o **v.21** primeiro para uma compreensão do contexto.

Em **Lv. 14:10** diz que o homem sarado deveria trazer dois cordeiros, um por oferta pela culpa **v.12** e outro por holocausto **v.19**. Mas também diz “*uma cordeira*”, o que talvez fosse uma oferta de restituição **cf. Lv. 5:6-7,11**. Além disso, três jarros da melhor farinha e uma caneca de azeite (NVI).

Mas e se essa pessoa fosse humilde e não tivesse condições financeiras?

v.21-22 Uma rola ou pombinho seria aceita por holocausto, outra ave para oferta de restituição, apenas um jarro de farinha e uma caneca de azeite. Mas note que a oferta de purificação pela culpa não era reduzida. Continuava sendo um cordeiro!

Isso talvez apontasse para o alto preço da vida pela morte. Mesmo que o leproso sarado não tivesse sido acometido pela lepra por sua vontade, ele passou a carregar um aspecto de morte que era incompatível com a natureza de Deus. O valor desse sacrifício não podia ser reduzido.

De igual modo, nós nascemos num mundo caído e nosso salário seria a morte. Nós herdamos a natureza de Adão. O preço da nossa redenção não pode sequer ser mensurado, quanto mais ser reduzido. Um valor que só o Pai e o Filho conhecem: *“Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”*.

O Cordeiro foi entregue por nós, e por isso, diferenças sociais e econômicas não importam, elas não te definem para ser aceito na Presença de Deus.

Por isso, no holocausto, não importava se fosse um cordeiro ou um pombinho. Deus aceita pobres ou ricos, desde que se aproximem Dele de modo sincero e em arrependimento. Do mesmo modo a oferta de restituição, quer fosse uma cordeira ou uma rolinha, as ofensas seriam perdoadas.

v.20 Aqui podemos voltar ao **v.20**. A oferta de manjares apontava para a mesa do cotidiano, o pão de cada dia. Uma vez que você pertence a Jesus, cada aspecto do seu cotidiano também será cheio da Presença do Senhor.

A lepra era uma marca da morte na vida daqueles que fossem acometidos por uma enfermidade em sua pele. Mas a cura e o favor divino alcançavam essas pessoas sem esperança e então seriam declarados puros pelo sacerdote!

Nós podemos ouvir essa declaração eterna sobre nossas vidas ecoando da Cruz. Nosso Sumo Sacerdote, Jesus Cristo, veio a nós. Ele mesmo se ofereceu como o Sacrifício que nos purificou e nos fez aceitos diante do Pai.

Não seremos consumidos por nenhuma sombra de morte do passado. Em Cristo temos vida e vida com abundância. Ele nos purificou de toda injustiça.



Arrancando as pedras mofadas

Levítico 14:33-57



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Arrancando as pedras mofadas

Levítico 14:33-57

Os capítulos 13 e 14 de Levítico formam uma subseção que trata sobre doenças de pele, mofos, impureza ritual e também os procedimentos necessários ao dia em que fosse declarada a purificação de alguém sarado. Para fecharmos esse tema, surge um desdobramento a respeito do mofo: “*Casas infectadas por fungos e mofos*”.

A mente moderna, materialista e permeada pelo secularismo pode perguntar: “*O que o mofo numa casa tem a ver com impureza?*”. Mas se escavarmos os aspectos culturais da época, perceberemos que o princípio atemporal nessa porção é que a relação entre o homem e o seu ambiente importa para Deus.

Como Levítico é extraordinário! Esse livro não se resume a regras litúrgicas ou a um manual para sacrifícios de animais. Israel foi chamado à existência como nação santa e povo do Senhor. A santidade deve afetar todas as áreas de nossas vidas.

Então, do mesmo modo que uma doença de pele no AT servia de imagem para morte em vida implicando em impureza, o povo do Senhor também precisava estar atento aos ambientes em que vivia.

Na Nova aliança, a impureza não é mais definida por uma enfermidade de pele. Esse aspecto cumpriu sua função no AT e no NT tornou-se obsoleto. Mas existe algum princípio espiritual, o qual nós podemos aplicar em nossas vidas? Sim! Hoje, quando

olhamos para Cristo descobrimos que nós, sem Ele, estaríamos condenados à impureza para sempre. A impureza estava em nossos corações e natureza **Mc. 7:20-23** e **Ef. 2:3**.

Contudo, uma vez que Jesus mudou nossa realidade, fomos purificados por seu sangue e trazidos à vida com Ele. Mas como isso implica em nossos relacionamentos e ambientes de convívio?

v.33-34 O Senhor está falando com Moisés e Arão sobre dois aspectos do próprio Deus: *Fidelidade e Soberania*.

Levítico parece ter sido dado a Moisés no acampamento ao redor do Sinai **Lv. 7:37-38** e **Lv. 27:34**.

Mas veja como essa prescrição enfatiza a Fidelidade do Senhor. “*vocês estão no deserto, mas essa não será uma condição permanente*”. Chegaria o tempo em que Israel entraria na Terra da Promessa, que o Senhor lhes daria por possessão.

O Nosso Deus é Fiel para prometer e Poderoso para cumprir. As promessas feitas a Abraão estavam de pé **Gn. 12:1,5-7**. Eis a Fidelidade do Nosso Deus!

Mas também vemos a Soberania do Senhor nesse texto: “*Quando [...] Eu [O Senhor] puser mancha de mofo numa casa*” (NVI).

Notou que não seria “o inimigo” ou “Satanás”? **Cf. Is. 45:6-7**. Até o mal que se opõe a Deus está submetido à Soberania do Eterno. Talvez você se pergunte: Mas então porque Deus permite tais

tipos de perigo? Seria para nos fazer mal? De modo nenhum! **Rm. 8:28,35-39**. Aqueles que amam ao Senhor podem ver além das aparências.

O Senhor está usando circunstâncias diárias para nos fazer parecidos com Ele! Cenários que seriam usados pelo inimigo para nos paralisar são plataformas de romper para aqueles que amam a Deus **Tg. 1:2-3**. Deus está no controle! Confie na Soberania Da-quele que te ama!

v.35 Note que era o dono da casa que deveria estar atento ao surgimento de algum tipo de mofo. É um chamado à vigilância **1Pe. 5:8** e **Mt. 26:40-41**. Pedro aprendeu essa lição no Getsêmani, pois Satanás tentou ceifar a vida dele **Lc. 22:31-32**. Glórias a Deus que Jesus é o nosso Intercessor!

Em Levítico, o dono da casa, ao perceber que havia algum tipo de mofo, ele deveria procurar o sacerdote: “*Alguma coisa não está bem*”. O sacerdócio era a ponte de ligação entre o homem e Deus no AT. Hoje, ainda continua sendo, entretanto, não mais um sacerdócio da ordem de Arão, mas estamos debaixo do Sacerdócio Eterno e Imutável de Jesus Cristo **Hb. 7:24-25**.

v.36 A casa precisava ser “*desocupada*” (NVI) e nisso esvaziada. Talvez essa seja a parte mais difícil para nós. Avaliar nossos relacionamentos e ambientes exigirá esvaziar-nos de nossos orgulhos, pensamentos obstinados e objetivos particulares. Será necessário humildade, quebrantamento e confiança em Deus.

Estar desabrigado de estruturas naturais é se colocar num lugar de vulnerabilidade para que o Senhor seja o Nosso Abrigo e Lugar Seguro **Sl. 91:1,9**.

Somente após a casa ser esvaziada, então o sacerdote viria até a casa. Enquanto não nos esvaziarmos de nós mesmos, não abriremos a porta de nossos corações para que Jesus entre em nossas realidade **Ap. 3:20**. E apenas Ele tem a Palavra que transformará morte em vida **Jo. 6:68**.

v.37-39 O sacerdote que sonda e examina a casa. Leia o **Sl. 139:1-5** e responda para você mesmo sobre como se sente sabendo que Ele sempre está nos sondando.

A coloração e profundidade do mofo eram significativas. A profundidade aponta para o enraizamento do mal. Quando consideramos as implicações espirituais dessa imagem, podemos lembrar exortações à santidade como as de **Ef. 4:26-27**. Paulo alerta para o perigo de cultivar a ira dentro do coração.

Jesus nos disse em **Mt. 5:22-24** que nem deveríamos trazer nossas ofertas ao altar se estivéssemos com algum assunto pendente em nossos corações com relação ao nosso irmão.

Mover-se em fidelidade é mover-se em fidelidade total. Isso não consiste apenas nos aspectos financeiros, mas também com relação à pureza de nossos corações diante do Santo Deus!

v.38-39 Então o sacerdote colocaria a casa em isolamento por sete dias para verificar se a praga havia se espalhado.

É impressionante como o fator “tempo” é usado por Deus para trazer luz sobre aquilo que está em oculto. O número “sete”

é significativo nas Escrituras e a importância se baseia no fato de que Deus terminou a criação em seis dias e descansou no sétimo. Há um sentido de completude e perfeição na simbologia do número “sete”.

O Senhor que sonda todas as coisas tem o tempo perfeito para trazer luz a cada aspecto de nossas vidas **1Co. 4:5**.

v.40-41 Caso o mofo não houvesse se estendido, uma ação urgente precisava ser realizada. As pedras mofadas precisavam ser arrancadas, o reboco raspado e todo esse cascalho ser lançado fora da cidade.

Em **Mt. 5:28-30**, Jesus nos exorta sobre o risco da intenção impura no coração. Se algum aspecto de sua vida ou algum relacionamento é uma potencial pedra de tropeço, Jesus é enfático: “Arranque isso da sua vida”!

Alguém que possui dificuldades com o álcool, não sente num bar para beber um refrigerante se isso lhe puser em risco. Alguém tem dificuldades com pornografia, não deixe o seu computador num quarto isolado, ponha-o na sala. Se você tiver dificuldades com drogas, não se assente na roda de pessoas que podem te remeter ao uso. Se você tiver uma amizade que se insinue intimamente, não cultive esse relacionamento!

Em suma: “Arranque sua mão que lhe faz pecar”. Arranque as pedras mofadas e raspe o bolso porque isso abrirá espaço para a restauração! Não guarde pedras mofadas de estimação! Só quando as pedras mofadas forem arrancadas, então a cura se estabelecerá!

v.42 note que não há neutralidade! As pedras mofadas são arrancadas, mas pedras novas e reboco são colocados no lugar das coisas antigas **Cl. 3:1-3,8-10** e **Fp. 4:8**.

Muitas vezes estamos em meio às pedras mofadas do velho mundo porque não percebemos que o lugar delas precisa ser preenchido com as coisas novas que são do alto. Essa é uma palavra de libertação e apropriação das realidades celestiais.

v.43 A falta desse posicionamento fará com que a praga brote novamente. O risco é iminente!

v.44-45 Em Levítico, caso o mofo voltasse a se espalhar pela casa após a remoção das pedras infectadas, todo o imóvel precisaria ser derrubado.

Se mantivermos a analogia da casa como nossos relacionamentos e ambientes de vida, veja que viver numa cultura de impureza nos levará ao mesmo fim desse mundo caído. Nossos relacionamentos e ambientes de trabalho, escolar ou familiar, todos precisam ser modelados pela nossa identidade em Cristo.

v.46-47 Qualquer um que decidisse entrar na casa que estava fechada por causa da impureza, se deitasse ou comesse dentro dela, este também seria considerado impuro.

Essa é a colheita daqueles que se entregam aos seus próprios desejos e não se atentam em separar o “*santo do profano*”. Quando o homem se entrega a sua própria cobiça, nasce o pecado que só pode ser consumado em morte **Tg. 1:14-15**.

v.48 Mas se ao remover as pedras mofadas e colocar pedras novas em arrependimento existe uma palavra de graça **1Jo. 2:1-2**.

No arrependimento existe uma mudança de conduta. São aqueles decididos a trazer luz para cada aspecto da jornada. Creio que nossos relacionamentos e ambientes familiares podem expressar com mais clareza e intensidade as realidades do Reino de Deus.

Os contextos de trabalhos irradiando a Glória de Deus. Isso porque somos um povo santo que pertence ao Senhor, e o modo como vivemos também produzirá impactos onde estivermos plantados. Que nossos contextos sejam declarados puros e possam ser dedicados para a Glória de Deus *“porque a praga está curada”*.

v.49 De modo semelhante ao rito de purificação de um leproso que havia sido sarado, aqui, vemos a purificação dos lugares antes assolados. Os mesmos itens para a purificação de alguém sarado de lepra são requisitados aqui **cf. Lv. 14:4**.

Da mesma maneira que nós fomos trazidos de um reino de morte para o Reino de Vida, assim também tudo que temos será afetado por essa transição.

v.50-51 Duas aves eram solicitadas, uma delas imolada num vaso de barro sobre águas frescas.

Qualquer aspecto de morte ou praga que houvesse assolado a casa devia ser um lembrete desse mundo caído. Não necessariamente representava que alguém tivesse cometido um pecado específico, mas havia uma mensagem a respeito do pecado original, e como toda a criação fora afetada pela queda **Rm. 8:19-22**.

Por isso que um sacrifício era necessário para a purificação de uma casa sarada de alguma praga. Hoje, podemos declarar que o sacrifício de Jesus que nos purificou, também nos habilita a dedicar cada aspecto de nossas vidas e posses para a Glória de Deus **1Co. 10:31**.

Em Levítico, após o sacrifício, a mistura de sangue e água era aspergida sete vezes na casa que estava sendo purificada. O sangue remete a purificação e remissão, mas a água lembra a pureza do novo nascimento. Há um lugar de novos começos!

v.52-53 Essa imagem é muito vívida quando percebemos que, após a mistura de sangue e água ser aspergida sobre a segunda ave, ela era solta num campo aberto!

Aqui, vemos como Deus nos vê de maneira integral. Todo nosso cotidiano e relacionamentos refletindo a Obra de Cristo sobre o seu povo. Casas que comunicam pureza e santidade ao Senhor! Famílias que são a continuidade da adoração coletiva na Igreja!

v.54-57 Assim, o povo deveria entender que ter o Senhor como Deus era um convite à plenitude de vida em todas as áreas. Qualquer incompatibilidade com a santidade de Deus precisa ser considerada como algo nocivo e mortal.

Nós fomos chamados à Santidade. Ele nos transformou em fontes de vida que jorrarão as águas de Cristo em lugares assolados. Que cada área das nossas vidas seja impactada pela obra do Cordeiro! Você é um canal dos céus!



Uma lição para nós homens

Levítico 15



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Uma lição para nós homens

Levítico 15

A Bíblia é a Palavra de Deus. Levítico, sem dúvidas, faz parte da Palavra de Deus deixada a nós. E como Paulo escreveu a Timóteo, devemos saber que toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, correção e educação na justiça **2Tm. 3:16**.

Diante disso, temos o testificar do Espírito Santo em nossos corações que **Lv. 15** é a Palavra de Deus e útil a nós. Mas você já tinha lido e meditado nesse capítulo de Levítico? A leitura e as dificuldades com as traduções desafiaram nossa mente moderna.

Entretanto, existe uma mensagem de Deus para nós nesse texto e precisamos ouvi-la e sondá-la. O tema dessa porção das Escrituras são os fluxos corporais masculinos e femininos. Dentro do contexto, essa é a última prescrição dessa seção que tratou sobre a impureza. Essa seção se iniciou em **Lv. 11** falando sobre os animais puros e impuros, passando por **Lv. 12** regulamentando sobre o parto e os ciclos naturais femininos, **Lv. 13-14** tratando sobre as doenças de pele, bem como a respeito de mofo e fungos em tecidos e nas casas. E aqui, chegamos ao último ponto: os fluxos corporais.

v.01 As instruções são divinas. Arão conhecia, em sua própria experiência familiar, o perigo de não estar atento à santidade do Senhor **Lv. 10:1-2**. Então, Moisés, como legislador, e Arão, como sumo sacerdote, continuam ouvindo do Senhor sobre como distinguir o puro do impuro **Lv. 10:10**.

Por uma questão de compreensão do capítulo podemos dividir essa seção em subseções¹⁴:

v.02-15 Fluxos masculinos descontrolados.

v.16-17 Fluxos masculinos temporários.

v.18 O casamento.

v.19-24 Fluxos femininos temporários.

v.25-30 Fluxos femininos descontrolados.

G. J. Wenham observa em seu comentário que essa seção tem no centro da estrutura textual o casamento, “*a unidade da humanidade em dois sexos*”. E ainda, como um homem e uma mulher manifestam a expressão máxima de se tornarem uma só carne no ato da relação íntima **Gn. 1:27** e **Gn. 2:22-24**.

v.02-15 *Fluxos masculinos descontrolados*

v.02 O texto está falando literalmente que o homem que tivesse contato com o “*fluxo da sua carne*” (LTT), “*o fluxo que sai do corpo*” (NVI), “*o fluxo seminal*” (ARA), ou seja, com o seu próprio sêmen, este seria considerado impuro.

Isso fica mais claro quando sondamos o texto hebraico. O homem seria impuro por causa do fluxo. A palavra “*fluxo*” no hebraico é *zôb*. A LXX traduziu essa palavra para o grego como ὁ γονορρυής [*gonorryēs*], ou seja, gonorreia. Uma doença venérea conhecida desde a antiguidade.

14. Seguimos aqui a sugestão de G. J. Wenham.

v.03 Por isso vemos que quer fosse um corrimento descontrolado, “*seu corpo vaza*’ (ARA) ou algum tipo de coagulação provocando retenções, “*se o seu corpo o estanca*” (ARA), essa condição seria a impureza desse homem.

O Dr. Shedd faz uma observação muito pertinente: “*Essas doenças venéreas são tão conhecidas desde a antiguidade mais remota, bem como o pecado que a produz*”¹⁵. Há uma nota aqui que denuncia a imoralidade e a promiscuidade como práticas incompatíveis com a santidade de Deus.

Deus não criou o homem para a promiscuidade, mas para uma só mulher, bem como a mulher para um só homem. O pecado corrompeu a natureza humana, a mente, os relacionamentos e até a saúde física. Uma enfermidade como essa era uma expressão visível da corrupção dos desejos humanos e suas consequências.

v.04 Nesse estado, o homem precisava entender algo muito sério. Ele estaria impuro, mas não só isso, ele também se tornaria uma fonte dessa impureza, porque caso se assentasse em algum lugar, esse objeto seria impuro.

Isso é a inversão de **Jo. 4:14**. O homem sempre será uma fonte. Nós também somos fontes de águas. Mas que tipo de água nós estamos jorrando? **Tg. 3:11**.

v.05-10 O texto traz mais clareza sobre como se dava a transmissão da impureza. Veja que não é o contágio da enfermidade, mas do estado de impureza.

15. Nota da Bíblia de Estudo Shedd em Lv. 15:3.

Se alguém tocasse na cama sobre a qual se assentou quem tinha o fluxo **v.05**, ou se assentasse sobre aquilo que se assentara o que tinha o fluxo **v.06**, se tocasse no corpo de quem tinha o fluxo ou se a pessoa com fluxo cuspsse em alguém **v.07-08**, a impureza seria transmitida. Até cavalgar na mesma cela de um animal ou tocar em algo que esteve embaixo da pessoa com fluxo produzia impureza **v.09-10**.

Se isso ocorresse, era necessário à pessoa se lavar, lavar as vestes e permanecer impura até o fim do dia. Ou seja, naquele dia, aquela pessoa não poderia ir até o Tabernáculo adorar ao Senhor com suas ofertas.

v.11 Mas então quem poderia viver no arraial, caso tivesse contraído essa enfermidade? Ela poderia colocar qualquer pessoa em risco de impureza. Um homem nessas condições teria que ser banido do arraial se não fosse o que diz aqui no **v.11**.

Se a pessoa que tinha o fluxo lavasse suas mãos, ela poderia tocar nas pessoas sem fazê-las impuras como ele estava. Aqui está um vislumbre da graça. Uma vez que ele reconhecesse o seu estado e lavasse suas mãos, o homem poderia continuar convivendo com o povo. Obviamente que para voltar ao Tabernáculo, ele precisava estar sarado, mas ainda assim, vemos uma nota de misericórdia.

v.12 Ele teria que usar utensílios de madeira que poderiam ser lavados. Se fosse um vaso de barro, este devia ser quebrado.

Havia uma esperança de restauração, recursos de tempo e oportunidades para aquele homem. Mesmo sendo uma impureza

za que talvez tivesse sido provocada por escolhas pecaminosas, Deus não deseja deixar seus filhos separados Dele.

v.13 Quando o homem estivesse sarado do seu fluxo descontrolado, ele lavaria suas vestes, se banharia e entraria num tempo de purificação por sete dias. Após esse processo ele seria limpo novamente.

Ao olhar para a Cruz de Cristo, vejo o meio pelo qual fomos lavados pelo sangue do Cordeiro e pela Água do Espírito. Esse é o lugar onde nossas vestes são lavadas e somos purificados de nossas injustiças.

v.14-15 Uma vez purificado, o homem tem acesso à Presença de Deus. Em Levítico, o homem que era purificado deveria trazer duas rolas ou dois pombinhos.

Uma ave era oferta pelo pecado, independente da causa do seu fluxo (sendo por imoralidade ou não). Aquele homem esteve fora do seu propósito de existência por estar impedido de ir ao Tabernáculo. Nós fomos criados para viver na Presença do Senhor. Qualquer coisa que nos tire desse lugar deve provocar arrependimento em nós.

A segunda ave era para um holocausto. E sabemos o que isso significa: O homem seria aceito na Presença de Deus **Lv. 1:3**. No lugar de arrependimento e quebrantamento somos encontrados pelo Senhor.

v.16-17 *Fluxos masculinos temporários*

v.16 Note que mesmo um homem saudável, caso tivesse contato com seu fluxo seminal, ele também seria considerado impuro. Não seria por tempo indeterminado, como no caso anterior, mas após se banhar e lavar suas vestes, a impureza seria até à tarde. Para os judeus, o fim da tarde era o fim do dia, pois no anoitecer já se iniciava o dia seguinte.

v.17 O objetivo dessas prescrições pode ser observado no **v.31**. O objetivo era para que:

Não morressem em suas impurezas.

Não contaminassem o Tabernáculo, pois a Tenda da Congregação era o centro da manifestação da Presença.

Israel conheceria o paganismo dos cananeus ao entrarem em Canaã. Eles conheceriam um povo cheio de práticas promíscuas. Na própria tradição dos patriarcas, vemos Judá que pecou terrivelmente com sua nora, Tamar. Sem saber que era sua nora, pensou que se tratasse de uma prostituta cultural **Gn. 38:13-15,21**.

Mesmo após a lei de Moisés esse problema perdurou. Na época da divisão do Reino, Israel se envolveu com a idolatria a Baal e muitas práticas idólatras eram baseadas na imoralidade sexual **Os. 4:11-14**.

O trágico é que o chamado de Israel consistia em ser um povo separado das outras nações **Ex. 19:5-6**. Eles jamais deveriam andar como os outros povos **Lv. 18:3**.

Então, num contexto cultural e religioso como o de Canaã, o Senhor deixou claro: “*Eu sou o único Deus Santo. O culto deve ser santo e a imoralidade sexual é incompatível com a minha Presença*”.

O fato de a Lei declarar o homem impuro durante o dia inteiro, caso tivesse contato com seu fluxo seminal, na verdade, fechava a porta para qualquer possibilidade das abominações dos cananeus.

Mas talvez alguém em nossos dias pergunte: “*Mas e se fosse entre o marido e sua esposa?*”

v.18 O Casamento

Esse seria o único ambiente previsto por Deus. Mas ainda assim algumas considerações precisam ser feitas.

A primeira é que o relato da criação do primeiro casal nos mostra o plano original de Deus que é alinhado com a Santa Vontade do Senhor **Gn. 2:21-24**. Um casal monogâmico, ou seja, um homem e uma mulher.

A poligamia nunca é apresentada na Bíblia como uma prática agradável ao Senhor. Pelo contrário, a poligamia aparece pela primeira vez na Bíblia na linhagem reprovada de Caim em **Gn. 4:19**, onde Lameque tomou duas mulheres.

Além disso, onde notamos a prática da poligamia, guiada pelos contextos culturais ou por preocupações com a procriação, juntamente surgiam ciúmes, rivalidades, preferências e um desgaste familiar, pois tais práticas não podiam trazer paz aos lares.

Que diferença é quando um homem e uma mulher confiam no Senhor: A paz que excede todo entendimento regerá sua família.

O segundo ponto é que mesmo que o homem e a mulher fossem casados um com o outro, caso se deitassem intimamente, a lei os consideraria impuros até à tarde.

Eles não estavam em pecado por terem se deitado juntos. Note que não há exigência alguma de sacrifícios. O **v.18** é claro, eles só precisavam se banhar e aguardar até o fim da tarde.

Até na Lei, vemos que não há, de modo algum, reprovação de Deus no relacionamento íntimo entre cônjuges. O fato de aguardarem até o final do dia, talvez seja um princípio de separação e integralidade. Isso, de modo nenhum, fundamenta algum tipo de jugo que deve ser trazido para os nossos dias. Eles não haviam pecado, na verdade, eles foram criados um para o outro e feitos uma só carne no matrimônio.

v.19-24 *Fluxos femininos temporários*

v19 Agora o texto fala sobre os fluxos femininos, mas primeiro, no tocante aos ciclos naturais ou “*ciclos costumados*” (ARA).

Nós já falamos sobre esse tema em **Lv. 12** e vimos que havia a perspectiva de um entrelaçamento de morte e vida na perda de sangue nos fluxos. Nesse entrelaçamento surgia a incompatibilidade entre duas naturezas: morte e vida. O Nosso Deus é Vivo!

v.20-23 Caso alguém se assentasse ou deitasse no mesmo lugar que a mulher em seu período natural, o estado de impureza também poderia ser transmitido. Mas algo nos chama atenção: Não era exigido nenhum tipo de sacrifício como ocorria com os homens com fluxos descontrolados. Bastava se banharem e aguardar o período de purificação.

Por quê? Simplesmente porque a mulher não havia pecado em nada. Diferente do que podia ser pressuposto de um homem acometido de uma doença venérea como a gonorreia.

Em nenhum lugar nas escrituras, as mulheres em seus ciclos naturais são chamadas de pecadoras. Isso é uma perspectiva distorcida, rasa e até preconceituosa a respeito das mulheres. Elas devem ser honradas por carregarem tão grande responsabilidade em seus corpos que geram vida!

v.24 Esse versículo fala da contaminação severa caso um homem desonrasse a intimidade de uma mulher durante seus ciclos naturais. **Lv. 20:18** fala do risco de, até, serem eliminados do povo.

v.25-30 *Fluxos femininos descontrolados*

v.25 Aqui, o caso não era de um fluxo natural, mas uma situação de enfermidade. O fato de a enfermidade perdurar por tempo indeterminado criava uma condição extremamente sensível. De modo semelhante às doenças de pele, enquanto não houvesse a cura, a mulher estaria impura e com um profundo anseio de ser restaurada.

v.26-27 Se alguém se deitasse ou assentasse no mesmo lugar em que uma mulher nessas condições se assentou, precisaria lavar suas vestes, banhar-se e aguardar até a tarde para ser declarado puro novamente.

v.28-30 Quando essa mulher recebesse a cura, após o período de purificação, ela traria dois pombinhos ou duas rolas até o Tabernáculo. Essa mulher estava restaurada!

v.31-33 A função dessas prescrições era instruir o povo a fim de que pudessem separar os filhos de Israel de suas impurezas perante o Senhor. Reconhecemos que o texto não dá informações objetivas sobre porque os fluxos condicionavam as pessoas ao estado de impureza ritual.

Mas as prescrições sobre os fluxos implicavam na unidade e pureza do corpo físico e do casamento. Logo, impedia qualquer flerte com a imoralidade e promiscuidade cultural dos cananeus.

Nós somos um povo santo e eleito em meio a um mundo caído. Mas nós podemos, e devemos, refletir a santidade do Senhor em nossos casamentos. Se você for solteiro, guarde-se para sua futura esposa e/ou ao Senhor **1Co. 7:32**. Num tempo como esse em que vivemos, onde as mídias seculares falam tanto de relacionamentos abertos (relacionamentos triplos ou múltiplos) e fomentam a poligamia e imoralidade, essa mensagem nunca foi tão urgente. Relacionamentos à luz das Escrituras, condutas conjugais santas e a pureza sexual continuam sendo mensagens necessárias à Igreja do século XXI.

Talvez, o paralelo mais forte desse texto com o NT seja o episódio da mulher do fluxo de sangue. Segundo a lei de Moisés, aquela mulher precisava estar à parte das outras pessoas. Não é por menos que ela ficou trêmula ao perceber que não podia se esconder **Lc. 8:47**.

O modo como Jesus se moveu nos revela que, junto com o seu ministério messiânico, um novo tempo estava sendo inaugurado. O Reino de Deus chegou! Jesus tocou em pessoas que estavam “*impuras*”, excluídas e à parte da sociedade: leprosos, mortos, pessoas com fluxos e pecadores. Mas todos que eram tocados por Jesus nunca mais seriam os mesmos.

Nós temos vida porque Ele nos tocou quando ainda estávamos mortos. Só um toque basta! Aquele que nos restaura hoje está acessível. E nós nem éramos o seu povo, mas agora somos!

A impureza não é mais definida por uma enfermidade. Contudo, a impureza continua sendo o que sempre foi: uma questão do coração. A lei não podia transformar o homem pois não podia nos dar um novo coração. Mas a lei teve sua função: conduzir-nos até o Cristo que nos ensinaria todas essas coisas no seu Espírito **Jo. 13:26**.

O Espírito nos ensinará sobre a Vida de Deus. Ele escreveu em nossos corações a vontade do Senhor! Uma vida de santidade em todos os aspectos: O casamento também é uma plataforma de santidade!

Indo além do véu

Levítico 16



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Indo além do véu

Levítico 16

Esse capítulo é uma chave para todo o livro de Levítico. Nessa porção, temos o núcleo teológico do livro: a expiação. A palavra hebraica para “expiação” é *kaphar*, que tem o sentido de cobrir, purificar, fazer expiação ou fazer reconciliação.

Estamos falando de algo muito importante, pois ninguém seria capaz de salvar-se por si só. Ninguém poderia permanecer diante das chamas santas sem uma liberação de justiça e misericórdia. No NT, a “expiação é a obra que Cristo realizou em sua vida e em sua morte para conquistar a nossa salvação” (Grudem).

As exigências da lei levítica eram tão altas que, provavelmente, alguém tropeçasse até sem perceber. Isso contaminaria o Tabernáculo, comprometendo a pureza do ambiente e tornando-o inapropriado para a Presença do Senhor. Assim, a expiação garantia a integridade do ambiente para que recebessem a Presença de Deus. Hoje, sabemos que é por causa da Obra de Jesus que temos a garantia da Presença! Uma obra perfeita e com impactos eternos. Nós podemos confiar Nele!

v.01 Levítico não é um simples compêndio de leis. Levítico é uma história narrativa. Após a morte de Nadabe e Abiú **Lv. 10:1-2** e o Senhor falar com Arão **Lv. 10:8**, Deus também fala a Moisés.

Os capítulos 11 a 15 serviram como uma explicação sobre a diferenciação entre o puro e o impuro, entre o santo e o comum

Lv. 10:10. Agora, o assunto é sobre perdão. E se alguém do povo tropeçasse nas leis de pureza ritual? E se tivessem cometido algum pecado sem perceber? Havia um dia específico para cuidar disso: “*O Dia da Expição*”. Para nós, também houve um dia decisivo! Um dia, na Cruz, Jesus cuidou dessa questão de uma vez por todas. Ele morreu por nossos pecados!

v.02 “Disse o Senhor a Moisés”. Embora Arão fosse o sumo sacerdote, Moisés é o legislador e mediador entre Israel e Deus. Moisés forneceu a nós uma sombra de quem seria o Nosso Grande Legislador e Mediador: Jesus! **1Tm. 2:5** e **Hb. 9:15**.

Deus não queria que Arão morresse como seus dois filhos fulminados pela Presença. Arão precisava cuidar para não ultrapassar o véu que separava o Lugar Santo do Lugar Santíssimo, ou Santo dos santos, onde a Arca do Concerto ficava.

Sobre a arca, havia uma espécie de tampa chamada propiciatório. Nela havia dois querubins feitos de ouro, um de frente para o outro, de modo que as pontas das suas asas tocavam a ponta um do outro. Deus vinha sobre o propiciatório e falava com Moisés dali **Ex. 25:22**¹⁶. É o trono onde o Senhor se assenta, entre os querubins, para nos ouvir sendo propício a nós **Sl. 99:1**.

Se tudo isso é tão glorioso, que nossos corações transbordem do oceano de graça que nos alcançou. No AT, o sumo sacerdote só poderia entrar nesse Lugar Santíssimo, uma vez por ano **Lv. 16:34**. Hoje, por causa de Cristo, podemos viver nesse lugar todos os dias. Viver nessa esfera impacta nossa realidade por

16. Algumas versões inglesas que traduzem a palavra “propiciatório” como “*assento da misericórdia*” (mercy seat).

completo. Não pensamos e agimos como outrora! Nós somos nova criação!

v.03 Aproximando-se o Dia da Expição, era exigida uma preparação. Aqui encontramos um ponto que pode ser aplicado a nós: “a familiaridade não pode produzir despreocupação”. Saber que o Senhor nos aceitou Nele é uma revelação de graça que deve nos abalar. É uma misericórdia e bondade que nos faz tremer quando nos aproximamos Dele.

Arão precisava preparar um novilho como oferta pelos seus próprios pecados e um carneiro para holocausto. Então percebemos a superioridade de Cristo em relação ao sacerdócio levítico. Arão precisava fazer expiação pelos seus pecados, ao passo que Jesus é o nosso Sumo Sacerdote Perfeito que jamais pecou **Hb. 4:15**.

v.04 Arão se lavaria em água como num rito de purificação. Mas continuamos exaltando a Cristo e sua Obra Incomparável. Jesus, como Nosso Sumo Sacerdote Imutável, é a própria água viva que não apenas lava o exterior, mas todo o nosso ser de dentro para fora. Arão ao se lavar simbolizava que dependia de Deus para purificá-lo. Tudo está apontando para Cristo! Nós precisamos Dele!

Em Levítico, o sacerdote tinha vestes apropriadas que apontavam para os atributos de Deus: santidade, pureza, justiça, retidão e misericórdia. Vemos esses atributos revelados plenamente em Jesus. Ao nos alcançar, Jesus nos deu Dele para nos vestirmos e revestirmos. Você recebeu novas vestes **Lc. 15:22, Cl. 3:10 e Ap. 22:14**.

v.05 No Dia da Expição, Arão também precisava obter dois bodes do povo, como oferta pelo pecado do povo e um carneiro para holocausto. Essa celebração era uma manifestação da graça e misericórdia divina. Provavelmente, algumas pessoas pecavam contra a Lei nos quesitos de pureza, e por vezes, até sem perceber. Mesmo por desconhecimento, essa falta era incompatível com a Presença Santa de Deus. Mas as Misericórdias do Senhor não tem fim **Lm. 3:22**.

v.06 Então, nesse dia, Arão oferecia primeiro uma oferta pelos seus pecados e pelos pecados do sacerdócio. A explicação do modo como os sacrifícios eram oferecidos é feita nos **v. 11-14**. Percebam que primeiro é uma oferta pelo pecado, e só depois disso, um holocausto. Essa sequência é importante. Sem expiação não existe aceitação. Vamos ver a explicação nos **v.11-14**.

v.11 A primeira oferta era o sacrifício de um novilho pelos pecados de Arão e sua família, ou seja, o sacerdócio. Esse ponto revela a inferioridade de Arão em relação a Cristo. Jesus não tinha pecado, e assim, Ele mesmo se ofereceu como o próprio sacrifício. Nessa ação de Jesus, Ele nos fez parte de sua própria família. Todos que creram Nele receberam o poder de serem feitos filhos de Deus **Jo. 1:12**. E agora, por causa de Jesus, podemos olhar para o alto e clamar ao Nosso Pai Celestial **Mt. 6:9**.

v.12 Esse talvez fosse o momento mais perigoso e de tensão no Dia da Expição. O sumo sacerdote tomava o incensário cheio

de brasas do altar de bronze, dois punhados de incenso e um recipiente com o sangue do novilho. Ele precisava ir além do véu e entrar no Santíssimo Lugar. Jamais poderíamos entrar no Santo dos santos sem o sangue do Cordeiro de Deus.

v.13 Então o incenso era posto no incensário e a fumaça formava uma nuvem que cobria até o propiciatório, ou seja, até a tampa da arca. A nuvem de fumaça servia de proteção a Arão, pois havia o risco de Arão morrer contemplando a Glória de Deus.

v.14 Com o Lugar Santíssimo cheio de fumaça até o propiciatório, quando o ambiente estava completamente cheio pela nuvem de fumaça, então o sangue era aspergido com o dedo na tampa da Arca por sete vezes. Posso sentir o temor e a solenidade desse momento.

Hoje, em Cristo, nós temos uma experiência infinitamente mais profunda. A fumaça nos cobre, mas passamos a ser escondidos na Presença do Próprio Eterno Deus. Moisés teve essa experiência no Sinai, como que se o monte fosse uma grande arca e a Glória de Deus descesse ali sobre o Sinai coberto por uma densa e escura nuvem **Ex. 19:18** e **Ex. 20:21**. Mas a experiência de Moisés foi momentânea. Hoje, nós podemos viver permanentemente diante do Trono Glorioso **Ef. 2:5-6**.

v.07-08 Após aspergir o sangue no propiciatório, Arão saiu do Santíssimo Lugar e veio até a Porta da Tenda da Congregação. Esse momento era muito esperado. Arão poderia ter morrido

dentro do Santíssimo Lugar e isso significaria que Deus não havia sido propício ao seu povo. Esse momento devia ser de muita gratidão! O que você sente em seu coração quando olha para Jesus e encontra o Senhor sendo propício a nós?

Dali da Porta da Tenda, Arão lançaria sortes entre os dois bodes que o povo tinha trazido. Um bode seria para o Senhor e o outro seria para “Azazel” (NVI), que significava “*bode emissário*”.

É difícil saber exatamente como era essa parte do rito de lançar sortes. Algumas tradições judaicas oferecem algumas descrições, e como não temos uma confirmação nas Escrituras, não podemos afirmar com certeza, e apenas podemos considerar a tradição como uma possibilidade.

Mas algumas tradições sugerem que o sumo sacerdote colocava um bode à sua direita e outro à sua esquerda. Colocava duas pedras numa urna. Em uma pedra havia a inscrição “*Para o Senhor*” e na outra “*Azazel*”. Então o sumo sacerdote tirava as pedras da urna, uma em cada mão, e colocava as mãos fechadas sobre os bodes. Ao abrir as mãos, todos saberiam qual seria o bode para a purificação e o bode para o deserto (Wenham, p.232).

v.09 O bode que fosse para o Senhor seria oferecido como oferta pelo pecado. Essa parte é descrita em detalhes nos **v.15-19**.

v.15 O bode era imolado pelos pecados do povo no altar de bronze que ficava no átrio, ou seja, no pátio externo do Tabernáculo. E diferente dos sacrifícios diários que eram feitos pelo

pecado do povo, no Dia da Expição, o sangue seria levado para além do véu e era aspergido sobre o propiciatório.

Essa expressão é muito importante “*o sangue que é levado além do véu*”. O sangue de Jesus derramado no Calvário foi levado além do véu. Era esse véu que nos separava, porque realmente éramos indignos Dele. Mas pelo sangue de Jesus nós fomos justificados e agora Ele está conosco. Emanuel!

v.16 Aqui está o ponto central do Dia da Expição: A expiação feita pelo santuário por causa das impurezas, transgressões e pecados de Israel.

As impurezas eram tropeços que, talvez, alguns nem percebessem ter cometido, mesmo tentando ser fiéis à Lei. Mas quando percebiam que alguém havia violado algum ponto da Lei, essa violação se configurava numa transgressão da própria Lei. Já os pecados apontam para a natureza caída que deve ser tratada com arrependimento.

A expiação pelo santuário é algo que precisamos considerar aqui. Hoje, Deus não habita em templos feitos por mãos humanas. Ele habita em templos vivos. Ele habita em nós! Louve a Deus, porque Ele mesmo nos purificou para habitar em nós. Ele fez isso por intermédio do sacrifício do seu Próprio Filho Amado. Você já se perguntou por que Ele te purificou? Ele nos desejou como Sua Casa...

v.17 Durante esse ritual, ninguém poderia estar na Tenda da Congregação, apenas o sumo sacerdote SOZINHO. Isso é outra imagem poderosa da Obra de Jesus. O Cristo teria que cumprir

a missão no Calvário sozinho. Verdadeiramente, ninguém pode cooperar na obra da expiação dos nossos próprios pecados. Jesus, como o Servo Humilde, confiou no Pai até o fim **Is. 50:6-9**.

v.18-19 Após aspergir o sangue no propiciatório dentro do Santo dos santos, Arão tomaria o sangue do novilho (pelos seus pecados e do sacerdócio), o sangue do bode (pelos pecados do povo) e aspergiria sobre o altar de bronze que ficava no pátio, diante dos olhos de todos!

Ele passou o sangue nas pontas do altar (chifres), e aspergiu sete vezes sobre o altar com o dedo. Com esse gesto, o altar também era purificado! Sua vida é um altar de adoração ao Senhor! Nossas famílias devem ser lugares de adoração a Deus! Que ruas, praças, bairros e cidades tornem-se altares puros de louvor ao Senhor.

v.10 Mas o que acontecia com o segundo bode? O bode emissário ou bode expiatório, também chamado de “Azazel”. Os **v.20-22** explicam a parte mais notável daquele dia de expiação.

v.20 Após a purificação do santuário, do tabernáculo e do altar, então traziam o segundo bode vivo.

v.21 Arão colocaria suas mãos sobre o bode vivo e confessaria as iniquidades, transgressões e pecados do povo. A mensagem é muito clara com o gesto de por a mão sobre a cabeça do bode: “os porá [tudo que foi confessado] sobre a cabeça do bode e enviá-lo-a ao deserto”.

O deserto sem a Presença de Deus é um lugar de morte e exclusão. Sem a Presença de Deus e a gloriosa provisão do Senhor, Faraó estaria certo em pensar que Israel vagaria errante pelo deserto **Ex. 14:3**.

Ao enviar o bode para o deserto, ele levaria as iniquidades do povo sobre si para um lugar solitário, onde provavelmente o animal morreria simbolizando a destruição daqueles pecados confessados.

O paralelo com **Is. 53:4-5** e **1Pe. 2:22-24** é muito claro. Jesus levou os nossos pecados sobre si até o madeiro, onde o Nosso Senhor foi crucificado! Então no terceiro dia, Ele ressuscitou vencendo a morte! Agora, quando confessamos nossos pecados ao Cristo Crucificado e Ressurreto e abandonamos esses pecados na Cruz, encontramos a remissão e a oportunidade de viver em santidade para a Glória de Deus.

v.23-25 Após todo o ritual, Arão precisava se lavar apontando para a sua necessidade de purificar-se. Ele era um homem falho como nós somos. Só então, ele poderia se vestir novamente com as vestes sagradas, oferecer os holocaustos e queimar a gordura das ofertas pelos pecados.

As sequências no Livro de Levítico são muito importantes. O holocausto era uma oferta que tinha o sentido de aceitação. A obra de Cristo traz essa revelação. Nós fomos purificados dos nossos pecados, o que revela a vontade do Senhor em nos aceitar. Mas o sacrifício de Jesus como holocausto confirma que Aquele que começou essa obra a continuará fielmente. Ele nos aceitou para ter relacionamento contínuo conosco.

v.27-28 Todos os envolvidos no ritual do Dia da Expição precisavam se lavar. Até quem conduzisse o bode para o deserto. Aquele que atuasse queimando os sacrifícios e até quem fosse levar a carcaça do holocausto para fora do arraial. Se você foi alcançado pela Obra de Jesus na Cruz, Ele te chama a lavar-se no Sangue vertido no Calvário!

v.29 Nós vimos até aqui a responsabilidade do sumo sacerdote, mas a partir deste ponto, veremos que o povo também tinha suas responsabilidades.

O Dia da Expição era uma celebração anual solene. O sétimo mês do calendário judaico coincide, aproximadamente, com o mês de outubro do nosso calendário. Todos os anos, no dia 10 desse mês, o povo deveria celebrar o Dia da Expição como um dia solene, nenhum trabalho servil deveria ser realizado. Era um tipo de “*sábado solene*”. Uma espécie de feriado¹⁷.

Havia perdão dos pecados, mas isso era feito de um lugar de quebrantamento e arrependimento, pois o povo deveria “*afligir a alma*”. A palavra hebraica aqui é *anah*, e a mesma expressão aparece em **Is. 58:3** associada ao jejum. Olhar para o sacrifício de Jesus na cruz produz em nós alegria e gratidão pela salvação, mas também contrição e quebrantamento como frutos de arrependimento.

v.30-31 O Dia da Expição era um dia, no qual o povo era purificado dos seus pecados perante o Senhor. Esse ritual precisava

17. Falaremos mais sobre o Dia da Expição no capítulo “Contrição na expiação e Alegria nos Tabernáculos Levítico 23:23-44”.

ser realizado anualmente. Mas quando Jesus veio cumprir seu ministério messiânico, ele resolveria essa questão de uma vez por todas.

v.32-33 Como o estatuto tinha caráter perpétuo, quando Arão morresse, outro sumo sacerdote precisava assumir essa responsabilidade e realizar a expiação pelo santuário, pelo tabernáculo, pelo altar, pelo sacerdócio e por todo o povo.

Todos os anos os rituais eram necessários, porque os sacrifícios, e até os sumo sacerdotes, eram temporários. Eles morriam um dia. Seria necessário um sumo sacerdote eterno! Alguém que vencesse a morte! Nós conhecemos esse Sumo Sacerdote Eterno... Ele realizou a expiação por seu povo de uma vez por todas **Hb. 7:23-27**.

v.34 E assim Arão cumpriu, como estatuto perpétuo, uma vez por ano, por todos os anos da sua vida. Arão era o homem considerado “*mais santo*” do povo por causa da sua posição. Entretanto, mesmo dessa posição tão honrada, ele não podia se aproximar do Senhor sem a expiação apropriada.

O Dia da Expiação é um vislumbre profético do dia da crucificação do Senhor. Naquele dia, o véu do templo foi rasgado de cima a baixo **Mt. 27:51**. Hoje, nós temos acesso ao Santo dos santos! Hoje podemos ir além do véu!

Não existe e nem existirá mais a necessidade de outro dia de expiação, porque um dia, em Jerusalém, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo se entregou por nós. Você tem acesso a Ele.

O Espírito Santo está nos enchendo de ousadia e intrepidez, para que nos aproximemos do trono de Deus **Hb. 10:19**. Talvez, a nossa páscoa também deva ser associada ao dia da nossa expiação. Onde olhamos para o nosso Redentor Crucificado e Ressurreto, e então lamentamos nossos pecados e as aflições que Ele sofreu, mas também agradecemos e louvamos seu Nome eternamente, porque Ele venceu a morte.

Ele é o Nosso Sumo Sacerdote para sempre! Ele venceu!



Posso comer alimentos com sangue?

Levítico 17



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Posso comer alimentos com sangue?

Levítico 17

Chegamos numa porção de Levítico que parece funcionar como ponte de transição entre os capítulos 1-16 e 18-27. Se lermos Levítico como uma narrativa, e não apenas como uma sequência de leis, o livro parece contar uma história que começou na inauguração do Tabernáculo em **Ex. 40:34-38**, quando a Glória de Deus foi tão intensa que nem Moisés podia entrar na Tenda **v.35**. O Tabernáculo fora inaugurado! Mas como a adoração ao Senhor se daria num lugar como esse? Isso foi tratado em **Lv.1-16**.

Veremos que os capítulos 18-27 de Levítico são chamados, pelos estudiosos, de “*Código de Santidade*”, pois essa porção repetirá um chamado feito a todo o povo do Senhor, inclusive a nós: “*Santos sereis, porque Eu, o Senhor, sou Santo*”.

Existe uma discussão sobre **Lv. 17**, se esse capítulo deveria pertencer à primeira parte de Levítico, uma vez que essa porção fala sobre o sangue, que é um elemento essencial ao sacrifício. Ou, se esse capítulo deveria pertencer à segunda parte, pois o texto descreve como um israelita lidaria com o sangue no cotidiano, e assim se encaixando no Código de Santidade.

Mas veja que essa característica híbrida de **Lv.17** nos leva a entender essa porção como uma chave de transição dentro do livro. Esse capítulo conecta as duas partes, servindo de pivô entre elas. São detalhes que nos fascinam e reforçam a verdade de que só o Senhor pode ser a fonte da inspiração bíblica tão perfeita em cada detalhe.

Talvez, o ponto mais sensível desse capítulo seja a proibição feita sobre o consumo de sangue nos alimentos. Essa proibição deve ser vista como permanente e obrigatória na Nova Aliança? Você já se perguntou se, de acordo com as Escrituras como um todo, seria pecado comer algum alimento preparado com sangue, por exemplo, um chouriço ou um frango ao molho pardo?

Para responder essas perguntas, nós precisaremos recorrer a outros textos bíblicos. Mas vamos usar **Lv. 17** para sondarmos o contexto primário da proibição, e assim escavar os princípios que estão por trás do texto em si.

v.01-02 Moisés é o mediador profético entre Deus e Israel. A partir desse ponto de Levítico, tudo que Deus falará a Arão, ao sacerdócio ou ao povo, será por intermédio de Moisés **Lv. 18:1, Lv. 19:1, Lv. 20:1, Lv. 21:1, Lv. 22:1,17, Lv. 23:1**, entre outras passagens restantes no livro.

O que Israel ouviria de Moisés nessa porção tem peso de mandamento, pois o texto é claro: “O Senhor ordenou”.

v.03-04 A ordem do Senhor era sobre o abate de animais domésticos usados nos cultos ao Senhor (bois, cordeiros ou cabras). Todos esses animais precisavam ser levados ao Tabernáculo e serem oferecidos como uma oferta pacífica **v.05-06**.

Assim, nenhum abate secular era permitido ao povo no deserto. Caso alguém imolasse um animal no arraial, ou até fora dele, mas não levasse o animal até o Tabernáculo, a culpa do sangue do animal seria imputada sobre esse indivíduo. Note que

desde o início do capítulo, o tema “*sangue*” já está, em alguma medida, sendo visto.

A transgressão dessa ordenança seria tão séria como um homicídio, pois ela apontava para “*a culpa pelo sangue derramado*”. Veja o que Deus disse a Caim em **Gn. 4:10-11**. A culpa pelo sangue era um assunto tão sério, que se uma pessoa fosse assassinada e descobrissem o corpo em algum lugar, mas não o assassino, a culpa pesaria sobre todo o povo. E daí, exigindo-se um sacrifício de expiação por todo o povo **Dt. 21:1-9**.

Em consequência à desobediência, o homem seria “*eliminado do seu povo*”. Alguns pensam que isso se tratava de uma pena de morte. Mas veremos que quando a morte de alguém era decretada, isso é feito de modo explícito no texto bíblico **cf. Lv. 20:1,10**.

Portanto, parece que “*ser eliminado do povo*” se tratava da expulsão do homem do arraial para vagar no deserto, ou talvez, ainda permanecer no arraial, porém, nunca mais ser contado como povo de Deus. Alguém pode pensar que essa pena não seria tão ruim. Mas como você se sentiria com a ideia de ser separado de Deus para sempre? Não só nessa vida, mas na era vindoura! Isso nos mostra como a graça removeu essa sombra tão tenebrosa de nós.

v.05-06 O modo apropriado para Israel comer carne no deserto sempre foi por meio de uma oferta pacífica. Eles traziam o animal até o Tabernáculo, ofereciam ao Senhor, e consequentemente, tratavam o sangue, a gordura e carne de modo apropriado. Podemos destacar dois pontos:

O tema “*sangue*” está em cena. Nas ofertas pacíficas prescritas em **Lv. 3**, era proibido comer o sangue e a gordura **cf. Lv. 3:17**. A gordura deveria ser queimada e o sangue aspergido no altar.

O segundo ponto é um aspecto da vida cotidiana do povo de Israel. Comer carne pode até ser considerado algo comum e secular, mas, até os aspectos mais simples da vida precisavam estar conectados com a Presença de Deus. Nossa vida cotidiana também não pode ser separada da vida com Deus. Esse é um dos principais aspectos de Levítico.

Nossa vida como um todo deve ser regida pelo nosso relacionamento com Deus. É oferecer a vida diária, relacionamentos, bens, negócios, trabalhos e planos como ofertas ao Senhor. Se nós vivemos, vivamos para a Glória de Deus. Assim, podemos fazer com que o nosso cotidiano comunique a esse mundo a Glória e Santidade do Senhor.

v.07 Essa exigência de trazer os animais domésticos que seriam abatidos ao Tabernáculo, protegeria o povo de outro perigo: A tentação de oferecer sacrifícios a “*demônios*” (ARA) ou “*ídolos em forma de bodes*” (NVI). Alguns veem aqui algo semelhante aos sátiros, figuras da mitologia grega, as quais eram metade homem e metade bode.

Infelizmente, o povo de Israel, ao sair do Egito, não se desprende da idolatria **Ex. 32:1-4**, **Dt. 32:15-17** e **Nm. 25:1**. O profeta Ezequiel denunciou uma faceta do povo de Israel no que se referia à idolatria **Ez. 20:6-8**.

Essa lei, em **Lv. 17**, protegeria o povo de se prostituir com outros deuses. O termo “*prostituição*” se refere à idolatria. Lembre que Israel era vista como uma nação que tinha um relacionamento de aliança com o Senhor, como pode ser visto num relacionamento de casamento **Os. 2:19-20**.

O Senhor zela pelo relacionamento com o seu povo. Em Cristo, nós desfrutamos da mesma realidade que Israel desfrutava no AT em proporções ainda mais profundas. Somos a Igreja que é a Noiva de Cristo! Como Noiva do Cordeiro, não permita que nada macule seu relacionamento com Ele. Vidas santas e rendidas por completo ao Amado Noivo.

Não podemos servir a dois senhores, Deus e Mamom **Mt. 6:24**. Tão pouco, permitir algum tipo de sincretismo religioso **1Co. 10:21-22**. Hoje, existem demônios que buscam seduzir-nos e afastar-nos do comprometimento fiel com o Amado Noivo.

v.08 Segundo a prescrição levítica, nenhum sacrifício deveria ser feito fora do Tabernáculo. Provavelmente, isso seria uma forma de proteção, a fim de que não houvesse dúvidas alguma se alguém poderia estar, ou não, oferecendo um sacrifício ao Senhor ou a outros deuses.

O princípio aqui é de clareza. Pense: O modo como você vive está revelando, com clareza, seu comprometimento com Jesus? Um dos propósitos de Deus para nós é que comuniquemos ao mundo que somos um povo que possui uma aliança com o Senhor em Cristo. Nós temos a imagem e semelhança de Deus restauradas em Cristo.

Existe uma nota de justiça e misericórdia nesse versículo. Deus não impediu que os estrangeiros residentes entre o povo de Israel também pudessem O adorar. Pelo contrário, todos são chamados à Presença Dele, e assim, desfrutar da benção de serem aceitos diante Dele. O Senhor já via as nações no seu plano redentor! Ele já estava nos vendo!

v.09 O fato de toda adoração estar concentrada no Tabernáculo também expressava um sentido de unidade. Um lugar onde todos pudessem se achegar, desde que se sujeitassem a Lei do Senhor. Obviamente, existiam direitos e deveres específicos para os nativos e estrangeiros, mas o Senhor jamais rejeitou alguém que se aproximasse Dele em contrição e arrependimento. Esse é o Nosso Deus que nos aceitou na sua maravilhosa Presença.

v.10 Se todos os animais domésticos fossem trazidos até o Tabernáculo para serem abatidos e oferecidos ao Senhor como ofertas pacíficas, isso garantiria que o sangue seria aspergido no lugar previsto: no altar.

A aplicação dessa lei é endossada com a proibição de **Lv. 3:17**: Não deveriam beber o sangue nem comer da carne, cujo sangue não tivesse sido drenado. A pena da transgressão dessa lei era “*ser eliminado do povo pelo próprio Deus*”.

Muitos textos remontam essa instrução desde **Gn. 9:4**, quando Noé recebeu a permissão de comer, além dos vegetais, também carne, desde que o sangue fosse evitado. Em Levítico, vimos essa instrução em **Lv. 3:17** e **Lv. 7:26-67**.

v.11-12 Quer fosse um israelita ou um estrangeiro, ambos, precisavam guardar-se de consumir sangue. O motivo é explicado no texto:

A vida da carne está no sangue. A palavra hebraica para vida é *nephesh*, que pode significar “pessoa”, “alma” e até “garganta”. Mas aqui no contexto, aponta para a força vital. Quando não há mais sangue, não há mais vida.

O lugar de toda a vida é sempre no altar. O sangue era o elemento expiatório pela própria vida de quem estava trazendo o animal para a oferta pacífica. Então o sangue era o elemento de propiciação, assim, jamais poderia ser consumido. Se fosse consumido, ele carregaria “a culpa pelo sangue derramado”.

As prescrições que acabamos de ver falam dos animais domésticos, como bois, cordeiros e cabras, que deviam ser trazidos ao Tabernáculo para o abate e serem oferecidos como ofertas pacíficas antes de serem consumidos.

Mas e se fossem animais de caça? O sangue poderia ser consumido? Seriam trazidos ao Tabernáculo? Quais seriam os procedimentos?

v.13-14 Os animais de caça não eram oferecidos ao Senhor, então não precisavam ser trazidos ao sacerdote. A única condição é que as caças que seriam consumidas não estivessem na lista dos animais impuros que vimos em **Lv. 11**. Bastava drenar o sangue no momento do abate, cobrir o sangue com terra, e assim, estariam livres para consumir a carne.

Aquele que desobedecesse a esse aspecto da lei sofreria a eliminação do povo de Deus. Aqui é reafirmado que a “*vida está no sangue*”.

v.15-16 Se alguém achasse um animal já abatido ou morto por si só, e comesse dele, este precisava se lavar, lavar as suas vestes e aguardar até o fim da tarde para ser considerado limpo novamente. Mas veja que isso não seria considerado pecado pois nenhum sacrifício era exigido!

O rito de purificação, talvez fosse necessário porque sem saber se o sangue havia sido drenado corretamente ou não, o indivíduo teria dúvidas sobre sua situação. Só se configuraria uma séria transgressão com risco de morte, caso se apresentasse na Presença do Senhor em estado de impureza.

Por fim, nos resta a pergunta: Como interpretar esse texto sob a perspectiva da Nova aliança? Podemos ou não comer carne sem drenar o sangue?

O que deixa a questão mais difícil para se responder é o parecer do Concílio de Jerusalém que foi levado às igrejas gentílicas no livro de Atos. Nesse parecer, Tiago, trazendo a palavra final, conclui que os cristãos gentílicos se abstivessem do sangue e animais sufocados, além da impureza sexual e alimentos consagrados aos ídolos **At. 15:20**.

Mas na sequência, Tiago parece mostrar que sua preocupação era com os judeus que estavam nas sinagogas que poderiam se escandalizar, e conseqüentemente, fechar o coração para Cristo.

A imoralidade é claramente condenada no NT **1Co. 5:1-2**. Mas sobre a comida sacrificada a ídolos, Paulo diz que o ídolo por si só nada é **1Co. 8:4-6**. Assim, comer algo sacrificado a ídolos, em condições como em Corinto não seria errado, se esse conhecimento fosse compartilhado por todos e não provocasse nenhum tipo de escândalo a ninguém, nem a judeus ou gentios.

Para Paulo, o ponto seria a consciência fraca de algum irmão **1Co. 8:7**. No final das contas, não ganharíamos nem perderíamos comendo, ou seja, o ato de comer por si só não seria pecado **1Co. 8:8**. Mas caso o seu irmão se escandalize ou seu ato de comer leve alguém que não tem esse conhecimento a comer e pecar em sua consciência, você se torna pecador contra Cristo **1Co. 8:10-12**.

Assim, talvez Paulo não considerasse a ingestão de sangue algo inerentemente pecaminoso, desde que a consciência de todos estivesse guardada em Cristo e não houvesse discussões ou escândalos **Rm. 14:1-4**.

A leitura de **Rm. 14:13-23** é decisiva aqui. O Reino de Deus não é comida ou bebida, mas de modo algum podemos entristecer o nosso irmão por causa daquilo que desejamos comer. Se tivermos isso vivo em nossa prática, viveremos de modo agradável ao Senhor **Rm. 13:18**. A expressão “*agradável*” vem da linguagem levítica!

Uma vida agradável ao Senhor só pode existir se o sangue foi tratado de modo adequado. E já foi! O sangue do Cordeiro já foi vertido na Cruz do Calvário de uma vez por todas.

Mas se você tiver dúvidas sobre comer um chouriço ou um frango ao molho pardo, por favor, não coma! Isso te condenará! Jamais coma algo baseado na fé de outra pessoa.

Para finalizarmos esse capítulo, deixamos uma recomendação muito cautelosa: Jesus nos disse que é o seu sangue que nos dá a vida eterna. Nunca se esqueça disso! Jamais recomende alguém comer sangue baseado no seu próprio entendimento, porque se houver uma sombra de dúvidas na sua consciência, ou na do outro, você está pecando.

Mas que o Espírito Santo revele a liberdade que você tem em Cristo. E que você possa desfrutar dessa liberdade dando graças a Deus **Rm. 14:6**.

A única coisa que sabemos é que pelo sangue de Jesus vivemos e morremos para Ele. Cada um dará contas de si mesmo no Grande Dia **Rm. 14:10-12**.



Uma resposta à bigamia, ao incesto e ao casamento parental

Levítico 18:1-18



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Uma resposta à bigamia, ao incesto e ao casamento parental

Levítico 18:1-18

Sem pretensão alguma de esgotarmos esse tema, tentaremos ouvir de Deus um pouco do que essa porção fala sobre uma vida agradável ao Senhor. Isso certamente precisa incluir o assunto da sexualidade.

A virada do século XXI foi marcada por inúmeras discussões abordando temas como ideologia de gênero, homofobia, cirurgias de mudança de sexo, entre outros. Mas sem nos perdermos no calor dos debates, deveríamos nos perguntar à luz das Escrituras: “*O que Deus fala sobre isso?*”. Por vezes, percebemos muito calor nos debates, contudo, pouca luz sobre o assunto. Nosso objetivo nesse capítulo é trazer, pelo menos, um pequeno fio da luz de Cristo sobre esse tema.

v.01-02 Acredito que teremos mais clareza sobre o capítulo inteiro se considerarmos corretamente esses dois primeiros versículos. Essa porção de Levítico faz parte de um segundo bloco dentro de Levítico chamado de “*Código de Santidade*”. O povo de Deus é chamado a uma conduta alinhada com a aliança que o Senhor propõe, por isso, “*fala aos filhos*”, “*filhos do povo de Israel*”, “*filhos do povo do Senhor*”.

“*Eu sou o Senhor, vosso Deus*”. Essa expressão é quase idêntica à abertura dos Dez Mandamentos **cf. Ex. 20:2** e **Dt. 5:6**. Assim,

essa expressão relembra verdades fundamentais a respeito da Aliança no Sinai (Wenham). Deus havia escolhido Israel para ser seu povo. Essa escolha divina foi graciosa, mas exigiria deles uma conduta diferente das demais nações.

Aqui está um ponto decisivo: Segundo às Escrituras, Guardar a Palavra e preservar nossa sexualidade não é somente um dever, mas também, um privilégio e alegria, em resposta à graça de Deus que nos concedeu conhecer e amar o coração do Senhor. Uma vida em santificação é uma evidência do privilégio de termos sido encontrados por Jesus.

v.03 O que não devemos fazer? Não voltar às práticas do Egito nem se embarçar com as práticas de Canaã. Nesse versículo, passado, presente e futuro se conectam. No presente, o povo de Israel estava no deserto, experimentando o livramento do passado Egípcio, mas com uma garantia futura sobre entrarem em Canaã.

Essa palavra se aplica à nossa realidade em alguma medida. No presente, estamos posicionados como aqueles que foram libertos do império das trevas. Não podemos voltar às práticas do passado quando vivíamos aprisionados. Mas não pense que não existem perigos para os que atravessam o Jordão! Não podemos nos embarçar com o modo de viver desse mundo. O mais tenso é que essas propostas estão ali, depois do Jordão, quando vemos algumas promessas se cumprirem. Quando algumas estações de bênçãos forem destravadas sobre sua vida, nunca se esqueça: *“Eu sou o Senhor, vosso Deus”*.

“A predominância dos costumes denunciados aqui como perversões egípcias e cananéias é bem atestada nas Escrituras e em fontes não bíblicas. Há referência à homossexualidade entre os cananeus **Gn. 19:5**, e a prática também é atestada na Mesopotâmia. A bestialidade também é conhecida com base em fontes egípcias, cananéias e hititas. Havia um ritual na região oriental do delta do Nilo que envolvia a coabitação de mulheres e bodes. Aliás, Ramsés II, possivelmente o faraó do Êxodo, afirmava ser filho/descendente do deus Path, que assumia a forma de um bode” (WENHAM, 2018, p. 254).

O casamento entre irmãos era algo tão comum entre os cananeus e na Mesopotâmia que até Abraão casou-se com sua meia-irmã **Gn. 20:12**. Na vida de Jacó, vemos outra prática denunciada aqui: o casamento com duas irmãs ao mesmo tempo (Lia e Raquel). Veja que **Lv. 18:18** diz “*a irmã da sua mulher*” (NVI).

A verdade é que se a Lei do Senhor não tivesse sido dada a Israel, o povo olharia para os patriarcas e, provavelmente, se embaraçariam com muitas práticas cananeias. A lei revelou o pecado **Rm. 7:7-9**.

v.04-05 Mas então o que devemos fazer? Se você tem uma aliança com o Senhor, entenda que será um dever e privilégio viver de acordo com os juízos do Senhor. O prazer de guardar os estatutos do Senhor e andar neles precisa transbordar em nós.

A palavra “*estatuto*” (ARA) ou “*decreto*” (NVI) é no hebraico *chuqqah*, que vem da palavra *choq*, que tem o sentido de “limite prescrito, fronteira”. Em **Jz. 5:22**, essa mesma palavra é usada para descrever os limites impostos ao mar de até onde ele pode ir.

Quando sondamos a raiz primitiva dessa família de palavras, encontramos a expressão *chaqaq*, que quando se refere a uma lei, ela significa “gravar” ou “inscrever”.

Agora junte esses significados! Os estatutos do Senhor são palavras, gravadas em nossos corações e postas como limites para as nossas vidas, que não podem ser ultrapassados, pois se tornariam transgressões. Sair dos limites que o Senhor nos propõe é sair do lugar seguro!

Mas note que o foco desse capítulo não é como os egípcios ou cananeus andavam ou decidiam sua sexualidade. O alvo desse texto é como alguém que tem uma aliança com Deus deve viver sentindo-se privilegiado por isso. Nossa busca por santificação é uma resposta amorosa e grata ao coração de Deus que nos escolheu!

Por esse caminho o homem viverá. Guardar a Palavra é o caminho no qual desfrutamos a benção de Deus e vivemos plenos e felizes. O ponto aqui, não é em si a vida eterna que herdaremos quando o Senhor voltar, mas a vida que já começou aqui e agora nessa era, e que desfrutaremos eternamente na consumação dos séculos.

A vida de Deus no AT foi oferecida a Israel graciosamente na escolha de Deus aos que creram na promessa do Messias. Hoje, temos essa vida, porque cremos que a promessa do Messias se cumpriu em Jesus Cristo, e todos que creram receberam o poder de serem feitos filhos de Deus.

v.06 O casamento está implícito aqui, pois o matrimônio traz consigo a união de “*duas carnes*”, na qual, ambas tornam-se uma

só **Gn. 2:23**. O texto aqui em Levítico diz “*parenta*” (no hebraico *sh'er*), literalmente “carne”. O texto significa literalmente “carne da sua carne”.

Biblicamente, não há várias carnes da minha carne. Apenas uma mulher pode ser a carne da minha carne. Não há espaços para terceiros nesse relacionamento **Ef. 5:31-32**.

“Descobrir a nudez” (ARA) é traduzido na NVI com seu sentido objetivo “*se envolver sexualmente*”. Assim, o texto não está falando sobre simplesmente tirar a roupa de alguém, o que poderia ser feito em favor de uma pessoa doente que talvez precisasse de cuidados. O texto está falando sobre relações íntimas.

v.07 Pais e mães devem ser honrados como autoridades dentro de uma família **Ex. 20:12**. Isso são pilares para o povo que tem uma Aliança com Deus.

A honra aos pais era tão importante na lei mosaica que, se um filho amaldiçoasse seus pais, a sentença seria uma pena capital **Lv. 20:9**. Então, descobrir a nudez apontaria para uma terrível desonra quebrando o quinto mandamento.

v.08 Até nações pagãs detestavam a prática descrita aqui. O *Código de Hamurabi*¹⁸ punia com morte por fogo tanto a mãe quanto o filho, mesmo que o pai já tivesse falecido.

A “nudez da mãe é a nudez do pai” porque “pai e mãe”, “marido e mulher” são uma só carne **Mt. 19:5-6** e essas realidades são indissociáveis.

18. Um código de leis considerado mais antigo que a lei mosaica.

v.09 A proibição, aqui, incluía filhos dos mesmos pais, filhos de pais diferente, ou até se morassem em casas diferentes. Segundo Champlin, as famílias dos faraós do Egito previam casamentos entre irmãos e irmãs. Como os faraós se consideravam deuses, eles pensavam que essas uniões preservariam a divindade da dinastia evitando misturas entre famílias.

A imoralidade entre laços familiares provocam devastações terríveis dentro de uma casa. Quando laços de pureza entre irmãos são quebrados, essa quebra provoca traumas tão profundos, que se não fossem o sangue de Jesus e a ação do Espírito Santo, muitos jamais sairiam de sombrias crises de identidade e depressões emocionais.

Em **2Sm. 13** vemos a terrível narrativa sobre o incesto de Amnom com Tamar. O texto nos mostra como o seu anseio imoral por sua irmã tornou-se repulso e aversão **2Sm. 13:14-15**.

v.10-11 Aqui a proibição estende-se à relação de avós, netos e reforça a proibição do **v. 09** sobre a relação íntima entre meio-irmãos.

Se Abraão vivesse nos dias de Moisés, ele não teria se casado com Sara, pois eles eram meio-irmãos **Gn. 20:12**. Assim, não permita alguém tentar justificar esse tipo de relação com o exemplo de Abraão, pois ele estava ANTES da lei. Aqui, reforçamos como a corrupção desse mundo teria nos consumido se a Obra de Cristo não tivesse nos alcançado.

v.12-14 E o que dizer sobre tios e tias por parte de mãe ou pai? Ou ainda, e as esposas dos tios? O texto diz: “*Ela é tua tia*”.

Veja que o ponto não é apenas biológico, mas é espiritual. Em tese, a esposa do tio não tem nenhuma relação sanguínea com o filho do irmão do seu esposo. Contudo, o relacionamento sexual entre eles faria com que se tornassem espiritualmente “*uma só carne*”. Assim, o sobrinho passaria a ser uma só carne também com seu próprio tio.

v.15-16 A relação sexual entre sogro e nora também é proibida, bem como entre cunhado e cunhada.

Outro evento no AT nos mostra a corrupção cananéia. Em **Gn. 38** vemos quando Tamar, nora de Judá, deixa sua viuvez para se disfarçar de prostituta e deitar-se com seu próprio sogro **Gn. 38:14-18**.

Ali, Judá estava aguardando seu filho, Selá, ficar mais velho para que pudesse se casar com Tamar. Essa seria uma aplicação permitida pela lei do levirato. **Gn. 38** conta que Er, o filho mais velho de Judá, que foi casado com Tamar, falecera. Então Onã, o segundo filho de Judá, casou-se com Tamar, mas ao deitar-se com ela, Onã sempre jogava seu sêmen no chão para não dar uma descendência ao seu irmão falecido. Onã morre por causa disso.

O problema é que o terceiro filho de Judá, Selá, ainda era muito novo e precisava aguardar a idade para casar-se com Tamar. Aqui, se revela a malícia de Tamar ao enganar Judá. Mas para Tamar, essa imoralidade não a perturbava, porque isso revela a corrupção de uma mulher cananéia.

O que nos chama muita atenção é Perez, o filho da relação de Tamar com Judá, ser alguém presente na genealogia de Jesus

Mt. 1:3. Aqui, vemos o que a graça de Deus faz de histórias e pessoas improváveis como as nossas.

No NT, João Batista foi preso no cárcere por denunciar um complicado caso de incesto e divórcio de Herodias **Mt. 14:4.**

v.17 Por fim, surge a definição de tais práticas. O relacionamento sexual entre mãe, filha e netas é visto por Deus como “*maldade*” (ARA) e “*perversidade*” (NVI). Assim, quem praticasse algo dessa natureza seria assemelhado aos perversos à Vontade de Deus.

A BJ traz a tradução “*incesto*”. Isso porque a palavra hebraica *zammah* tem o sentido de “*licenciosidade*”, “*adultério*”, “*idolatria*” e “*prostituição*”.

v.18 Essa porção conclui a proibição com a prática de um homem casar-se com duas irmãs. A tradução da ARA é um pouco confusa ao usar a palavra “*outra*”. Mas acredito que a NVI traduziu de modo mais preciso como “*a irmã da sua mulher*”, ou seja, a sua cunhada.

Lembramos facilmente da história de Jacó, Lia e Raquel. Este é outro exemplo de como os costumes dos cananeus corromperam até o coração de homens que foram amados por Deus, antes mesmo de nascerem. Se Jacó tivesse vivido nos dias de Moisés, certamente ele não poderia ter se casado com Lia e Raquel.

Isso nos mostra que, embora alguns comportamentos dos patriarcas estejam registrados na Bíblia, nem todas as suas decisões foram agradáveis ao coração do Senhor. Eles estavam mergulhados num mundo corrompido sem a Lei do Senhor!

Mas porque Deus ainda assim os abençoou?

Primeiro, porque o Senhor é Fiel em suas promessas **Sl. 145:13**.

Segundo, porque a bênção sempre será para louvor da Glória de sua Graça **Ef. 1:6**.

Terceiro, é que mesmo debaixo das bênçãos do Senhor, todos eles experimentaram as consequências de suas escolhas **Gl. 6:7**.

E por fim, os casos de Abraão, Jacó e Judá, especificamente, estão antes da Lei de Moisés. Se não fosse a promessa do Senhor e a fé dos patriarcas na promessa, nenhum deles teria escapado **Rm. 5:13-15**.

Talvez pensemos que um assunto como esse seja muito distante da realidade cristã brasileira. Mas quando sondamos os números de casos de violência sexual no Brasil, os quais denunciam corpos de crianças violentadas por pais, tios, avós e até irmãos, ficamos assombrados.

Não duvide de que Israel, com sua história e heranças culturais egípcias, não estivesse tão distante dessa trágica situação. A Lei do Senhor cercou Israel, a fim de proteger o coração do povo de uma depravação total provocada pelo pecado que entrou no mundo na queda de Adão e Eva.

Hoje, precisamos do Espírito Santo para que possamos permanecer vigiando e orando. Devemos guardar nossos corações e passos segundo a Palavra de Deus. Lembre sempre que a vida de santidade é um privilégio, pois, significa que o Senhor nos encontrou.

Uma reflexão sobre Sodoma

Levítico 18:19-30



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Uma reflexão sobre Sodoma

Levítico 18:19-30

O cerne desse capítulo está no povo, a quem essas palavras estão sendo direcionadas. Deus está falando com seu povo sobre uma vida de santidade, pois o próprio Senhor estava habitando entre os filhos de Israel. A sexualidade é uma parte da vida humana que também foi afetada pela queda no Éden. Uma vez que alguém foi regenerado em Cristo Jesus, certamente, essa área também será impactada pela obra do Espírito Santo.

Como dissemos no capítulo anterior, virada do século XXI foi marcada por inúmeras discussões abordando temas como ideologia de gênero, homofobia, cirurgias de mudança de sexo, entre outros. Mas sem nos perdermos no calor dos debates, deveríamos nos perguntar à luz das Escrituras: “*O que Deus fala sobre isso?*”. Nesse capítulo, de modo mais específico, queremos refletir sobre a questão das relações íntimas consideradas pecaminosas e abomináveis ao Senhor e sobre como Levítico trata esse assunto.

v.19 Inicialmente, Levítico nos aponta que as relações íntimas durante os ciclos naturais das mulheres eram proibidos pelos mesmos motivos que já vimos em **Lv. 12:2-5**. Lembre que o sangue, como um símbolo de vida, ao se entrelaçar com um aspecto de morte, trazia à tona um estado de impureza ritual.

Assim, se esse estado de impureza fosse ignorado, **Lv. 15:24** nos diz que o homem estaria impuro por sete dias e precisaria aguardar o período de purificação previsto.

v.20 Aqui, novamente, há um paralelo com os Dez Mandamentos: “Não adulterarás” **Ex. 20:14**. Segundo o plano de Deus, o casamento sempre foi monogâmico. Uma só esposa! Isso é visto no início de tudo **Gn. 2:24**.

O adultério era algo tão sério que, segundo **Dt. 22:22-24**, a sentença para um caso de adultério seria a pena capital por apedrejamento do homem e da mulher. É baseado nesse texto, que percebemos as intenções hipócritas dos acusadores da mulher adúltera em **Jo. 8:1-11**. Onde estava o homem adúltero? Só trouxeram a mulher, e não os dois!

A família e a fidelidade conjugal são levadas a níveis de altíssima consideração nos ensinamentos de Jesus **Mt. 19:4-6** e **Mt. 5:28**.

v.21 O povo de Israel precisaria aprender a dizer não para muitas abominações cananéias. Uma dessas abominações era o culto a *Moloque*. Nesse ritual pagão, se dedicavam crianças, as quais eram mortas nos rituais. Infelizmente, Israel mergulhou nessas práticas por muitas vezes na sua história **Jr. 7:31**, **2Cr. 28:3** e **2Rs. 21:6**. Até mesmo o rei Salomão se perdeu com tais práticas **1Rs. 11:7**.

Talvez você se espante: “Mas Salomão? Tão Sábio!”. Nem a sabedoria pode nos salvar se a recebermos do Senhor e tentarmos administrá-la distante de Deus **1Co. 10:11-12**.

A menção aos sacrifícios a Moloque nesse capítulo sobre uniões abomináveis, talvez se dê porque algumas crianças poderiam até ser abusadas antes de serem sacrificadas. Alguns pensam que elas seriam apenas dedicadas para servir no culto a Moloque,

mas as evidências apontam para o sacrifício de crianças. Estamos falando de algo terrível e abominável ao Senhor: Homicídio de vulnerável misturado à idolatria. Se Israel se envolvesse com tais práticas estariam profanando o nome do próprio Deus que os escolhera e a Aliança com o Senhor.

v.22 Israel é avisado sobre outra prática incompatível com a santidade do Senhor: A relação íntima entre duas pessoas do mesmo sexo. As traduções das versões NTLH e NVI trazem a ideia clara do texto.

“Não se deite com um homem como quem se deita com uma mulher; é repugnante” (Lv. 18:22 NVI).

“Nenhum homem deverá ter relações com outro homem; Deus detesta isso” (Lv. 18:22 NTLH).

A expressão “*abominável*” (ARA) aponta para algo que o Senhor detesta. Mas para quem essas palavras estão sendo endereçadas? Elas são para “*os filhos de Israel*”.

Se você tem uma aliança com o Senhor, essa instrução norteará o modo como você deve viver. Ao mesmo tempo, ela produz em nós um sentimento de privilégio por termos a Palavra de Deus como norma de fé e prática.

Mas talvez, alguém que não reconheça o senhorio de Cristo sobre si discorde desse versículo. Por quê? Por que alguém que não se submeter ao senhorio de Cristo buscará se definir segundo o seu próprio pensamento, coração e desejos. Estamos falando de algo muito sério aqui. Estamos pisando em solo sagrado e sondando o que agrada ou desagrada o coração do Deus Eterno.

Alguns dizem que a Bíblia condena somente práticas homossexuais que estiverem envolvidas com idolatria. Mas isso não se sustenta de acordo com as Escrituras. Em **Gn. 18:20**, vemos que Sodoma e Gomorra estavam condenados por causa do pecado desenfreado. Há um vislumbre do estilo de vida daquele lugar em **Gn. 19:4-5**, pois os homens da cidade queriam se deitar com quem estava na casa de Ló. “*Abusemos*”, no hebraico é *yada*’. A mesma palavra para **Gn. 4:1**, que se refere a um homem que conhece intimamente sua mulher.

O ambiente de Sodoma e Gomorra era promíscuo. Talvez esse fosse o pano de fundo do incesto de Ló e suas duas filhas **Gn. 19:35-38**. A mentalidade daquele ambiente era encharcada pela imoralidade e promiscuidade, e embora já tivessem deixado Sodoma e Gomorra, as filhas de Ló estavam impregnadas por aquela cultura.

O Senhor entregou a humanidade caída aos seus próprios desejos **Rm. 1:20-32**. Note que, uma vez entregues às suas próprias paixões, os homens se inflamaram mutuamente e recebem em si mesmos a merecida punição de seus erros **Rm. 1:27**.

A humanidade foi deixada a uma disposição mental reprovável para tais práticas **Rm. 1:28**. Isso porque os homens sem Deus, não apenas fazem, mas aprovam os que assim praticam **Rm. 1:32**.

Esse é o próprio mundo em seu curso natural dirigido pelo príncipe desse século. É a humanidade sem Deus entregue às suas autodefinições. Alguns tentam condenar as práticas homossexuais como se fossem patologias. Mas isso é um equívoco. Não estamos falando de uma doença. Estamos falando de pessoas

que não conseguem ver e ouvir o coração de Deus por causa dos seus próprios desejos. Infelizmente, estão cegos para o mundo espiritual.

Outros tentam dizer que pode ser uma questão genética. Mas isso é outro equívoco. Qualquer geneticista concordará que todo ser humano tem 23 pares de cromossomos em cada célula. Entre eles, um par de cromossomos X e Y, cuja combinação determina essencialmente o sexo das pessoas: mulheres, XX, e homens, XY.

Mas para que não caíamos no perigo da justiça própria, talvez seja importante responder a seguinte pergunta: *“Diante dos olhos do Senhor, qual é a diferença entre o relacionamento íntimo entre duas pessoas do mesmo sexo e a desonra aos pais?”*. A resposta é: NENHUMA! Ou cobiçar a mulher do teu próximo? Ou levantar falsos testemunhos contra um inocente?

O ponto é Cristo! Se você tem uma aliança com o Senhor e tropeça em algum momento de sua jornada cristã, mesmo que em seu íntimo, você tem a oportunidade de dizer em arrependimento: *“Esse não é o modo que eu quero viver”*. Nesse lugar, qualquer pecado é trazido para um ambiente de arrependimento (e isso inclui os pecados listados acima), e certamente há graça para alcançarmos misericórdia. Mas é necessário ao homem confessar o Senhorio de Cristo e desejar viver de modo diferente, mesmo que isso só esteja inicialmente dentro do seu coração.

Mas se uma pessoa não deseja uma aliança com o Senhor, os seus próprios desejos e paixões definirão quem ela será. Assim, surge a opção ser homossexual. Essa pessoa resiste ao Senhor e decide ser definida pelos seus próprios desejos.

O que o Espírito Santo fala é decisivo! Se alguém desejar responder ao Amor de Deus, conseqüentemente ela desejará viver a Palavra do Senhor, não apenas como um dever, mas também como um privilégio.

v.23 A última das proibições dessa porção é contra a bestialidade. Seria deitar-se com um animal como quem se deita com um homem ou uma mulher.

O texto diz que isso é “*confusão*”. Segundo o Dicionário Strongs, essa palavra tem o sentido de “*violação da natureza ou ordem divina*”. Deus criou o homem a sua imagem e semelhança. Essa prática seria uma união de duas realidades estranhas uma a outra: animal e divina. O domínio e administração da criação, inclusive do reino animal, foram confiados a Adão. A bestialidade é uma inversão desse propósito, pois espiritualmente o homem passa a ser dominado pela própria criação, tornando-se uma com ela.

v.24-25 Aqui, vemos que esse texto está falando para “os de dentro”, ao povo da aliança. As nações (os cananeus) viviam à sua maneira e praticando atos que o Senhor detesta. Essa conduta trouxe juízo sobre eles. Mas e nós, como temos vivido?

A expressão “*a terra vomitou seus moradores*” mostra que a perda da terra foi parte da colheita dos cananeus. Eles mesmos semearam o fim deles. Não sejam como os cananeus!

v.26-28 Vocês me conhecem, diz o Senhor! Eu lhes dou os meus estatutos! Nós sabemos o caminho e os limites.

Caso Israel desobedecesse, o fim não seria diferente dos cananeus: “*a terra os vomitaria*”. Isso veio acontecer muitos anos depois com dois cativeiros: O cativeiro assírio contra Israel, o reino do norte. Depois, o cativeiro babilônio contra Judá, o reino do sul.

v.29-30 Aqueles que violassem os limites da aliança seriam eliminados do povo do Senhor para sempre. Note que não estamos falando das pessoas que estão no mundo. Estamos falando para os *de dentro*!

No NT, vemos que mornidão seria o motivo para que a Igreja em Laodiceia fosse vomitada. Em Laodiceia, alguns cristãos estavam vivendo amando os tesouros desse mundo. Repito: Como temos vivido?

Esse mundo parece com Sodoma e Gomorra, pois tudo está corrompido. Contudo, nós, que estamos em Cristo, carregamos uma mensagem que poderia ter mudado o destino de Sodoma e Gomorra **Mt. 11:20-24**. Esse é o ponto: Jesus pode mudar a história de QUALQUER PECADOR! Há uma grande responsabilidade em nossas mãos!

Como podemos afirmar a eficiência da Palavra de Deus? **Rm. 9:29**! Se não fosse a mão do Senhor nem nós estaríamos aqui!

Mas as pessoas têm visto em nós uma conduta que lhes atrai a Cristo? Ou somos apenas acusadores com pedras nas mãos?

Se, verdadeiramente, encontrarem Cristo em toda nossa conduta, talvez, alguém deseje o mesmo Senhor que mudou nossas histórias.

Devemos guardar o sábado?

Levítico 19:1-3



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Devemos guardar o sábado?

Levítico 19:1-3

Ao preparar as anotações de **Lv. 19** para estudarmos com nosso grupo de estudos surgiu a mesma sensação quando realizamos a exposição da Epístola de Tiago em outra ocasião. Temas variados conectando-se um após o outro, formando uma sequência de exortações, e até imperativos, típicos em Tiago.

Alguns estudiosos usam a expressão “*cordão de pérolas*” para descrever o texto de Tiago, pois cada tema é de grande valor, como uma pérola, e indispensável no seu contexto. Se pensarmos num cordão, precisamos procurar o fio que amarra cada pérola. Temos algo muito parecido aqui em **Lv. 19**.

Esse capítulo nos apresenta uma variedade de temas preciosos, e numa leitura rápida, por causa da diversidade de assuntos, podemos nos perder do propósito do capítulo como um todo. Entretanto, entre uma pérola e outra, nós podemos encontrar o fio condutor desse cordão. Há uma espécie de refrão que se repete em todo o capítulo separando os temas. Esse refrão nos ajudará a reconhecer a organização desse texto.

O fio condutor é a expressão “*Eu sou o Senhor, vosso Deus*”. Note os **v.02, 03, 10, 12, 14, 16, 18, 25, 28, 30, 31, 32, 34, 36 e 37**. Baseado nisso, podemos perceber que os temas possuem contornos religiosos, mas também, sociais, políticos e até econômicos.

V.01-02 O primeiro ponto que surge no capítulo é a própria essência do fio condutor: Um chamado à santidade: “*Santo sereis*”, mas também a fundamentação desse chamado.

O chamado para todo o povo de Deus sempre foi ser uma nação santa **Ex. 19:6**. Isso continua até hoje, pois vemos esse chamado ecoando na Nova Aliança **1Pe. 2:9**.

O impacto dessa palavra em nós implicará em refletir a imagem do Senhor, Aquele que em sua natureza é Totalmente Santo.

Em **Is. 6:3**, o texto hebraico usa um superlativo incomum para descrever a santidade do Senhor. Na língua hebraica, uma dupla repetição da palavra produz o sentido de superlativo da expressão. Por exemplo, “*santo, santo*” = “*santíssimo*”. Mas uma tripla repetição seria algo incomum. Assim, “*Santo, Santo, Santo*” sugere que a santidade de Deus sequer pode ser descrita em palavras! Assim é o nosso Deus, Totalmente Santo!

Aqui, há uma aplicação importante desses dois versículos: Uma vida de santidade genuína será evidenciada em nossa vida cotidiana. Os aspectos seculares da vida não podem ser separados da nossa vida espiritual.

E ainda, não somos santos para dizer que “somos santos”. Não se trata de uma declaração essencialmente sobre nossas capacidades. Mas somos santos, porque o Senhor é Santo. Assim, a vida de santidade torna-se uma declaração poderosa, muitas vezes até sem palavras, sobre quem o Senhor é.

E lembre-se disso: Santificação não é um fardo, mas um privilégio.

A santidade não é uma “*área mística*” ou “*algo etéreo*”, mas um atributo de Deus que comunicamos de forma prática em nossa

conduta. Portanto, ela não é alcançada fugindo do mundo, mas avançando nele, sendo liderados pelo Espírito até nos aspectos mais simples da nossa vida diária, manifestando justiça, amor, misericórdia, humildade e obediência ao Senhor.

v.03 A honra aos pais e a guarda do sábado.

Se a santidade deve ser manifesta nos aspectos mais simples de nossas vidas, sem dúvidas, encontraremos, na família, o primeiro terreno a ser cultivado. “*A santidade começa no lar*” (Wenham, 2018, p.268).

Aqui, temos uma ratificação de **Ex. 20:12**, o quinto mandamento que é o primeiro mandamento com promessa **Ef. 6:2**.

A relação pais e filhos não é apenas uma ligação sanguínea. Na verdade, infelizmente, há muitas crianças que são geradas e ao nascerem, já são órfãs de pais vivos.

Na imagem “*pais e filhos*” existe a comunicação de um princípio espiritual: O Senhor é Pai de filhos. Nós somos filhos de Deus. Como o Bom Pai, o Senhor cuida de todos os seus filhos com um cuidado que nada ou ninguém pode oferecer **Mt. 6:25-34**.

Os filhos, por sua vez, entendendo suas identidades no Pai Celestial, devem honrá-Lo e temê-Lo. Deus espera essa postura do seu povo **Ml. 1:6**.

Assim, quando os filhos honram seus pais naturais, sejam eles sanguíneos ou não, há uma declaração de santidade. Eles obedecem aos pais porque são filhos espirituais santificados em Cristo, que é o Filho Amado que obedeceu ao Pai até o fim. Se nos parecemos com Jesus, o Filho Amado, nós também honraremos ao Senhor como Pai, honrando nossos pais aqui na terra.

Os **Sl. 2:7-8** e **Sl. 110:1,4** são passagens messiânicas que falam do Cristo e revelam a submissão do Filho ao Pai em sua posição de governo e sacerdócio **Hb. 5:5-6,8**. Para que saibamos se esse aspecto de humildade da conduta de Cristo deve ser cultivado em nós, veja **Fp. 2:5-9**: “*Tende em vós o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus*”.

Por vezes, por causa desse mundo caído e corrompido em si mesmo, alguns filhos são roubados de sua paternidade e não conseguem ver em seus pais naturais um reflexo do cuidado de Deus. Por isso, o direcionamento aqui é para os filhos.

Independentemente dos pais naturais que temos, devemos honrá-los, porque ao fazer assim, nós continuaremos cumprindo o nosso propósito eterno em Deus Pai. Ao desonrarmos nossos pais naturais, num sentido mais profundo, estamos desonrando a Deus que é o Nosso Pai Celestial. Talvez, por isso esse seja o primeiro mandamento com promessa.

A promessa de longevidade surge aqui, pois só o Pai Celestial pode nos fazer viver e acrescentar “*côvados no curso da nossa vida*” **Mt. 6:27**.

Aqui, surge uma aparente dificuldade. Ao mesmo tempo em que o texto traz algo que deve ter primazia na conduta de todos os filhos, a saber, uma prescrição sobre “*honrar os nossos pais*”, o mesmo texto fala sobre a “*santificação dos sábados*”. Porque devemos cumprir fielmente um, e o outro não, se ambas as ordenanças estão no mesmo contexto e em paralelo?

Para respondermos essa pergunta, precisamos entender que o conceito de “*sábado*” ou “*sabático*” no AT refere-se a muito mais do que a guarda de apenas um dia da semana.

A palavra hebraica *shabbath* pode significar o sétimo dia da semana, mas também faz referência a outros eventos como, por exemplo, o Dia da Expição, o Ano Sabático, ou até o Ano do Jubileu. Este último seria um *shabbath* dos Anos Sabáticos¹⁹.

A prescrição feita aqui tem sua fundamentação no próprio Decálogo **Ex. 20:8-11**. A importância do sábado está associada à obra criacional de Deus **Gn. 2:1-3**.

Contudo, quando lemos **Dt. 5:14-16**, onde os Dez Mandamentos são repetidos por Moisés, o sábado é associado a outro feito do Senhor, que também tem um aspecto criacional. Deus formou um povo para si redimindo Israel do Egito.

Antes da lei, a morte reinou sobre a humanidade mesmo que tais homens desconhecessem esse governo **Rm. 5:12-14**. Então, nesse contexto de caos da humanidade, Deus faz a promessa de um povo a Abraão. Essa promessa cumpre-se inicialmente quando Israel foi liberto do Egito, e então surgiu como nação e com uma legislação dada pelo Senhor no deserto.

Is. 43:19-21 fala sobre o Senhor como um Deus de novidade de vida e um povo que o próprio Deus formara para Si. A expressão “*formou*” é a palavra hebraica *yatsar*, que também aparece em **Gn. 2:7**. Um povo que foi trazido à existência com o propósito de ser propriedade peculiar, um reino de sacerdotes e nação santa **Ex. 19:5-6**.

Portanto, vemos o sábado sendo associado a duas obras criacionais: Primeiro, a criação do mundo, quando no sétimo dia Deus descansou. E segundo, um povo que estava no Egito e foi

19. Para saber mais sobre o conceito de sábado, de anos sabáticos e do Jubileu, veja os capítulos que tratam sobre Levítico 25.

tirado de lá, sendo trazido à existência como um povo formado para o Senhor.

Os judeus, na tentativa de guardar o sábado, criaram uma tradição de instruções que resultou num fardo impraticável. Odilon Moreira apresentou uma síntese desse fardo, e deixo aqui um recorte do seu comentário:

“Nenhum trabalho remunerado ou que demande esforço físico, como lavar o carro, cortar a grama ou pintar. É proibido escrever, fumar, cozinhar, viajar ou tocar instrumentos [...] Todos os nós ‘permanentes’, como o nó de marinheiro, ou que eram usados para atar um camelo, eram proibidos. Alguns chegavam ao extremo de proibi-las [as mulheres] de, no sábado, olharem para o espelho e descobrirem um pelo branco e arrancá-lo. Se caísse água na roupa, poderia sacudi-la, mas não torcê-la” (Moreira, p. 547).

Asher Intrater, um autor judeu messiânico, fala de alguns judeus que deixam o papel higiênico cortado na sexta, para não fazerem isso no sábado.

A pena estipulada na lei de Moisés para aqueles que violassem o sábado era a morte **Ex. 31:15**. O que torna o assunto do sábado tão polêmico é que esse tema tem dividido opiniões entre os segmentos evangélicos.

Quais são os argumentos daqueles que dizem ser necessária a guarda do sábado?

O fato de Deus ter santificado o sábado antes da lei **Gn. 2:2**.

A guarda está nos Dez Mandamentos, e esse seria o único mandamento não guardado. Porque não o sábado? **Ex. 20:8-11**.

Afirmam que Jesus não descartou o sábado, mas o ratificou.

Os apóstolos frequentavam as sinagogas aos sábados **Lc. 23:56** e **At. 13:14**.

Por fim, um argumento histórico. A mudança do sábado para o domingo só ocorreu quando Constantino oficializou o cristianismo como religião oficial em Roma. Alguns viam algum sincretismo religioso nessa mudança, pois existem relatos de um culto ao deus sol que era realizado nos domingos. Com isso, dizem que Constantino teria o apoio das duas correntes religiosas.

Os comentaristas trazem respostas contra todos esses argumentos:

Embora Deus tenha santificado o sábado na criação, antes de existir a lei de Moisés, nenhum patriarca observou o sábado! O sábado sequer é mencionado na Aliança que Deus faz com Abraão.

Sobre fazer parte dos Dez Mandamentos, precisamos reconhecer que no legalismo judaico, o sábado foi o mandamento mais distorcido. Além disso, a guarda do sábado é o único dos Dez Mandamentos que não é reafirmado no NT, ao passo que todos os outros são.

Uma das mais insistentes acusações contra Jesus era a profanação do sábado **Mt. 12:1-2**, **Jo. 5:12,15-16**, **Jo. 9:1,6-7,13-14**. Mas Jesus veio para cumprir toda a lei. Ele cumpriu o sábado revelando-se maior que o templo **Mt. 12:6** e Senhor do sábado **Mt. 12:8**.

Os discípulos guardavam o sábado porque eram judeus. Mas veja que no parecer de Tiago, no Concílio de Jerusalém não há menção do sábado **At. 15:19-20**.

Por fim, a palavra “domingo” vem do latim “*dies Dominica*”, que significa “*Dia do Senhor*”, pois este fora o dia da ressurreição **Mt. 28:1**.

Alguns textos do NT mostram atividades no primeiro dia da semana **Ap. 1:10**, **At.20:7** e **1Co. 16:2**. Além disso, outro evento reconhecido como um mover divino na história da igreja primitiva aconteceu num domingo. O derramamento do Espírito em **At. 2**, no dia de Pentecostes, cinquenta dias após a Páscoa. **At. 2** foi num domingo! Nesse dia, ocorreu o primeiro sermão de Pedro e a conversão de quase três mil pessoas!

Há muitos argumentos fundamentados biblicamente a respeito do primeiro dia da semana. Mas certamente, o combate ao legalismo e o retorno aos costumes judaicos com o objetivo enganoso de complementarem a salvação também devem ser considerados **Gl. 4:9-10** e **Cl. 2:16**.

Mas afinal de contas, o que o sábado significa para nós? Ou o domingo?

A primeira coisa a ser dita é que, no NT, nem o sábado ou domingo são decisivos. Se a escolha de um dia de culto dividir o povo que foi unido pelo Senhor, provavelmente, essas pessoas não entenderam o Amor de Deus que as alcançou e as une um ao outro em Cristo.

Nós vimos em alguns capítulos anteriores sobre o consumo de alguns alimentos e como devemos tratar questões atreladas apenas aos costumes, mas que não violam princípios morais e doutrinários da fé **Rm. 14:1,5-6**.

Então se o dia por si só não é decisivo, existe algum princípio espiritual que pode ser observado e aplicado em relação ao sábado? Com certeza, sim!

Independente do dia, ao separar um dia ou hora da sua semana, faça isso para o Senhor **Rm. 14:6a**. O Senhor sempre deve ser a causa de entrarmos pelas portas da Sua Casa.

Além disso, no AT, o sábado foi associado à obra criacional em Gênesis **Ex. 20:8-11** e ao livramento da opressão egípcia, quando Deus formou um povo para Si **Dt. 5:14-16**. Hoje, quando olhamos para o domingo da ressurreição, reconhecemos uma nova obra criacional. As coisas velhas se passaram e tudo se fez novo **2Co. 5:17**.

Por fim, há um sentido de descanso no sábado. Ao terminar a criação e tê-la abençoado, o Senhor descansou. Mas será que Deus estava cansado e precisava de descanso? Não!

O descanso do Senhor não é uma resposta à nossa ideia de cansaço. Quando a obra estava PRONTA e ABENÇOADA, ELE DESCANSOU. Somente aqueles que entendem o “*Está consumado*” na cruz encontram esse descanso. O sábado é um lembrete que a obra está realizada.

Hb. 4:9 diz que resta um “repouso” [σαββατισμός *sabbatismos*] para o povo de Deus. Assim, há um descanso que nos aguarda ao completarmos essa jornada.

Esse descanso é uma herança futura, mas ao mesmo tempo, aponta para uma realidade presente que, pela fé, podemos desfrutar seus primeiros frutos **Mt. 11:28-30**.

Assim, não importa se é sábado, domingo, ou qualquer outro dia. O princípio continua o mesmo: Deleita-te no Senhor e descansa Nele.

Nós fomos libertos do jugo da lei **Gl. 5:1**. Essa liberdade é garantida pelo Espírito. O Espírito não habita em nós apenas um dia da semana! O Espírito do Senhor está conosco sempre, e onde Ele estiver, há liberdade **2Co. 3:17**.

Se honrar os pais traz uma promessa de longevidade, entrar no descanso do Senhor fará que cada dia da sua vida seja para louvor e glória Daquele que te gerou em Cristo! Está consumado! Descanse Nele!



Dividindo a colheita diante da Face

Levítico 19:4-18



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Dividindo a colheita diante da Face

Levítico 19:4-18

Como falamos anteriormente, **Lv. 19** é um capítulo de preciosos temas variados, mas todos conectados por um único fio condutor: “Sereis santos, porque Eu, o Senhor, sou Santo” **v.02**.

O recorte feito para esse estudo não é aleatório. Note que o **v.04** fala sobre o perigo de cair na idolatria que corrompe nosso relacionamento de amor com o Senhor. Já o **v.18** traz um dos textos, provavelmente, mais emblemáticos de Levítico: “*Amarás o teu próximo como a ti mesmo*”.

Muitos se surpreendem encontrando esse versículo em Levítico. Isso porque pensam que essas palavras seriam originárias do NT, nos ensinamentos de Jesus sobre amor a Deus e ao próximo **Mc. 12:29-31**. Mas na verdade, Jesus estava citando as palavras de Moisés escritas em Levítico. Obviamente, Moisés escreveu inspirado pelo próprio Deus.

Perceba que nesse estudo, começamos pelo amor ao Senhor. Um amor que rejeita a idolatria **v.04** e chegaremos até o amor ao próximo **v.18**. Assim, aqui em Levítico, estamos alinhados com os ensinamentos de Jesus.

v.04 “*Não vos virareis para os ídolos*”. A palavra hebraica para “ídolos” é *'eliylim*, que significa “*de nada; não serve para nada; sem valor*”.

Aqui, vemos que a base da idolatria é atribuir valor e devoção a algo que, de fato não merece. É uma ilusão! Eles não são o que dizem ser, não servem para nada. Paulo tinha clareza a respeito disso quando falava que “o ídolo nada é no mundo” **1Co. 8:4**.

No NT, encontramos a palavra idolatria em textos como **Cl. 3:5**, onde a avareza é associada à idolatria. Em Colossenses, o contexto também implica em imoralidade e o desejo descontrolado de ter algo que você vê.

A etimologia da palavra em grego é muito forte. Em grego é εἰδωλολατρεία - *eidōlōlatreia*, uma expressão composta por duas palavras. A primeira palavra é εἶδωλον - *eidōlon* (que vem do verbo οἶδα - *oida*), sendo um verbo de percepção, “*ver com os olhos*”. A outra palavra é λατρεία - *latreia*, que significa serviço.

Agora junte essas informações. A idolatria é algo que você contempla com os olhos naturais, e então passa a servir ao que você viu. É alguém que serve por ter sido capturado pelos olhos naturais.

O trágico é que se os ídolos, em si, não servem para nada, a verdade é que os ídolos consumirão as pessoas cegas pela idolatria, e continuarão vazias até irem à ruína completa.

Em **Fp. 3:17-19**, os homens sem Cristo que possuem seus ventres como deuses (idolatria) são aqueles que só se preocupam com as coisas terrenas.

Lv. 19:4 está nos sacudindo: “*Não se virem para a ilusão dos ídolos*”. Deus está dizendo: “*Olhem para mim*”. Essa palavra está nos protegendo, a fim de que não venhamos nos perder na percepção dos olhos naturais. Isso é santificação!

Precisamos fazer a oração de Davi do **Sl. 16:1-2,4**: “*Senhor, guarda-me...*”. é triste ver a colheita daqueles que se embarçam pelo que é terreno e passageiro. Estão sempre ansiosos, agitados, amedrontados e inquietos. Mas o Senhor é a porção da nossa herança **Sl. 16:5**.

Há algo incrível que conecta **Lv. 19:4** com o **Sl. 16**. Deus disse: “*Não se virem*” em **Lv. 19:4**. No **Sl. 16**, Davi também percebeu que o relacionamento com Deus é um relacionamento “*face a face*”. Se o Senhor estiver à nossa direita **Sl. 16:8**, e nós pudermos acessar a destra Dele como é dito em **Sl. 16:11**, esse movimento só será possível se estivermos “*face a face com Deus*”.

Diante do Senhor, na presença dos ídolos, não se virem para eles. Isso glorifica a Deus, pois Ele mesmo diz: “*Eu sou o Senhor, vosso Deus*”.

v.05-10 Embora pareça que dois assuntos estejam sendo abordados nesses versículos, o que está cercado cada assunto é a expressão “*Eu sou o Senhor, vosso Deus*” **v.10**.

Partindo da ênfase dada na repetição desses “*refrões*”, podemos identificar um tema comum entre as ofertas pacíficas e a lei da respiga. O assunto agora é a importância de compartilhar o que temos com aqueles que precisam, mesmo que seja um desconhecido.

As ofertas pacíficas terminavam com uma refeição de comunhão. Após a queima das entranhas e da gordura do sacrifício **Lv. 3:4-5**, e da retirada do peito e da coxa direita como porções sacerdotais **Lv. 7:31-33**, o restante seria para uma refeição para o adorador e sua família.

v.05 Mas dependendo da oferta pacífica, somente o adorador e sua família não dariam conta de comer a carne em dois dias. E note que havia um risco da oferta pacífica ser rejeitada, mesmo após ter sido apresentada.

Algo precisava ser observado para que oferecessem “*de modo que fosse aceito em favor deles*” (NVI). O que precisava ser observado?

v.06 A carne precisava ser consumida em dois dias, e no terceiro, queimar o que não tivesse sido consumido. Se o adorador e sua família não fossem suficientes para consumir a carne, eles poderiam convidar amigos para essa refeição de comunhão.

v.07-08 E se alguém comesse da oferta pacífica no terceiro dia, as implicações seriam muito sérias:

A oferta pacífica seria rejeitada. Isso quer dizer que o lugar de paz com Deus havia sido violado. É uma imagem de inimizade com Deus.

Estariam profanando algo sagrado, e por isso, levariam sua iniquidade.

Por fim, seriam eliminados do povo. Jamais seriam contados como povo do Senhor!

Ao dividirem a carne com o próximo, eles estariam protegendo o coração de pecados como:

Gula.

Avareza e mesquinhez.

Individualismo.

v.09-10 Agora, vejam como esses princípios se conectam com os versículos que se seguem. Aqui surge a famosa “*Lei da respiga*”.

A prescrição diz que, no tempo de colheita, não se deveria colher tudo. O canto do campo não deveria ser ceifado completamente. Existe uma porção de nossa colheita que devemos deixar para que outro colha. Nunca será somente sobre você, mas também sobre o próximo.

As espigas e uvas caídas pelo caminho não são nossas, mas uma benção deixada aos pobres e estrangeiros. Ao lermos **Dt. 24:19-21**, vemos que as viúvas também estavam incluídas nesse grupo de necessitados junto com os órfãos.

Rute, a moabita, foi alcançada pelo favor dessa lei **Rt. 2:2-3**. Existem pessoas que serão alcançadas pelas nossas sementeiras.

“*Não rebuscarás a tua vinha*”. Quando o Senhor tocar em seu coração para ajudar pessoas ou compartilhar o seu pão com o próximo, vigie contra a tentação de “*rebuscar sua vinha*”. Algumas pessoas, mesmo percebendo que a oferta não comprometeria o seu sustento, preferem agir como se fosse faltar algo para si.

Há três coisas que precisamos considerar aqui:

Por mais simples que sejam as nossas condições, todos nós temos uma colheita e “*um canto em nosso campo*”. Ao colocarmos nossos feixes sobre os ombros, algumas espigas cairão. Isso quer dizer que você sempre terá algo para repartir com alguém. Não caia no perigo da avareza, que é idolatria, nem da autocomiseração, que se torna a murmuração contra a provisão de Deus.

Note que não se trata de colher e depois simplesmente dar. É necessário que haja um movimento da pessoa necessitada em

buscar as espigas. Não é um mero assistencialismo que deixará o necessitado em seu estado de prostração. Mas devemos prover condições para que o necessitado possa colher aquilo que Deus proveu para ele, mesmo que nunca tenha semeado. Isso é uma imagem da graça. Aqui cabe o ditado popular: *“Damos o peixe, mas também a vara de pescar”*.

Por fim, precisamos ler essa porção em seu contexto maior. Qual é o nosso fio condutor nesse capítulo? *“Sereis santos porque Eu, o Senhor, sou santo”*.

O assunto continua sendo santificação. Quando nos movemos em misericórdia, refletimos a face do Senhor que nos alcançou em sua misericórdia. Joel diz que se rasgarmos os nossos corações, quem sabe o Senhor não deixe uma benção após Si. Essa palavra profética é uma imagem de como nós somos agraciados, como os respigadores que encontravam uma espiga deixada no caminho **Jl. 2:13-14**.

Ao compartilharmos o que temos, revelamos que somos filhos de Deus. Não damos porque somos “santos por nós mesmos”, mas porque o Nosso Pai é Santo e porque Ele nos escolheu para sermos “santos Nele” **Ef. 1:4**.

v.11-12 Esses versículos reforçam a verdade de que nossa vida de santidade pode ser evidenciada no cotidiano e no relacionamento com o próximo. Em suma, esses dois versículos dizem: *“Sejam honestos e verdadeiros [...] Eu, o Senhor, sou Santo”*.

“Não furtareis” é um eco do oitavo mandamento **Ex. 20:15**. Aquele que furta peca contra o seu próximo violando a propriedade alheia.

O furto é o fruto do homem completamente dominado pelo desejo de ter algo que, por meios lícitos, ele não pode ter. É a degradação total provocada pela cobiça e pela dominação que o seu próprio ventre exerce sobre ele.

A mentira e usar de falsidade são outras evidências do pecado contra o próximo. E segundo Levítico, se alguém usasse o nome do Senhor em discursos enganosos, isso seria uma profanação contra o Nome do Senhor.

Jesus tratou desse assunto no Sermão do Monte **Mt. 5:33-37**. A tradição judaica desenvolveu uma série de distinções casuais para os juramentos. Jurar pelo nome do Senhor seria mais sério e inviolável do que jurar por um fio de cabelo. Isso abria uma possibilidade ao perjúrio, ou seja, quebra de juramentos.

O que Jesus estava dizendo era que mesmo que se jurassem pelos céus, pela terra, por Jerusalém ou mesmo por um fio de cabelo, tudo está nas mãos do Senhor! A palavra do cristão deve ser apenas a verdade, sim ou não.

“Se os juramentos destinados a encorajar veracidade tornam-se oportunidade para mentiras espertas, Jesus abole os juramentos [...] Se o indivíduo não jurar de maneira alguma, não jurará falsamente” (Carson, p. 191). Assim, Jesus não proibiu um juramento quando exigido por um tribunal, mas encoraja-nos a dizer a verdade sempre!

v.13-14 Ainda vemos que a santificação deve costurar os relacionamentos, nos quais existem relações de força e subordinação.

A opressão se dá quando temos recursos, força ou influência para ajudar alguém, mas usamos dessas coisas que possuímos para nos beneficiarmos à custa do bem estar ou direito do nosso irmão. Por exemplo, quando os senhores retinham o salário que devia ser pago diariamente aos trabalhadores.

O pagamento de salários diariamente era um aspecto cultural da época. Veja a Parábola dos trabalhadores da vinha em **Mt. 20:1-16**, e note o pagamento “*no fim do dia*”.

Tg. 5:1-6 mostra que esse tipo de comportamento está enraizado no amor as riquezas, levando alguém a enriquecer a custa de outro que está necessitado. Isso é opressão! Aqui, novamente dizemos: *Mamom* e a avareza são ídolos que dominam os corações dos homens.

Tiago nos exorta: “*os clamores dos ceifeiros [dos oprimidos] penetram nos ouvidos do Senhor dos Exércitos*” **Tg. 5:4**.

Todo abuso da vulnerabilidade do próximo é contrário ao coração de Deus. Por isso, amaldiçoar um surdo que é impossibilitado de ouvir, ou fazer um cego tropeçar é condenado aqui. Temam o Senhor!

Esse princípio pode ser aplicado a qualquer tipo de vulnerabilidade, não apenas física, mas social e econômica também. Alguns se perdem em suas posições ministeriais e oprimem pessoas vulneráveis espiritualmente explorando-as de modo cruel. Os fariseus nos dias de Jesus são um exemplo desse tipo de liderança espiritual. Infelizmente, hoje em dia, alguns líderes tem se perdido nesse mesmo lugar.

v.15-16 Essa porção fala sobre a injustiça contra o próximo em situação de juízo. Aqui em Levítico, há uma conotação da justiça nos tribunais, mas que podemos aplicar em nossa vida como um todo.

Os pobres não devem ser favorecidos injustamente só por causa de sua condição social. Tão pouco os ricos deveriam ser agradados por que possuem bens e riquezas. Esse tipo de comportamento revela injustiça e interesses particulares.

A fofoca também é condenada aqui. Ao falar mal do nosso irmão, estamos falando contra nós mesmos. Aquele que assim faz, deixa de ser um observador da lei para tornar-se juiz. E ainda mais, não somente um juiz do seu irmão, mas juiz da própria lei **Tg. 4:11-12**.

No AT, uma fofoca em juízo poderia custar a vida de quem a proferisse. Hoje, nossas palavras continuam produzindo vida ou morte. Lembra do fio condutor desse capítulo? “*Sereis santos*”. Que nossas falas transbordem vida, cura e restauração!

v.17-18 A última pérola dessa porção traz o caminho para travarmos um relacionamento com o próximo que refletirá nosso relacionamento com Deus.

Não permita que a ira se enraíze em seu coração transformando-se em ódio **Ef. 4:26, 1Jo. 2:9 e 1Jo. 3:15**.

Mas como eu faço isso? O texto diz:

Vá até o seu irmão e repreenda-o com franqueza **Pv. 27:5, Pv. 9:8 e Gl. 6:1-2**. Fuja do caminho que te conduza à indiferença.

Mas como encontrar esse caminho?

“Ame o teu próximo como a ti mesmo”. Mas lembre-se do fio condutor: Não amamos porque somos *“bonzinhos”*, mas porque Ele é Santo! E o Senhor diz, Eu sou o vosso Deus!

Eu escolhi vocês. E qual foi a base dessa escolha divina por nós? *“Eu, o Senhor, vos amei”*.

Aqui, voltamos a Deus que é a fonte e causa de sermos quem nós somos. Somos santos por causa Dele! A santidade está sendo aperfeiçoada em nós por causa Dele! E para a glória Dele, nos pareceremos mais e mais com Ele a cada dia!

Contemple a Santidade de Deus e seja transformado de glória em glória! Assim, nunca mais seremos os mesmos!



Não misturem as coisas

Levítico 19:19-31



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Não misturem as coisas

Levítico 19:19-31

Nesse capítulo, continuaremos sondando as pérolas, os temas variados e conectados pelo fio condutor: “*Santos sereis, porque Eu, o Senhor, sou Santo*” **v.02**. Assim sendo, precisaremos ouvir o chamado à conduta de santidade nesses versículos, uma vez que, já fomos santificados graciosamente para o Senhor.

v.19 Para a mente moderna é desafiador entender como a mistura entre espécies de animais e entre sementes podia ter implicações numa conduta de santidade no Israel Antigo.

Mas no AT, os aspectos de misturas serviam como uma imagem de entrelaçamento de realidades. De alguma forma, esses princípios permanecem até hoje, embora, tenham contornos completamente diferentes. Reconhecemos que, quando o Senhor ordenou a Israel que fizessem separação entre animais puros e impuros, algumas das razões estavam escondidas em Deus. Deus sempre sabe mais do que todos! Além disso, havia muitos motivos por distinções cultuais e questões sanitárias nessas prescrições.

O ponto é que essas prescrições estavam apoiadas em princípios. Não eram regras apenas por regras. Nessa porção sobre a mistura entre espécies e sementes encontramos o “*princípio de escolha e separação*”. Deus escolhera Israel e os separou das outras nações. Como Israel comunicaria isso ao mundo do seu tempo?

Lv. 20:25-26.

A separação alimentar era um marcador distintivo. Israel carregava uma mensagem: Existe um povo escolhido e separado que precisa viver de modo diferente das outras nações por causa dessa eleição. No NT, essas regras alimentares caíram. Por quê? Não há mais separação entre judeus e gentios em Cristo. Os muros étnicos não existem em Cristo **cf. Mc. 7:18-23, At. 10:9-16 e Cl. 3:10-11.**

Aqui em **Lv. 19**, o mesmo princípio está em cena. Israel não poderia misturar aquilo que Deus havia separado na criação. Assim como Deus trouxe Israel à existência como um povo separado das demais nações, o povo demonstraria essa separação cuidando para não misturar sementes e espécies de animais.

Obviamente que essa prescrição caiu juntamente com os muros étnicos que separavam judeus e gentios. Se essa prescrição fosse válida até hoje, não poderíamos comer nenhum alimento transgênico. E ainda mais, seria proibido até fazer um enxerto em laranjeiras.

Essa discussão é muito interessante porque alguns podem considerar se alimentos transgênicos podem trazer algum mal à saúde. Mas esse debate pode nos distrair do nosso objetivo aqui. Lembre que estamos sondando os princípios espirituais que podem ser aplicados à nossa vida hoje. O ponto é que Israel não podia misturar coisas que foram separadas. Tanto que no mesmo versículo diz sobre não usarem roupas com dois tipos de estofos!

Essa prática é completamente inadequada ao nosso contexto cultural, contudo, o princípio que está por trás não é. O princípio de santidade é: *“Sejam nas grandes ou pequenas decisões da vida, você precisa ser lembrado que é diferente, santo e separado para servir*

a Deus” (Wenham, 2018, p.272). Até os aspectos mais simples de nossas vidas devem ser lembretes a nós e declarações ao mundo de que somos separados por Deus para uma vida de santidade.

v.20-22 Agora, o texto fala sobre caso alguém se deitasse com uma escrava que já estivesse noiva, mas ainda não tivesse sido resgatada ou libertada. Esse assunto está no contexto por se tratar de questões dos relacionamentos na vida agrícola.

Embora ela fosse uma escrava, ou talvez, até uma concubina, ela não podia ter os seus direitos negados. Há uma nota de justiça social aqui. Por ser uma escrava ou concubina, o seu senhor não poderia simplesmente decidir se deitar com ela violando o noivado dela e a honra do noivo. Até porque, provavelmente, esse compromisso de noivado já teria até sido selado com um dote que garantia a validade do noivado.

A versão ARA diz que ambos seriam “açoitados” e não mortos. A palavra hebraica aqui é de difícil tradução e só aparece uma vez em toda a Bíblia. A expressão é *biqqōret*, e segundo o Dicionário Strongs, teria o sentido de “*punição após investigação judicial ou compensação*”.

A versão NVI preferiu traduzir “*aplique-se a devida punição*”, e nem define qual seria a punição. Mas de onde os tradutores da ARA tiraram a ideia de açoitamento? Para chegarmos a essa ideia, precisaríamos recorrer à raiz primitiva de *biqqōret* > *bāqār*, que significa “*boi*”, e daí a ideia de “*chicotar o boi*”.

Não temos aqui conhecimento para discutir questões tão difíceis sobre o hebraico, mas talvez a BJ tenha alcançado o me-

lhor sentido dessa palavra traduzindo “*está sujeito a [pagar] indenização*”, ou seja, esse homem devia uma compensação à parte violada.

Essa interpretação tem apoio contextual, porque os **v.21-22** dizem que ele precisava trazer uma oferta pela culpa [*’asham*]. Esse tipo de oferta apareceu em **Lv. 5:15-16** caso alguém cometesse uma ofensa contra o sagrado. Ali, fala que além da oferta, era necessário trazer a restituição com o acréscimo de 20% do que havia sido violado. Olhe em **Lv. 6:4-7** no caso do pecado contra o próximo.

Se ambos fossem livres, segundo Levítico, isso teria sido caracterizado como adultério e a pena seria o apedrejamento. Mas ela era uma escrava ou concubina que iria ser resgatada pelo seu noivo. Ela estava aguardando seu casamento! Ela não seria condenada a morte e o noivo deixar de ter sua honra restituída. Note como a lei estava protegendo a integridade daquela serva contra o abuso de algum homem cruel.

Assim, o transgressor deveria trazer uma oferta ao Senhor, e com arrependimento, prover toda restituição devida ao seu próximo.

v.23-25 Uma vida de santidade envolve cada aspecto do cotidiano dedicado ao Senhor. Isso deve incluir o fruto do nosso trabalho.

Em **Lv. 19:2**, vimos a dedicação de um dia da semana. Nos **v.09-10** falamos sobre uma parte da nossa colheita que devemos compartilhar. Aqui, veremos o *princípio das primícias*.

Esse texto não está falando sobre os dízimos! Para ver uma prescrição sobre o dízimo precisamos ir a **Dt. 14:22-29**. Veja que o dízimo deve ser entregue onde o nome do Senhor habita **Dt. 14:23**. Além disso, o dízimo também é desfrutado pelo adorador, em alguma medida, na Presença do Senhor **Dt. 14:23,26**. E uma parte dele deve ser direcionada para o sustento levítico e dos necessitados **Dt. 14:28-29**.

Tendo posto isso, voltamos a Levítico e percebemos que as primícias eram uma espécie de dedicação da primeira colheita de uma árvore. O que chama nossa atenção é que o consumo dos frutos dos três primeiros anos de vida da árvore era proibido. Por quê? A palavra “vedado” (ARA), em hebraico, é ‘arel, que significa “*incircunciso, com prepúcio*”.

Gn. 3:13-18 nos lembra que na queda do homem, toda a criação foi subjugada a uma maldição. Assim, tudo que a terra produzisse seria considerado impuro e inapropriado para ser dedicado ao Senhor. A BJ chama os frutos de “*coisa incircuncisa*”, ou seja, “*fora da aliança*”.

Além disso, o veto desses três primeiros anos também implicaria na qualidade dos frutos. Dr. Shedd observou que “*árvores recém-plantadas raramente davam frutos bem desenvolvidos*”. Mas veja que durante três anos, os frutos não poderiam ser levados ao Senhor e nem serem consumidos!

v.24 A colheita dessa árvore seria dedicada no quarto ano, e então, a árvore em si pertenceria ao Senhor como algo santo. Cada árvore plantada em Israel seria consagrada ao Senhor na observação dessa lei. Assim, as primícias eram a dedicação, não

de uma colheita, mas da árvore para sempre! Como os meninos que eram circuncidados no oitavo dia como um sinal da aliança com o Senhor **Lv. 12:2** e **Gn. 17:12**, assim cada árvore em Israel seria consagrada ao Eterno Deus.

Essa dedicação era feita “acompanhada de uma grande festa de júbilo e alegria [...] entregue ao Senhor voluntariamente. Donos de terras, seus trabalhadores, bem como, todos os pobres, faziam refeições comunais numa grande festa dedicada ao Senhor juntamente com sacerdotes e levitas (Moreira, p.586).

Assim, as primícias tinham um objetivo de comunhão com Deus e uns com os outros. O povo reconheceria que o Senhor, e não os deuses cananeus, era a fonte de vida e fertilidade da terra. Nunca será o nosso trabalho por si só! Somente o Senhor pode fazer chover, fazer crescer e prosperar cada semente. Israel não deveria se confundir com os outros povos. Portanto, *o princípio das primícias* no AT, além de ser um gesto de gratidão e reconhecimento ao Senhor doador de toda boa dádiva, carregava uma mensagem contra a idolatria a Baal, divindade esta que os cananeus afirmavam ser o deus da fertilidade. Mas só o Senhor é Deus! Não misturem as coisas!

v.25 “No quinto ano”, então os frutos poderiam ser colhidos e consumidos. Pense nesse tempo de espera! Cinco anos! Aqui vemos a confiança daquele que espera pacientemente sua colheita. A ansiedade e o medo do futuro perdem força de influência sobre a vida daqueles que confiam em Deus.

Onde houver obediência, haverá recompensa! A fidelidade que aprendemos com Ele é um testemunho sobre quem o Senhor é.

Aqui, será importante fazer uma observação a respeito da prática das primícias. O dízimo é anterior a lei de Moisés. Por isso o guardamos como ordenança, pois foi praticado num contexto em que a justiça era imputada pela fé nas promessas. Em Levítico, estamos no contexto da lei de Moisés que foi cumprida em Cristo! Portanto, o *princípio de primícias* não deve ser ordenado a ninguém, mas, certamente pode ser ensinado como um referencial de generosidade voluntária, gratidão e paciência no Senhor.

v.26 Israel viveu séculos dentro do Egito, e por isso, foi impregnado por muitas práticas idólatras. Quando eles entrassem em Canaã, o povo precisaria guardar seu coração em Deus para não se perderem com a idolatria cananéia **Lv. 18:3**.

Aqui, Deus está falando sobre isso. Vocês não são como as demais nações. A conduta de Israel precisava ser diferente das outras nações de sua época.

“*Não comam sangue*”. Nós vimos sobre isso em **Lv. 17:10-11**. Talvez, a proibição nesse contexto seja para prevenir o povo contra algum ritual pagão que envolvesse o consumo de sangue.

Nem nos sacrifícios feitos no Tabernáculo era permitido o consumo do sangue, pois ele era o elemento expiatório. Essa proibição aqui protegia Israel de se envolver com a idolatria dos outros povos.

“*Não agourareis*”. A palavra hebraica aqui significa também “*praticar adivinhações, adivinhar, observar sinais, tomar por presságio*”.

Essa prescrição, embora muito distante da nossa época, continua viva e denuncia muitos fracos na fé em Cristo. Hoje em dia,

muitos observam um evento aleatório e fazem dele algum tipo de presságio. Quem nunca ouviu alguém dizer: “avistei um gato preto”, ou “ela passou por debaixo de uma escada”.

Sem falar em práticas de agouro como aqueles que colocam uma folha de louro dentro da carteira ou possuem uma ferradura atrás da porta. Infelizmente, os exemplos parecem ser intermináveis, e você, talvez, já tenha ouvido alguém falar sobre algum diferente destes que listamos acima.

Esse tipo de crendices tem feito muitos cristãos viverem debaixo de sombras, enganos e encantamentos. Cristo triunfou sobre todos os principados e potestades **cf. Cl. 2:8-10,14-15**.

“*Nem adivinhareis*”. A adivinhação está relacionada com a feitiçaria. O Senhor detesta tais práticas **cf. Dt. 18:10-12**.

Mas alguém diria “essas coisas são de povos antigos”. É duro dizer que ainda existem cristãos que leem horóscopo, que conferem previsões astrológicas, consultam cartas de tarô, búzios ou até se sentem curiosos pela leitura de mãos feitas por ciganos. A lista é extensa!

Eu lembro da minha época de infância que, na escola, os alunos se reuniam no recreio, para “brincadeiras” com compassos, livros e tesoura para a prática de consultas a “espíritos” (hoje sei que eram demônios). Se não fosse Jesus em minha vida, eu poderia ter sido tragado por um deles. Abro um parêntese aqui: Pais, vigiem o que os seus filhos fazem quando não estão perto de vocês. Pode parecer apenas uma “brincadeira”, mas eram invocações a demônios.

v.27 Esses dois versículos falam sobre a desfiguração corporal. No Oriente Antigo, havia tipos de cortes de cabelos e barba que eram típicos aos adoradores pagãos. Alguns textos nos ajudam a entender um pouco sobre isso **Jr. 9:23, Jr. 25:23 e Jr. 49:32**.

Do mesmo modo, veremos **Lv. 21:5** falando sobre modelos de barba que eram comuns em alguns grupos pagãos.

Na cultura judaica, os nazireus não cortavam seus cabelos enquanto durassem os votos **Nm. 6:18**. Mas isso não quer dizer que os judeus não cortavam seus cabelos. Talvez, uma sugestão do padrão esteja em **Ez. 44:20**. Pela lógica, os sacerdotes e alguns homens mais maduros teriam cabelo mediano e barba **Sl.133:2**. Os jovens, talvez com cabelos mais longos, não demais, e menos barba por causa da sua idade.

v.28 É com esse entendimento que lemos esse versículo. Ferir sua própria carne por causa dos mortos, desfigurando-se, a fim de que espíritos malignos fossem afastados **cf. Dt. 14:1**.

Alguns até invocavam espíritos em cultos de idolatria **cf. 1Rs. 18:26-28**. Os adoradores de Baal e Aserá se mutilaram clamando inutilmente!

Israel era proibido de fazer marcas em seu corpo, desenhos ou tatuagens, pois também eram associados a cultos pagãos. A palavra hebraica aqui também é uma expressão rara na Bíblia, e só aparece uma vez nas Escrituras. É a palavra *qa'aqa'* e significa “incisão”, “impressão”, “tatuagem” ou “marca”.

O ponto mais sensível sobre esse assunto é que as marcas no corpo, aqui, estão num contexto religioso pagão. Hoje em dia, muitas pessoas fazem tatuagens apenas por questões estéticas. Então como poderíamos sugerir um direcionamento.

A primeira coisa a ser dita é que o ato, POR SI SÓ, de fazer uma tatuagem não é pecado. Precisamos ter clareza nesse ponto. Não podemos criar jugos sobre a vida de outras pessoas por causa das nossas percepções pessoais.

Ao mesmo tempo, precisamos reconhecer com muito temor que se fazer uma tatuagem por si só não é pecado, a motivação por trás dela corre o risco de ser pecaminosa, por exemplo:

- Culto ao próprio corpo.
- Orgulho próprio.
- Pessoas que fazem para satisfazer anseios semelhantes ao consumismo. Alguns fazem tatuagens por compulsão.
- Vaidades passageiras.

A terceira coisa a ser dita é que se você sondou todas as suas motivações diante do Senhor, e não há nenhuma motivação incompatível com o coração de Deus, antes de fazê-la, passe a pelo filtro de **1Co. 10:23-24**. Lembre que se você ferir a consciência do seu irmão mais fraco que não possui seu conhecimento bíblico, você peca contra Cristo que morreu por seu irmão! O conhecimento ensoberbece, mas o amor edifica!

E ainda, se você congrega numa igreja que não tem esse costume, fazer uma tatuagem seria um gesto de insubmissão e falta de amor com os mais fracos no entendimento. Caso você “se considere maduro de entendimento”, talvez, seja melhor congrega em outra igreja que compartilha desse entendimento.

E por fim, o nosso corpo pertence a Cristo. Só faça algo que irá glorificá-Lo **1Co. 6:20**. Após esses filtros, creio que você se sentirá seguro para tomar sua decisão, sendo guiado pelo Espírito de Deus.

Talvez você diga: “Mas eu já tenho uma tatuagem. E agora?” Lembre que sua vida está crucificada em Cristo! Não veja essa tatuagem como um jugo que pode te trazer condenação. Algumas pessoas sentem-se felizes com suas tatuagens, outras se arrependem. Mas uma coisa precisa ser dita: *“Nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”*. E antes de qualquer decisão na sua vida, sempre sonde o seu coração em Cristo.

v.29-31 Os cananeus ofereciam suas filhas como prostitutas cultuais, e infelizmente, Israel se envolveu com tais práticas **cf. Os. 4:14.**

Israel transformou o sábado em legalismo e jugo sobre os oprimidos. Vemos na história que o povo do Senhor se envolveu até com consultas aos mortos (necromancia). **1Sm. 28:3,7** e **Is. 8:19-20.**

Nós fomos chamados por Deus para travarmos um relacionamento santo com Ele. Não há espaços para misturas entre o santo e o profano, entre o puro e o impuro.

Talvez, jamais nos envolveremos com cultos aos mortos ou feitiçarias. Mas aqui, percebemos que existem outras áreas que podem ser atacadas de modo mais sutil, contudo, tão mortais quanto as mais escancaradas. Cuidado com a idolatria ao próprio corpo, orgulho, vaidades, avareza, ganância, rebeldia, opressão contra os mais vulneráveis, e outras formas veladas de pecado.

Será que nas grandes e pequenas decisões das nossas vidas, refletimos a santidade ao Senhor? Que essa seja a nossa oração: *“Que cada aspecto das nossas vidas aponte para a Santidade, Beleza e Glória do Senhor”*.

Quem é o meu próximo?

Levítico 19:32-37



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Quem é o meu próximo?

Levítico 19:32-37

Estamos na reta final desse capítulo que, embora os temas fossem muito variados, a unidade se deu pelo fio condutor do chamado à santidade. É notável perceber como a vida de adoração da nação de Israel deveria implicar no cotidiano do povo e em seus relacionamentos diários.

Na Nova aliança, esse chamado a uma vida de adoração está mais vívido do que antes. Estar em Cristo é ter sido feito nova criatura, e nisso afirmamos que “*as coisas velhas já passaram*” **2Co. 5:17**. Essa novidade de vida afetou, afeta e continuará afetando cada aspecto de nosso ser até que o Senhor conclua sua obra em nós.

As últimas pérolas desse cordão apontam para a honra, a justiça e o fundamento apropriado para todas as coisas: o amor. E para que possamos ver esse fundamento no NT, **cf. Jo. 13:34, Mc. 12:28-31 e 1Co. 13:1-3,13**.

v.32 O quanto amamos e manifestamos o amor pelos anciãos? Um israelita devia levantar-se e honrar, ou saudar com respeito, um ancião que chegasse. Honrar as cãs, ou seja, os cabelos brancos.

A vida proporciona experiências que não podem ser apreendidas apenas na teoria ou com a leitura de bons livros. A transmissão dessa experiência no relacionamento com pessoas mais

velhas e experientes em Deus é uma benção de sabedoria que pode acelerar muitos processos em nossas vidas.

Obviamente que não estamos dizendo que tudo que ouvimos dos mais velhos são palavras de sabedoria e que podemos abraçá-las sem testá-las segundo as Escrituras. **Jó 12:11-13**, na versão ARA, diz que a sabedoria está somente em Deus.

Além disso, honrar os mais velhos não pode ser baseado no interesse de apenas extrair algum tipo de benefício próprio. Esse tipo de motivação violaria espiritualmente **Lv. 19:18**. Veja também **1Co. 13:5**. O amor não se move por interesses particulares ou segundas intenções.

Os mais velhos precisam ser respeitados por terem vivido mais. O respeito precisa ser ativo e frutificar em cuidado quando reconhecemos qualquer situação de vulnerabilidade. Isso é amar o próximo como a si mesmo. Se o Senhor nos der longevidade, todos nós envelheceremos.

E mais, no contexto do capítulo, esse tipo de conduta revela uma vida de santidade, não baseada em nós mesmos, mas em Deus. Ele é Santo!

Infelizmente, a nação de Israel se perdera desse princípio e profetas denunciaram esse tipo de pecado, alertando que a terra seria guardada quando os corações dos pais e filhos se voltassem um ao outro **Ml. 3:6**.

E como ensinaremos os mais novos a honrarem os mais velhos, se nós não fizermos da honra uma parte de nossa conduta de santidade em Deus? Existe um aumento de unção quando as gerações se conectam. Veja o modelo de Elias e Eliseu, onde Eliseu honrou a unção de Elias, e pode desfrutar de uma porção dobrada!

v.33-34 Aqui, o tema continua sendo regido pelo amor ao próximo: A atenção especial aos mais vulneráveis.

Na antiguidade, estrangeiros eram tratados com certa desconfiança. Em alguma medida esse problema parece persistir até hoje. Não estamos falando de turistas que viajam a passeio e férias para conhecer novos lugares. O ponto trata de refugiados e imigrantes que abandonaram sua terra natal por motivos de guerras, fome ou sobrevivência.

As crises globais têm provocado um deslocamento de populações sem precedentes na história. Geralmente, essas pessoas estão em condições de pobreza extrema e vulnerabilidade social.

Veja a ordem do Senhor a Israel:

“*Não o oprimireis*”. Lembro-me de certa viagem a Londres, na qual tive a oportunidade de conversar com um imigrante que ainda não tinha conseguido regularizar sua situação junto ao consulado. Algo que marcou minha memória foi o lamento desse imigrante ao dizer como as pessoas, ao saberem de sua situação irregular, só lhe ofereciam trabalhos com salários abaixo da média.

Não estamos fazendo apologias à ilegalidade nos processos migratórios, pelo contrário, segundo a Bíblia, as leis de cada país devem ser obedecidas. Contudo, reconhecemos a necessidade de políticas públicas mais robustas, incisivas e humanitárias. E diante desse dilema: *Qual deve ser o nosso papel como igreja?*

Tirar proveito da vulnerabilidade de alguém é pecado. Isso seria usar da posição que o Senhor lhe deu para abençoar alguém, e usá-la para oprimir o próximo. E precisamos lembrar

que o nosso próximo também foi criado à imagem e semelhança de Deus.

“E como o natural será entre vós o estrangeiro”. Não deve existir acepção de pessoas. Aqui, temos um vislumbre do coração de Deus, cheio de misericórdia, em relação à humanidade caída. O estrangeiro deveria ser tratado como se tivesse chegado um israelita.

Tg. 2:1-9 fala sobre a acepção de pessoas entre irmãos em Cristo. Isso é pecado.

A expressão *“peregrinar”* (ARA), segundo o Dicionário Strongs, vem da palavra hebraica *gûr*, que significa *“residir temporariamente”* ou *“permanecer, habitar, estar continuamente”*. Eram pessoas que precisavam ficar entre o povo por não terem onde morar!

Os estrangeiros residentes precisavam se submeter à Lei do Senhor. Vemos, por exemplo, no Dia da Expição em **Lv. 16:29**, que os estrangeiros também precisavam guardar esse dia solene.

O fato dos estrangeiros virem de nações pagãs exigia o cuidado de verificar se algum hábito cultural poderia violar as ordenanças do Senhor. Caso algum costume inapropriado fosse verificado, este precisava ser abandonado pelo peregrino. Cuidados como esse evitariam os riscos de práticas de idolatria ou sacrifícios a demônios. Por isso, até os sacrifícios oferecidos ao Senhor pelos estrangeiros deviam ser trazidos ao Tabernáculo **Lv. 17:8-9**.

Dois pontos fundamentavam a importância do acolhimento aos estrangeiros pelos israelitas. O primeiro é: *“Amá-lo-eis como a vós mesmos”*. Aqui, contextualmente, nós podemos dizer:

“O estrangeiro também é o nosso próximo”. Será que sentimos esse amor quando passamos por um refugiado com fome na rua? Por vezes, alguns estão ali vendendo alguma coisa, trabalhando para sobreviver. Quem pregará o evangelho a eles?

Quando nós escolhemos quem deve ser o nosso próximo, preterindo pessoas, infelizmente nossos corações já foram tragados pelo mesmo legalismo religioso que consumiu a alma dos fariseus. Na Parábola do Bom Samaritano, vemos que apesar das diferenças entre samaritanos e judeus, o bom samaritano não deixou aquele homem judeu pelo caminho **Lc. 10:25-37**. Precisamos orar todos os dias: “*Senhor, ajude-me a amar o meu próximo como a nós mesmos*”.

O segundo ponto lembra o passado do qual Israel foi tirado: “*Vocês também foram estrangeiros na terra do Egito*”. “*Vocês sabem o que significa viver numa terra estranha*”.

Vasholz faz um comentário relevante sobre isso: “A conquista de Canaã não os tornou [Israel] proprietários, mas sim arrendatários. Como Abraão, que viveu como peregrino em uma terra estranha, Israel devia compreender que [...] Deus é o dono de todas as coisas e de que as posses, aqui, são apenas uma sombra passageira (Vasholz, p. 239).

Quão sublime é quando a ilusão das coisas passageiras são desfeitas de nossos olhos. Recebemos a clareza que o sábio declara em **Ec. 1:2**. A palavra “*vaidade*” no hebraico é *hebel*, literalmente significa “*névoa, mudança, vapor, transitoriedade*”.

Abraão, embora tenha peregrinado na terra da promessa, tinha seus olhos em outra coisa **cf. Hb. 11:9-10**.

Ao cuidarmos de um estrangeiro, talvez surja uma nota de lembrança a nós de que também somos peregrinos nessa terra que passará. Nossa pátria é celestial **Fp. 3:20-21** e **1Pe. 2:11**. Esse lembrete nos ajudará a perceber que o nosso próximo está, muitas vezes, nos lugares mais inesperados, onde Deus nos usará como canais do seu Amor.

v.35-36 A última pérola desse capítulo nos mostra que a honestidade e juízos justos são marcas de uma vida de santidade.

O texto é muito claro, pois, no sentido primário, o contexto fala sobre as decisões judiciais de Israel. Mas o princípio de imparcialidade aplica-se a todos os nossos julgamentos cotidianos **cf. Lv. 19:15**.

A vara era usada como um instrumento para medir comprimentos e distâncias. Assim, pesos e medidas deviam e devem ser justos e imparciais.

Mas o povo de Israel no AT mergulhou em ganância e avareza. Eles parecem ter esquecido tudo que o Senhor ordenou. Nos dias do profeta Amós, os comerciantes passaram a usar balanças enganadoras **Am. 8:4-7**.

Ser desonesto é abominável ao Senhor **Dt. 25:14-17** e **Pv. 20:10**. A expressão “*abominável*” usada aqui é a mesma usada para referir-se às uniões detestáveis aos olhos do Senhor em **Lv. 18:19-24**. Isso deve nos fazer tremer! Por vezes, categorizamos o pecado segundo nossos padrões.

Entretanto, segundo as Escrituras, se alguém agir com desonestidade, este faz algo tão detestável ao Senhor quanto a adoração a Moloque, por exemplo. Graças a Deus que em Cristo há graça para cobrir toda multidão de pecados. Mas isso não quebrará o

princípio de que a desonestidade é pecado. Por isso, se por algum motivo tropeçarmos, devemos nos arrepender e vigiar para não repetirmos o erro.

Se amarmos o nosso próximo, seja ele um cliente, um fornecedor, um patrão, ou qualquer outra pessoa, você fará com ela o que você deseja para si mesmo. Responda sinceramente: Você gostaria de ser enganado numa cobrança? Então vá e faça o mesmo!

Uma vida de santidade tem fundamentos na libertação operada pelo Senhor. No AT, Deus livrou o povo de Israel do Egito. No NT, Deus nos libertou do império das trevas **Cl. 1:13**.

A santificação do Senhor será manifestada em cada aspecto de nossas vidas. Ele está fazendo essa obra em nós, e Ele mesmo completará. Talvez você se pergunte: Mas porque Deus não nos fez santos de uma vez só, e está realizando essa obra aos poucos? Porque no final entenderemos que a Glória está enchendo vasos de barro! No final tudo será sobre Ele!

v.37 Esse versículo reforça essa verdade: *“Eu sou o Senhor”*. Ao nos rendermos ao Senhorio de Jesus diariamente, mais da antiga criatura é sepultada. Consequentemente, mais da nova criatura é trazida à tona. Nós não devemos lidar com o velho homem! Devemos sepultá-lo em Cristo! Precisamos agir!

“Guardareis todos os meus estatutos e os meus juízos, cumprireis”. Na Nova aliança, esses estatutos foram cumpridos em Cristo. E nós, uma vez em Cristo, desejamos aquilo que o Espírito Santo escreveu em nossos corações.

Somente aqueles que amam Jesus entenderão **Jo. 14:21**.

Hoje somos livres para o Amor que cumpre toda lei **Gl. 5:13-14**.

O coração de Deus e a pena de morte

Levítico 20



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



O coração de Deus e a pena de morte

Levítico 20

Talvez esse seja um dos capítulos mais sensíveis de Levítico. O distanciamento de tempo, espaço e culturas nos desafia na busca dos princípios espirituais por trás de uma prescrição que prevê uma pena de morte.

Além disso, a revelação da graça no NT afeta completamente nosso entendimento a respeito do valor da vida e o significado da morte. Assim, precisaremos recorrer ao NT para responder algumas perguntas difíceis sobre as punições e, em alguns casos, execuções capitais previstas no AT.

Nós vimos em **Lv. 18-19** uma série de prescrições proibindo determinadas práticas, diga-se de passagem, que algumas eram até comuns aos povos vizinhos de Israel. As implicações espirituais de tais práticas eram incompatíveis com a santidade do Senhor e a identidade de um povo santo e escolhido por Deus. Assim, o povo do Senhor devia se preservar desses costumes.

Agora, em **Lv. 20**, surge uma resposta à violação daquilo que o Senhor havia ordenado. Portanto, não trataremos sobre as práticas pecaminosas em si, uma vez que, em alguma medida, os princípios foram vistos nos estudos anteriores. Aqui, focaremos nas punições executadas e em como elas devem ser vistas através de Cristo.

v.01-03 Esses versículos falam sobre a pena capital para aqueles que ignoraram o que o Senhor dissera em **Lv. 18:21**.

A adoração a Moloque misturava idolatria, atentado contra a vida de vulnerável e a profanação do nome do Senhor, bem como, a contaminação do santuário de Deus.

A pena prevista seria o apedrejamento até a morte. O culto a Moloque era tão repugnante que, até para nossos padrões modernos, sentimos completa aversão à ideia de uma criança ser sacrificada num culto pagão.

Mas para que não venhamos nos perder num sentimento de justiça própria, é importante lembrar que o apedrejamento também era previsto em outros casos, por exemplo: Idolatria **Dt. 13:6,10**; Filhos rebeldes **Dt. 21:18-21** e adultério **Dt. 22:22-24**.

Será que, se sondarmos os nossos corações, não encontraremos alguma sombra de idolatria? Quando atribuímos aos anjos mais do que lhes é devido, isso não seria uma forma velada de idolatria? **Cl. 2:16**. E veja **Cl. 3:5**, sobre a avareza! E aqueles que só se preocupam com as coisas terrenas? **Fp. 3:19**.

v.04-05 O próprio povo tinha a responsabilidade de cuidar em vigilância e denunciar, se caso, uma transgressão ocorresse. O temor do Senhor precisa estar acima de qualquer elo familiar ou de amizade **Lc. 14:26**.

O que deve chamar nossa atenção é que nesses casos de omissão, o Senhor mesmo se voltaria contra esse homem e sua família e o eliminaria “*do meio do seu povo*”. Sabemos que isso significava nunca mais ser contado como povo do Senhor nessa vida e na vindoura.

v.06 De modo semelhante, os necromantes e feiticeiros eram apedrejados **v.27**. Contudo, aqueles que consultavam os necromantes e feiticeiros também eram eliminados do povo do Senhor pelo próprio Deus.

v.07-08 Aqui está a vontade do Senhor para seu povo: “*Santificais-vos e sede santos*”. A base da santificação não está em nosso caráter, mas no caráter do Senhor: “*Eu sou santo*”.

A vontade do Senhor é revelada naquilo que lhe agrada. A execução de uma pena capital não trazia, nem traz, deleite ou alegria ao coração do Senhor! A pena capital no AT jamais foi vista como agradável a Deus, mas como uma consequência da desobediência. A pena capital nunca alegrou o coração de Deus.

O Senhor espera a obediência a partir da revelação da sua vontade. Na obediência encontramos o caminho do amor a Deus.

v.09 Aqui, vemos a quebra do quinto mandamento. Amaldiçoar é “*depreciar, tornar desprezível*”. No NT, Jesus mencionou essa passagem **Mt. 15:4**. Lá, Jesus censurava os fariseus que cumpriam um aspecto da lei violando outro. O legalismo tem como uma de suas marcas a seletividade em favor do benefício próprio ou da defesa da justiça própria.

A melhor passagem que revela o verdadeiro intento do coração de Deus em relação a um filho rebelde é **Lc. 15:20-24**. O desejo do Senhor é que seus filhos se arrependam e se voltem ao coração do Pai.

O Senhor não tem prazer na morte de NINGUÉM **Ez. 18:32**, tão pouco na morte de um ímpio **Ez. 33:11**. Assim, a pena capital,

ou qualquer outra situação de mortandade humana, não deve ser associada com o deleite do Senhor.

V.10-12 Nesses versos, a pena capital é estendida aos casos de adultério. A importância da santidade no casamento e suas implicações espirituais já foram tratadas nos capítulos anteriores. Aqui, vemos os casos de desobediência e violações da Lei do Senhor sobre o matrimônio.

Será, novamente, no NT onde encontraremos clareza a respeito do coração de Deus sobre essa questão. Em **Jo. 8:1-11**, vemos Jesus trazendo a lei de Moisés ao seu cumprimento máximo. Jesus não negou Moisés, mas mostrou uma verdade constrangedora: *“Quem não tiver pecados que se torne o executor das exigências da lei de Moisés”*.

Jesus não disse que aquela mulher era inocente e que ela deveria continuar vivendo. O único que tinha condições de atirar uma pedra disse: *“Nem eu tampouco te condeno; Vá e não peques mais”* **Jo. 8:11**. Se Deus se alegrasse com a morte de um adúltero, aqui veríamos a multidão apedrejando essa mulher.

Além disso, sabemos que o caso de **Jo. 8** é cercado por segundas intenções. Onde estava o homem pego no adultério? Porque só trouxeram a mulher?

v.13-16 A pena capital também era prevista em Levítico para a violação da lei nos casos de relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo, um homem que tomasse uma mulher e a mãe dela, ou nos caso de bestialidade.

É importante lembrar que a imoralidade sexual também é considerada pecado no NT **Rm. 1:26-27** e **1Co. 5:1**.

Mas duas observações nos ajudarão a posicionarmos o coração corretamente sobre esse tema:

A primeira, é que Levítico estava sendo dado como lei para Israel. As demais nações não estavam incluídas nessa legislação porque não estavam em aliança com Deus. O chamado à santidade é para aqueles que foram encontrados pelo Deus Santo e decidiram entregar suas vidas a Ele.

Isso não quer dizer que os pecados da humanidade caída não serão julgados. Mas cada um será julgado de acordo com a porção de revelação que recebeu.

Quando o pecado entrou no mundo, toda humanidade foi condenada **Rm. 6:23**. Mas Deus, em sua misericórdia e graça, nos amou quando ainda estávamos mortos em nossos próprios delitos. E então nos deu vida juntamente com Ele **Ef. 2:4-5**.

A segunda observação é o contexto do próprio livro de Levítico. O adultério está no mesmo contexto das uniões detestáveis ao Senhor, ou seja, passível da mesma pena capital.

Mais uma vez precisaremos recorrer ao NT para encontrar o entendimento do que, de fato, estava no coração do Senhor a respeito dessas prescrições.

Ao lermos os ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte sobre o adultério, encontramos novamente a lei de Moisés sendo levada ao máximo. Jesus revela que o pecado do adultério já existe nas intenções impuras dos corações, um lugar onde só o Senhor conhece **Mt. 5:27-28**.

Fazer um paralelo entre **Lv. 20:10** e **Mt. 5:28** nos faz exaltar a graça e misericórdia que recebemos de Deus.

A diferença entre os que estão em Cristo e os que não estão ainda, entre a velha e a nova criatura, é que o novo homem resiste ao pecado pela graça de Deus. Mas se Deus quisesse ver a morte de um adúltero para o seu próprio deleite, Ele já teria razões suficientes só nas intenções impuras dos homens.

Mas Deus quer que o homem se converta e desfrute do Amor Dele por nós!

v.17-21 Em seguida, o texto de Levítico traz a punição para outros pecados de imoralidade que também já foram devidamente tratados nos capítulos anteriores.

O ponto é que, aqui, a punição não seria executada pela justiça humana, mas pelo próprio Deus. Lembre que ser eliminado do povo de Deus significava nunca mais ser contado como parte do povo do Senhor para sempre. Talvez devêssemos nos lembrar das palavras de Jesus em **Lc. 12:4-5**.

A pena de morte, em alguns países, está prevista por lei. E precisamos reconhecer que toda autoridade é constituída por Deus **Rm. 13:1**. Isso não quer dizer que o Senhor se alegre com a morte de alguém **Ez. 18:32**. Tudo que fizermos aqui será julgado retamente no Grande Dia, até mesmo quando usamos a autoridade a nós concedida de modo indevido. O Senhor usou a Assíria como um instrumento de justiça contra Judá. Mas os assírios também foram julgados pela sua própria maldade e excessos **cf. Is. 10:5-6,15-17**.

Essas prescrições nos lembram o quão grave e terrível é a consequência do pecado na alma humana. Se não fosse a misericórdia do Senhor, jamais encontraríamos a vida.

v.22 “*Guardem [...] os meus estatutos*”. Foi por meio das promessas de um Deus de Aliança que Israel estaria posicionado e pronto para possuir a terra prometida a Abraão.

A palavra-chave é “*posição*”. Nós também estamos posicionados em Cristo no mundo espiritual. Por causa de Jesus, nós temos acesso à promessa e herança de vida eterna.

Se Israel desobedecesse, a própria terra os vomitaria. Veja que não existe desfrute das bênçãos do Senhor fora da Aliança com Ele. Podemos até possuir bens e riquezas, mas sem Jesus, faltaria o contentamento da nossa alma.

v.23 “*Não andeis nos costumes da gente que eu lanço de diante de vós*”. Esse é o princípio espiritual desse capítulo: O mundo tem os seus costumes, mas vocês foram chamados para serem diferentes.

A iniquidade e corrupção moral dos cananeus fizeram com que eles fossem expulsos de sua própria terra como um juízo de Deus. Em **Lv. 18:29**, vimos que a própria terra os vomitou como alguém que come algo e isso lhe faz mal.

Agora nesse ponto, vemos que o Senhor é QUEM está por trás de cada movimento geopolítico. A soberania de Deus deve ser inquestionável! Quem é como o Nosso Deus?

v.24 Mas para o meu povo, eu tenho outros pensamentos: “*Em herança, possuireis*”.

No AT, Israel possuiria a terra como uma herança da promessa feita a Abraão. Quando a realidade de herança vem para o NT, nós descobrimos quem é o Herdeiro de todas as coisas **Hb. 1:2**, Jesus Cristo. Até nós somos a herança Dele **Ef. 1:9-10,17-19**.

Então, Nele, em Cristo, recebemos o poder de sermos feitos filhos de Deus, e se somos filhos, somos co-herdeiros com Cristo **Rm. 8:17**.

“*Eu vos dou [...] Vocês possuam*”. O possuir não deveria ser visto apenas pela perspectiva de uma batalha que precisaria ser travada contra os inimigos. Certamente, eles precisaram conquistar Canaã. Mas o possuir também pode ser visto pelas lentes de uma conduta alinhada com a Palavra declarada.

Acã foi um homem que conquistou Jericó, mas nunca a possuiu. Ele perdeu uma batalha dentro do seu próprio coração.

v.25-26 “*Eu vos separei [...] por isso, fareis distinção entre animais limpos e imundos*”. No AT, o modo de viver segundo a lei de Moisés fazia com que Israel fosse diferente para as demais nações, “*quase estranho*”.

Mas esse estilo de vida comunicava às outras nações que Israel era uma nação santa. O Senhor que os escolhera é Santo! Ele é Soberano e Sábio em suas decisões: “*Eu escolhi vocês*”.

Hoje, na Nova aliança, os muros entre judeus e gentios não existem mais **Cl. 3:11**. Entretanto, todos aqueles que estão em Cristo, sejam judeus ou gentios, fazem parte de uma nova criação com um estilo de vida modelado pelos céus.

A diferença de estilos de vida não é decidida por costumes étnicos, mas pelo Espírito ou pela carne. O chamado à santidade permanece **1Pe. 1:14-15**. O Senhor é Santo! Ele não muda!

Ele te chamou da morte para a vida, a fim de que você pertencesse totalmente a Ele **1Pe. 2:9-10**. Portanto, busquemos a santificação **Hb. 12:14**. Assim, a santidade refletirá sobre cada aspecto de nossas vidas. Lembre que o salário do pecado continua sendo a morte. No Grande Dia todas as coisas serão colocadas no seu devido lugar. Por enquanto, busque a vida e preserve-a, sabendo que ela é um dom de Deus para todos que respiram.

Uma sombra da imagem real

Levítico 21



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Uma sombra da imagem real

Levítico 21

Estamos diante de outro texto difícil. Reconhecemos que por causa do distanciamento temporal e cultural, além da corrupção da mente da humanidade caída que resiste ao Criador, seria impossível interpretar essa passagem e receber a revelação sem a luz indispensável que o NT nos traz em Cristo.

Ao ler Levítico, é vital que tenhamos em mente que essas palavras são apenas a sombra dos bens vindouros **Hb. 10:1**. Somente em Cristo foi possível contemplar a imagem real dos bens que a lei de Moisés apontara. Essa revelação estava guardada para um momento específico da história, a plenitude do tempo **Gl. 4:3-4**.

Nossos corações transbordam em adoração quando contemplamos Jesus como o Cordeiro Perfeito de Deus que tira o pecado do mundo. Mas o Cristo, além de sacrifício perfeito é também o Sumo Sacerdote Perfeito **Hb. 7:26**. Ele é mais alto do que o céu.

Lv. 21 traz uma sombra ou vislumbre da perfeição do nosso Maravilhoso Sumo Sacerdote.

v.01-03 Qualquer homem que tocasse num cadáver, segundo a lei de Moisés, estaria num estado de impureza ritual por sete dias **Nm. 19:11**. A morte continua sendo um lembrete divino à humanidade de que o pecado entrou no mundo pela desobediência, e pelo pecado, a morte. Veja **Gn. 2:16-17**, **Rm. 5:12** e **Rm. 6:23a**.

O sacerdócio no AT espelhava um relacionamento correto e santo com o Único e Verdadeiro Deus. Se a morte é um lembrete divino da desobediência, no AT, tocar num cadáver representava tocar em algo incompatível com o caráter do Senhor.

Para os sacerdotes comuns havia a exceção caso fosse à cerimônia fúnebre de um parente muito próximo. Nesses casos, o sacerdote poderia se contaminar.

Esse texto nos fornece uma pista valiosa sobre o fato de que a impureza ritual não implicava necessariamente em pecado. Se a impureza ritual fosse equivalente ao pecado, no momento em que Deus permitisse a “contaminação”, o Senhor estaria permitindo o homem pecar. O que obviamente Deus não permite! A impureza ritual em Levítico era uma condição inapropriada para entrar na Presença de Deus.

Então, caso fosse o falecimento de um parente próximo, era permitido aos sacerdotes comuns entrar nesse estado de impureza ritual temporário. Obviamente, eles precisariam observar um período de purificação de sete dias para, assim, retornarem aos seus ofícios sacerdotais **Nm. 19:11**.

v.04 Mas em qualquer outro caso de falecimento no meio do povo, o sacerdote era proibido de se contaminar, pelo fato dele ser “um homem principal” (ARA), “líder no meio do povo” (NVI).

v.05 Nós vimos que o povo era orientado por Deus sobre cortes de cabelos, barbas ou práticas de mutilação que remetessem aos cultos pagãos **Lv. 19:27-29**. Em **Dt. 14:1**, vemos a proibição de “fazer calva”, ou seja, rapar a cabeça, por causa dos mortos.

Entenda que raspar a cabeça não era algo proibido aos hebreus. Quando o profeta Miquéias chama o povo à contrição e pesar, esse sentimento seria expresso com o corte de cabelo e o rapar a cabeça **Mq. 1:16**.

Aqui em **Lv. 21**, a advertência era para que o sacerdócio do Senhor não se assemelhasse aos sacerdotes pagãos de Canaã. Ao olharmos para o AT, percebemos que Deus estava trazendo a esse mundo caído um sacerdócio santo, separado deste mundo, mas em meio ao mundo. Em Jesus Cristo, esse sacerdócio é trazido plenamente à luz **Jo. 17:15-19**.

v.06 Aqui está o chamado que fundamenta essas prescrições: “*Santos serão ao seu Deus*”. Quando buscamos a santificação, uma declaração é feita no mundo espiritual: “*O Senhor é o Nosso Deus*”. Isso deve transbordar nossos corações de alegria e louvor.

Assim, protegeremos nossos corações do perigo de profanar o Nome do Santo Deus. A palavra hebraica para profanar é *chahal*. Segundo o Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (DITAT, p. 471), a raiz primitiva dessa expressão tem o sentido de “*rebelar-se contra a lei do Senhor*” **Sf. 3:4**, ou de “*violar a aliança*” **Sl. 55:20**.

Assim, profanar é usar o Nome de Deus ou o lugar santo de modo errado, violando o valor e temor devidos ao Eterno Deus.

Aqui está o porquê do chamado: “*Vocês ministrarão ao meu coração*”. Sinta o privilégio de oferecer as ofertas queimadas! Estamos falando da adoração que pertence ao Senhor!

Além disso, oferecerão “*o pão do seu Deus*”. Essa é, provavelmente, uma referência aos pães da proposição **Ex. 25:30**. Esses

pães eram um lembrete da provisão de Deus e da Presença do Senhor contínua com o povo.

Estamos falando de uma aliança perpétua, pois, independente da estação, o Senhor sempre será o Nosso Jeová Jirêh.

Além disso, os pães sobre a mesa simbolizavam um ambiente de comunhão entre Deus e o homem. **Jo. 6** nos mostra que Jesus é o pão que desceu do céu. Olhando firmemente para Cristo encontramos o pão da comunhão com Deus e da comunhão uns com os outros.

v.07-08 Um sacerdote consagrado ao Senhor, bem como sua família expressavam a unção do Senhor sobre a vida do sacerdote. A esposa do sacerdote devia ser uma mulher de bom caráter.

Certamente há aplicações morais e práticas para as esposas aqui. Toda esposa prudente edificará sua casa com seu modo de ser e será um espelho do marido que teme ao Senhor. Mas precisamos lembrar que estamos lendo um texto do AT, ou seja, uma sombra dos bens vindouros. Antes de olharmos para as esposas, olhemos para Cristo.

Cristo é o Noivo! João Batista tinha tanta clareza sobre isso **Jo. 3:28-30**. E o Noivo também é o Sumo Sacerdote Perfeito. Agora pense: Como deveria ser a Noiva do Sumo Sacerdote Eterno? A Igreja como Noiva que se prepara para o Encontro com o Noivo!

O Sumo Sacerdote Perfeito não se casará com uma meretriz. Nas bodas, o Cordeiro há uma Noiva! A Igreja do Senhor não é uma meretriz que baseia seu relacionamento com interesses particulares e egoístas.

O Cristo é o Noivo que zela ardentemente por sua Noiva. O espírito da Grande Babilônia sugere que você pode ter tudo que seu coração desejar. Mas a Noiva é a Igreja que rejeita os desejos do seu próprio ventre para ser cativada pelo Único que é o Mais Belo entre os milhares.

Precisamos vigiar as “*propostas de adorar ao Cristo*” quando tudo que é declarado nessa busca são os desejos particulares “*apelidados*” de bênçãos. Um culto cristocêntrico não é apenas quando falam o nome de Cristo Jesus, mas quando o Cristo é o centro da vida daqueles que O adoram.

A esposa do sacerdote não podia ser uma mulher desonrada nem repudiada por outro marido. A mesma palavra hebraica para “*profanar*” no **v.06**, surge aqui. O Dicionário Strongs diz que *chalal* significa “*desonrada*”, e no contexto do casamento seria uma profanação por divórcio.

A Igreja do Senhor não é uma ex-esposa do mundo! A Igreja do Senhor nunca será uma noiva que pertence a outro e Cristo toma para Si. A Noiva do Cordeiro pertence a Ele antes da fundação do mundo **Ef. 1:4**.

v.08 “*Portanto, o consagrarás...*” O caráter da Noiva comunica a unção que o Noivo carrega. Que sejamos a Igreja que comunicará o caráter e a unção do Amado noivo que vem!

v.09 A família como um todo impactava a vida do sacerdote. Caso uma filha se tornasse uma prostituta, ela seria levada à pena capital. A prostituição aqui tem implicações culturais, pois

no mundo antigo, o comum e o religioso se misturavam num sincretismo pagão.

Há um princípio espiritual por trás dessa prescrição que precisa ser observado. Aqui, não existe uma permissão para os pais abandonarem seus filhos, caso eles venham a pecar, tão pouco, fala sobre colocar um jugo sobre filhos de pastores. O ponto decisivo nesse texto é o privilégio que a família do sacerdote possui ao comunicar a santidade daquele que lidera a casa.

Nós somos da família de Deus **Rm. 8:15-17**. Não viver de acordo com essa posição que recebemos implica no modo como discernimos a graça que recebemos. Lembre que a graça que nos salva é a mesma graça que nos preservará até o fim. Sair da graça seria estar destinado a morte eterna.

v.10-12 Nós falamos até aqui dos sacerdotes. Mas o texto nos mostrará que no caso do sumo sacerdote, as prescrições eram ainda mais rigorosas.

Por causa da unção sobre sua cabeça e as vestes sagradas, o sumo sacerdote sequer podia expressar o luto na perda de seus familiares. Ele era proibido de desgrenhar os cabelos e rasgar suas vestes. Isso não quer dizer que ele não sentisse a dor da perda, mas por causa da unção e missão, o sumo sacerdote guardaria sua posição até o fim.

O sumo sacerdote não tinha a permissão de tocar num cadáver, nem mesmo se fossem seus próprios pais. Essa exigência altíssima desafia nossa maneira de pensar. A única forma de entender esse texto é deixar de olhar para a sombra incompleta e

fixar os olhos na imagem real: Cristo. Isaías viu essa revelação, mesmo que ainda em sombras, entretanto, com muitos detalhes:

Is. 61:1-2 Jesus é o Cristo, o Ungido do Senhor.

Is. 59:15-17 O Ungido estava vestido de modo apropriado para sua missão.

Is. 42:1,4,6 Jesus não desanimou em sua missão. Ele não foi tomado pela apatia.

Ele foi até o fim para trazer luz aos gentios. Essa luz nos alcançou!

v.12 O sumo sacerdote não devia deixar o tabernáculo nessas circunstâncias de luto. Veja **Lv. 10:6-7** para o modo como Arão precisou enfrentar o luto da perda de seus dois filhos, Nadabe e Abiú.

Agora, deixe de contemplar a sombra e veja a imagem real em Jesus. O Cristo, em meio ao sofrimento, entra de UMA VEZ POR TODAS no Santo dos santos. Ele purifica nossa consciência de obras mortas para servirmos ao Deus vivo **Hb. 9:11-14**.

v.13-14 A esposa do sumo sacerdote deveria ser uma virgem. O que está em cena é o caráter imaculado da noiva. Aplicando esse princípio à nossa realidade, falamos de alguém que guarda a pureza do seu coração e conduta não só por causa de Jesus, mas também PARA Jesus **Ef. 5:25-27** e **2Co. 11:2-3**.

v.15 A sua descendência não seria profanada. Aqueles que seriam gerados a partir do sumo sacerdote honrariam o Nome do Senhor e estariam aptos para servir a Deus por meio do sacerdó-

cio. Olhem para Cristo **Is. 53:10-11**. Somente olhando para JESUS conseguimos compreender a profundidade desse texto de Levítico. Ele está falando de algo muito maior do que uma regra da lei!

v.16-21 Aqui, somos novamente desafiados pela nossa mentalidade moderna. O homem que tivesse alguma deformidade de nascença, adquirida por enfermidade ou acidental, este não poderia officiar como sacerdote.

Hb. 10:1 é uma chave para a interpretação correta dessa passagem. Esse tipo de restrição foi completamente suplantado na Nova Aliança. Por quê? O objetivo dela no AT não era prever algum tipo de exclusão social, segregação ou qualquer sombra de preconceito. Essa restrição apontava para Cristo como Sumo Sacerdote Perfeito.

Quando olhamos para Jesus, reconhecemos que ninguém poderia ocupar esse lugar de perfeição. Mas agora que os nossos olhos foram abertos para vê-Lo, Aquele que é perfeito Eternamente não se importa se temos alguma especificidade (o termo deficiência é até ultrapassado e deveria ser repensado).

O mais gracioso é que, em Cristo, talvez uma pessoa cega possa contemplar a beleza e perfeição de Jesus com mais clareza do que muitos que possuem vistas naturais. Lembra do cego de Jericó?

Mas como? Porque agora, o Perfeito Sumo Sacerdote nos foi revelado, e todos aqueles que O contemplam, com o rosto desvendado, são transformados à imagem Dele **2Co. 3:18**. O objetivo do Senhor é formar a beleza do Cristo em nós.

v.22-24 Aqui surge uma nota do cuidado do Senhor para com os sacerdotes. Mesmo que o sacerdote tivesse alguma especificidade e não pudesse oferecer sacrifícios pessoalmente, ele

continuará desfrutando de todos os privilégios sacerdotais, inclusive de comer das porções santíssimas. O Senhor jamais abandonaria os seus... Ele cuida de detalhes!

No AT, essas prescrições revelam sombras de algo maior que só tornou-se conhecido em Cristo. Aquele que traz vida aos mortos! Aquele que traz à existência uma Noiva que está sendo aperfeiçoada, dia após dia, à medida que contempla o Cordeiro e Sumo Sacerdote Perfeito.

Como Igreja, a Noiva do Cordeiro, nós comunicamos a Unção do Cristo ao mundo. No AT, Israel precisava aguardar a plenitude do tempo. Eles obedeceram debaixo de uma porção mínima, mas suficiente da revelação na Antiga Aliança. Mas o que deveríamos dizer sobre nós em Cristo? Acho que duas coisas:

No AT, a lei foi escrita em tábuas de pedra, e ainda assim se revestiu de glória. Agora, no ministério do Espírito, há uma atual sobreexcelente glória **2Co. 3:3,7-11**. Isso é um privilégio liberado a nós que contemplamos a Jesus, como o Sumo Sacerdote Perfeito.

Se nós recebemos pleno conhecimento da verdade, quanto maior será o castigo daqueles que foram santificados pelo sangue da aliança, mas ultrajam o Espírito da graça **Hb. 10:26-31**. Assim, há uma responsabilidade confiada a todos que contemplam o Cristo e são alcançados pela graça.

Aqui se aplica o princípio: *“Quanto mais dado, mais será cobrado”*.

O Senhor se revelou a nós, mas não para que morrêssemos. Ele assim fez para que pudéssemos ter vida e vida com abundância. Então, nessa posição, desfrute da graça que nos fez família de Deus, com temor.

Como noiva do Cordeiro, comunique a unção e a missão do Cristo todos os dias de sua vida!

Cuidando das coisas santas

Levítico 22



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Cuidando das coisas santas

Levítico 22

Esse capítulo tratará sobre como o sacerdócio devia lidar com as coisas sagradas. A prescrição foca nos alimentos e sacrifícios, mas “as coisas sagradas” incluíam também o tabernáculo em si, bem como seus utensílios.

v.01-02 O sacerdócio é chamado a abster-se das coisas sagradas. Essa abstenção evitaria que os sacerdotes usassem das coisas santas para fins diferentes dos que foram previstos pelo Senhor.

Esse uso inapropriado consistiria numa profanação do Santo Nome do Senhor. Um dos sentidos da palavra “*profanar*” é tomar aquilo que é santo como algo comum.

Assim, uma vez que um objeto de uso comum, enquadrado nas condições de pureza ritual, fosse consagrado ao Senhor, esse objeto passaria a ser santo e de propriedade exclusiva de Deus. Isso quer dizer que o sacerdócio não poderia manuseá-lo, ou consumir, no caso dos alimentos? A resposta é: NÃO!

As coisas sagradas poderiam ser manuseadas e até consumidas pelos sacerdotes, desde que tudo fosse feito dentro das condições determinadas pelo Senhor.

Esse é um ponto decisivo para nós. Quando Deus criou os céus, a terra, tudo que neles há e a humanidade, o Senhor tinha o propósito de que Adão cultivasse o Jardim de Deus, de modo

que a criação pura fosse coberta pela glória de Deus por meio da obediência de Adão ao Senhor. Tudo foi criado puro e para a Glória de Deus!

Na queda, com o pecado, a criação foi sujeita à vaidade **Rm. 8:20-21**. A palavra grega aqui é *ματαιότης* [*mataiotēs*]. Essa palavra nos remete ao texto grego da LXX que aponta para a mesma vaidade que o autor de Eclesiastes lamenta em **Ec. 1:1**.

Em Eclesiastes, o hebraico traz a palavra *hebel* que significa “vaidade”, “inutilidade” ou “efêmero”. Seria o vazio das coisas. Na queda, a criação retornou ao caos e ao vazio.

Quando Deus elegeu Israel como seu povo, eles viviam nesse mundo quebrado e caído, por isso, as coisas desse mundo precisavam ser “purificadas” ou “puras”. Só assim, poderiam ser consagradas ao Senhor. Isso era uma sombra dos bens vindouros **Hb. 10:1**.

Agora, em Cristo, se estamos Nele, as coisas antigas se passaram e tudo se fez novo **2Co. 5:17**. Nós somos os primeiros frutos da realidade de novos céus e nova terra **Tg. 1:18**.

Logo, tudo que eu tenho e sou devem ser cultivados nesse lugar de pureza e dedicação ao Senhor. Alguém poderia perguntar: “*Meu carro é santo?*” Por causa da obra de Jesus, podemos cultivar o Jardim novamente, e fazer das nossas posses algo exclusivamente para a Glória de Deus.

1Co. 10:31 fala da liberdade cristã. Nós somos livres para usar da liberdade para a glória de Deus. Isso deve abranger os aspectos mais simples das nossas vidas como comer e beber.

v.03 Levítico mostra o perigo de misturar o impuro com o puro e santo. Caso isso ocorresse no AT, o homem seria eliminado de diante do Senhor para sempre.

Alguém que estivesse em condições de impureza ritual, mesmo que fosse um sacerdote, não poderia comer das coisas sagradas *“até que fosse limpo”*. Note que a impureza não consistia necessariamente num estado terminal.

Até para o leproso havia uma expectativa de cura, que depois de sarado, seria purificado e estaria novamente apto para se apresentar no tabernáculo diante da Presença de Deus.

O pecado consistia caso alguém em estado de impureza tocasse nas coisas santas ou viesse ao tabernáculo, quebrando *“a obrigação que tinham com o Senhor”* **v.09**.

Hoje, com nossos olhos abertos, podemos ver o clamor que havia em nós sem a Presença de Jesus em nossas vidas. Nossa alma clamava por cura e purificação! Um grito tão profundo em nosso ser que sequer podíamos discerni-lo. Mas graças a Deus, hoje sentimos o seu frescor de misericórdia **Is. 53:4-5**. Podemos transbordar dessa obra realizada na cruz **1Pe. 2:23-25**. Nós nos convertemos ao Pastor e Bispo de nossas almas, Jesus Cristo!

v.04-08 Assim, essas instruções lembrariam aos sacerdotes que eles precisavam guardar a pureza como qualquer outra pessoa do povo. Deus não negocia pureza. A posição eclesiástica de alguém não dá anistias para a santificação. O Senhor não faz acepção de pessoas! Ele é Justo!

v.09 “*Não levem sobre si pecado e morram*”. O perigo estava na mistura do imundo com o santo. Se eles não se abstivessem das coisas sagradas enquanto estivessem no estado de impureza, isso seria pecado, e o salário do pecado é a morte.

“*Eu sou o Senhor que os santifico*”. Israel precisava lembrar que eram separados das demais nações para o Deus Totalmente Santo **Lv. 19:2**. Hoje, em Cristo, o chamado à santificação continua o mesmo **1Pe. 1:15-16**.

Mas quais seriam as diferenças entre Levítico e 1 Pedro?

Em Levítico, temos apenas as sombras dos bens vindouros **Hb. 10:1**. Em Cristo, temos o Sumo Sacerdote dos bens já realizados **Hb. 9:11** (ARA).

A lei jamais pode transformar o ofertante **Hb. 10:1**, mas Cristo nos fez nova criatura Nele **2Co. 5:17**.

v.10-14 Segundo a lei, o sacerdócio precisava estar atento até em quem da sua própria casa poderia ou não comer das coisas sagradas.

v.10 Se o sacerdote recebesse um estrangeiro, ou mesmo um hóspede israelita, estes não poderiam comer dos alimentos do tabernáculo. O mesmo seria para com os trabalhadores que serviam ao sacerdote. O sacerdote tinha a responsabilidade de pagar o salário de quem trabalhasse para ele, e jamais usar das coisas sagradas para suprir um trabalhador, que era uma pessoa comum do povo. E todo trabalhador é digno do seu salário.

v.11 Já no caso dos escravos comprados, estes deveriam ter o PRIVILÉGIO da família do sacerdote, e assim, ter acesso às porções santíssimas. Os escravos deviam ser tratados como filhos!

Podemos perceber o cuidado do Senhor com os mais vulneráveis. Nosso Deus é cuidadoso com todos. Israel não tinha a permissão de fazer um israelita como escravo, e se houvessem escravos, eles deveriam ser de outras nações.

Note a graça de Deus: Nenhum israelita comum podia comer das porções santíssimas, mesmo que ele fosse muito rico! Mas um estrangeiro pobre e escravo, que servisse ao sacerdote, tinha a permissão de comer dos pães sagrados da proposição que vinham do Tabernáculo! As nações sempre estiveram no coração do Senhor desde sempre, e o que vemos de forma velada no AT foi escancarado em Jesus! Ele comprou todos os povos, tribos, línguas e nações!

Além disso, guardando as devidas proporções, vemos como uma imagem do servo que acessa as porções santíssimas se mistura com a imagem do filho que possui o direito por filiação.

Nós somos filhos de Deus e servos do Senhor – Uma posição co-existe com a outra. Essa é a revelação dos privilégios, aos quais, recebemos acesso graciosamente!

Por fim, há um aspecto messiânico nessa relação servo/filho que aponta para a identidade de Jesus! Em **Is. 42:1**, o Messias é chamado de “*O meu Servo*”. No texto em grego de Isaías, a expressão usada é *ὁ παῖς μου* [*hō pais mou*]. Essa expressão possui uma dupla possibilidade de tradução “filho/criança” ou “servo/escravo”. Maravilhosamente vemos que essa dualidade descreve um mistério de Cristo: Ele é o Servo do Senhor, mas ao mesmo tempo Ele é o Filho Amado! Quem é Este? O Nosso Salvador!

Jesus Cristo veio para modelar sua descendência, por isso, Nele, somos os servos que acessam os bens já realizados como filhos de Deus! A identidade de Jesus está sendo forjada em nós!

v.12-13 Se uma filha se casasse com um estrangeiro, ela perderia o privilégio das porções santíssimas. Primeiro, porque a união do casamento é uma união espiritual, assim sendo, ela passaria a ser como uma estrangeira. Eles se tornaram uma só carne. E segundo, o seu marido deveria ter a responsabilidade de cuidar de sua esposa provendo o sustento dela.

Mas nos casos de viuvez ou repúdio, se não tivessem filhos para prover o sustento e ela retornasse à casa do pai como nos dias da mocidade, ela seria restaurada ao seu privilégio, e então, novamente, poderia participar das porções sagradas.

v.14-16 Mas vamos considerar uma situação hipotética: E se alguém comesse sem saber que se tratava de uma porção santíssima? Você abriu a geladeira, e lá tinha uma carne assada, e você foi lá e comeu. Mas era uma porção sagrada! O que eles fariam nessa situação?

Nós já vimos isso em **Lv. 5:15-16**. Ainda que por ignorância ou falta de conhecimento, o santo continua sendo santo! Isso seria uma falta que exigiria um sacrifício e uma restituição.

Em Levítico, a ofensa contra as coisas santas exigiam uma restituição. Ao olharmos para Jesus, encontramos o Cordeiro pelos nossos pecados, o sangue que nos purifica, mas também o preço DA RESTITUIÇÃO a Deus por nossas ofensas. A Obra da Cruz é completa.

v.17-19 O sistema sacrificial levítico como um todo era uma sombra de expressão da perfeição do próprio Deus. Do mesmo modo como o sacerdócio apontava para a perfeição do Senhor e do seu Ungido, que só seria revelado em Jesus, os animais para os sacrifícios também eram uma expressão do sacrifício perfeito que só pode ser oferecido verdadeiramente na Cruz de Cristo.

“Qualquer que [...] apresentar a sua oferta [...] para que seja aceitável, será sem defeito”.

As exigências no AT eram apenas um vislumbre da altíssima exigência da Cruz. Se o sangue e cinzas de um animal proporcionavam purificação e aceitação, o que devemos dizer sobre o sangue de Jesus? **Hb. 9:13-14.**

Cristo é o Cordeiro de Deus sem defeito revelado a nós **1Pe. 1:18-20.**

v.20-22 Em Levítico, a prescrição é clara: Os sacrifícios oferecidos a partir de animais com defeitos não seriam aceitos.

Nos dias do profeta Malaquias, em meio a um esfriamento espiritual e a falta de temor com as coisas santas, até o sacerdócio precisou ser denunciado **Ml. 1:8-10.**

Um aspecto glorioso nessa passagem de Malaquias é que, já na Antiga Aliança, o profeta vislumbrou um tempo em que ofertas puras seriam trazidas ao Senhor de todos os lugares **Ml. 1:11.**

Hoje, por causa do sacrifício perfeito de Jesus, fomos feitos esse povo comprado de todas as nações. Nós temos acesso à Sala do Trono para sempre por meio de Jesus Cristo.

v.23 Alguns animais desproporcionados, ou seja, com alguns defeitos, eram aceitos como ofertas voluntárias nos sacrifícios pacíficos.

Em **Lv. 3**, vimos que apenas a gordura e as entranhas eram oferecidas no altar. Assim, nada defeituoso seria queimado sobre o altar. Após a retirada das porções sacerdotais, eram os próprios adoradores, família e amigos que consumiriam a carne numa refeição de comunhão.

v.24-25 Os animais castrados não podiam ser oferecidos ao Senhor. A castração era proibida para Israel.

Em certo sentido, a castração de um animal era uma forma de mutilação que interferia no preço do animal e na integralidade do mesmo. Além de interferir na própria natureza de procriação do animal.

A integridade é um princípio de santidade em Levítico. Sem dúvidas, quando vemos as Escrituras falando da integridade do coração de um homem, reconhecemos um fruto que nos remete ao caráter do próprio Deus!

v.26-28 Nas últimas observações sobre a qualidade dos animais que podiam ser ofertados, notamos que os filhotes jamais deveriam ser separados de sua mãe até ao oitavo dia. Mesmo depois desse tempo, ambos, mãe e cria, jamais poderiam ser imolados juntos.

O povo de Deus é chamado para ser zeloso com a conservação da criação e evitar práticas desenfreadas de destruição da

criação do Senhor. Em **Dt. 22:6-7**, há uma ordenança que proibia que os israelitas de tomar uma ave com ovos ou filhotes. Se colessem os ovos ou filhotes, a mãe deveria se solta.

Outros exemplos de preservação da criação podem ser encontrados em **Dt. 20:19** sobre o desmatamento sem critérios e **Dt. 14:21** proibindo o cozimento da carne de um filhote no leite de sua própria mãe. Esta última, além de ser uma violência à compaixão, é reconhecida como uma prática pagã.

Uma observação precisa ser feita aqui. Como filhos de Deus, devemos dar exemplos de cuidado e preservação da criação do Nosso Pai Celestial. Como administradores, precisamos aprender a cuidar daquilo que nos foi confiado pelo Senhor!

v.29-30 Os sacrifícios eram em louvor a Deus! Ao trazerem suas ofertas, elas sempre serão para honra ao Nome do Senhor.

Por causa do sacrifício de Jesus, podemos trazer nossos corpos como sacrifícios vivos, santos e agradáveis ao Senhor **Rm. 12:1**.

Hb. 13:15-16 nos mostra que o fruto dos nossos lábios, a prática do bem e a mútua cooperação são sacrifícios que Deus aceita.

O sacrifício dos nossos impulsos a fim de falar somente o que refletirá o caráter do Senhor.

Resistir ao pecado da retaliação, mortificando o velho homem, visando à prática do bem a todos.

A mútua cooperação que sepulta o individualismo e o egoísmo.

v.31-32 Ele nos santificou e purificou para Ele **Ef. 5:25-27**. Em resposta ao movimento do Senhor em nossa direção, nós declararemos a santidade do Nome do Senhor **Mt. 6:9** como é declarado nos céus **Is. 6:3**.

v.33 Ele também nos libertou para ser o Nosso Deus **Cl. 1:13**. Em Cristo, essa palavra foi cumprida plenamente.

Ele é o Nosso Deus e nós somos seu povo! Ele é o Senhor! Por isso, que Ele tenha prioridade, primazia e preeminência em cada aspecto de nossas vidas! Nossas vidas foram santificadas, então, que venhamos ter cuidado com as coisas sagradas! Você pertence ao Senhor!



Todos os dias são sábados

Levítico 23:1-3



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.

Todos os dias são sábados

Levítico 23:1-3

Esse estudo foi preparado na semana em que estávamos saindo de um período de feriados prolongados. Foram três feriados que se conectaram ao final de semana. O resultado disso foi uma semana bem atípica. Muitos conseguiram viajar e descansar com suas famílias, outros trabalharam alguns dias, contudo, ainda assim todos sentiram alguma diferença em suas rotinas.

Não por coincidência, mas de modo maravilhosamente ordenado por Deus, um dos feriados dessa semana foi a Páscoa. Em nosso grupo de estudos, não escolhemos o texto que leremos em nosso encontro semanal. A porção sempre é definida pela sequência do texto. Então, o Senhor nos trouxe a **Lv. 23**, exatamente, numa ocasião de estarmos sob o impacto dessa semana de feriados. O Senhor é maravilhoso!

Como uma semana de feriados impacta nossa rotina e a vida como um todo! Esse é o nosso ponto. **Lv. 23** traz a instituição de um calendário de celebrações que certamente provocava reflexos na vida cotidiana do povo. As produções agrícolas, o comércio, as relações de trabalho e até familiares eram afetadas por essas ocasiões. Esse impacto nas rotinas possibilitava uma consciência profunda nas pessoas quanto às suas histórias com Deus.

Lv. 23 não fala de meras festividades para que o povo desse lugar à preguiça, glotonaria e bebedeiras. Absolutamente, não! Essas celebrações eram memoriais e convocações santas. Verda-

des eternas que precisavam ser trazidas à memória nessas ocasiões, e sem esse posicionamento interno, essas festas perderiam todo o seu sentido.

Hoje, não precisamos guardar esses calendários judaicos, executando as festas em suas datas, contudo, considero sábio encontrar os princípios que estavam por trás de cada festa, relacionar estes à obra de Cristo, e assim, aplicarmos esses princípios às nossas vidas com Deus.

Em capítulos anteriores, nós vimos como a expressão “*Eu sou o Senhor*” funcionou como um tipo de refrão que marcava seções e temas dentro do texto. Aqui, algo semelhante parece ocorrer.

Os **v.04-22** falam sobre as Festas da Primavera e os **v. 23-43** sobre as Festas do Outono. Observe a expressão “*Eu sou o Senhor*” nos **v.22** e **v.43**. Mas antes de mergulharmos nas festas em si, vamos retroceder um passo.

O modo como as convocações para essas grandes festas anuais é feito deve chamar nossa atenção. Antes de falar das grandes celebrações, a porção é introduzida com a prescrição sobre o sábado!

v.01-02 As instruções que o Senhor deu a Moisés precisavam chegar até o povo. As pessoas precisariam se organizar, cuidar das coisas do lar, assegurar alimentação, e em tempos posteriores, haveria peregrinações, portanto, precisariam pensar em hospedagens, recursos para a viagem, entre outras coisas.

Certamente, o sábado não exigiria uma peregrinação. Mas ainda assim, as famílias de Israel precisavam se organizar

semanalmente para cumprir essa prescrição. É interessante que, hoje, todos nós também precisamos nos organizar de alguma forma para estarmos nos cultos coletivos. Essa organização de tempo e atividades é uma forma de adoração e zelo com o que entregamos ao Senhor.

São em pequenos detalhes que percebemos o valor que damos ao privilégio de servir ao Senhor. Esses momentos, por vezes não serão percebidos pelos homens. Mas, provavelmente, esses gestos, por serem conhecidos apenas por Deus, devem ter um valor muito especial para Ele.

v.03 O sábado é chamado de “*santa convocação*” juntamente com todas as outras grandes festas anuais. O fato de ser chamado de “*santo*” significa que esses dias ou períodos pertenciam unicamente ao Senhor.

O sábado costurava todas as demais celebrações. Uma convocação santa semanal lembraria a Israel que Deus não estava chamando seu povo para viverem baseados apenas em eventos, mas o chamado era para uma vida cotidiana.

Infelizmente, alguns se perdem nessa sutileza: Vivem para congressos, conferências e grandes ajuntamentos (e não há pecado realizar grandes eventos). O problema é se quando os eventos passarem, a paixão e dedicação diminuirão. Como dizem os antigos: “*Parece fogo de palha*”.

Antes de ter os detalhes das grandes festas anuais, o povo deveria compreender a importância da festa semanal: o sábado! O sétimo dia seria um dia de descanso solene.

Baseado em **Gn. 2:1-3**, o povo deveria assemelhar sua conduta ao seu Criador. Essa ordenança já estava prevista em **Ex. 20:11**, mas, a repetição dessa lei dos Dez Mandamentos aqui mostra que para Deus, a fidelidade cotidiana é uma base para as grandes festas e eventos. Que os nossos corações queimem a cada dia pelo nosso relacionamento com Cristo.

Quando cruzamos **Ex. 20:9-11** com **Dt. 5:13-15** conseguimos entender o princípio que está por trás desse dia de descanso.

O Senhor, em Gênesis, descansou no sétimo dia não por estar cansado. O texto nos diz que Ele descansou quando a “*obra da criação estava completa*”. Quando Deus tira Israel do Egito e traz a nação para o deserto, ali, Israel ganha sua redenção da escravidão egípcia, recebe uma legislação e a promessa de uma terra. Israel nasce como uma nação santa no meio do deserto.

Eles não eram mais escravos. Israel era o povo do Senhor! Mas eles precisavam lembrar-se da redenção do caos e descansar na obra que o Senhor realizara na vida deles.

Nós também fomos chamados a entrarmos no descanso do Senhor. Entretanto, muitos que ouviram, e até tem ouvido essas boas-novas, parecem não ter conseguido aproveitar essa oportunidade **cf. Hb. 4:1-2**.

O autor de Hebreus diz que Davi falou sobre entrar HOJE no descanso **Hb. 4:7**. Mas o povo já tinha entrado no descanso da terra sob a liderança de Josué **cf. Dt. 31:7** e **Js. 22:4**.

Então, **Hb. 4:3-5,7** traz uma citação do salmo de Davi **cf. Sl. 95:7-11**, onde percebemos que a dureza do coração humano é um perigo. Não podemos cair no pecado que ocorreu em Massá

e Meribá, e fez uma geração inteira morrer no deserto **Ex. 17:2-3,7** e **Nm. 20:3-5,8,11-13**.

A falta de confiança no Senhor e a murmuração, somadas à rebelião contra o Senhor, fizeram com que aquela geração não entrasse em Canaã.

Mas se Josué entrou em Canaã com aqueles que nasceram no deserto, o fato de Davi dizer “*Hoje*”, muito tempo depois de Josué deve ter algum significado. O autor de Hebreus nos diz que ainda resta um repouso, no qual nós precisamos entrar **Hb. 4:8-9**. A palavra grega para “repouso” é σαββατισμός [*sabbatismos*], que vem da palavra σαββατὸν [*sabbaton*], que tem origem na palavra hebraica *shabbath*, ou seja, sábado!

É como que se o autor de Hebreus, olhando para a obra da Cruz nos dissesse: “*Ainda há um sábado no qual vocês precisam entrar*”. Esse repouso refere-se ao “*descanso de sábado*” providenciado pela obra completa na cruz do calvário, na morte e ressurreição do Senhor Jesus, o Senhor do sábado **Mt. 12:8**.

A nação de Judá não entendeu o princípio que estava por trás dessa convocação santa, e por isso, fizeram do sábado um ato de religiosidade esvaziada do temor santo. O profeta Isaías, ao exortar o povo sobre a devida observância do jejum, fala sobre o sábado **Is. 58:13-14**.

“*Um dia para que não cuidassem dos seus próprios interesses*”. Era um dia em que qualquer cuidado para si mesmo seria inapropriado. Para nós, que encontramos esse descanso no Senhor, há uma direção **1Pe. 5:6-7**.

O sábado era um dia para que o povo se deleitasse no Senhor. O princípio é o chamado a um lugar de deleite, descanso e alegria. A guarda do sábado implicava na exigência de um vi-

ver cuidadoso e ponderado todos os dias “*não seguindo os vossos próprios caminhos ou fazendo a vossa própria vontade*”, mas:

Submetam-se aos caminhos mais altos que pertencem ao Senhor **Is. 55:8-12**.

E peçam ao Senhor: “*Eu quero a sua vontade e mesmo que ainda não entenda com clareza, nós confiaremos em Deus*” **Mt. 6:10**.

Em **Is. 58:14**, a boca do Senhor traz a palavra definitiva. Ele tem a última palavra! Quando abandonarmos os nossos próprios caminhos, nos deleitaremos nos caminhos do Senhor e descansaremos Nele.

É nesse lugar onde encontramos a Sua benção. A alegria no Senhor é um recurso da graça para desfrutarmos da Presença:

“*Cavalgar sobre os altos da terra*” aponta para a confiança em Deus, mesmo em face de qualquer situação da vida **Hc. 3:17-19**.

“*E te sustentarei com a benção de Jacó*”. Aqui, Deus está dizendo: “*Te alimentarei com tudo que Eu, o Senhor, te prometi*”.

O que Jesus nos ensina sobre o Pai Celestial que cuida de nós? **Mt. 6:25-34**.

Aqui está a ênfase do sábado, o princípio por trás da prescrição: Um dia dedicado ao Senhor deve ser o símbolo de uma vida inteira e coração devotados a Deus.

O princípio sabático influenciaria todo o calendário anual das festas judaicas. Segundo Moreira, havia uma previsão de sete festas na *Torah*:

A Páscoa **Ex. 23:14-15**.

A Festa dos Pães Asmos **Nm. 28:17**.

A Festa das Primícias (esta coincidia com a Festa dos Pães Asmos).

A Festa das Semanas ou Pentecostes.

A Festa das Trombetas **Nm. 29:1**.

O Dia da Expição **Nm. 29:7** e **Lv. 16:29-34**.

A Festa dos Tabernáculos ou das Cabanas **Lv. 23:34** e **Nm. 29:12**.

Nesse calendário havia uma previsão de sete dias de descanso solene: O primeiro e último dia da Festa dos Pães Asmos, o primeiro e último dia da Festa dos Tabernáculos, o Dia da Expição, a entrega das primícias e a Festa das Trombetas.

Cada sétimo ano era um ano sabático **Lv. 25:2**. Após 49 anos, ou seja, 7x7, ou sete semanas de anos, haveria um ano sabático, um “*sábado de todos os sábados*”, o Ano do Jubileu **Lv. 25:8**.

Mas aqui está o ponto: Todo esse calendário estava apoiado no princípio do sábado semanal. Tudo estava fundamentado na fidelidade e confiança cotidiana e no descanso semanal.

Não adiantarão grandes eventos, celebrações e festas, se o nosso cotidiano não refletir fidelidade, obediência e confiança no Senhor. O convite feito pelo autor de Hebreus a nós é “*descansar de nossas próprias obras, pois assim vivem aqueles que entram no descanso de Deus*” **Hb. 4:10**.

Hb. 4:11 nos faz uma convocação santa. Que haja em nós o esforço para que não nos embaracemos na força do nosso próprio braço, nossa justiça própria e a maligna incredulidade.

O “*Hoje de Deus*” já chegou a nós. Há um *kairós* de Deus, uma oportunidade para encontrarmos esse lugar no Senhor Jesus e então construirmos nossas vidas.

Todo dia é Páscoa, Pães Asmos e Pentecostes

Levítico 23:4-22



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Todo dia é Páscoa, Pães Asmos e Pentecostes

Levítico 23:4-22

Essa porção de Levítico ocupa-se com as santas convocações e festas fixas que a nação de Israel deveria observar. O ponto fundamental é que a prática desse calendário de festas deveria ser um eco de uma vida inteiramente rendida e confiante no Senhor. O fim dessas celebrações nunca foi apenas mais um evento. Isso pode ser visto no **v.03**, onde o povo foi chamado a um dia de descanso solene como convocação santa. Assim, o sétimo dia, o sábado, continuaria ecoando em cada ciclo de colheitas, festas, meses, anos e até décadas dentro do calendário de Israel.

O princípio que está por trás dessas prescrições deve ser aplicado à nossa vida cristã: Os grandes ajuntamentos, nos quais, nos reunimos para adorar ao Senhor são tão importantes quanto os dias de nossa vida cotidiana rendida ao Senhor. Em Cristo, nós podemos, e devemos entrar no descanso de Deus, a fim de vivermos todos os dias debaixo dessa influência dos céus.

É interessante notar como as festas foram organizadas nesse capítulo. A expressão “*Eu sou o Senhor, vosso Deus*”, **v.22** e **v.43**, serve como um marcador que define dois grandes blocos, nos quais as Festas da Primavera são descritas nos **v. 04-22** e as Festas do Outono nos **v. 23-43**.

Após descrever a importância do sábado na abertura do capítulo, um dia de descanso que apontava para uma vida

inteira rendida ao Senhor, a primeira grande celebração no capítulo não é sobre uma colheita farta, mas um lembrete de uma grande libertação: a Páscoa.

v.04-05 A Páscoa era um memorial: “*Lembrem-se de onde Eu, o Senhor, tirei vocês*”. **Ex. 12:42-49** é o texto em que a Páscoa foi instituída marcando a saída do povo de Israel do Egito. Foram 430 anos naquele lugar desde quando a família de Jacó se refugiou no Egito durante a administração de José, como governador do Egito.

“*No primeiro mês*”. O calendário judaico surge com esse marcador de libertação. O primeiro mês era o “*mês de Abibe*” **Ex.13:4**. O mês de Abibe (ou Nisã) corresponde aos meses de março e abril do nosso calendário. No dia 14 desse mês a Páscoa era celebrada e esse dia era um sábado²⁰. Entretanto, o calendário judaico era lunar, e por isso, a contagem de um dia não se iniciava pela manhã, ou meia-noite, como estamos acostumados. Um dia se iniciava no crepúsculo do dia anterior, no fim da tarde e início do anoitecer. Assim, um sábado se iniciava no começo da noite da sexta-feira.

Era nessa noite, de sexta para sábado, que um cordeiro era preparado e consumido numa ceia pascal **Ex. 12:7-8**. Mas esse cordeiro era escolhido no dia 10 desse mês. Uma vez escolhido, ele era guardado até o dia 14 **cf. Ex. 12:2-6**. Deveria ser um cordeiro para cada casa, podendo convidar os vizinhos mais próximos, a fim de que o cordeiro fosse completamente consumido.

20. Se o dia 1º foi domingo, logicamente, 02 foi segunda-feira, 03 foi terça-feira... Se contarmos até o dia 14 dará sábado.

O cordeiro precisava ser macho, de um ano de idade e sem defeito. Aqui, surge mais um vislumbre do Cordeiro de Deus, o Nosso Jesus! Ele é a nossa Páscoa!

A nação de Israel estava sendo trazida a existência por meio de uma libertação extraordinariamente poderosa. A partir da saída do Egito, Israel passaria contar dias, meses e anos segundo a lei do Senhor. Na verdade, reconhecemos que o tempo ganhou seu verdadeiro propósito a partir do momento em que encontramos o Senhor que nos redimiou e salvou.

Infelizmente, olhando para a história de Israel, vemos o modo como o coração humano tende a esquecer-se das coisas de Deus. Em **Nm. 9:1-3**, encontramos a celebração da segunda Páscoa. Mas a terceira Páscoa só seria celebrada, aproximadamente, quarenta anos depois, nos dias de Josué! Mas o que aconteceu?

O Senhor havia dito em **Ex. 12:48** que somente os homens circuncidados poderiam celebrar a Páscoa. **Js. 5:5-6** diz que ao saírem do Egito, todos os homens do povo eram circuncidados, mas no deserto, os pais não circuncidaram seus filhos nascidos no caminho. Eles se esqueceram da Páscoa, da libertação e redenção que o Senhor havia operado no passado.

Antes de conquistarem a cidade de Jericó, duas coisas foram feitas:

Josué circuncidou seus filhos e toda a nação seguiu o seu exemplo **Js. 5:7-8**. No caminho, em meio aos desertos da nossa vida, a aliança que temos com o Senhor não pode ser esquecida. A aliança precisa estar viva em nossos corações pelo Espírito **Rm. 2:29**. Lembre que você tem uma aliança com o Senhor, firmada pelo sangue de Jesus. Não nos perderemos no deserto dessa era caída.

Só após todos estarem circuncidados, o povo celebrou a Páscoa novamente em **Js. 5:10-12**. Para adentrarmos na promessa e descanso do Senhor é necessário olhar pela fé para o Deus que nos redimiou e salvou **Cl. 1:13**. Ele nos libertou do império das trevas! Você é livre!

O cordeiro pascal é uma das imagens mais poderosas do Nosso Senhor Jesus no AT. João Batista proclamava “*Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*” **Jo. 1:29**. Mas foi necessário aguardar o ápice do ministério de Jesus na Cruz do Calvário, para que todos entendessem que o Cordeiro também era o Cordeiro da Páscoa. O Cordeiro da nossa libertação. Paulo entendeu isso claramente **1Co. 5:7b**.

Há algo na cronologia da Paixão de Cristo que faz meu coração ser despedaçado. Em Êxodo, o cordeiro pascal era morto no dia 13 (sexta-feira), para que na noite do dia 13 (que já era contado como dia 14, noite de Páscoa) o cordeiro fosse consumido numa ceia pascal. Ele era imolado na sexta, durante o dia, e consumido na noite de sexta para sábado.

Isso é percebido no Evangelho de João **cf. Jo. 19:14**. No dia que Jesus foi crucificado era “*Parasceve pascal*”, ou seja, era o dia de preparar os cordeiros para a ceia de Páscoa.

Mas se sexta-feira era o dia de imolar o cordeiro pascal, porque a última ceia que o Senhor Jesus participou com seus discípulos, uma ceia com características pascais, foi na noite de quinta-feira para sexta-feira? Note que **Jo. 13:1**, no contexto da última ceia, diz: “*Ora, antes da Festa da Páscoa*”.

Jesus celebrou antecipadamente a ceia pascal com seus discípulos porque, na verdade, a Páscoa nunca mais seria a mesma

depois da cruz. Na sexta-feira, os judeus estavam preparando um cordeiro para o jantar de páscoa, mas a verdade é que aqueles cordeiros já estariam completamente superados para sempre. O Cordeiro de Deus foi pendurado numa cruz.

Naquela última ceia, Jesus sabia disso. Eu posso imaginar como os discípulos estavam confusos. Não só pelos ensinamentos de Jesus, mas talvez até pelas circunstâncias: “*Se a Páscoa será amanhã, porque estamos ceando hoje, quinta-feira?*” Os discípulos entenderiam depois. Eles descobririam que o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo é também o Cordeiro Pascal, cujo corpo foi partido entre nós. E sempre que participamos da Ceia do Senhor, somos lembrados que fomos redimidos pelo Nosso Redentor que venceu a morte para sempre.

Aqui está o ponto decisivo desse texto. Para Israel, essa festa era celebrada uma vez por ano, mas para nós, todos os dias deve ser Páscoa! Todos os dias, nós celebramos: Jesus está vivo e Ele vive em nós!

v.06-08 No dia 15 de Abibe, ou seja, no dia seguinte à Páscoa, seria um domingo. Nesse dia havia o início de outra celebração: “*Sete dias celebrareis a festa dos Pães Asmos*”.

O primeiro dia dessa festa era uma “*santa convocação*”, ou seja, deveria ser tratado como um sábado: “*nenhuma obra servil fareis*”. Assim, também era o último dia da Festa dos Pães Asmos, outra santa convocação. Mas durante os sete dias havia celebrações e sacrifícios.

Essa festa era chamada assim porque, naquela semana, o povo não deveria consumir pães fermentados, mas apenas pães

asmos, pães sem fermento. Essa festa era, para Israel, um memorial, a fim de que pudessem lembrar o modo como o povo precisou deixar o Egito apressadamente, de modo que sequer houve tempo de fermentar a massa de pães para a viagem **Ex. 12:37-39**. Eles assaram pães sem fermento!

Levítico 23 está apenas relembrando a instituição dessa festa que já havia sido promulgada pelo Senhor em **Ex. 12:14-18**.

A redenção do povo de Israel possibilitou que eles deixassem rapidamente o Egito. Foi um abandono radical e tão brusco que o fermento egípcio precisou ser deixado para trás.

Se a Páscoa representa, para nós, a redenção em Cristo, os pães asmos apontam para uma vida de santidade que abandona radicalmente a velha natureza todos os dias. Em **1Co. 5:6-8**, Paulo nos mostra que o fermento era uma sombra da malícia e corrupção. Hoje, se estamos em Cristo, nós podemos e devemos abandonar esse fermento. Os pães asmos apontam para a “*sinceridade e verdade*”. Precisamos agir rapidamente em nos arrepender em sinceridade e verdade.

Cozinhar pães sem fermento sugere uma pressa e urgência em preparar algo para comer. Em **Gn. 19:3**, Ló precisava deixar rapidamente Sodoma e Gomorra. A feiticeira de En-Dor também precisou oferecer a Saul algo de rápido preparo **1Sm. 28:24**. Lembre que o fermento precisa de tempo para levedar a massa.

Assim aplicamos o princípio dos pães asmos em nossas vidas. Que venhamos deixar rapidamente o velho fermento da malícia e da corrupção moral e espiritual. Se deixarmos esse fermento da velha natureza levedar nossos corações, o fruto será morte **Tg. 1:14-15**.

Precisamos ser radicais em algumas áreas das nossas vidas **Mt. 5:29-30**. Jesus não está dizendo no Sermão do Monte que devemos, literalmente, “arrancar o olho”, mas que precisamos verdadeiramente “arrancar situações que nos seduzem ao pecado”. Se você tem dificuldades com a pornografia em seu computador, coloque-o na sala de sua casa! Seja radical!

Novamente, esse memorial, era celebrado por Israel uma vez por ano. Mas para nós, todos os dias devem ser dias de pães asmos. Dias de corações sinceros e verdadeiros para com Deus. Precisamos viver decididos a nos mover radicalmente em santificação.

A Festa dos Pães Asmos foi instituída em **Ex. 12**, mas aqui, vemos que essa celebração coincidiria com a Festa das Primícias. Uma celebração, a qual, o povo celebraria quando entrasse na terra prometida.

v.09-11 Na Festa das Primícias, Israel deveria trazer um feixe, ou molho, de espigas, provavelmente de cevada (nessa época do ano, o trigo ainda não havia amadurecido ainda).

Os períodos de colheita promoviam a comunhão entre as famílias das tribos. As famílias ajudavam uma às outras, sendo um tempo de grande alegria. Hoje, quem vive em regiões rurais ainda pode ver esse tipo de prática. As mulheres chamam as vizinhas para ajudarem a debulhar o milho, e ali, todos se unem num tempo de alegria e comunhão.

v.12 Essas colheitas eram as primícias da safra que só terminaria por ocasião da Festa das Semanas ou Festa de Pentecostes.

Ao trazerem esse feixe como uma primícia da colheita, trariam juntamente um cordeiro sem defeito em holocausto, marcando, assim o início da colheita.

v.13 Era um gesto de gratidão, fidelidade e generosidade. Nas ofertas contínuas, caso alguém trouxesse um cordeiro em holocausto, a porção de flor de farinha entregue seria “*uma dízima de um efa*” **Nm. 28:13**. Mas note que aqui a previsão é de duas dízimas.

A colheita anuncia um tempo de prosperidade. Uma forma de proteger nossos corações da avareza é ser generoso. É importante nos movermos em generosidade tanto no modo como ofertamos na Casa do Senhor, como também no modo de repartir o que temos com o nosso próximo.

v.14 Isso deveria ser um estatuto por todas as gerações de Israel. Enquanto não trouxessem as primícias, não deveriam comer dessa safra. Talvez isso se aplique na dedicação dos nossos dízimos ao Senhor. Desde pequeno aprendi que o dízimo é a primeira parte a ser separada da nossa renda dedicada ao Senhor. O dízimo jamais dever ser tratado como uma sobra das nossas finanças que entregamos na Igreja.

v.15-16 Agora, o texto diz que a partir da Festa das Primícias, ou seja, do primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, deveriam contar “*sete semanas inteiras*”, 49 dias, e no dia imediato, no quinquagésimo dia, uma nova oferta de manjares deveria ser trazida ao Senhor.

Essa festa no NT é chama de Festa de Pentecostes, que vem do termo grego ἡ πεντηκοστής [*hē pentēkostēs*], derivado de πεντηκοστός [*pentēkostos*], que significa “quinquagésimo”. Por isso vemos nas epígrafes “Festa das Semanas” (NVI) ou “Pentecostes” (ARA).

v.17-19 Essa festa marcava o fim de um período próspero de colheitas. A abundância dessa estação pode ser refletida na extravagância das ofertas trazidas nesse período: *“sete cordeiros, um novilho, dois carneiros, além dos cereais e libações, pães, um bode por oferta pelo pecado, mais dois cordeiros por ofertas pacíficas”*.

v.20 Os dois cordeiros e o pão das primícias eram ofertas movidas perante o Senhor e destinadas para o sacerdócio. Na mesma proporção que o povo era grandemente abençoado pelo Senhor, a instrução era trazer porções ao tabernáculo que serviriam de sustento sacerdotal²¹.

v.21 Esse dia também era uma “santa convocação” como o sábado, a Páscoa, o primeiro e último dia da Festa dos Pães Asmos. Isso precisaria ser ensinado a todas as gerações dos filhos de Israel.

Quando Israel entrasse em Canaã, eles encontrariam os cananeus adorando a Baal, conhecido por eles como deus da fertilidade. Em cada Festa de Pentecostes, ou celebração prevista, o

21. Veja o capítulo em que comentamos Lv. 7:22-38 “A Glória de Deus e o sustento ministerial”.

Senhor devia ser reconhecido como o Único Doador de vida e de todas boas dádivas.

Quando olhamos para **At. 2**, nos lembramos da associação que Pedro fez das profecias de Joel sobre o derramamento do Espírito sobre toda carne. Ali, Joel fala de colheitas, chuvas e de restituição **Jl. 2:23-27**.

Contudo, tanto o derramar do Espírito com avivamento, quanto à restituição das colheitas, são precedidas, em Joel, por arrependimento e o gesto de rasgar corações sinceros em contrição.

Se na Festa das Primícias, o domingo após a Páscoa, o primeiro feixe foi entregue como um primeiro fruto: Jesus é o primeiro fruto da ressurreição **1Co. 15: 22-23**, quarenta e nove dias depois, no Dia de Pentecostes, os que permaneceram na Palavra do Mestre, **Lc. 24:49**, celebrariam uma grande colheita.

O que foi o Pentecostes em **At. 2**? Um derramamento do Espírito sobre os discípulos que permaneceram nas palavras de Jesus. Ali, a primeira pregação de Pedro trouxe “quase três mil pessoas” como colheita **At. 2:41**. Mas o que aconteceu? Eles foram cheios do Espírito Santo e a Igreja nunca mais seria a mesma!

v.22 Ao fechar essa porção, temos um lembrete apropriado sobre a lei da respiga **cf. Lv. 19:9-10**. Do mesmo modo que o sacerdócio tinha suas necessidades supridas, os pobres e estrangeiros seriam lembrados. Mesmo que fossem desconhecidos pelo dono das plantações, o Senhor conhece a todos verdadeiramente, mesmo se fosse um estrangeiro. Em Pentecostes havia gentios se rendendo a Cristo! Há uma grande colheita sendo preparada!

O Senhor cuida e sustenta todos, justos e injusto **Mt. 5:44-45**. Na Festa de Pentecostes, os pobres e vulneráveis tinham uma benção deixada pelo Senhor! Quem sabe o Senhor não nos deixará uma benção **Jl. 2:14**.

Para nós, todos os dias devem ser Páscoa, pois lembramos que Jesus nos redimiou e essa salvação está sobre nós, em Cristo! Todos os dias são dias de “*pães asmos*”, onde deixamos a malícia e corrupção para viver em santidade, sinceridade e verdade mediante o sacrifício de Jesus. Todos os dias, nós trazemos nossas primícias, o melhor dos nossos dias, pois Jesus, como o primeiro fruto da ressurreição, foi dado a nós. Todos os dias devem ser Pentecostes, onde o Espírito Santo transbordará nos levando ao fruto do Espírito e à Vida de Cristo!

Contrição na expiação e Alegria nos Tabernáculos

Levítico 23:23-44



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.

Contrição na expiação e Alegria nos Tabernáculos

Levítico 23:23-44

Nos dois últimos capítulos vimos que no sábado semanal a nação de Israel deveria celebrar um dia de descanso solene como o reflexo de uma vida inteira confiante e rendida ao Senhor. A observação do sábado não deveria ser reduzida ao legalismo e a capacidade de cumprir regras específicas sobre um dia da semana, mas espelhar os outros seis dias da semana, nos quais o povo deveria viver amando e cumprindo a lei do Senhor. O princípio por trás do sábado era integridade.

Lv. 23:4-22 descreveu as festas que eram celebradas na primavera: Páscoa, Festa dos Pães Asmos, Primícias e Festa das Semanas ou Pentecostes. Agora passaremos à parte final do capítulo, onde são descritas as Festas do Outono.

Esse segundo bloco de celebrações era comemorado no sétimo mês, o mês de *Tshiri*, equivalente aos nossos meses de setembro e outubro. Esse período era marcado pelo fim das colheitas de uvas, figos e azeitonas maduras.

Nesse mesmo período, as primeiras chuvas, a chuva temporã, eram esperadas. Essas chuvas regariam a terra arada, proporcionando condições favoráveis para uma nova semeadura. Assim, esse mês marcava o fim de um ciclo agrícola com a colheita das últimas uvas, figos e azeitonas, e o início de um novo ciclo com a chegada das chuvas temporãs.

Havia uma grande expectativa nesse período, mas caso o povo vivesse obedecendo diligentemente a Lei do Senhor, teria a

garantia da benção, na qual, as chuvas viriam no seu tempo determinado **Dt. 11:13-15**. Mas ao mesmo tempo, uma atmosfera solene tomava conta de todo o mês, pois nele seria celebrado o Dia da Expição. Nesse dia, os pecados do povo seriam expiados por um sacrifício muito específico, além de serem realizadas as purificações do tabernáculo, do altar, do sacerdócio e da própria terra.

v.23-25 O primeiro dia do sétimo mês era marcado pela Festa das Trombetas. Aqui, a expressão “*sonido de trombetas*” é no hebraico *t'rû'a*, que significa “*alarme, aviso, som de tempestade, grito ou toque de guerra*”.

A nossa tradução “*som de trombetas*” é subtendida, pois as convocações para ocasiões alegres na Presença do Senhor eram feitas ao povo com toque de trombetas (heb. *shophar*) **2Sm. 6:15**. Assim também eram dados sinais de guerra **Jz. 3:27** e sinais para movimentações e paradas estratégicas **2Sm. 2:28**.

“No Israel Antigo, o primeiro dia de cada mês, ou lua nova, era anunciado com toque de trombetas [...] A Festa das Trombetas era celebrada no primeiro dia do sétimo mês, e é hoje celebrada como o Ano Novo Judaico, também conhecido como “*Rosh Roshanah*” (DITAT, p.432). Essa data seria uma espécie de Ano Novo Civil em contraste com o Ano Novo Religioso comemorado na Páscoa, no primeiro mês.

Esse dia, também seria um dia descanso solene, sem obra servil, como um sábado. Mas havia um propósito: Um chamado a reflexão, contrição e arrependimento. Por quê? O Dia da Expição estava chegando.

v.26-27 No dia 10 desse mesmo mês era o Dia da Expição. Como vimos em **Lv. 16**, a expiação é um tema que fornece o núcleo teológico do livro de Levítico. Tudo em Levítico só está acontecendo porque o Senhor é o Deus que perdoa pecados! O Nosso Deus continua o mesmo! A palavra hebraica para “*expição*” é *kaphar*, e tem o sentido de “*cobrir, purificar, fazer expiação, fazer reconciliação*”.

Esse dia foi instituído num contexto bem diferente do que vimos na Festa da Primavera (Páscoa, Pães Asmos, Primícias e Pentecostes). **Lv. 16:1** nos diz que o contexto dessa instituição foi após a morte de Nadabe e Abiú, filhos de Arão. Eles haviam trazido fogo estranho ao altar e, assim, profanado o lugar santo da Presença de Deus.

Por isso a Festa das Trombetas trazia uma atmosfera diferente. Um dia de contrição e arrependimento, porque os pecados do povo eram incompatíveis com a santidade do Senhor, e estes precisavam ser cobertos. O dia 10 seria um tempo de “*afligirem a alma*”. **Is. 58:3** associa esse gesto de “*afligir a alma*” com o jejum.

O dia da Expição forneceu vislumbres profundos a respeito da Obra de Jesus Cristo. Na Cruz do Calvário, o dia da Expição foi completamente consumado para sempre.

Para entender a superioridade da Obra de Cristo, vamos comparar **Lv. 16:30-33** com **Hb. 9:2-3,7-10**. Arão, bem como todos os demais sumos sacerdotes que viriam de sua linhagem, entrava, anualmente, apenas uma vez por ano, no Santíssimo Lugar para oferecer sacrifícios por si e pelo povo. Um dia para purificação do tabernáculo, do altar, do sacerdócio e do restante da nação eram necessários todos os anos. Mas por quê?

O Livro de Hebreus nos diz que esses sacrifícios expiatórios cobriam os pecados do povo, mas eram ineficazes para aperfeiçoar aqueles que prestavam culto. Mas o sacrifício expiatório na Cruz do Calvário purifica nossa consciência de obras mortas para servirmos ao Deus Vivo! Nele temos eterna redenção **Hb. 9:11-15**.

Ao olharmos para a cruz, sentimos alegria e frescor por termos sido alcançados pela graça de Deus. Mas ao mesmo tempo, reconhecemos nossos pecados com pesar e arrependimento, pois sabemos que o castigo que nos trouxe a paz desabou sobre o Inocente Bom Pastor que entregou sua vida por nós.

Jesus sabia que seria preciso entregar sua vida, pois sem derramamento de sangue jamais haveria remissão de pecados **Hb. 9:22**. Aqui, focaremos na postura de arrependimento que deveria ser expressa no Dia da Expição²². Mas hoje, os frutos de arrependimento devem nos acompanhar todos os dias de nossas vidas.

“O arrependimento é uma tristeza sincera por causa do pecado, é renunciá-lo e comprometer-se sinceramente em abandoná-lo e andar em obediência a Cristo” (Grudem p.952).

A pessoa entende que o pecado é uma falta contra Deus.

Juntamente com esse entendimento, ela reconhece o que a bíblia diz sobre o pecado e sente o pesar dessa triste verdade.

Aqui surge a decisão pessoal de abandonar o pecado.

E por fim, passa a viver uma vida transformada pelo Senhor Jesus!

22. Para ver mais sobre os detalhes do rito no dia da Expição e algumas conexões do rito com a Nova Aliança confira o capítulo onde comentamos Lv. 16.

É importante dizer que só o Senhor reconhece o arrependimento genuíno no coração de cada um. Arrependimento não são meramente tristeza e remorso, mas, um movimento interno e sincero que nos conduz a uma nova vida alinhada com o coração de Deus.

O perigo do remorso é que este deixa o homem no lugar onde está: pecado e acusações. O remorso conduz o homem a morte **2Co. 7:9-10**. Mas o arrependimento nos tira do lugar onde estamos para vivermos livres das acusações e perdoados pela graça de Deus.

Um ponto importante sobre o arrependimento é que ele não se restringe apenas ao início da nossa vida cristã, mas deve nos acompanhar durante toda a jornada proposta a nós produzindo “*frutos de arrependimento*”. A oração do Pai Nosso é uma prece que toca em aspectos cotidianos como “*o pão nosso de cada dia*”. Assim, veja que pedir perdão pelas nossas faltas também é um assunto cotidiano: “*perdoa-nos as nossas dívidas*” **Mt. 6:12**.

1Jo. 1:8 nos alerta do perigo da justiça própria. Mas se reconhecermos os nossos pecados e nos arrependermos, há boas notícias **1Jo. 1:9** e **Pv. 28:13**. Ele é Fiel e Justo para nos perdoar e nos purificar, pois todo aquele que confessa e deixa encontrará misericórdia!

v.28-30 Em Levítico, percebemos que a observação anual do Dia da Expição era um indicativo do pecado que continuava acusando a consciência do povo, sendo assim necessárias as realizações de sacrifícios ano após ano.

Qualquer um que não entendesse a necessidade do Dia da Expição em Israel seria eliminado do povo do Senhor, ou seja, nunca mais seria contado entre os redimidos nessa vida e na vida vindoura. Isso está falando de condenação eterna.

v.31-32 Esse dia é chamado de “*sábado de descanso solene*”. Perceba como o princípio sabático de confiança no Senhor costurava o calendário judaico por inteiro. Entrar no descanso do Senhor aponta para a confiança cotidiana em Deus. Nunca foi sobre apenas um dia, mas uma vida inteira! Deus está nos chamando para esse lugar de descanso Nele!

Em Levítico, eles precisavam se lembrar anualmente, no Dia da Expição, e assim confiar unicamente na Misericórdia de Deus. Para nós, a exigência é mais elevada, pois nós não devemos lembrar-nos disso apenas num dia específico. Todos os dias, nós reconhecemos o sangue de Jesus vertido na Cruz do Calvário que nos purificou de todos os nossos pecados e transformou nossa natureza caída e consciência morta numa nova vida, a fim de vivermos para Deus eternamente!

v.33-34 Após o Dia da Expição, mais especificamente, no dia 15 do sétimo mês, seria o início da Festa dos Tabernáculos ou Festa das Cabanas ao Senhor.

v.35-36 Eram sete dias de festa, cujos primeiro e último dia eram “*santas convocações*”, e nenhuma obra servil deveria ser feita.

Em **Nm. 29:12-38** temos o detalhamento das ofertas e sacrifícios para cada dia da Festa dos Tabernáculos.

Pela descrição extremamente abundante, muitos estudiosos consideram que essa festa era a principal celebração anual prevista na lei de Moisés. A Festa das Primícias marcava o início da safra de cereais, mas a Festa dos Tabernáculos marcaria o fim da colheita dos frutos do outono (uvas, figos e azeitonas), além da expectativa das chuvas temporãs prenunciando um novo ciclo agrícola.

Com isso, podemos ter uma ideia de muitos animais sendo usados em sacrifícios pacíficos resultando em fartas refeições de comunhão, mesas com muitos frutos, azeite de oliva fresco, pães e bolos. Era uma festa que movimentava a vida do povo como um todo.

v.37-38 O impacto dessa festa na vida das pessoas pode ser visto em alguns detalhes aqui descritos. Tratava-se de uma celebração realizada quando já tinham recolhido os últimos frutos, ou seja, não havia ceifeiros trabalhando, e por estarem aguardando as primeiras chuvas, não havia semeadores no campo. Era um tempo de expectativas!

Então, eles construíam tendas com ramos de palmeiras e galhos de árvores frondosas, e durante os sete dias da festa, eles habitavam nessas tendas! Pense em como seria uma mudança radical na sua rotina se você precisasse viver numa tenda durante sete dias! Mas porque tudo isso?

v.43 Aqui está o princípio por trás dessa grande festa: “*vo-cês, como peregrinos, habitaram em tendas no deserto*”. O Senhor que sustentou o povo no deserto não mudou nem mudará! Vocês precisam lembrar-se disso todos os anos!

Aqui vemos como esse princípio aplica-se a nós. Por vezes, nos esquecemos de sermos gratos a Deus todos os dias, mesmo que talvez sejam pequenos detalhes, mas em todos eles: Louve ao Senhor!

Dt. 8:11-14 faz uma observação pertinente a respeito da tendência do coração humano esquecer-se de Deus. Quando o povo entrasse na terra de Canaã, não poderia perder-se nas bênçãos do Senhor.

Quando estudamos o livro do Profeta Oséias²³, nós vimos que, infelizmente, foi exatamente o que aconteceu. Israel se perdeu na idolatria dos cananeus. O povo que foi chamado para ser santo tornou-se como as outras nações.

Nos dias de Salomão, o inimigo infiltrou-se de modo sutil e letal, pois o próprio rei Salomão pôs o Egito dentro da corte de Judá, em Jerusalém, na Cidade do Senhor, casando-se com a filha do faraó **1Rs. 11:1-2**.

Sabemos que o reino se dividiu em dois, o Reino do Norte teve seu início marcado por idolatria e esquecimento total da Lei do Senhor. Vemos a loucura de Jeroboão I em **1Rs. 12:28-32**. E note um detalhe: A Festa dos Tabernáculos era no dia 15 do sétimo mês. Jeroboão institui a sua própria festa de idolatria no OITAVO mês, aos quinze dias. **Os. 2:5,8** diz que Israel, como uma

23. Baixe gratuitamente nosso livro “*Oséias – O amor Incansável de Deus*” em nosso site **www.zecaquintanilha.com** e leia mais sobre o assunto.

esposa transviada, atribuiu toda fartura da terra a Baal. Israel falhou em guardar o seu coração em Deus.

Se na Páscoa, Israel deveria lembrar-se da libertação do Egito, na Festa dos Tabernáculos, eles lembrariam que o Senhor sustentou o povo no meio do deserto. Essa base correta fornece um princípio para nós.

Todos os dias, nós vivemos como se fosse Páscoa, pois devemos lembrar e louvar ao Cordeiro de Deus que nos alcançou trazendo nossa libertação do império das trevas. Mas igualmente, todos os dias será Festa dos Tabernáculos, pois sabemos que somos peregrinos nessa terra, e TUDO QUE TEMOS, AQUI, SÃO SÓ CABANAS. Céus e terra passarão! Nunca se esqueça que Jesus foi para o Pai nos preparar moradas eternas!

Independente da estação, escassez ou abundância, seja grato ao Senhor, pois Ele te sustentará em pastos verdejantes, mas igualmente no vale da sombra da morte! Nada nos faltará **Sl. 23:1**. Ele é o Nosso Pastor Eterno!

Por fim, talvez seja apropriado responder uma última pergunta: Então precisamos guardar a execução desses calendários de festas judaicas para sermos salvos ou abençoados? A resposta é: Absolutamente, NÃO!

Paulo exortou os gálatas dizendo que depender dessas práticas seria como voltar à escravidão **Gl. 4:8-10**. Não voltem ao Egito!

Ninguém deve lhe julgar por causa de dietas judaicas, festas ou sábados. Essas coisas eram a sombra do que estaria por vir, mas o “corpo”, a imagem real, é Cristo! E nossas vidas estão escondidas Nele **Cl. 2:16-17** e **Cl. 3:1-4**.

Assim, olhe para Jesus e você verá a Perfeita Páscoa para sempre! Olhe para Jesus e você verá a Perfeita Festa dos Tabernáculos para sempre. Nosso Redentor e Sustentador Eterno está voltando. O profeta Zacarias viu que haverá um tempo em que as nações celebrarão a Festa dos Tabernáculos no governo do Messias **Zc. 14:16**! Esse Dia está chegando! Jesus é o Tabernáculo Perfeito!



As lâmpadas continuarão acesas

Levítico 24



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



As lâmpadas continuarão acesas

Levítico 24

Um dos grandes desafios para os leitores de Levítico é perceber a conexão lógica entre os capítulos e seções do livro. A percepção e apreensão dessas conexões não só fornecem a base para uma interpretação segura do texto, mas também nos ajudam a aplicar o texto às nossas vidas de modo coerente e exaltando a Palavra de Deus.

Um calendário anual de celebrações foi dado à nação de Israel em **Lv. 23**, mas aqui em **Lv. 24**, o povo é lembrado de que as lâmpadas do candelabro precisavam ser mantidas acesas continuamente **v.01**, bem como os pães da proposição postos continuamente perante o Senhor **v.08**, independente de qualquer festa. A chave desse capítulo é “*continuidade*”. E no final desse capítulo veremos que o esquecimento da santidade do Senhor provocaria o pecado. Nós sabemos qual é o salário do pecado: morte.

Assim, é como que se Moisés estivesse dizendo: “*Israel, precisamos alimentar a chama da adoração todos os dias. Não somente nas festas listadas no calendário*”. Essa palavra aplica-se a nós! Devemos fazer um altar ao Senhor da nossa rotina, do nosso cotidiano e dos aspectos mais singelos da nossa vida. Lembre que o Senhor é o Sustentador de todas as coisas **Hb. 1:3**, inclusive das batidas do seu coração que pulsa nesse momento em que você lê essas palavras.

v.01-02 O primeiro símbolo listado aqui, que representava a Presença contínua do Senhor entre o seu povo, é o candelabro, também conhecido por seu nome hebraico, a *menorá*.

Era um candelabro feito de ouro puro e forjado como uma peça sem emendas. Havia uma haste principal, e desta saíam três hastes para cada lado, totalizando sete hastes, cada uma delas com uma lâmpada. Mais detalhes podem ser vistos em **Ex. 25:31-40**.

O candelabro ficava dentro do Tabernáculo, no Santo Lugar, ou seja, na parte exterior do véu juntamente com o altar de incenso e a mesa dos pães da Presença. Para quem entrasse na Tenda, o candelabro estaria do lado esquerdo dentro do Santo Lugar.

O Santo Lugar não tinha janelas. A única fonte de luz no Santo Lugar seria o candelabro. Aqui surge a responsabilidade: “*Que haja lâmpada acesa continuamente*”. A luz não pode se apagar! A chama precisa continuar acesa!

Contudo, o único modo de manter a chama acesa era se houvesse a manutenção de “*azeite puro de oliveira*”. O azeite aponta para a unção e o Espírito Santo sobre nossas vidas **1Sm. 16:13**.

Hoje, na Nova aliança, o Senhor Jesus e nós, como sua Igreja, somos a luz do mundo **Mt. 5:14, Lc. 1:78-79, Jo. 8:12 e 1Jo. 1:5-7**. Em **Ap. 1:12-17**, João viu o Senhor Jesus glorificado no meio dos “*sete candeeiros*”, e em **Ap. 1:20**, sabemos que os sete candeeiros são as Sete Igrejas. Assim, olhar para esse candelabro no AT é ver uma sombra da Igreja revelada no NT.

O ponto é que a falta de azeite nas lâmpadas é um risco. Na Parábola das Dez Virgens, a falta do azeite nas lamparinas custou muito caro às cinco virgens imprudentes. Quando o Noivo

chegou, já era tarde demais para se buscar o azeite. Elas até tentaram encontrar azeite, e conseguiram, mas quando as cinco virgens imprudentes voltaram, a porta já havia se fechado **Lc. 25:10-13**.

O azeite do relacionamento precisa ser cultivado e preparado no cotidiano. O azeite é um produto da azeitona, do fruto da oliveira. Para ter azeite é preciso cuidar da terra e vigiar a planta contra pestes e pragas. Na colheita, o fruto precisa ser trazido até a prensa! E então, o azeite puro é extraído da primeira prensa das azeitonas.

Convide o Espírito Santo para a terra do seu coração. Vigie se algum pensamento, intenção ou motivação incompatível com a santidade de Deus não está tentando se instalar em seu coração. Na produção do azeite, saiba que você será prensado, mas no final você terá nas mãos o necessário para manter a chama acesa.

v.03-04 Isso seria um estatuto perpétuo para Israel, e a expressão “*continuamente*” é reforçada por um detalhe: “*desde a tarde até pela manhã*”, ou seja, a noite inteira. Durante toda a noite, no período mais difícil, quando não havia pessoas chegando e saindo do Tabernáculo. Como vivemos quando os olhos dos homens não estão sobre nós?

Da mesma maneira que a chama no altar de bronze arderia continuamente sobre o altar e não se apagaria **Lv. 6:13**, assim também devia ser a luz do candelabro: acesa continuamente dentro da Tenda.

Então, cultive o hábito de conversar com o Espírito Santo em oração. Você ouvirá a Doce Voz do Espírito soprando o Fruto do Espírito em seu interior **Gl. 5:22-25**. Ser luz é ANDAR no Espírito. Nós teremos uma conduta que comunicará as realidades do Espírito de Deus.

Renda-se ao Deus que efetua isso EM nós, e seja como luzeiro nesse mundo em trevas **Fp. 2:13-15**.

v.05-06 O segundo símbolo da Presença contínua do Senhor entre o povo de Israel era a manutenção dos “*pães da Presença*”.

Esses pães eram feitos da melhor farinha e o número doze aponta para as doze tribos de Israel como um só povo na presença do Senhor. Eram doze pães relativamente grandes. Cada pão era feito a partir de duas dízimas de um efa.

É difícil estabelecer com exatidão a equivalência de um efa com nossas unidades modernas de peso e volume. Mas uma tabela de equivalência da Bíblia Shedd sugere 17,621 litros para 1 efa. Se essa medida estiver aproximadamente correta, cada pão pesaria aproximadamente 3kg.

Mas o ponto é o significado de quanto o pão é um elemento essencial para a subsistência. Assim, o Senhor está dizendo que Sua Presença é indispensável às nossas vidas! Não podemos nos esquecer disso ou nos distrair com as coisas desse mundo.

Aqui, lembramos de dois textos do NT. O primeiro é **Jo. 6:26-27, 31-35**. Os homens que procuraram Jesus, o buscaram pelo pão que haviam comido na multiplicação. O pão que saciaria seus próprios ventres. O Senhor nos alerta que devemos nos mover

até Ele pelo “*pão que subsiste para a vida eterna*”. Jesus é o Pão da Vida.

O segundo texto é **Mt. 4:3-4**. Precisamos estar conscientes de que Satanás nos tentará de modo semelhante ao que tentou o Nosso Mestre: “*Se você é Filho de Deus, porque está com fome?*” Jesus foi tentado no mesmo aspecto em que o povo de Israel caiu no deserto. Israel com fome caiu em murmuração. As estações de escassez não podem gerar ofensas contra Deus ou falta de confiança e contentamento. Mas se Israel falhou, Jesus venceu: “*Nem só de pão viverá o homem, mas de toda Palavra que procede da boca de Deus*”.

Se nós trabalhamos, a força vem de Deus! Honre a Presença! Se uma porta se abrir, não se engane! Foram as mãos do Senhor! Honre a Presença! Mas se houver escassez, o Senhor continua te sustentando... Honre a Presença!

Em Levítico, os pães da presença eram postos sobre a mesa. E sabemos que essa mesa dentro do Tabernáculo aponta para comunhão e intimidade com a Presença do Senhor. Quando nos assentamos com Jesus, Ele nos nutre! Recebemos a nutrição necessária para continuar a jornada e seguir até completá-la.

Ap. 3:20 nos diz que Jesus bate à porta de nossos corações. Se ouvirmos as batidas e abrirmos a porta, Ele entrará e se assentará conosco para comermos juntos. Como você se sentiria se você fosse comer numa praça de alimentação, e um estranho se sentasse na sua mesa, embora todas as outras mesas estivessem vazias? No mínimo uma estranheza! Por quê?

Porque só nos assentamos para comer com alguém que temos ou queremos ter intimidade. Como você se sente em saber que Jesus quer ter essa intimidade conosco?

V.07-08 Os pães eram empilhados, ou enfileirados em dois grupos de seis pães. Sobre cada fileira era posta uma porção de incenso, provavelmente, num prato.

Ao queimarem o incenso, essa porção memorial seria uma oferta ao Senhor. O memorial era um lembrete, não para o Senhor, mas para o povo. Isso é muito apropriado ao incenso que, tanto no AT como no NT, é um símbolo da oração **Sl. 141:2** e **Ap. 5:8**.

No lugar de oração podemos ser lembrados pelo Espírito de quem o Senhor é e dos seus maravilhosos feitos. Essa memória nos nutre em meio às adversidades **Lm. 3:19-23**.

Os pães eram postos continuamente a cada sábado perante o Senhor por aliança perpétua. Nós também temos uma aliança com Deus, aliança firmada no sangue de Jesus, o próprio Pão da vida, cujo corpo foi partido entre nós.

v.09 Somente o sacerdócio poderia consumir desse pão que é chamado aqui de “*porção santíssima*”. Mas há uma passagem que nos mostra como a misericórdia deve sobrepujar a nossa capacidade de cumprir regras. **1Sm. 21:3-5** nos mostra Davi, faminto e fugindo de Saul, indo até Nobe. Davi pede pão ao sacerdote Aimeleque. Mas o sacerdote só tinha os pães da Presença, e então, os deu a Davi, com apenas a condição de que todos que comessem estivessem ritualmente puros. Mas porque Davi não foi consumido?

Em **Mt. 12:1-4**, Jesus endossou a conduta de Aimeleque mostrando que a esfera de misericórdia deve sobrepor à capacidade dos homens cumprirem meramente leis cerimoniais, sem amarem ao Senhor.

Se nossa religiosidade ou prática de vida viola o amor ao próximo, nós não entendemos ainda o que o Senhor espera de nós.

Tanto o candelabro como os pães da presença eram símbolos da própria Presença do Senhor entre o povo. O chamado aqui é ame a Presença de Deus! No NT, aprendemos como viver essa realidade de modo prático **1Jo. 4:10-13,19-21**.

O texto em Levítico passa a ter um tom mais narrativo, no qual surge um episódio de blasfêmia. Mas você perceberá que o fio condutor do capítulo continua sendo a Presença Santa contínua entre o povo.

v.10-11 Uma mulher da tribo de Dã, chamada Selomite, casou-se com um egípcio, ainda quando estava no Egito. Desse relacionamento nasceu um menino meio israelita e meio egípcio. Aqui em Levítico, ele já seria um jovem ou adulto. Mas por algum motivo que o texto não conta, o filho de Selomite entra em contenda com um homem israelita.

A questão é que o filho de Selomite blasfemou e amaldiçoou o nome do Senhor. Então o trouxeram até Moisés para saberem como proceder, uma vez que não se tratava de um israelita “*hebreu de hebreus*”, ou seja, de pai e mãe hebreus.

v.12-14 Ele ficou preso até que viesse a palavra do próprio Senhor. A sentença foi uma pena capital executada por apedrejamento. Veja o **v.23**. O que deve ser notado aqui é que a sentença não foi dada por Moisés, mas foi uma sentença do próprio Deus.

Mas também, “*todos que ouviram a blasfêmia*” estavam em pecado. Todos que ouviram precisaram por as mãos sobre a

cabeça do blasfemador. A blasfêmia trazia culpa sobre aquele que a proferisse, bem como sobre aqueles que ouvissem. A morte do blasfemador serviria de algum modo como expiação sobre aqueles que ouviam.

Essa é uma das características dos pecados provocados pela língua desenfreada. Quando pessoas da igreja se unem para falar mal do próximo, aquele que fala está pecando, mas aqueles que estão desejosos de ouvir, se assentam para escutar, alimentar a conversa e nutrir a maledicência, todos estão igualmente pecando **Tg. 4:11-12** e **1Co. 15:33**.

v.15-16 O pecado de blasfêmia não consistia simplesmente no uso do nome do Senhor, mas em mencioná-Lo numa maldição profanando sua Santidade.

No NT, temos um ensino de Jesus que pode ser aproximado dessa prescrição tão dura. Veja **Mc. 3:28-30**. Essa é uma das afirmações mais inquietantes de Jesus nos evangelhos.

A blasfêmia contra o Espírito Santo precisa ser vista no contexto que Marcos nos dá. João Batista disse a respeito de Jesus que “*Ele vos batizará com Espírito Santo*” **Mc. 1:8**. No batismo, O Espírito Santo desceu sobre Jesus **Mc. 1:10**. Jesus se movia no poder do Espírito do Senhor.

Mas os escribas e fariseus diziam que Jesus tinha um espírito maligno ou imundo. Como alguém pode olhar para o Filho de Deus, no poder do Espírito Santo e dizer que é Belzebu? Jesus aqui diferenciou a blasfêmia contra Ele mesmo e contra o Espírito Santo.

A blasfêmia contra Jesus é cometida por aqueles que não crêem, e por isso há perdão gracioso quando passam a crer em Jesus. Mas a blasfêmia contra o Espírito é cometida por aqueles que poderiam reconhecer o Espírito, mas o resistem maldizendo o Espírito Santo.

Aqueles fariseus conheciam as Escrituras e conheciam os testemunhos dos profetas a respeito do Espírito de Yahweh! Eles não estavam falando por desconhecimento ou descrença, mas falavam conscientemente, pois reconheciam que a única explicação para a expulsão dos demônios seria o poder de Deus, mas preferiram resistir ao Espírito blasfemando dizendo que se tratava de um espírito imundo. Preferiram blasfemar a exaltar a Deus.

Nós somos aqueles que temos o presente do Espírito habitando em nós. Precisamos ser sensíveis a Ele. O Espírito é quem nos convence do pecado, da justiça e do juízo. Se soubermos onde está a verdade e onde a luz brilha, não podemos jamais sequer cogitar que o Espírito de Deus seja um espírito de engano ou trevas **Hb. 6:4-6**. Isso seria cair num lugar sem volta. Uma sentença do próprio Deus!

v.17-21 Nesses versos a lei mostrava que as punições deveriam ser proporcionais às transgressões. O objetivo não era promover vingança, mas garantir a justiça. Se nós formos profundamente sinceros, reconheceremos que qualquer um seria tentado a ser mais severo na retribuição de um mal sofrido.

Os comentaristas aqui também percebem que na maioria dos casos, a lei era aplicada, mas não literalmente. Por exemplo,

se um escravo perdesse um olho, este receberia a liberdade **Ex. 21:26**. Assim, a previsão era algum tipo de compensação à altura do dano sofrido. Exceto nos casos de homicídios premeditados **Nm. 35:16**.

v.22 O objetivo era a equidade. Alguém poderia ver um estrangeiro e ser tentado a julgá-lo de modo injusto ou com parcialidade, só pelo fato dele não ser um israelita.

“Olho por olho, dente por dente” é a conhecida *lex taliones*, ou lei do talião. Jesus não revoga a lei da retribuição no NT, mas a eleva ao seu máximo dentro do Reino de Deus.

Ao invés de pedir a face direita daquele que te feriu (o que seria esperado), Jesus diz: *“Sofra o dano”, “Dê a outra face também”*. Ele não diz que a retribuição seria indevida, mas no Reino, somos chamados a ser como o Cristo. Ora, na verdade somos chamados de *“cristãos”*. Isso deveria significar alguma coisa...

A tradição dos judeus dizia: *“ame o teu próximo, mas odeie o teu inimigo”*. Esse ensino não estava na Lei de Moisés, mas nas interpretações rabínicas, às quais os fariseus atribuíam autoridade divina. Por isso Jesus disse que os fariseus quebravam a Lei por suas tradições. Jesus está nos levando a uma vida que ama ao Senhor e o próximo **Mt. 5:44-45**! Mas como podemos amar?

Ele nos amou primeiro **1Jo. 5:14**. Em seguida o amor é o fruto do Espírito. O Fruto do Espírito produzirá uma vida direcionada pelo Senhor, onde haverá azeite e luz.

Aqui, voltamos ao início desse capítulo. A Vida do Espírito, na qual o azeite da intimidade com Deus está alimentando

nossas lamparinas, será uma vida INTEIRA com os olhos em Cristo, com os pés nas pisadas de amor e misericórdia do Mestre, mas com a cruz sobre os ombros.

Isso é ter comunhão com Cristo. Se nos unirmos em semelhança a Ele em sua morte, certamente, o seremos na semelhança de sua ressurreição **Rm. 6:4-5**. Isso é se assentar à mesa com o Mestre todos os dias.

O Jubileu em confiança e justiça social

Levítico 25:1-22



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



O Jubileu em confiança e justiça social

Levítico 25:1-22

Nesse ponto de nossa jornada dentro de Levítico, com tudo que já vimos nesse livro extraordinário, podemos afirmar que Levítico está longe de ser apenas um amontoado de leis. As narrativas são vivas, as prescrições são permeadas por princípios espirituais atemporais, e agora, veremos que Levítico também reafirma o cumprimento de promessas. Não só isso, mas também aponta para o modo como o povo do Senhor deveria viver quando as promessas estivessem cumpridas e Israel entrasse em Canaã.

Deus é Fiel e Poderoso para cumprir tudo que promete. Mas como nós devemos viver nas estações em que experimentamos as bênçãos do Senhor e o cumprimento de suas promessas? Parece haver uma tendência de esquecimento quando alguns passam a desfrutar avanços e prosperidade. Vemos pessoas que se lembram de Deus enquanto aguardam as promessas, mas após o cumprimento, esquecem-se do Senhor que prometeu e cumpriu.

Aqui, Moisés recebe instruções do Senhor para serem transmitidas ao povo a respeito do modo de viver na Terra Prometida, sem se perderem da confiança no Senhor. E como Deus ensina Moisés a proteger o coração do esquecimento? Falando com Moisés de um lugar muito especial.

v.01 “No monte Sinai”. Algumas vezes, Deus falou a Moisés da Tenda da Congregação **Lv. 1:1** e **Nm. 7:89**. Mas aqui, Deus está falando com Moisés no monte Sinai.

É difícil afirmar sobre a localização exata desse monte, mas o mais provável seja a região da Península do Sinai. Os filhos de Israel chegaram a essa região do deserto do Sinai após três meses da saída do Egito **Ex. 19:1-2**. Ali, o Senhor deu a Moisés os Dez Mandamentos, as instruções sobre a construção do Tabernáculo e diversas leis.

Esse lugar era revestido de grande importância para Israel porque foi no Sinai que o Senhor firmara seu Pacto de Aliança **cf. Ne. 9:13** e **At. 7:30-38**. Mas em Deuteronômio, alguns salmos, livros históricos e até proféticos, esse monte também é chamado de Horebe **Dt. 5:2-5**, **1Rs. 8:9**, **Sl. 106:19** e **Ml. 4:4**. Alguns dizem que Horebe era o pico menor do Sinai. Mas porque isso é importante para esse capítulo?

O Senhor estava falando sobre não se esquecerem de confiar Nele. Então Deus leva Moisés até o lugar onde tudo começou. Foi exatamente nesse monte que Deus encontrou Moisés pastoreando o rebanho do seu sogro. Foi em Horebe que Moisés conheceu o Senhor na sarça ardente **Ex. 3:1-2**.

Quantas memórias e lembranças devem ter vindo à mente de Moisés! Ali, Deus prometeu a Moisés: *“Eu desci pra livrar meu povo das mãos egípcias [...] Eu vou levá-los a uma terra que mana leite e mel”* **Ex. 3:8**. *“Eu serei contigo”* **Ex. 3:12**.

Agora, em **Lv. 25:1**, Deus e Moisés estão novamente em Horebe. Onde tudo começou! Moisés deve ter se lembrado da sarça, do fogo santo e de como o Senhor fez de um assassino fugitivo um poderoso instrumento de libertação e liderança para Israel. Deus também está sempre nos lembrando do nosso primeiro encontro! Onde Deus transformou nossas histórias!

Moisés precisaria dizer ao povo: “*Nós entraremos na Terra, mas precisaremos continuar confiando no Senhor*”. E como isso seria expresso?

v.02-04 Assim como o povo trabalhava por seis dias e no sétimo descansava como uma expressão de uma vida inteira em fidelidade e confiança no Senhor, do mesmo modo a terra seria cultivada por seis anos, e o sétimo ano seria um “*Ano Sabático*” para a terra.

Note esse detalhe: “*A terra que Eu [o Senhor] vos dou*”. Embora os cananeus habitassem naquela região, vemos aqui o que significa o **Sl. 24:1**: “*A terra e tudo que nela há pertencem ao Senhor*”. Ele confia sua propriedade nas mãos de quem Ele quiser! Ele é Deus! E hoje podemos ter a certeza de que apenas Um pode ser chamado Herdeiro de todas as coisas, Jesus Cristo **Hb. 1:2**.

Esse ano sabático, um ano de descanso para a terra, resultaria na proteção ecológica do próprio solo evitando um desgaste desenfreado da terra. Além disso, esse descanso contribuiria para colheitas mais saudáveis e prósperas nos anos seguintes.

Cuidar da criação e zelar por ela são aspectos inerentes ao chamado original de Adão antes da queda. O descanso da terra consistia em um ano sem sementeiras ou podas. A poda também era proibida no ano sabático porque ela seria uma técnica de levar a planta a mais frutos.

O homem é um mordomo que administra a terra do Senhor. Por causa do pecado, a humanidade se imagina como proprietária da criação. Mas aqui, Deus está deixando claro para Israel que Ele, o Senhor, era quem havia confiado a posse da terra ao seu povo.

v.05-07 Quando estamos consciente de que o Senhor é Aquele a quem todas as coisas pertencem, e que Ele está cuidando de nós em amor, bondade e generosidade, nós seremos capazes de ouvir o Espírito soprar em nossos corações: “*Confiem em mim*”.

Durante o ano sabático, não haveria colheitas organizadas pelos donos das terras. Tudo que fosse produzido naquele ano serviria de alimento ao povo, mas também aos escravos, trabalhadores, pobres, estrangeiros e até aos animais de rebanho. Essa previsão já havia sido feita em **Ex. 23:10-11**.

Alguns princípios podem ser extraídos aqui:

Confiança no Senhor – Pense que durante um ano inteiro, todos viveriam confiando que Deus faria a terra produzir e não faltaria mantimento ao povo e a ninguém que estivesse na terra de Israel naquele ano.

Sempre precisaremos resistir ao medo, à autossuficiência e à avareza para confiarmos no Senhor de todo o coração. Veja que isso não era um chamado à preguiça, até porque, por seis anos era necessário trabalhar consistentemente. Mas no sétimo ano, o povo demonstraria que sua confiança não estava no seu próprio trabalho, mas no cuidado do Bom Pai.

O cuidado e preocupação com os mais vulneráveis – O ano sabático trazia alívio àqueles que eram mais necessitados. Qualquer pessoa poderia colher os alimentos onde quer que eles estivessem.

O medo e a ansiedade poderiam levar alguns ao pecado da avareza e ganância no sexto ano, que antecederia o ano sabático. Veja **Dt. 15:9**, e perceba que alguns, sabendo que não poderiam colher no sétimo ano, seriam tentados pela ganância e “os olhos seriam malignos” quanto à necessidade do próximo.

Quando compartilhamos o que temos é necessário que haja liberalidade e alegria em nossos corações. O Senhor nos garante que se não houver mal em nossas intenções: “*Eu te abençoarei em toda obra e em tudo o que emprenderes*” **Dt. 15:10**.

E aqui algo estarrecedor é dito: “*Nunca deixará de haver pobres na terra*” **Dt. 15:11**. Isso desafia nosso senso de justiça social. Mas três coisas podem ser ditas sobre isso:

Se a humanidade, por si só, pusesse fim a fome sobre a terra que está subjugada à maldição do pecado, o homem poderia se vangloriar de suas próprias obras. Deus não se agrada em ver pobreza e miséria porque elas são consequências da corrupção humana. Mas ver a pobreza sobre o planeta também denuncia a incapacidade do homem de, por si só, redimir, não só a humanidade caída, mas também toda a criação.

Ao mesmo tempo, aqueles que foram libertos e redimidos pelo Senhor (Israel no AT e a Igreja no NT) têm uma responsabilidade com a justiça social. Quando ajudamos o próximo não estamos estendendo a nossa própria bondade, mas nos tornamos uma expressão da bondade e generosidade de Deus.

Assim, protegemos os nossos corações da ganância, indiferença e avareza, e ao mesmo tempo, o Senhor é conhecido através de nosso modo de viver. Entenda que isso não se resume a filantropia. A filantropia é o homem ajudando o próprio homem. Aqui, vemos o próprio Deus ajudando o necessitado por meio do seu povo restaurado. Na filantropia, a glória não é necessariamente dada a Deus, porque o objetivo é apenas o próximo. Mas quando o povo do Senhor pratica o amor ao próximo, isso deve ser um reflexo do Amor de Deus! A Glória pertence única e exclusivamente ao Senhor!

Por fim, somente quando Jesus voltar, em seu Reino sobre todas as nações, que haverá o fim definitivo da fome e das desigualdades sociais. O Governo de Cristo estabelecerá equidade e justiça sem fim.

v.08-10 Se o ano sabático traria um alívio aos mais vulneráveis, o texto nos mostra que havia uma provisão ainda mais graciosa. No sétimo ano sabático, cumprindo-se “*sete semanas de anos*”, ou seja, sete vezes sete, resultando em quarenta e nove anos, no dia 10 do sétimo mês, que era o Dia da Expição, seria anunciado com trombetas que o quinquagésimo ano seria santificado ao Senhor: Esse ano era chamado de “*Ano do Jubileu*”.

O Ano do Jubileu era uma oportunidade de novos começos porque nessa ocasião era declarada liberdade a todos os habitantes da terra e a devolução das posses aos seus respectivos donos.

v.11-12 Esse ano seria um grande teste de fé! O povo estaria saindo de um ano sabático, no qual a terra não teria sido cultivada, e então entrariam no Ano do Jubileu, no qual, por mais um ano não haveria colheitas organizadas.

Talvez alguém pudesse perguntar: “*Mas o que vamos comer por três anos?*”. Eles não semeariam nem colheriam no ano sabático, nem no Jubileu, e no ano seguinte eles ainda teriam que aguardar o tempo das colheitas.

v.20 O Senhor previu essa pergunta e Ele sempre é gracioso em nos responder no lugar de fé. Podemos trazer nossas perguntas para o solo da fé. Não deixe seu coração se enraizar no terreno da incredulidade.

v.21-22 No sexto ano, que antecederia o ano sabático e o Jubileu, o Senhor daria a provisão necessária. Ele derramaria sua bênção abundante suficiente para três anos! “*No oitavo ano*” o povo ainda seria suprido pelas colheitas do sexto ano! Esse é o Nosso Deus!

Em resumo, no sexto ano, após o fim das colheitas no período da Festa dos Tabernáculos, o povo teria provisão para o restante daquele ano. No sétimo ano, o ano sabático, eles não colheriam nem semeariam. No oitavo ano, Ano do Jubileu, novamente, não semeariam nem colheriam até a Festa dos Tabernáculos daquele ano. No período da Festa dos Tabernáculos eram esperadas as chuvas temporãs, e só então semeariam, mas para colher no nono ano! Até lá, Deus diz: “*Eu trarei minha bênção sobre vocês! Apenas confiem em Mim!*”.

Essa provisão ecoa o modo como o maná no deserto era guardado no sexto dia com provisão suficiente para o sétimo sem que se estragasse. No sexto dia, a porção de maná era dobrada **Ex. 16:4-5**.

A provisão de Deus não é dada segundo as nossas necessidades. Isso seria uma redução absurda. A provisão de Deus é segundo a sua riqueza em Glória **Fp. 4:19**. Tanto aqui em Levítico, como em Filipenses, vemos um chamado à fidelidade, generosidade e confiança no Senhor.

v.13-17 O Ano do Jubileu era um ano de restituição! Se algum irmão vendesse suas terras por causa de uma dificuldade financeira, no Ano do Jubileu a terra voltaria para a posse da família a quem pertencia. **Nm. 36:9** afirma categoricamente que a herança de uma tribo jamais poderia passar para a outra. Aquilo que Deus lhe deu por herança está guardado em Cristo! Confie em Deus!

Até as relações de compra e venda de terras seriam afetadas pelo ano do Jubileu, pois o valor da transação seria calculado com base em quantos anos faltassem para o Jubileu. Se faltassem trinta anos, pagaria o proporcional por trinta anos, pois no Jubileu, ele precisava restituir ao dono original à sua terra.

Essa lei impediria o acúmulo desenfreado de bens e riquezas provocado pela luxúria e ganância. Infelizmente, parece que Israel nunca cumpriu esse aspecto da lei. Não há nenhuma menção bíblica dessa prática.

v.18-19 A garantia de segurança na terra estava condicionada à obediência aos mandamentos do Senhor. A desobediência faria a terra vomitar os israelitas do mesmo modo como os cananeus foram vomitados de Canaã **Lv. 18:24-25,28**.

Em **2Cr. 36:21**, vemos que os setenta anos do cativeiro também serviram como descanso para a terra, o qual Israel negligenciou. Esse texto reforça a possibilidade do povo nunca ter cumprido a lei do ano sabático, tão pouco, o ano do Jubileu.

A devolução das posses proporcionaria um novo começo a todos. A Palavra de Deus denuncia o capitalismo selvagem que afunda as pessoas no consumismo e endividamentos, mas também se opõe ao comunismo radical, uma vez que as posses das pessoas não ficariam sujeitas ao estado, mas voltariam para os seus proprietários originais.

O Jubileu seria um Ano de Restituição. O fato de não haver registros bíblicos sobre a prática do Jubileu é muito relevante para nós que estamos em Cristo. Por quê?

O profeta Joel, recebendo revelações proféticas a respeito do Dia do Senhor, previu um tempo de restituição precedido por quebrantamento e arrependimento. Veja **Jl. 2:13-19,23-25** e note como os aspectos de restituição ditos por Joel se conectam ao Ano do Jubileu.

Jl. 2:14 “Deixar após si uma benção” – Essa linguagem fala da respiga. As espigas que eram deixadas para os mais vulneráveis. O Senhor sabe o quanto você precisa Dele.

Jl. 2:15 “Tocai a trombeta” – O mesmo modo como o Ano do Jubileu deveria ser anunciado, com toque de trombetas vibrantes!

Jl. 2:16 “*Santificai a Congregação*” – O Ano do Jubileu era um ano santificado ao Senhor. Assim também, todos que adentrassem o Ano também viveriam essa realidade de santificação! Cristo nos santificou para Ele mesmo.

Jl. 2:17 “*A herança não seria entregue ao opróbrio*” – As heranças eram devolvidas no Jubileu! Bem como nós somos co-herdeiros com Cristo e nossa vida está escondida juntamente com Ele.

Jl. 2:19 “*Prosperidade agrícola*”. A colheita de um ano podia suprir três anos! O Senhor suprirá nossas necessidades segundo sua gloriosa riqueza em Cristo.

Mas sejamos sinceros... Quem poderia anunciar um Ano tão gracioso como esse? **Is. 61:1-2**. Apenas Jesus Cristo! Em **Lc. 4:18-19**, Jesus declarou o cumprimento dessa palavra sobre si. Ele foi ungido para proclamar o ANO ACEITÁVEL DO SENHOR!

Israel falhou em fornecer uma sombra do ano do favor do Senhor. Mas Jesus anunciou e liberou esse Ano plenamente sobre nossas vidas! Esse ano já foi inaugurado em sua primeira vinda e será completamente consumado em breve!

Maranata! Vem Senhor Jesus! Nesse dia, todas as coisas serão postas em seu devido lugar. Mas enquanto esse Dia vem, nós já somos os primeiros frutos da nova criação! Você faz parte das primícias do novo céu e nova terra. Que possamos, em Cristo, refletir a Justiça, a Generosidade e Equidade do Grande Dia!

Vivamos como se fosse “*pleno Dia*”, como Paulo diz em **Rm. 13:13**. O Reino de Deus chegou! É Ano de Jubileu! É o Ano do Favor de Deus sobre sua vida!



O Jubileu e o Nosso Resgatador

Levítico 25:23-55



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



O Jubileu e o Nosso Resgatador

Levítico 25:23-55

Numa sociedade capitalista e consumista como a que vivemos, precisamos reconhecer o quanto o sistema desse mundo caído está distante do coração de Deus, só em pensar numa tentativa de implementar um ano como o Jubileu.

Essa percepção está correta, pois apenas Jesus, o Rei dos reis é Justo e Poderoso para estabelecer esse nível de equidade e justiça sobre toda a terra. Em breve, Jesus voltará e tudo será consumado. Todas as coisas serão colocadas em seu devido lugar. Mas por enquanto, nós vivemos entre a inauguração e a consumação da chegada do Reino de Deus. Essa porção fornecerá algumas chaves para vivermos conscientes dessa transição de realidades, a saber, das coisas antigas para as novas coisas.

v.23 A primeira chave é que ninguém deveria se sentir como dono do que possui. Quando alguém declara “*Isso é meu*” com arrogância ou ganância, essa pessoa está iludida. Ela está afirmando o engano do seu coração e pecando contra Jesus que é o único Herdeiro de todas as coisas **Hb. 1:2**. Não nos referimos a respostas simples de quando perguntam algo como: “*De quem é esse carro ou essa casa?*” Mas nos referimos ao sentimento de autossuficiência e orgulho que leva o homem a pensar que pode sustentar-se por si só. Lembre: “*A terra é minha, diz o Senhor*”.

A segunda chave é: “*Vocês são como estrangeiros e peregrinos para mim, diz o Senhor*”. Nós só habitamos e desfrutamos do que

temos por causa da bondade e misericórdia de Deus. Só estamos vivos nessa terra por causa do favor do Senhor.

Tanto o estrangeiro, que era um residente permanente, como o forasteiro, aquele que era um residente temporário, ambos não tinham heranças na terra. Alguns até eram assalariados e poderiam comprar algumas terras, mas suas posses nunca foram uma herança do Senhor para eles.

v.24 Por isso, no Ano do Jubileu, toda a terra deveria ser resgatada. As terras, ao serem devolvidas às famílias que precisaram vender suas propriedades, na verdade, essas terras estavam sendo devolvidas ao Senhor, o verdadeiro proprietário de todas as coisas.

v.25 Segundo Levítico, se um irmão empobrecesse e necessitasse vender suas propriedades, havia três possibilidades de reaver seus bens.

Um resgatador – O resgatador, em hebraico *go'el*, era o parente mais próximo do necessitado. Ele tinha o direito do resgate. Perceba que não era um dever, mas sim, um privilégio que ninguém poderia obter na frente dele.

O exemplo mais claro do direito de um resgatador é visto em **Rt. 3:9,12-13**. Por mais que Boaz quisesse resgatar Rute, ele não poderia resgatá-la na frente do parente mais próximo. Era um direito! Só quando o resgatador declarou que não iria realizar o resgate, foi então que Boaz, sendo o próximo resgatador, pode assim fazer.

v.26-27 A segunda forma de alguém reaver seus bens vendidos por causa da pobreza é vista aqui.

Caso tornasse a prosperar – Se ninguém resgatasse o irmão que empobreceu, mas ele voltasse a prosperar, ele teria o direito de remir suas posses.

Veja que a base de valores da remissão continuava sendo o Ano do Jubileu. A venda inicial teria sido calculada com base em quantos anos faltassem para o Jubileu **Lv. 25:15-16**. Agora, o resgate seria baseado nos anos restantes para o Jubileu.

v.28 Por fim, caso não houvesse um resgatador e nem o indivíduo voltasse a prosperar, ainda havia uma ação graciosa do Senhor. Havia esperança para os oprimidos!

As devoluções de posses previstas no Ano do Jubileu – Isso revela que o Ano do Jubileu era um tempo de favor sobre aqueles que não tinham um resgatador, tão pouco, condições de reerguerem suas vidas por si só.

O Ano do Favor do Senhor aos necessitados era uma estação de esperança. O Senhor se revelaria como *go'el* dos oprimidos! Se ninguém os resgatar, Eu o Senhor serei o vosso Resgatador!

v.29-30 Aqui está uma observação específica sobre os direitos de resgate de casa. A lei do resgatador e o ano do Jubileu protegiam as terras cultiváveis, até porque estas terras também eram uma fonte de subsistência para as famílias.

Mas as casa que estavam em cidades muradas só poderiam ser resgatadas no prazo de um ano. Após esse prazo, o resgate não poderia mais ser reivindicado. Lógico, se o dono quisesse vender para o antigo proprietário, ele poderia, mas isso não seria uma obrigação prevista na Lei de Moisés. Ele venderia por seus próprios interesses.

v.31 Mas se a casa estivesse fora das cidades muradas, em aldeias ou no campo, essas casas seriam contempladas pela lei do resgatador e o Ano do Jubileu, garantindo o resgate e no Jubileu, a propriedade voltaria para seus moradores originais.

A atenção parece continuar voltada para os mais vulneráveis. Sem dúvidas, alguém que vivesse numa aldeia fora da cidade, teria um estilo de vida mais simples quando comparado aos moradores de uma cidade.

v.32-34 Sabemos que na divisão das terras de Canaã entre as tribos de Israel, apenas a Tribo de Levi não foi contemplada com porções de terra **Dt. 18:1-2**. Os descendentes de Levi eram sustentados pelo Senhor por meio das ofertas trazidas ao Tabernáculo.

Mas onde os levitas iriam morar? Então o Senhor ordenou que quarenta e oito cidades e os campos ao redor dessas cidades fossem dados aos levitas **Nm. 35:1-2,7**.

Nesse caso, os levitas tinham o direito de resgate perpétuo sobre sua casa. E ainda mais, no Jubileu, caso ele não tivesse conseguido resgatá-la, a posse voltaria às suas mãos no Ano do Favor

do Senhor. Os campos ao redor das casas sequer podiam ser vendidos, pois eram possessões perpétuas dos levitas.

Aqui vemos o que significa ter o Senhor como herança! Alguém que tivesse uma casa numa cidade ou uma casa comprada por seus esforços, essa residência não estava garantida pelo resgatador. Mas aqueles que não tiveram herança nessa terra, os levitas, aqueles que tinham o Senhor como sua herança, lhes era garantido que suas casas estariam guardadas e sempre teriam onde habitar!

Se o Senhor é o seu bem mais precioso, e você O tem como sua herança, existe um lugar seguro para sua vida no mundo espiritual. O Senhor está cobrindo sua vida nesse momento com suas asas!

v.35 Outra observação é feita a respeito de alguém que viesse a empobrecer. Não estamos falando de pessoas que vivessem dissolutamente, mas que por causa de questões justificáveis, viessem a empobrecer.

Em nossos dias, poderia ser alguém que sofresse um golpe financeiro de um estelionatário. Outro exemplo, quando alguém que por causa de uma enfermidade precisa vender tudo que possui para tentar formas de tratamento. Só em pensar nessas possibilidades, nossos corações sentem uma atmosfera de compaixão no Espírito.

O que a família de Cristo significa para você? Como você se sente em saber que temos O Pai Celestial e que todos somos irmãos? Então, se o teu irmão empobrecer e suas forças decaírem, ajude-o!

Não estou dizendo que devemos entrar em riscos financeiros por causa da dificuldade do outro, mas precisamos responder uma pergunta com sinceridade: “*Como temos repartido o nosso pão antes de comê-lo?*”. Veja **Tg. 2:15-16**.

v.36-37 No Antigo Oriente, a prática de empréstimos com juros era comum. Mas “*Israel é um caso isolado em proibir pagamentos de juros em empréstimos aos pobres*” (Wenham, 2018, p.334).

Se alguém empresta a outro, faça isso com um espírito voluntário, misericordioso e restaurador. A intenção deve ser socorrer alguém necessitado e jamais o acúmulo de riquezas. Essa deve ser a base correta da benção em **Dt. 28:12**. Ser posicionado como cabeça e não como cauda não é uma liberação de Deus a fim de que alguém se sinta superior a outra pessoa. Na verdade, é uma posição com a responsabilidade de ser um canal de bênçãos sobre o necessitado.

A palavra hebraica que é traduzida como “juros” tem a raiz hebraica *nashak*, que significa “picar”. Esse verbo, ao aparecer na Bíblia com seu sentido literal, os sujeitos sempre são cobras e serpentes. Aquele que empresta com juros não está socorrendo o pobre, na verdade pode estar aplicando um veneno naquele que já está com problemas financeiros, acarretando ainda mais dívidas.

Se você for emprestar, jamais faça isso a juros. E se o Senhor lhe direcionar, dentro de suas condições, doe ao que necessita. Existem revelações de recompensas sobrenaturais aos que acodem o necessitado **Pv. 19:17** e **Pv. 28:27**. Em **Rm. 15:25-26**, Paulo menciona uma coleta para os necessitados de Jerusalém. Falando

aos Coríntios (região da Acaia), o Apóstolo reforça a importância da generosidade em relação aos necessitados **2Co. 9:6-9**.

v.38 Não agiremos em generosidade porque somos bons de coração, mas com a certeza de que o Senhor é bom! Ele nos libertou do império das trevas **Cl. 1:13**, nos abençoou com toda sorte de bênçãos espirituais em Cristo **Ef. 1:3** para que Ele seja o Nosso Deus.

Nós nos moveremos em bondade e generosidade por que o Senhor é bom! Porque Ele nos transformou e somos “*nova criatura*”! Carregamos a imagem e semelhança do Cristo em nós!

v.39-41 A questão da escravidão, certamente, é um tema sensível nas Escrituras. Qualquer tipo de controle do homem sobre outro, violando a integridade física ou social de alguém, é uma sombra da corrupção da humanidade caída sem Deus.

A escravidão mencionada aqui não está baseada nos moldes escravocratas da história moderna. O caso descrito trata sobre alguém que havia empobrecido, e por não ter condições de pagar suas dívidas, vendesse sua força de trabalho como forma de quitação. Entretanto, veja o que Deus esperava de seu povo no tratamento dessa questão entre irmãos.

Seu irmão pobre que te deve virá para se vender como escravo, mas você não aceitará isso! Ele será um dos seus trabalhadores, ou seja, ele terá um salário! E ainda mais, no Ano do Jubileu ele voltará para a casa de seus pais com todas as dívidas quitadas! Mas por que isso?

v.42-43 Porque eles não são servos de outro homem! Eles são servos do Senhor! Foi Deus quem os libertou do Egito! Ninguém deve oprimir ou se assenhorear com tirania sobre o outro. Aqui está a verdadeira liberdade em Cristo²⁴.

Mas em suma, podemos dizer: Teme ao Senhor, a quem pertence toda a terra! Alguns pensam que podem controlar pessoas, mas se perdem tornando-se tiranos autoritários.

v.44-46 Mas veja que eles podiam ter escravos vindos de outras nações e para estes não haveria remissão no ano do Jubileu. Por quê?

Entenda que no AT, apenas Israel era um povo redimido pelo Senhor. A redenção não havia alcançado os gentios. Além disso, há uma razão teológica que por vezes se perde nas traduções em português.

As palavras “escravo” no **v.44** e “servo” nos **v.42,55** são a mesma palavra em hebraico [*‘ebed*]. Assim, Israel foi livre da servidão egípcia para tornar-se servo do Senhor dos senhores. Mas as demais nações não haviam sido redimidas, e ainda viviam debaixo do sistema opressor desse mundo. As nações precisavam esperar o Messias que declararia o Ano Aceitável do Senhor para todos os povos, tribos, línguas e nações!

Em Cristo Jesus, não há mais divisões entre judeus e gentios **Cl. 3:11**. Hoje, todas as nações são chamadas ao senhorio de Cristo. Isso mostra que o evangelho golpeou a escravidão na raiz da

24. Para estudar mais sobre a questão da escravidão sob a perspectiva bíblica, ouça o nosso podcast sobre a Carta a Filemom e leia o livro Colossenses e Filemom – As Excelências da Majestade de Cristo - Coleção Imersão Bíblica.

sua opressão. Isso significa apregoar o ano Aceitável do Senhor e por em liberdade os que estão cativos! Essa é a boa nova do evangelho!

v.47-54 Mas e se um irmão israelita se vendesse a um estrangeiro rico que vivesse entre o povo?

Para o povo do Senhor, sempre haveria um resgate ao necessitado. Note que até nesses casos, o Ano do Jubileu continuava sendo a tabela de valores para as transações, ou seja, o Senhor sempre estaria por trás de qualquer resgate!

E mesmo que ninguém resgatasse esse israelita, no Ano do Jubileu, o pobre e necessitado que houvesse se vendido como escravo seria liberto.

v.55 *“Os filhos de Israel são meus servos! Somente Eu sou o Senhor, vosso Deus!”*.

O Ano do Jubileu seria um ano de libertação a todos os cativos e aprisionados. Esse Ano de Favor foi declarado por Jesus em **Lc. 4:18-21**.

Mas o que nos constrange é que o Resgatador só poderia ser o parente mais próximo do necessitado. Aquele que não tivesse como pagar sua dívida dependia de um resgatador para alcançar libertação e restituição. No Ano do Jubileu, o Senhor é o próprio Resgatador!

O ponto decisivo para nós é que ninguém poderia remir nossa alma. Em **Sl. 49:7-8** descobrimos que ninguém poderia nos ajudar! Estávamos perdidos! Então, quando ninguém poderia

nos resgatar, Jesus se colocou como Nosso Resgatador e Redentor! Aquele que está mais próximo de você do que qualquer outra pessoa! Ele fez o que ninguém poderia realizar **Cl. 2:13-15**.

Aqui, vale à pena ler **Rm. 6:15-22**. A nossa redenção foi completa! Hoje, podemos manifestar o nosso fruto da santificação.

Tudo isso só pode ser declarado porque um dia, Jesus se colocou próximo de nós! O próprio Deus está declarando sobre você: *“Ninguém está mais perto de você do que Eu! Eu me dispus a pagar o preço! Era meu direito! Eu amo vocês! E agora confessem: O Senhor é o Nosso Deus!”*. Na Cruz tudo foi consumado! Você é livre! Esse é o Ano Aceitável do Senhor!



Bênçãos e maldições

Levítico 26



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.

Bênçãos e maldições

Levítico 26

Estamos chegando à reta final do livro de Levítico. Durante todo o livro, ouvimos o ecoar de um chamado à santidade. Esse chamado não estava baseado nos atributos de Israel, mas tinha o caráter do Nosso Deus como fundamento: “*Eu sou Santo*”.

Assim, o Santo Deus escolheu um povo para Si, o santificou e declarou que desejava habitar no meio desse povo. Mas como viver em meio às chamadas santas? Essa pergunta fez alguns homens no AT estremecerem **Is. 33:14** e **Sl. 15:1**. Embora todos esses textos tragam as respostas, ou pelo menos, parte das respostas, **Lv. 26** fornece o fundamento dessa questão: Obediência.

A santidade do Senhor deve ser reverenciada e temida. Nós vimos o que a falta de temor santo provocou no episódio de Nadabe e Abiú **Lv. 10:1-2**. Entretanto, para aqueles que temem a Deus, a santidade do Senhor é um privilégio. O Senhor nos chamou para Ele e nos deu a oportunidade de carregar e comunicar sua santidade!

Uma vez chamados por Deus, a única forma de manifestar a santidade do Senhor será em obediência e rendição. Note que em Levítico não há a requisição de “*pessoas infalíveis*” para essa missão. Se fosse assim, não haveria previsão alguma de sacrifícios pelos pecados do povo. A obediência exigida era o reconhecimento de que só existe o Único Deus Santo e Soberano sobre tudo e todos que não divide sua glória com outro.

Em sua soberania, o Senhor propõe: Aqueles que viverem as minhas palavras desfrutarão das bênçãos dela. Mas aqueles que desobedecerem, encontrarão ausência da benção do Eterno, e por isso sofreriam as maldições da quebra da aliança.

v.01 Eu amo encontrar princípios espirituais nas Escrituras. Aqui, o povo está sendo chamado a resistir o pecado da idolatria que fazia homens fabricar ídolos, imagens de escultura ou colunas como altares de idolatria.

Contudo, esse chamado não é fundamentado numa ameaça! Pelo contrário, o chamado é embasado por uma palavra graciosa: *“Não façam ídolos [...] porque Eu sou o Senhor, vosso Deus”*.

Num contexto de bênçãos, não poderia haver benção maior do que essa: *“Vocês serão o meu povo, e Eu serei o Vosso Deus”* **Ex. 6:6-7**. Em Cristo Jesus, essa benção foi estendida a nós! O Deus de Abraão, Isaque e Jacó é o nosso Deus! Nós somos Seu povo e Herança Dele **Ef. 1:4-5,18**.

v.02 Dois elementos são destacados aqui: o sábado e o santuário. Esses aspectos nunca foram previstos para que fossem cumpridos como meras regras religiosas. Os princípios espirituais por trás dessas prescrições são poderosos.

O sábado era uma demonstração de rendição e confiança no Senhor. O descanso no sétimo dia deveria ser um reflexo dos demais dias da semana. A revelação do santuário é outro aspecto importante no AT, pois ele aponta para a consciência da Presença do Senhor entre o seu povo. Essas verdades espirituais conti-

nuam vivas na Nova Aliança. Obviamente, existem contornos diferentes porque o Senhor não mais habita em templos feitos por mãos humanas. Ele habita em nós verdadeiramente **1Co. 3:16, 1Pe. 2:5 e Hb. 3:6.**

v.03-04 Onde houver obediência haverá recompensas! Entenda que não estamos falando de trocas ou barganhas, mas estamos afirmando que dentro da Aliança, diante da Presença do Rei, em obediência a Ele, desfrutaremos graciosamente de suas bênçãos. Sempre será graça, um favor imerecido!

O primeiro reflexo da benção do Senhor sobre aqueles que vivem de acordo com a Palavra do Senhor e cumprem seus mandamentos é a chuva na estação certa.

As chuvas temporãs, ou primeiras chuvas, regavam a terra para a sementeira, ao passo que as chuvas serôdias, as últimas chuvas, regavam as plantações proporcionando uma colheita farta e saudável.

Aqui vemos duas bênçãos que só o Senhor pode dar: As chuvas e o crescimento. Nós que conhecemos o tempo oportuno, o *kairós* do Senhor, precisamos esperar confiante e pacientemente Nele. A Vinda do Senhor está próxima e a colheita acontecerá. Enquanto isso, nós devemos viver de acordo com **Tg. 5:7-8.** O profeta Joel também viu um tempo de chuvas e colheitas que seria precedido por arrependimento e contrição **Jl. 2:12-13,23-24.**

Do mesmo modo como o homem semeia e deve aguardar as chuvas do Senhor, assim também devemos esperar o crescimento que só o Senhor pode dar **1Co. 3:6-7.** As chuvas e o crescimen-

to significariam para Israel que não haveria preocupações com a provisão de alimentos. Jesus também nos fez essa promessa se referindo ao que comer e vestir: “*Busquem o Reino de Deus e sua justiça em primeiro lugar e as demais coisas vos serão acrescentadas*” **Mt. 6:33**.

v.05-07 Mas perceba que uma colheita farta será inútil na ausência de paz. Então surge a promessa de segurança e paz aos que obedecem a Palavra do Senhor.

A debulha dos grãos que eram colhidos durante a primavera se estenderia até a vindima, ou seja, a colheita de uvas que aconteceria somente no outono. A safra de uvas também seria tão próspera que se estenderia até a nova semeadura de grãos para as colheitas do ano seguinte. A consequência de uma safra tão abençoada significava uma coisa: O pão não vai faltar! Agora olhe a Oração do Pai Nosso **Mt. 6:11**. Também temos a garantia do cuidado do Pai!

E caso o povo observasse atentamente a Voz do Senhor, Ele diz: “*Habitareis seguros [...] estabelecerei paz*”. No tempo dos juízes, por causa do pecado, vemos como inimigos ameaçavam as colheitas de Israel **Jz. 6:1-4,11**.

Mas para aqueles que amam ao Senhor há uma promessa de segurança e paz! Mas quem são aqueles que amam o Senhor? **Jo. 14:21**. Sobre estes, existe uma promessa: O Senhor é o Nosso Lugar seguro **Sl. 91:1,4**.

Um dos nomes do Nosso Deus no AT é *Jeová Shalom*, O Senhor é Paz! Essa expressão surge exatamente no contexto de Gideão, após ele responder ao Senhor e edificar um altar **Jz. 6:24**.

Se estivermos no Senhor, deitaremos e descansaremos Nele! “*Não haverá quem nos espante*”. Enfrentaremos dias difíceis, mas não seremos aterrorizados! O Senhor está conosco! Os inimigos cairão, pois o Nosso Deus Todo Poderoso é mais forte!

v.08 Agora vemos a promessa do aumento das nossas forças: “*Cinco perseguirão a cem e cem perseguirão a dez mil*”!

A benção da eficiência no avanço contra os inimigos pode ser vistas em exemplos práticos nos “*Valentes de Davi*” **2Sm. 23:8-39**. Esse exército era liderado por alguém, cujo coração era segundo Deus: Davi! Foi Davi que confessou seu amor pelo Senhor **Sl. 18:1**. Ele foi um homem com muitos defeitos, mas que reconhecia que o Senhor é Misericordioso! Davi viveu rendido ao Senhor e à Sua Misericórdia.

v.09 Ao passo que os inimigos cairão, o povo do Senhor tem a promessa mediante à fidelidade à Aliança: “*Olharei para vós*”. Isso é extraordinário! Em outras palavras, Deus está dizendo: “*Não esconderei a minha Face nem virarei o rosto para outro lado quando me clamarem*”. **Nm. 6:24-26**.

O Senhor promete: “*Eu vos multiplicarei*”. Nós fazemos parte de um povo descrito no livro de Apocalipse como uma “*incontável multidão*” **Ap. 7:9**.

v.10 Com provisão e paz, o povo teria a garantia da segurança da colheita anterior até a próxima safra. Mas note que para dar lugar à nova colheita, eles precisariam dar espaço tirando a antiga.

Muitas vezes estamos tão presos aos nossos bens materiais que não compartilhamos o que possuímos. A ganância e a avareza podem reter novas bênçãos que o Senhor tem para nós!

v.11 “*Porei o meu tabernáculo entre vós*”. O que dizer dessa extraordinária promessa? Uma tradução mais literal seria “*Eu darei o meu tabernáculo entre vós*” (Wenham, 2018, p.343).

Em **Ex. 25:8**, vemos que o Tabernáculo era o lugar e que Deus habitaria entre o seu povo. No AT, vemos a Glória do Senhor enchendo o Templo construído por Salomão **2Cr. 7:1-2**. Entretanto, infelizmente, por causa do pecado do povo, a Glória de Deus deixou o templo e se pôs num monte como um inimigo à espreita para um ataque **Ez. 10:18-19** e **Ez. 11:22-23**. Ezequiel recebeu essa visão prenunciando o cativeiro babilônico.

Mas Ezequiel tinha uma relação muito especial pelo templo. Ele era de linhagem sacerdotal. Mas por causa da queda de Jerusalém, Ezequiel nunca teve a oportunidade de servir no templo. Contudo, o Senhor proporcionou uma experiência única a esse homem de Deus! Ele foi o profeta que recebeu em visão a promessa de um novo templo **Ez. 40:1-3**, que após ser medido e inspecionado pelo próprio Deus **Ez. 42:15**, foi cheio pela Glória de Deus novamente **Ez. 43:4-5**.

Ezequiel contemplou a restauração do santuário do Senhor de modo profético, pois ele ainda estava entre os exilados. Mas a expectativa profética dessa palavra nos lança num tempo em que a Presença estaria entre o povo de Deus mais uma vez! No NT, João declara que Deus tabernaculou entre nós **Jo. 1:14**. Paulo diz que a plenitude de Deus habita em Cristo **Cl. 1:17-20** e

Cl. 2:9. E como Igreja, nós somos corpo de Cristo e Ele habita em nós **1Co. 3:16.**

v.12-13 “*Andarei entre vós*”. As promessas feitas aos que vivem segundo a Palavra do Senhor apontam para a restauração do relacionamento do homem com Deus, a ponto de proporcionar uma experiência que remete ao Jardim do Éden. Deus andava no Jardim **Gn. 3:8** e **cf. Dt. 23:14.**

Jesus é Emanuel! Deus conosco! Chegará o Dia em que essa promessa será completamente consumada, porque Deus estará habitando com seu povo eternamente **Ap. 21:2-7.**

O Senhor quebrou o jugo do Egito que fazia Israel andar encurvado. Mas Ele também quebrou o jugo do pecado e da morte que estava imposto sobre nós. Você pode ir a Cristo e tomar o seu jugo e fardo, leve e suave, encontrando descanso para sua alma. O Senhor é o Nosso Deus!

v.14-17 Aqui surge um aspecto que deixa muitos com dificuldades e confusos. A obediência à Palavra do Senhor trará as bênçãos da aliança. Mas a desobediência acarretará em “*não-bênção*”, e como não há neutralidade no mundo espiritual, as maldições da aliança sobrevirão.

Enfermidades físicas e emocionais. O texto traz “*febre ardente*”, mas acompanhada do “*desaparecimento do lustre dos olhos*” (ARA). Uma apatia tão profunda, que até “*as janelas da alma*”, os olhos, podem denunciá-la.

Israel veria a vida definhar. Eles semeariam, mas os inimigos consumiriam a sua colheita. O **v.17** diz “*Voltar-me-ei CONTRA*

vós”. O que significa pra você a ideia de ter o Senhor como um inimigo?

A rejeição da Palavra de Deus fez com que os inimigos se tornassem senhores sobre Israel. Esse princípio é muito claro no mundo espiritual. Existem inimigos que nos rodeiam. Ao obedecermos a Palavra de Deus declaramos o Senhorio de Cristo sobre nós. Mas rejeitar o Senhorio de Cristo é se submeter a outros senhores. Lembre que nunca será possível servir a dois senhores.

v.18 As maldições aqui funcionam como sirenes de alerta, como trombetas que avisam sobre um perigo iminente. São como sirenes que tocam em dias chuvosos alertando riscos de inundações e deslizamentos de encostas.

Aqui está o motivo dessas maldições: *“Acordem [...] Mas se ainda não me ouvirdes, castigarei sete vezes mais”*. O número sete aponta para completude. Em Apocalipse há uma série de juízos sétuplos descritos nos selos, trombetas e taças.

v.19 Nesse versículo, surge o elemento que leva o homem resistir obstinadamente à disciplina de Deus como um Pai amoroso: *“soberba”* (ARA) *“orgulho”* (NVI). O homem que resiste ao Senhor é alguém que foi dominado pelo engano da força do seu próprio braço.

Mas note que ainda assim, Deus não abandona seu povo. O ponto é que as recompensas são de acordo com a obediência ou a desobediência. No **v.04**, Deus prometeu chuvas, ou seja, céus abertos, e colheitas, ou seja, terras férteis. Aqui há uma reversão:

“céus de ferro”, e por causa da falta de chuva “terra de bronze”. Um solo duro, árido e estéril.

v.20 O Senhor deixa o homem obstinado gastar a sua força em vão. Por vezes, muitos se encontram esgotados porque estão tentando lutar com a força do próprio braço. O Senhor mesmo leva os seus filhos a esse ponto para que despertem do sono do orgulho, e assim, voltem a confiar unicamente no Senhor.

v.21-22 Israel está sendo avisado que “*pragas sete vezes mais*” e “*feras do campo*” viriam como juízos do Senhor, caso eles permanecessem resistentes à Voz do Senhor. Durante a opressão e cativeiro assírio, o rei da Assíria trouxe estrangeiros para repovoar Samaria. Nem os que restaram de Israel em Samaria, tão pouco os estrangeiros, temeram ao Senhor. Então o próprio Deus enviou leões (feras do campo) que mataram alguns do povo **2Rs. 17:24-25**.

Joel interpretou uma praga de gafanhotos que sobreviera contra a nação como um exército do Senhor **Jl. 1:4**. Esses gafanhotos foram vistos por Joel como arautos do Senhor, pois a imagem produz uma expectativa profética de um dia futuro decisivo: O Grande e Terrível Dia do Senhor **Jl. 2:11**.

v.23-24 Estamos falando de corações obstinados e mentes cauterizadas pelo orgulho. Veja que o Senhor está dizendo diante de todos esses juízos: “*Se ainda não decidissem ouvir*”, Deus mesmo “*os feriria sete vezes mais*”. Irmãos, por muito menos, certamente

você e eu já teríamos clamado por misericórdia. Isso reforça o perigo da dureza de coração, e o quanto Israel era um povo de dura cerviz rejeitando o Senhor!

v.25 “*A espada vingadora da minha aliança*”. Quando encontramos inimigos levantando-se contra Israel e pestes assolando a terra nas Escrituras, esses eventos não eram meramente aleatórios. Esses eventos revelam Deus, como o Senhor dos Exércitos, trazendo disciplina ao seu povo.

O governo do Senhor está sobre todos os exércitos dessa terra! Veja os cananeus sendo usados como instrumentos de juízos do Senhor por causa do pecado de Israel **Jz. 2:11,14-15**. Os assírios em **2Rs. 17:1-3,6,22-23**. O Senhor chama a Assíria de “*vara do meu furor*”, e diz: “*Eu dou ordens*” **Is. 10:5-6**. Para aqueles que temem ao Senhor, a Soberania de Deus é um esconderijo seguro! O Senhor está governando cada aspecto das nossas vidas!

v.26 A guerra tem a escassez de alimentos como uma de suas consequências. Atualmente, há um conflito de guerra declarado entre Israel e a Palestina. A mídia tem noticiado que na faixa de Gaza, região onde ocorre o conflito armado, pessoas estão enfrentando fome. Existe um esforço da comunidade mundial para o envio de suprimentos para essa região, mas a tensão militar é um dos desafios para o envio desses recursos.

O texto de Levítico diz que sem paz e segurança, as colheitas seriam levadas pelos inimigos. A consequência descrita é que haveria tão pouco trigo que um forno seria suficiente para dez

mulheres, ou seja, para dez casas. Era comum cada casa ter um forno, mas tamanha a escassez, que não haveria trigo para que os fornos fossem usados!

E ainda, após os pães serem assados, eles seriam repartidos por peso, ou seja, o pão precisaria ser racionado. É muito duro pensar que esse tipo de situação é mais comum do que imaginamos. Mas um exemplo em nossa cultura seria uma família que precisasse dividir um ovo para quatro pessoas. Isso é a guerra e suas consequências.

E por fim, o pior: *“comeriam, mas continuariam famintos”*. Muitas vezes passamos por escassez, mas debaixo da benção do Senhor, uma família pode dividir um ovo para quatro e se sentirem saciados. Isso é um milagre que o Senhor gera no coração contente com Ele. Estamos aprendendo a viver contente em todas as circunstâncias: *“escassez e abundância”*. Acho que isso significa *“Posso todas as coisas Naquele que me fortalece”* **Fp. 4:12-13**. Mas sem o temor do Senhor, a escassez é um terrível juízo!

v.27-28 E se o coração de Israel continuasse duro? Se, ainda assim, Israel permanecesse resistindo ao Senhor, Ele diz: *“com furor serei contrário a vós outros e vos castigarei sete vezes mais”*.

Mostrarei a vocês com referências bíblicas que todos esses juízos vieram contra Israel. Vale à pena ler cada referência bíblica! Sinto um temor em ver os cumprimentos de cada uma delas, e oro ao Senhor para que o Temor Santo também encha o seu coração.

v.29 Canibalismo provocado pela fome **Lm. 4:10.**

v.30 Morreriam sobre seus próprios ídolos **Ez. 6:4-5.**

v.31 Cidades desoladas **Ez. 6:6.**

v.31 “*Não aspirarei o vosso aroma agradável*”, ou seja, rejeitarei o vosso culto **Is. 1:13.**

v.32 Inimigos habitariam a terra da promessa e até eles ficariam assombrados pelo que o Senhor fizera **2Rs. 17:24.**

v.33 Cativoiro **2Cr. 36:17-20.**

v.34-35 Por não observarem os anos sabáticos, Deus mesmo tiraria o povo da terra vindicando tudo que lhe pertence. O ano sabático era um ano de descanso da terra, pois era um ano CON-SAGRADO ao Senhor **2Cr. 36:21.**

v.36-39 Os que restassem após tudo isso viveriam ansiosos na terra dos inimigos. Até “*o ruído de folhas*” os perseguiriam, ou seja, viveriam assombrados pelo medo. Eles seriam consumidos pelas suas próprias iniquidades **Lm. 1:14-18.**

v.40-42 Talvez, alguns vejam um cenário como esse sendo o fim da história. Mas e se não fosse o fim? E se tudo isso fosse um chamado ao arrependimento? O texto diz que “*se confessarem a iniquidade [...] e o coração incircunciso se humilhar*”, o Senhor se lembraria da sua aliança! O Nosso Deus é um Deus de Alianças!

A expressão “*coração incircunciso*” fala do coração que esqueceu a circuncisão, ou seja, da marca da aliança que Deus fez com Abraão. Em outras palavras, Deus está dizendo: “*Se vocês se lembrarem da aliança, saibam que Eu não me esqueci dela*”! Eu estou aqui esperando vocês!

Então o Senhor diz: “*Me lembrarei da aliança com Jacó, Isaque, Abraão [...] e da terra me lembrarei*”. Esse movimento retrógrado é interessante. Estamos acostumados com a ordem “Abraão, Isaque e Jacó”, mas aqui o texto é inverso. Parece que Deus olha para trás, através da história, para onde tudo começou. A terra é do Senhor, mas Ele fez uma aliança com Abraão! Isso é significativo para nós e você entenderá o porquê até o final.

v.43 Percebemos que o cativoiro nunca teve o fim em si mesmo. O Senhor zela pela sua Palavra, Promessas e Alianças. Alguém poderia pensar: “*Me arrependi, então não vou sofrer mais as consequências dos meus erros*”. Mas não é assim que funciona! Israel precisava “*tomar por bem o castigo da iniquidade*”.

Ele espera que entendamos que a disciplina do Senhor é para o nosso bem! Deus está forjando filhos que confiarão no Amor e na disciplina do Pai. E lembre que o Pai só disciplinará o filho porque o ama! Nós somos filhos e não bastardos **Hb. 12:4-8,11-13**.

v.44-46 Na história de Israel, vemos que mesmo no cativoiro, Deus não rejeitou o seu povo nem quis consumi-los, deixando assim uma promessa de restauração! O Senhor tão pouco invalidou sua aliança! Esse é o Nosso Deus: Fiel em todas as suas promessas!

“*Antes, por Amor deles, me lembrarei da aliança*”. Essa frase é maravilhosa! Sempre vemos Deus dizendo “*por amor ao Meu Nome*” ou “*por amor à Minha Palavra*”, mas aqui Ele diz: “*por amor a vocês*”. Ele também nos amou **Jo. 3:16** e nos propôs uma aliança

eterna firmada no sangue do Seu Filho Amado! Nós temos uma aliança com Deus!

As bênçãos e maldições descritas aqui foram dirigidas a Israel no AT. Essa aliança não foi invalidada pela incredulidade de Israel **Rm. 11:29**. Talvez, muitos conflitos atuais entre Israel e as nações vizinhas sejam evidências dessa aliança.

Mas elas se aplicariam a nós como Igreja? Entenda que a promessa que se cumpriu e nos alcançou foi feita a Abraão, trazida à existência pela graça de Deus por meio de Jesus, O Descendente de Abraão.

Lembra o **v.42**? Nós vimos que Deus se lembraria da aliança feita com Abraão. O que isso significa? Pelo jugo da lei, Israel estaria condenado e nunca mais sairia do cativeiro. Mas pela promessa feita a Abraão, eles são herdeiros.

Rm. 4:10-12 nos diz que Abraão não é apenas pai dos judeus, o pai da circuncisão. Ele também é pai de todos os que crêem na promessa, semelhante a ele, que creu e lhe foi imputado por justiça! Nós também cremos! Veja o que Paulo diz em **Gl. 3:21-22,26-29**.

Embora o NT reconheça que todas as recompensas só serão distribuídas de modo pleno no Grande Dia do Senhor, ele também considera que existem cumprimentos parciais e provisórios ainda nessa era. Tudo o que semearmos, nós colheremos **Gl. 6:6-10**. A colheita será no Dia do Senhor, mas os primeiros frutos dessa colheita são experimentados aqui!

Paulo viu que existiam muitos fracos e doentes em Corinto porque não discerniam corretamente o Corpo de Cristo

1Co. 11:30. Ao mesmo tempo, nós reconhecemos as palavras de Jesus que se *“buscarmos o Reino e sua justiça em primeiro lugar, as demais coisas [nos] serão acrescentadas”*.

A obediência continua sendo exigida a nós na Nova Aliança. Se obedecermos, não devemos pensar de nós mesmos que somos “mais santos” do que outros. Mas só obedeceremos, porque Deus nos salvou, nos constituiu seu povo e colocou a sua Lei em nossos corações pelo Espírito Santo. Nós obedeceremos e seremos santos porque o Nosso Deus é Santo!

E como Deus não deve nada a ninguém, certamente, onde houver obediência haverá recompensas! Ele é galardoador **Hb. 11:6** e **Ap. 22:12**.

Votos em santidade

Levítico 27



Aponte a câmera do seu celular para os Qr-Codes acima e acesse na íntegra o Podcast com um estudo bíblico e explicações sobre esse capítulo.



Votos em santidade

Levítico 27

Chegamos às últimas palavras de Levítico. Essa porção trata sobre os votos e dedicações ao Senhor. Muitos estudiosos sentem-se em dificuldades em relação ao modo como o livro de Levítico se encerra com esse assunto. Muitos códigos legais da antiguidade, alguns até mais antigos que o Pentateuco, concluíam seus textos com coleções de bênçãos e maldições semelhantes ao que vimos em **Lv. 26**. Textos como o Código de Hamurabi, o Código de Ur-Nammu, tratados hititas, arameus e assírios, dentre outros, seguem um padrão de encerramento com bênçãos e maldições. Mas Levítico, não!

Talvez, isso seja uma nota que nos lembre que Levítico é muito mais do que apenas um código de leis, mas trata-se de um texto narrativo que conta o surgimento de Israel, como povo santo do Senhor, chamado à santidade pelo próprio Deus. O Senhor prometeu bênçãos e maldições dentro da sua aliança com Israel. Essas bênçãos e maldições estavam ligadas à fidelidade do povo, mas, principalmente, ao Senhor Todo-Poderoso Fiel para cumprir o que prometera.

Um voto é uma promessa que fazemos a Deus. Os homens, mesmo alguns aparentemente incrédulos, quando estão em situações de dificuldades terríveis, de alguma forma, fazem orações clamando pelo socorro de Deus, e em alguns casos, até fazem votos e promessas. Veja o voto que Jacó fez quando fugia do seu

irmão Esaú em **Gn. 28:20-22**. E veja também o cumprimento do voto em **Gn. 35:7**.

É preciso ter cuidado com os votos feitos por impulsos ou realizados no calor do momento. Um texto que traz uma advertência emblemática sobre esse assunto é **Ec. 5:4-5**.

v.01-02 Qualquer israelita podia dedicar a si mesmo ao serviço de Deus. Como somente a tribo de Levi podia atuar no Tabernáculo e nos sacrifícios, provavelmente, essa dedicação seria para trabalhos periféricos ao culto, mas necessários para a manutenção do mesmo.

Alguns veem aqui a possibilidade do pagamento de um valor para que o sacerdote ministrasse no lugar de um israelita comum, mediante uma oferta (Vasholz, 2018, p.346). Mas talvez, essa prescrição tivesse outra finalidade. Caso um israelita comum dedicasse sua vida ao serviço de Deus, e por algum motivo decidisse deixar o voto, essa quebra da dedicação teria um custo. Lembre: Deus não se agrada de votos de tolos. Assim, seria necessário pagar um valor de acordo com o preço de um servo em resgate do voto.

v.03-07 Os valores variavam quanto a idade e gênero. Talvez, alguém machista ou feminista pudesse tentar usar esse texto para fundamentar seus argumentos ideológicos. Mas isso seria completamente precipitado. Os valores aqui citados não refletem o valor de uma pessoa em si, mas apenas, a força de trabalho que ela pudesse oferecer.

Usarei a minha família como exemplo. Caso minha esposa e eu fôssemos avaliados pela capacidade de carregar peso numa viagem, provavelmente eu, como homem, teria mais forças e condições de levar uma carga maior do que minha esposa. Se o trabalho fosse remunerado por quilos carregados, certamente isso refletiria no valor do serviço prestado por cada um. Portanto, o valor em questão não é sobre o gênero, mas, apenas sobre a força de trabalho.

Darei outro exemplo. O frete de um caminhão que suporta vinte toneladas não tem o mesmo preço do frete feito por um caminhão que só suporta cinco toneladas.

Essa tabela resume o valor de resgate dos votos de dedicações de pessoas:

	Homens	Mulheres
20 a 60 anos	50 ciclos de prata v.03	30 ciclos de prata v.04
5 a 20 anos	20 ciclos de prata v.05	10 ciclos de prata v.05
1 mês a 5 anos	5 ciclos de prata v.06	3 ciclos de prata v.06
Acima de 60 anos	15 ciclos de prata v.07	10 ciclos de prata v.07

Note que o fato de haver previsões de resgate para crianças e adolescentes aponta para uma possibilidade de famílias inteiras serem dedicadas ao Senhor.

Alguns estudiosos²⁵ percebem que esses valores eram bem altos para a época. O AT não fornece dados diretos sobre o valor de salários, mas o *Código de Hamurabi*, que já existia na época em

25. Wenham, 2018.

que Levítico foi escrito, prevê um ciclo de prata como o salário de um mês com muito serviço (Vaux, 2008, p.101). Então podemos considerar que 50 ciclos de prata seria, aproximadamente, o valor de 50 salários mínimos de um trabalhador comum na atualidade. Isso reforça a ideia de como um voto era importante e não deveria ser quebrado.

v.08 Por isso, nem todos tinham condições financeiras para esse tipo de resgate. Mas ainda assim, caso alguém por motivo de pobreza não pudesse pagar o voto, o sacerdote avaliaria de acordo com as posses da pessoa.

Entenda que a dedicação de uma pessoa para o serviço ao Senhor não é um assunto exclusivo do AT. Paulo, em **Rm. 12:1** nos conclama a apresentar nossos corpos como sacrifícios vivos, santos e agradáveis ao Senhor.

A linguagem de Paulo tem características levíticas e se aplica ao nosso modo de viver:

Em Cristo, o Senhor não espera mais a matança de animais em sacrifícios, pois o sacrifício perfeito já foi realizado por Jesus na cruz. E por causa disso, hoje, nós podemos oferecer nossas vidas como sacrifícios vivos. Todo nosso ser deve ser dedicado ao Senhor! Isso é uma honra!

A santidade proclamada em Levítico é a marca daqueles que se renderam ao Senhor. “*Sede santos, pois o Senhor é Santo*” **1Pe. 1:14-16.**

E por fim, nossas vidas devem ser um sacrifício agradável ao Senhor, ou seja, aceitáveis ao Senhor. Como você se sente em saber que seu modo de viver é um aroma suave diante de Deus?

v.09-13 Também era muito comum em Israel prometerem animais em votos para adoração ao Senhor. Caso fossem animais puros, eles poderiam ser sacrificados como ofertas pacíficas **Lv. 7:16**.

Mas se fossem animais impuros, os sacerdotes aceitariam o voto, embora esses animais não pudessem ser usados no culto. Provavelmente, seriam vendidos ou utilizados para outras finalidades.

Mas se alguém fosse tentado a mudar de ideia na hora de cumprir o voto de um animal puro dedicado ao Senhor, esse animal não poderia ser resgatado. A lei diz que o animal puro dedicado ao Senhor passava a ser “santo”, ou seja, passava a ser propriedade exclusiva de Deus. Se ainda assim, alguém tentasse mudar o animal por outro, ambos, “*um e outro seriam santos*”. O homem deveria entregar os dois animais.

No caso dos animais impuros, havia a permissão de pagar o voto, desde que fosse acrescentada “*a quinta parte da avaliação*” (ARA), ou seja, um acréscimo de 20%.

O que está na base dessas prescrições é o princípio de que os homens cumpram suas palavras. Tal princípio continua vivo, pois nossas palavras devem ser “*sim, sim e não, não*” **Mt. 5:37**.

Não considerar a sobriedade dos nossos votos e juramentos pode nos colocar em risco de juízo. Esse alerta é feito no NT, dentro da Nova aliança **Tg. 5:12**.

v.14-15 A partir daqui surgem as prescrições para os votos de bens imobiliários como casas e terras. Esses bens, uma vez dedicados, eram considerados “*santos*”. Assim sendo, passariam a pertencer ao santuário, e os sacerdotes teriam a responsabilidade de administrar a destinação desses bens consagrados ao Senhor.

As casas aqui citadas parecem ser aquelas casas que ficavam nas cidades muradas, e que não eram contempladas pela lei do Ano do Jubileu **Lv. 25:29-30**. Se essas casas fossem oferecidas como voto, e o ofertante quisesse resgatá-la, ele deveria pagar, além do valor da casa, um acréscimo de 20%.

A dedicação de terras contempladas pelo Ano do Jubileu contava com uma regra mais complexa de resgate, uma vez que no Ano do Jubileu essa propriedade deveria voltar à posse do proprietário.

v.16 A primeira pergunta é: Como o valor da terra era calculado? O cálculo era feito de acordo com a capacidade de semeadura do campo. Se fosse possível semear “*um ômer de cevada*”²⁶, “*um barril de cevada*” (NVI), a terra valeria 50 ciclos de prata.

v.17-18 Mas o valor também precisava ser calculado de acordo com o Ano do Jubileu. Se a terra fosse dedicada no Ano do Jubileu, o valor da avaliação seria integral. Mas se fosse dedicada nos demais anos, o valor seria abatido de acordo com os anos restantes até o Jubileu.

26. Aproximadamente 176,21 litros, segundo a Tabela de pesos e medidas da Bíblia Shedd. Embora a ARA traga a tradução “*gômer*”, a LTT e a nota de rodapé da NVI trazem a tradução “*ômer*”.

v.19 Uma vez que o cálculo do valor estivesse estabelecido, e a pessoa que fez o voto quisesse resgatar a terra, o resgate poderia ser feito mediante o acréscimo de 20% do valor da propriedade. O acréscimo era uma forma de restituição pela ofensa provocada pela quebra do voto.

Percebemos como as exigências da graça são muito mais altas do que as exigências da lei. No NT a palavra do cristão deve ser “*sim, sim e não, não*”.

v.20 Caso a terra não fosse resgatada, ou se alguém, por má fé, vendesse a propriedade que ele mesmo havia dedicado ao Senhor, essa propriedade nunca mais poderia ser resgatada.

Parece que a prática de preços de resgate de votos não era exorbitante ou exploratória no que se refere ao preço de terras. Se um campo pudesse absorver a semeadura de um ômer de cevada, a colheita dessa terra seria muito maior do que o valor do resgate. Assim, de certo modo, as famílias eram encorajadas a resgatarem suas heranças até o Ano do Jubileu.

Mas se alguém, por má fé, desejasse vender a terra, não haveria resgate para a propriedade. E ainda, se alguém por preguiça de cultivar a terra, ou até, falta de zelo pelas próprias posses, não realizassem o resgate até o ano do Jubileu, não poderiam mais realizar o resgate.

v.21 Assim, caso o resgate do voto não fosse feito até o Jubileu, o campo seria consagrado definitivamente ao Senhor, e não voltaria mais a quem pertencia por herança, passando a ser responsabilidade do sacerdócio administrar a terra.

Para quem decidiu fazer o voto e cumpri-lo até o fim, esse seria o maior desejo do adorador! Honrar ao Senhor com seus votos! Mas no caso dos homens de má fé e preguiçosos, esse seria o preço por não serem sinceros em suas intenções com aquilo se comprometem com o Senhor. Os puros de coração são bem aventurados porque verão a Deus **Mt. 5:8**. O Senhor procura corações puros e sinceros na adoração! Nunca será somente sobre belas canções, mas sim, os corações quebrantados!

v.22-24 surge aqui um desdobramento dessa prescrição. E se alguém dedicasse ao Senhor um campo que houvesse comprado e que deveria voltar ao seu dono no Ano do Jubileu?

Nesses casos, as avaliações eram feitas, os votos poderiam ser pagos até o Ano do Jubileu, mas no Jubileu a posse da terra deveria voltar à família que precisou vender a propriedade. No ano do Jubileu, todas as heranças e posses eram devolvidas aos seus donos por herança.

v.25 Para que não houvessem disputas a respeito do peso do ciclo, todas as avaliações eram feitas com os pesos do santuário.

O sacerdócio tinha uma grande responsabilidade na manutenção da justiça em Israel. Um sacerdócio corrompido resultaria em injustiças e negociações fraudulentas em muitos aspectos do comércio cotidiano na nação.

v.26-27 Os primogênitos, tanto de homens quanto dos animais, já haviam sido consagrados ao Senhor desde a saída de

Israel do Egito **Ex. 13:2**. Por já pertencerem ao Senhor, ninguém poderia fazer um voto prometendo um primogênito de animais puros.

Mas caso fossem animais impuros, estes poderiam ser resgatados desde que fosse observado o acréscimo de 20% sobre a avaliação do mesmo.

Note que em todos os casos sempre havia um acréscimo, pois a quebra do voto é uma ofensa contra o Senhor. Assim, além da restituição do valor integral, o acréscimo seria uma restituição contra a ofensa provocada por votos precipitados.

v.28-29 Mas para certas coisas não havia possibilidade alguma de resgate. Aqui surge uma palavra muito forte! As coisas que foram “*dedicadas irremissivelmente*” (ARA) ou “*consagradas para a destruição*” (NVI) não poderiam ser resgatadas em hipótese alguma.

A palavra hebraica aqui é *‘haram*. Ela tem o sentido de “*consagrar às chamas santas*”. Algo dedicado nesse nível tem o sentido de se tornar “*algo intocável*” por pertencer a alguém com grande autoridade.

Para que tenhamos ideia do que isso se refere, a palavra *‘haram* deu origem à expressão “*harém*”, um lugar de mulheres separadas que jamais poderiam ser violadas. Em **Js. 6:17**, Jericó seria “*condenada*” [*‘herem* < *‘haram*]. É como que se Jericó estivesse sendo consagrada ao Senhor e purificada diante Dele. E o que acontece quando algo impuro ou estranho entra em contato com as chamas santas? É purificado! Mas as impurezas são consumidas. Lembra de Nadabe e Abiú? **Lv. 10:1-2**.

Há um texto assombroso em **Is. 34:1-2**, em que vemos o Senhor declarando sua indignação contra os reinos desse mundo a toda terra que lhe pertence. O Senhor destinou as nações à “destruição” [*herem* < *haram*], ou seja, as nações foram consagradas às chamas santas.

Todos nós estamos indo em direção às chamas santas. No Grande Dia, tudo que foi purificado permanecerá para a Glória de Deus **1Co. 3:11-16**. Mas o que for impuro encontrará seu fim nas mesmas chamas vivas.

v.30-34 O dízimo também é um voto ao Senhor. No AT, os dízimos dos grãos podiam ser resgatados. Talvez você pense: Mas como assim?

A primeira coisa a ser dita é que isso só era permitido nos dízimos dos grãos. Além disso, caso alguém decidisse resgatar o dízimo, deveria acrescentar 20% do valor entregue no dízimo. Então seria como trocar o valor do dízimo em ciclos de prata com acréscimos! Ao invés de entregar 10%, o valor do voto resgatado passaria a ser 12%.

Nos dízimos dos rebanhos nenhum tipo de resgate era permitido. Se alguém ousasse trocar o animal por outro, os dois animais “*seriam santos*”, ou seja, os dois deveriam ser entregues ao Senhor. O princípio que está por trás dessa porção é a honra e fidelidade aos votos feitos ao Senhor.

Talvez, o modo como Levítico se encerra provoque certa estranheza a nós. Contudo, os votos estão fortemente ligados ao livro como um todo. Se nós nos dedicarmos ao Senhor, isso quer

dizer que somos seus “servos”, “escravos” e viveremos para servi-Lo. Fomos dedicados irremissivelmente ao Senhor. Não há uma ponte para voltar atrás!

Como um povo eleito que pertence ao Senhor, o caráter santo do nosso Deus trará impactos em nossas escolhas, na vida familiar, na administração de nossas posses, em como lidamos com a saúde e a doença, na conduta honesta e no amor ao próximo. Nós fomos chamados para viver sob o impacto da santidade ao Senhor!

Nossas vidas inteiras devem ser devotadas ao Senhor e entregues como um sacrifício vivo, santo e agradável ao Senhor **Rm. 12:1**. A santificação é muito mais do que apenas o cumprimento de regras rituais ou liturgias.

A santificação exige de nós a consagração de todo o nosso ser. Uma consagração que deve ser desenvolvida todos os dias de nossas vidas. E assim, juntamente com todo o nosso ser, oferecemos nossas famílias e bens ao Senhor. Tudo pertence a Ele! A Ele a honra, a glória e o louvor pelo século dos séculos! Amém!

Com esse posicionamento poderemos responder adequadamente ao privilégio de “*sermos santos, por que o Nosso Deus mesmo diz: Eu Sou Santo*”!

Referências Bibliográficas

Bíblia Textual. BVBooks Editora.

Bíblia Literal da Tradução do Texto.

Bíblia Almeida Revista e Atualizada.

Bíblia Nova Versão Internacional.

Bíblia King James 1611.

Bíblia de Jerusalém.

Bíblia Nova Versão na Linguagem de Hoje

Bíblia de Jerusalém

CARSON, D. A. *O Comentário de Mateus*. Tradução Lena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números*. Volume 1. 2ª Edição. São Paulo: Hagnos, 2001.

BROWN, R. E. *Comentário ao Evangelho Segundo João Volume 1: Introdução e Notas*. Tradução de Valter Graciano Martins. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Edifique Editora, 2022.

WENHAM, G. J. *Levítico: Comentário Exegético*. Tradução de Daniel Hubert Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2021.

SHEDD, Russell P. *Bíblia Shedd*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GRUDEM, W. A. *Teologia Sistemática*. Tradução de Norio Yamakami – 2ª Edição Revisada e Ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2022.

STRONGS. *Dicionário Strongs* – Olive Tree Bible App.

MOREIRA, Odilon Soares. Comentário de Levítico Versículo por Versículo – 2ª Edição. São Paulo: Editora Academia Cristã, Edifique Editora, 2020.

INTRATER, A. *Quem Almoçou com Abraão? Um estudo das aparições na forma de um homem nas Escrituras Hebraicas*. Tradução de Fernando Sanches. Americana, São Paulo: Impacto, 2015.

VASHOLZ, R. I. *Comentário do Antigo Testamento – Levítico*. Tradução de Jonathan Hack. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

HARRIS, R. L. *Dicionário de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

VAUX, R. de. *Instituições de Israel no antigo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1998.

Abreviaturas

AT	Antigo Testamento
NT	Novo Testamento
Cf.	Confere em
DITAT	Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento
BTX	Bíblia Textual
LTT	Bíblia Literal da Tradução do Texto
ARA	Almeida Revista e Atualizada
NVI	Nova Versão Internacional
BKJ	Bíblia King James
NTLH	Nova Versão na Linguagem de Hoje
BJ	Bíblia de Jerusalém

CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES

COLEÇÃO

CULTIVANDO UM RELACIONAMENTO COM DEUS



VOLUME 1
SEMENTES DA ADORAÇÃO



VOLUME 2
RAÍZES DA ADORAÇÃO



VOLUME 3
FLORES DA ADORAÇÃO



VOLUME 4
FRUTOS DA ADORAÇÃO

COLEÇÃO

ADORAÇÃO E INTIMIDADE



VOLUME 1
ÍNTIMOS DO PAI



VOLUME 2
AMIGOS DO FILHO



VOLUME 3
TEMPLO DO ESPÍRITO

CONTATOS PARA SEMINÁRIOS E MINISTRAÇÃO DA PALAVRA



zecaquintanilha.com



21 **986-017-864**

COLEÇÃO
IMERSÃO
BÍBLICA



zecaquintanilha.com



9 786501 607870